

mary del priore



condessa de barral

A DAINÃO DO IMPERADOR



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

mary del priore

condessa de barral

A PAIXÃO DO IMPERADOR

OBJ E TIV A

Na casa de campo, na França, Luísa e D. Pedro em meio aos filhos e netos. Tempo de exílio, mas também de versos de amor e pequenos buquês de flores colhidos pelo imperador para ela.

"Condessa.

Você sabe quem ocupou completamente meu coração. Que culpa tenho eu de que ainda está me dizendo que é verdadeiramente seu — e creia que o ano que começa há de ser como os outros de quem lhe quer como você nem imagina e pede-lhe cada vez mais o consolo de suas cartas [...] Deveras você é digna de tanta afeição e fique persuadida que tudo nela é no supra-sumo. Desculpe-me falar assim porém meu coração é ainda o mesmo e sempre o será por quem me inspira tais sentimentos. Diga-me se alguém já lhe quis mais do que eu e se não devemos nos regozijar de tamanha felicidade? Portanto, venham, venham cartas que amenizem este deserto e umedeçam lábios sequiosos. Não há leitura, não há estudo que supra a falta de certas cartas. Quem me dera que assim fosse e que depois me deixasse fazer as pazes com você. Não sei por quê, porém responda-me a esta pergunta: Como viveria eu sempre ativo e animado sem esta imaginação que tenho e a amizade que lhe consagro? Todo seu.

P."

"Quando eu fiz os rabiscos na parede, já era prelúdio da triste separação.

Como você me atormentou então e que lutas e que desesperos. Prefiro me lembrar de outros tempos felizes de Petrópolis, de nossos longos passeios e mais do que tudo do Corcovado! Frère Jacques s'est reveillé avec le ding-ding-dong de la cloche [...]. Abra sempre à janela às 8 da manhã e diga bom-dia com a luz à minha casa. Adeus meu amigo do meu coração,

C. de Barrar

Petrópolis. Sábado. Final de tarde na rua Bourbon. Pela janela do chalé viam-se floridos arbustos de hortênsias. Na passagem para deitar-se atrás da serra dos Órgãos, o sol tinha deixado um rastro lilás. A sombra das nuvens manchava os tetos de zinco do casario adjacente. Um canário cantava na gaiola na varanda e,

longe, da cozinha, vinha o barulho das panelas.

Era a hora do chá e de acender as lamparinas. A casa estava silenciosa.

No chão esteirado, seus sapatos não faziam ruído. As cortinas da alcova estavam abaixadas. Ele gostava de surpreendê-la em seu *robe de chambre* de rendas, o corpo desenhado pelas pregas macias do tecido, os braços nus, com um livro entre as mãos. A massa de cabelos cor de sal e pimenta desmanchava-se sobre os ombros. Os pezinhos minúsculos contrastavam com o canapé amarelo. Ah! Os pés pequenos que ele gostava de apertar sob a mesa. A penumbra dava à desordem do quarto uma atmosfera de sedução. Ela tinha nove anos a mais do que ele. Mas era graciosa, leve e viva. Parecia uma jovem. Já ele era pesado e austero. Parecia um velho.

Sobre o tampo de mármore do toucador encontravam-se lenços, rendas, caixas de leques e, amarradas com fita azul, as suas cartas para ela. Na estante, bibelôs e outros presentes que traziam lembranças: flo -

res secas, pesos de papel, conchas, a palma benta da Sexta-feira Santa, revistas e livros. Uma bonita caixa de música deixava escapar uma ária de *Tannhauser*, uma das óperas favoritas dela.

Para aquele encontro, todos os cuidados haviam sido tomados. Ele disse, em casa, que iria à estação ver o desembarque dos passageiros re -

cém-chegados e ouvir tocar a banda de música. Não precisava dar muitas explicações. O empregado de confiança dele, Rafael, entregou a ela o bilhete que marcava o encontro. Rafael também o trouxera num discreto tálburi que, depois de rodar um pouco para enganar o olhar de curiosos, estacionou bem longe do chalé. Ele e ela eram casados. Casados com outros. Dois casais, dois culpados e muitos pecados.

As conseqüências? Gravíssimas, sobretudo para ela. Afinal, a felicidade conjugai era tarefa feminina. Sobre a mulher repousava a honra e a perenidade do casal. O adultério feminino representava uma violação imperdoável à lei. Alegar "legítima defesa da honra" era justificativa comum para que o marido traído matasse a esposa e o amante. O crime era considerado admissível, se cometido por "paixão e arrebatamento". A mancha no nome era terrível. Não faltou quem fizesse a lista das mulheres de altos personagens, marcadas por certa desenvoltura: "A marquesa de A... com o dr. A"; "A marquesa de O... com seus

próprios cocheiros".

IO

Algumas, tementes a Deus, depois de separadas, declaravam em testamento que, "por fragilidade humana", tiveram cópula ilícita durante o casamento. Muitas tinham filhos destes amores. Ela, por exemplo, sabia que corriam rumores sobre a paternidade do seu filho.

Subsistia, também, o hábito de os maridos "ferrolharem suas mulheres nos conventos, quando não confiavam mais em sua fidelidade" —

como observou uma viajante francesa de passagem pela Corte, na época.

A idéia era que elas trocassem os amores terrenos pela devoção a Deus!

Já a infidelidade masculina era vista como um mal inevitável que as mulheres eram obrigadas a suportar. Fazia parte da natureza dos homens.

Ele, contudo, por ser quem era, tinha que ter comportamento exemplar.

Se tivesse que enfrentar um duelo de pistolas, acabaria morto. Se seus adversários políticos descobrissem, estava acabado. Se as filhas desconfiassem, também. Sua imagem pública era a de um homem devoto à família.

Em casa, porém, ele tratava a esposa como um mero "alguém". Era assim que ele dava à amada satisfações sobre a outra: "alguém esteve enferma",

"alguém saiu comigo" ou "alguém não pode andar muito".

A vida de ambos era feita de desencontros que só prolongavam o desejo de reencontros. O mais difícil era sufocar os sentimentos. Como fazer para que ninguém percebesse o que sentiam um pelo outro? Eles se escreviam. Nestas cartas, tem-se apenas uma pequena amostra do que foi o amor que compartilharam durante 34 anos. De um sentimento confes-sado, noite e dia, como se confessava uma fé.

Ela acabou com a timidez dele. Sua malícia era um convite. E ele aceitou, confiando nela. Admirava-a e lhe concedeu todas as intimidades.

E acabaram vivendo um romance único. O elo que os unia era muito forte. Ia muito além das "necessidades primitivas", nome que se dava ao puro e simples desejo sexual. Era uma mistura sublime de amizade, ternura, entusiasmo pela beleza e o encontro de almas. Um sentimento construído num momento histórico especial: o século XIX, o século do romantismo.

Ele era D. Pedro II, o imperador do Brasil. Ela, a condessa de Barral.

11

A jovem Luísa: uma mistura de coquetterie, graça, inteligência e vontade. Uma sedutora que nada podia deter.

Capítulo I

O nascimento da camaleoa

No dia em que Luísa Margarida Portugal e Barros, a futura condessa de Barral, nasceu, o centro do quarto estava ocupado por uma cama de armação com cortinado. Nela, deitada de costas, estava uma mulher com a camisola de cassa e renda repuxada até o pescoço. O chão coberto por esteiras trançadas e as paredes pintadas com arabescos davam um ar alegre ao aposento. Entre resmungos e gemidos, a parturiente beijava escapulários espalhados sobre o lençol. Os cabelos pretos grudavam na testa suada. Ela contraía o rosto de dor. Apoiada num rolo de panos, abria as pernas, seguras por três ou quatro parteiras. Uma delas lubrificou a genitália com uma mistura de gordura de galinha e óleo de açaúce-nas. Seguindo o costume, esta mesma parteira rompeu a placenta com a unha comprida do dedo mínimo. A seguir, molhou as partes íntimas da futura mãe, com vinho quente. Na cabeceira, as outras gritavam:

"Puxa, puxa."

Se não estivesse para dar à luz, a parturiente estaria como outras beldades da cidade, no balcão enfeitado de sua casa, pronta para assistir à passagem da procissão. Mas, no quarto, Dona Maria do Carmo Portugal e Barros aguardava quase em silêncio as contrações. A volta, comadres, escravas e uma ou outra parenta viúva traziam mais bacias de água e panos limpos. Tinham passado um cordão de Santo Antônio em volta da barriga dela e amarrado no joelho esquerdo uma pedra chamada de "mombaza", cuja função mágica era a de atrair a criança para fora.

Em roda parte, havia velas acesas diante de imagens protetoras: Nossa Senhora do Parto, do Leite, Sant'Ana e Santa Margarida. Tomara muito chá de canela para parir filho macho. Quando começou a perder águas, serviram-lhe ovos quentes, café e vinho do Porto.

Mãe e filha eram muito parecidas: pele alva, cílios longos, olhos e cabelos escuros. D. Maria do Carmo entrou em resguardo e a pequena Luísa cumpriu alguns rituais. Pingaram nos seus olhos gotas de limão verde, foi mordida por uma pessoa de belos dentes e tomou o primeiro banho, com uma moeda bem grande no fundo da gamela. Seu cordão umbilical foi enterrado no quintal perto de uma árvore de fruta. Como presente dos pais, recebeu uma medalha da Virgem Maria, acompanhada de uma figa. O corpinho molengo foi imerso em cachaça misturada com água.

Modelaram a cabeça para ficar mais bonita e o umbigo recebeu pimenta em pó para cicatrizar mais rápido. O pai, Domingos Borges de Barros, que aguardou o parto com paciência na sala de baixo, podia comemorar.

Aumentara a descendência. Não havia pior castigo do que não ter filhos.

Era a manhã de 13 de abril de 1816, na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos. O Brasil ainda não era independente de Portugal. Fazia apenas oito anos que o futuro D. João VI tinha passado por ali a caminho da Corte no Rio. A menina passou a integrar a população de cerca de 55.000 habitantes, entre os quais muitos estrangeiros. De africanos a americanos. A província era movida basicamente à produção de açúcar e tabaco. Sua família pertencia a uma sociedade fechada e patriarcal, onde se conhecia quem tinha fortuna e poder. Onde todos sabiam quem mandava e quem obedecia.

Pois Luísa ia revirar este mundo de ponta-cabeça. Não só porque teve uma relação muito especial com D. Pedro II, mas porque teve uma relação muito especial com a vida. Devorou-a com apetite. Tomou o destino nas próprias mãos. Verdadeira camaleoa, Luísa se negou a ser prisioneira dos limites de sua época. Preferiu as aventuras do dia-a-dia.

Inventora de uma maneira de viver, criadora de uma imagem de si, Luísa modelou seu destino, sempre insatisfeita com o que lhe foi dado. Sua existência, como a de todos os personagens fascinantes da história, foi marcada por ambigüidades. Ela foi "maravilhosa", coquete e amante.

Quando quis, no entanto, também foi esposa exemplar.

Há pessoas que parecem estar à frente de seu tempo. Luísa foi uma delas. Cresceu num engenho, estudou na Europa, voltou ao Brasil, serviu na Corte francesa e depois na brasileira. Viveu entre dois mundos. Um arcaico e outro

moderno. Tal como uma heroína romântica foi independente e audaciosa: escolheu o mar ido, em detrimento do velho amigo do pai que lhe queriam impor. Enfrentou revoltas das mais variadas: de escravos no Recôncavo baiano e de republicanos e anarquistas na França.

Foi abolicionista, antes de quase todo mundo. Fazia alianças e pensava em dinheiro de forma moderna. Era inteligência e espírito, além de extremamente feminina.

Luísa nasceu numa época em que suas conterrâneas nem saíam nas ruas. Em que, ao cair da tarde, a família encabeçada pela matriarca se reunia para observar o movimento da rua pelas janelas. No máximo, as mulheres se expunham na varanda dos sobrados, penteando os longos cabelos ou catando piolho, umas das outras, e esperando a hora de rezar as ave-marias. Chamadas de "senhoras" ou "donas", tinham como única aspiração o casamento. Casamento com parente, com amigos da família, enfim, com gente igual. Os maridos podiam ser velhos, feios e doentes.

Ficar solteira, ou "no caritó", como se dizia, era castigo.

Para essas "donas", os dias transcorriam lentos, em torno do calendário religioso: festas, missas, novenas. No dia-a-dia, trabalhavam nos bordados, faziam rendas ou bolos para vender. Afora casar, ter filhos e rezar, algumas mulheres desenvolviam uma pequena indústria caseira, para aumentar os proventos: a do preparo da rapadura e do melado; ou a fiação do algodão do qual se faziam roupas de escravos. Também havia a de velas com aproveitamento de sebo de bois; e a do sabão, preparado com gorduras e cinzas de plantas.

Elas trabalhavam e ajudavam os maridos, mas poucas estudavam.

Luísa faria parte desse grupo? Nunca. Teve uma vida especial. Seus pais foram figuras muito singulares na sociedade baiana e o destino da família acabou por transformá-la numa pessoa totalmente atípica. Sobretudo, em se tratando de uma mulher.

Se suas contemporâneas eram convidadas a obedecer, a manter os olhos baixos, a não fazer perguntas e a não desagradar o sexo oposto, Luísa era o contrário. Dona de personalidade forte, culta, poliglota e elegante, não deixava escolhas: era amada ou detestada. Não se submetia jamais ao despotismo dos homens: nem do pai, nem do mando. Menos ainda ao das mulheres. Sua formação se deu

entre os melhores livros e professores, num dos países mais avançados da Europa — a França. Órfã de mãe, muito cedo se aliou com o pai, que lhe ensinou como funcionava um mundo onde os homens eram reis.

Mas Luísa também cresceu numa época de suspiros e langores da alma. De sonhos que inspiravam escritores como Chateaubriand ou Lamartine cuja especialidade era cantar amores sob um céu estre-lado. Depois da Revolução Francesa, um novo código se consolidou.

O sentimento, por tanto tempo reprimido, se tornou uma prioridade.

Era o romantismo. A literatura falava em expansões da alma e anseios etéreos. Tudo mais espiritual do que físico. A mulher devia ser como uma deusa, colocada sobre um pedestal. Aos seus pés, ajoelhado, o homem enlevado. Este distanciamento alimentava um imaginário feminino focado no pudor. Era proibido se olhar nua no espelho ou na água do banho. O corpo escondido e protegido por botões, nós e laços suscitava um efeito perverso. O erotismo se fixava no colo, na cintura estreita, no couro das botinas e nos cabelos. Nada de carne, de sexo ou de sangue. Mas palavras e corpos que se procuravam, sem se encontrar.

Ternura, generosidade e probidade eram as virtudes esperadas no terreno do coração. Ela as encarnou todas. E ao amar, inovou. Escolheu o marido que quis, não o que devia. E um amante mais jovem do que ela. Sua força? A mistura de duas culturas, a do engenho baiano e a das ruas de Paris.

*** *

O dia em que Luísa nasceu era um Sábado de Aleluia e as negras apregoavam nas ruas pastéis quentes para desenfastiar da Quaresma. Pela ma -

nhã, ao som dos primeiros sinos, as ladeiras da Preguiça, Misericórdia e Conceição se enchiam de devotos. Homens e mulheres entravam e saíam das igrejas com palmas bentas nas mãos e já livres das vestes escuras que eram obrigados a usar. As cadeiras de arruar, em madeira leve e cortinas coloridas, serpenteavam, levando sinhôs e iaiás, ricamente vestidos, para a missa. São Salvador da Bahia de Todos os Santos mergulhava nos ru-

ídos de uma cidade em festa. Muito verde e toda em subidas e descidas, ela abrigava uma babel de casas, igrejas, conventos, becos e travessas.

Enquanto a menina dormia o primeiro sono, escravas envoltas em seus panos-da-costa, pulseiras de ouro, turbantes brancos ou azuis ofereciam, desde cedo, seus quitutes nos tabuleiros. Em meio aos fiéis, carregadores transportavam na cabeça e nos ombros todo tipo de objetos: de barris de vinho e água a cestos com animais vivos. Gritos de trabalho enchiam o ar.

Nas esquinas, se acendiam os fogareiros para aquecer as grandes panelas de mingau de milho e tapioca. O açaçá quente, de farinha de arroz, perfumava as calçadas. Aqui e ali, um barbeiro ambulante aparava gaforinhas e barbas.

No sobrado alto e imponente onde a menina nasceu, as janelas abertas absorviam a música da cidade em festa. Com as paredes coloridas e as portas emolduradas por azulejos trazidos de Portugal, a construção ficava na Cidade Alta e era rodeada por um jardim gigantesco. Da esplanada onde estava localizada, gozava-se do panorama de toda a baía.

Nos fundos, dando para as encostas abruptas, as galinhas ciscavam entre bananeiras e pés de mandioca.

A cidade na qual nasceu Luísa era lindíssima. A densa vegetação entremeada com construções estendia-se até o extremo onde ficava a Igreja de Santo Antônio da Barra. Os morros se esfumando e a baía, com suas ilhas, ofereciam aos olhos um panorama sem igual. A Cidade Baixa impressionava pelo mercado, muito

semelhante aos da costa da África.

Entre pirâmides de frutas e legumes, sentavam-se vendedoras com trajes das mais diversas cores. Escravos seminus trabalhavam ativamente, carregando e descarregando as frutas e gaiolas. O brilho das conversas, o chiar dos papagaios e outros bichos de pena, o riso das mulheres e o grito dos patrões enchiam os ares. Nas praias, canoas descarregavam peixes.

Cheios de produtos variados, o grande número de barcos, lanchas, saveiros e outros tipos de embarcações agitavam as águas.

A pequena tinha um ano quando estourou, em Recife, a maior insurreição que o mundo luso-brasileiro conhecera até então. Alguns fatores se transformaram no estopim da bomba. Houve uma crise na produção açucareira à qual se somou uma grande seca que varreu a região. Além disso, os pernambucanos tinham a sensação de que os altos impostos que pagavam serviam apenas para financiar a Corte lusa no Rio. Tudo resultou num caldeirão onde prevalecia a idéia de que os portugueses exploravam a nobreza da terra. Nas missas passou-se a usar cachaça, no lugar do vinho, e mandioca, no da hóstia, para afirmar o sentimento de natividade. Houve até quem tentasse recrutar soldados de Napoleão para lutar em favor de uma república no Nordeste. E a história acabou mal. Em menos de três meses, os revolucionários que tinham ocupado a capital pernambucana foram apeados do poder por tropas portuguesas. "Má peste persiga tal canalha que quer viver do suor alheio", imprecava a *Gazeta da Bahia*. Quatro líderes foram executados e o editorialista se felicitava: "Levantemos as mãos ao céu, por se haver acabado este fatal desastre sem que fosse preciso arrasar Recife."

Na Bahia, a situação também estava longe de ser tranqüila. Certo mal-estar se instalara desde a transferência da sede do governo de Salvador para o Rio. E este sentimento, combinado com outros fatores, tendia a aumentar o desejo de um governo diferente. Um governo constituo -

nal mais sensível às necessidades das diferentes regiões e que seria encarregado de distribuir todos os benefícios concentrados na capital. Na falta desse governo, contudo, um cheiro de guerra civil se espalhava no ar.

18

Enquanto esse sentimento se alastrava, a menina se agarrava ao peito da ama-de-leite, e Domingos, seu irmão, começava a dar, sozinho, os primeiros passos. A

diferença de idade era pequena. Os pais tinham se casado havia apenas dois anos. Ambos os irmãos foram amamentados por escravas, localizadas em anúncios de jornal como tantos que eram publicados: "Limpa, de bom corpo e parida há um mês." Em geral, essas mulheres portavam contas de louça em branco leitoso ao pescoço, para garantir que o leite não secasse. Além disto, alimentavam as crianças, desde muito pequenas, com comida que mascavam antes para amolecer.

Enfim, uma alimentação a base de creme de arroz e fubá procurava proteger os irmãos das epidemias tão comuns nas cidades litorâneas.

Luísa foi logo batizada. O prazo para a cerimônia era de oito dias. Temia-se que a inocente morresse do mal-de-sete-dias, indo direto para o lim-bo sem passar pelo purgatório. O batismo consistia não somente num rito de purificação e de promessa de fidelidade ao credo católico, mas também era uma forma de comemorar a entrada da criança nas estruturas familiares e sociais. Com roupa branca bordada e os enfeites de fitas de diversas cores, a menina foi, nos braços da madrinha, a avó Dona Luisa Rosa de Gouveia Portugal, para a pia batismal. A cerimônia foi administrada no oratório da casa por um amigo da família, o padre Mestre Joaquim de São Simplício.

Seguiu-se uma animada reunião que terminou num chá. Nas semanas seguintes, o sino da porta da casa tocou muitas vezes, acionado por escravos.

A mensagem era sempre a mesma: "Sinhô branco manda uns presente."

Como tantas crianças nascidas na mesma época, os irmãos Domingos e Luísa eram protegidos de feitiços, graças a defumadouros na casa.

O uso de arruda entre os lençóis do berço também era comum. Se tinham algum problema de saúde, a primeira preocupação era saber se estavam embruxados. Para descobrir, bastava pegar um vaso cheio d'água e colocá-

lo debaixo dos cueiros ou do berço, com um ovo dentro. Se o ovo boiasse, era certo ter quebranto. Eram então benzidos em jejum, durante três dias, com raminhos de arruda, guiné ou jurumeira. Como tantas outras crian-

ças, sofreram as doenças infantis mais comuns — sarna, impingem, sa-rampo, lombrigas. Foram tratados com óleos santos e orações em verso:

"Pedro e Paulo foram a Roma

E Jesus Cristo encontrou

Este lhe perguntou

— Então, que há por lá?

— Senhor, erisipela má.

— Benze-a com azeite e logo te sarará."

Cedo começou o aprendizado dos dois. Dona Maria do Carmo era a primeira professora. Usavam-se, então, cartilhas de alfabetização e de religião que ensinavam a rezar o pai-nosso, a ave-maria e a repetir as sílabas. Depois se lhes ensinava a escrever as orações, a seguir os artigos, preposições e, finalmente, os verbos. Cercados de livros na enorme biblioteca do pai, os irmãos avançavam rapidamente no aprendizado. Luísa fazia exercícios de caligrafia, decorava a tabuada e tinha lições. Entre elas, fazer o bem e temer a Deus.

Seus brinquedos preferidos? As bonecas de porcelana vindas de Paris. Ou as bruxas de pano — com cabelos naturais, unhas de escamas ou cânulas de penas. Sabia recitar o *Magnificat*, o *Ave Maris Stella* e o ofício

de Nossa Senhora, que repetia com as mucamas, de manhã e à tarde. Não lhe era permitido sentar-se à mesa sem dar graças a Deus pelo alimento.

Ai da mucama que se descuidasse em corrigir a menina! Recebia castigo com vara de marmelo. Na hora de ir a missa, seguia com os pais, o irmão e as escravas "de dentro" da casa, vestidas com o mesmo luxo de D. Maria do Carmo, pelas ruas íngremes da cidade.

A primeira infância transcorreu tranqüila, entre o jardim do sobrado e algumas longas temporadas nos engenhos, que eram dois: São Pedro e São João. Ficavam no Recôncavo de Santo Amaro, ao longo do rio Su-baé, distante cerca de 72 quilômetros da capital. A família ia para lá em **20**

lombo de mula, a cavalo, ou em carro de boi, por péssimas estradas. As mulheres e crianças recostavam-se em almofadões de chita no fundo do coche, ouvindo os gemidos das rodas que rangiam de cansaço.

Como outros engenhos, São João e São Pedro eram reconhecidos pe -

las manchas verdes que pela manhã se enchiam dos sons de cigarras e pássaros: os canaviais. Ao longo dos córregos que abasteciam a casa, as buracicas, com suas flores amarelas, alegravam as margens. São João se alojava num pequeno vale, cercado por mata densa. Um renque de vinte coqueiros finos marcava a vista da casa principal. Sua única curiosidade era o alpendre com nobres colunas toscanas, que fazia as vezes de varan-v

da. A direita, brilhava um grande açude onde as vacas bebiam água.

A família ocupava um núcleo com uma sala central, e diversas alcovas ao seu redor. De um lado da entrada, ficava a capela que trazia à frente a tabuleta "Viva Nossa Senhora das Graças", devoção dos Borges de Barros. Do outro, ficava o quarto de arreios, destinado aos hóspedes.

Num quarto contíguo à sala, D. Domingos recebia empregados e amigos.

Recebia também cativos fugidos ou maltratados pelos vizinhos, a quem dava proteção. Foi "padrinho" de muito escravo com marcas de suplícios e se colocava à disposição para facilitar as negociações com os senhores antes que ele optasse por "tirar cipó". Ou seja, fugir para o mato.

Da janela ou da varanda de engenhos como este, Luísa cresceu vendo o sol se espalhar sobre os partidos, esquentando as folhas de cana ainda pingando de orvalho. Dona Maria do Carmo, a poderosa senhora, dava o santo e a senha dentro da casa. Mulheres mais jovens e gentis, escravas ou não, provocavam logo seu mau humor e esconjuros. Mesmo jovem, já se sentia venerável por ter de dar a bênção a tanta gente: escravos, crianças, vizinhos. Essa necessidade de tanto abençoar a envelhecia e lhe dava a consciência de sua precoce respeitabilidade. Sabia que tinha que ser modelo de pureza, a quem interessava somente o bom governo 21

da casa, a ordem e a economia. Evitava desperdícios, cuidava para que os escravos fossem bem alimentados e vestidos e olhava as crianças quando as mães recebiam serviços muito distantes. Zelava, pessoalmente, para que nada faltasse a Domingos e Luísa.

Muito religiosa, Dona Maria do Carmo tinha empenho em que bem se ensinasse os meninos a rezar. As mucamas, as rapariguinhas viviam também na casa-

grande sob suas vistas, ocupadas cosendo roupas grossas e sacos para o açúcar. A volta da mesa de costura, a senhora aproveitava para lhes contar histórias extraídas da Bíblia Sagrada, que elas ouviam com resignação. Maria do Carmo presidia também a distribuição das ra-

ções. Cabia a ela a missão de controlar as refeições do marido e dos trabalhadores; cuidar do bom funcionamento da cozinha e da dispensa; manter os trajes engomados, as camas macias e receitar remédios caseiros.

Luísa e Domingos se misturavam às crianças livres e escravas do engenho para brincar. Pião e papagaio entre os meninos. Danças de roda, vestir o menino Jesus e batizados de bonecas, para as meninas. O pequeno Domingos aprendia a ter pontaria no bodoque ou a assobiar como os pássaros. Nos terreiros e pomares, as crianças subiam em árvores para comer fruta verde, brincavam de soldado e faziam teatrinho. A molecada tomava até três banhos de rio por dia.

Caindo a tarde, a família liderada por D. Domingos se reunia para observar o movimento do engenho: a chegada do gado que, deixando as pastagens, se recolhia aos currais, e das últimas viagens de cana ou de mantimentos providos da roça; a contagem e a revista dos escravos; a chegada de tropas de cavalos carregados de canastras. Luísa e seu irmão tudo acompanhavam da varanda. Descia a noite sob a melodia simples e monótona de versinhos, canto da gente da senzala. Na sala, jogavam-se prendas, o queijo do reino sobre a mesa. Uma escrava idosa vinha, então, colocar sobre a canastra a lamparina, repetindo as palavras usuais:

"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!" Sentavam-se todos à volta da mesa e começava a conversa animada. Nela, os assuntos prediletos eram a **22**

lavoura, as chuvas e a estiagem. A política era discutida depois da leitura do jornal *Idade d'Ouro do Brazil*.

À luz de candeeiros, discutiam sobre o tempo: "Os porcos estão carregando mato: sinal de chuva." Outro assunto de predileção, neste caso, na cozinha, eram as visões e assombrações. Histórias de gente que se

"envultava". Ficavam enfeitiçados nas encruzilhadas ou perto dos cemité-

rios. No silêncio do sono, tinha quem ouvia vozes de crianças que tinham morrido sem batismo a pedir o sacramento. Além do temor dos mortos, alguns

vivos também faziam medo: quilombolas fugidos rio acima, ani-nhados pelos matos tiravam definitivamente o sono dos que moravam nos engenhos. Luísa e Domingos iam dormir com o temor de bichos in-fernais: o caipora, os homens amarelos que chupavam fígado de menino, o zumbi, o lobisomem.

No oratório, com suas abas pintadas com santos, as mulheres do engenho, com as crianças pelas mãos, se reuniam para rezar. Faziam la -

dainhas à Virgem para pedir chuva, nos tempos de seca. Com as portas abertas para o terreiro, às suas vozes vinha se unir o coro de escravos, feitores e homens forros, de joelhos ao ar livre. Alguns penitentes descalços e descabelados levavam andores pelas estradas vizinhas.

Um mundo de afazeres femininos cercava a mãe e, por extensão, a filha pequenina. Elas conviviam com modistas encarregadas do vestuário da sinhá e da sinhazinha. Dividiam com as cozinheiras e as biscoiteiras receitas variadas. Distribuíam ordens às mucamas que arranjavam alcovas, serviam banhos em bacias de cobre e, pela manhã, levavam em bandejas café com leite, gemada ou chocolate, acompanhados de outras gulodices. Circulavam em meio às mucamas que tomavam conta de tudo e eram encarregadas, nas horas vagas, de contar histórias às crianças e fazer-lhes cafunés.

O ritmo do trabalho só era alterado pelo calendário religioso e as festas de colheita. No Natal, por exemplo, recebia-se a visita de parentes vindos da cidade. Nestas ocasiões, a casa se enchia de balbúrdia, as escravas aprontando bandejas e compoteiras. Presentes na forma de galinhas, leitões e perus, amarrados com fitas coloridas, eram entregues aos vizinhos e amigos. Os bailes pastoris, dançados nesta época, apresentavam um tom monótono e solene mas eram perfumados com uma chuva de flores jogada sobre os espectadores. Num deles, Luísa representou o anjo que viera avisar os pastores do nascimento de Jesus.

Contudo, a festa mais importante dos engenhos era a da moagem.

Luísa se lembraria dela por toda a vida. Acontecia em maio, época em que os engenhos começavam a funcionar. A casa, os paióis e as senzalas eram caiados e limpos. Os escravos ganhavam timões de baeta azul e roupa de algodão para o ano inteiro. Os de estimação, jóias de coral e cortes de chita. No terreiro, as bandeiras de papel flutuavam nas extremidades de bambus verdes. Matava-se um boi para o banquete dos senhores e carneiros e galinhas para a refeição dos

escravos. Amigos ajudavam nos preparativos da música e dos fogos. D. Maria do Carmo, com seu vestido de musselina, trepa-moleque e lencinho ao pescoço, entretinha os convidados. Um carro de boi enfeitado com ramagens trazia os músicos e o vigário. Era a tradição que, em não se benzendo o engenho, tudo podia correr mal. Neste dia, com exceção das pessoas envolvidas com a festa, ninguém trabalhava. Os escravos batucavam depois do jantar, os roceiros cantavam e dançavam. Nessas ocasiões, cantar versos de autoria de D.

Domingos era obrigatório. Aliás, o senhor de engenho e poeta tinha os versos muito apreciados em toda a província da Bahia.

Em fevereiro, época da festa de Nossa Senhora da Purificação, as escravas saíam cedo da casa-grande, levando os tapetes sobre os quais D.

Maria do Carmo e os filhos se sentariam, mais tarde, na Igreja de Santo Amaro. Os sepultamentos dentro do templo deixavam no ar um cheiro esquisito. A menina se impressionava quando o padre falava nos castigos reservados aos pecadores: "*Misericórdia*", gritava o povo, e as pessoas se batiam nas faces.

Algumas lembranças devem ter marcado Luísa para sempre. As que diziam respeito à escravidão, com certeza. Muitas de suas atitudes no futuro se originaram na primeira infância e no contato ininterrupto com a população negra, que crescia, a olhos vistos, na primeira metade do século XIX. Cerca de 8 mil africanos desembarcavam no porto de Salvador a cada ano para manter a economia açucareira funcionando. Eles vinham da área do Benim, sudoeste da atual Nigéria, no antigo reino do Daomé. Eram escravos nagôs, jejes, hauçás ou tapas. Em 1811, os escravos dessa origem representavam 50% da comunidade africana residente em Salvador, chegando a 60% em meados da década de 1830. Cerca de 10%

eram originários da Costa da Mina e do sul da África, de Angola em sua maioria. A esse total de "nações", nome que se dava às várias etnias, pertenciam mais de 60% dos escravos que representavam, por sua vez, 33%

dos 65 mil habitantes de Salvador. Negros e pardos nascidos no Brasil formavam perto de 40% dos escravos.

Uma presença tão forte de africanos preocupava setores das elites, entre as quais se incluía D. Domingos, senhor de engenhos. E com ra -

zão. Entre 1807 e 1835, os escravos realizariam mais de duas dezenas de conspirações e revoltas, mantendo seus senhores em estado permanente de alerta. Os hauçás começaram, em 1809, e repetiram a dose aliando-se aos nagôs, em 1813. Depois aconteceu o ataque a capital, Salvador, por seiscentos negros saídos das armações — onde trabalhavam na fabricação e conserto de embarcações — e de propriedades próximas a Salvador, contavam os jornais: "Eles começaram na armação de Manuel Inácio e seguiram pelo sítio de Itapoá até o Rio de Joanes com o desígnio de irem incorporando-se com os dos mais engenhos e armações. E gritavam 'liberdade, vivam os negros e seus reis... e morram os brancos e mulatos'."

Eram cruéis e matavam as mulheres e os moleques que se recusavam a acompanhá-los. Em 1814, irrompeu uma insurreição em Santo Amaro do Ipitanga. No ano mesmo do nascimento de Luísa, lambeu o fogo da revolta em localidades como Lagoa, Itatinga, Caruaçu, Guíba, Cassaran-gongo, Quibaca, Cabaxi e Poucoponto. As condições para tais levantes não podiam ser melhores: as idéias liberais tinham enfraquecido grupos de senhores antes fervorosos defensores da metrópole, Portugal. As dissidências entre portugueses e brasileiros tinham aumentado. A classe militar baiana, encarregada da ordem, estava num abatimento só. Ou seja, eram tempos em que os senhores estavam na defensiva. Tinha-se muito medo do que os escravos faziam e do que ainda poderiam vir a fazer.

Luísa cresceu ouvindo falar em poderosos rituais de candomblés, cenário para o que as autoridades entendiam como crime de feitiçaria.

Neles — comentava-se —, se preparavam malefícios e calundus ao som de danças com requebros. Cantos em idiomas africanos varavam, muitas vezes, as noites e, nas ruas de Salvador, a menina ouvia falar dialetos in-compreensíveis. Ela também via, da janela do sobrado ou nas esquinas, os jogos de capoeira animados por batuques. As negras "de dentro" gostavam de pendurar ao pescocinho dos pequenos ioiôs — como então se chamavam as crianças pequenas — amuletos e fetiches, juntando búzios e dentes de jacarés às medalhinhas de Nossa Senhora. Em casa, temiam-se as que sabiam rezar o mau-olhado e o quebranto. Sussurrava-se sobre o "amansa-sinhô", veneno com que os escravos, sobretudo os de nação mandinga, intoxicavam os senhores, tornando-os abúlicos. Não poucas vezes, ela viu negras que saíam pela casa afugentando os maus espíritos com raminhos de arruda.

No engenho, a menina se impressionava com o poder dos negros que, por meio de rezas fortes, faziam cair o bicho das bicheiras ou livravam os canaviais das lagartas. E ela ouvia os pais falarem, com indignação, dos senhores que tratavam mal, castigavam e levavam escravos ao suicídio.

A menina conhecia o vira-mundo, a gargalheira, o anjinho, o ferro em brasa, instrumentos de castigo aos quais D. Domingos tinha verdadeira aversão. Sabia que os traficantes de escravos tinham sua irmandade na pequena Igreja de Santo Antônio da Barra e que tinham São José por padroeiro. Aprendeu com os pais a desprezar os tumbeiros, embarcações que transportavam cativos da África. A abominar os negros ladradores, nome que se dava aos que procuravam e capturavam homens e mulheres **26**

em terras africanas. E a se horrorizar com os mercados de escravos que, para a alegria de seu pai, os ingleses começavam a fechar.

A primeira infância da menina transcorreu numa época em que um debate dividia as autoridades locais. Maior coerção ou maior tolerância em relação aos escravos? O conde dos Arcos, último vice-rei do Brasil, achava que o apelo dos senhores à repressão era uma confissão de culpa: eles eram conscientes dos maus-tratos que infligiam aos escravos e temiam retaliações. Muitos senhores, diferentemente de D. Domingos, davam tratamento desumano aos seus. Nestes engenhos, eles trabalhavam até morrer, eram mal alimentados, punidos com rigor, coibidos em seus momentos de lazer e, por isso, se rebelavam. O conde dos Arcos e D.

Domingos achavam que a escravidão em si provocava revolta. Por isso, o melhor remédio contra a rebeldia coletiva era deixar que os campos da Graça e do Barbalho fossem pontos de reunião, batuques, danças e festas. Acreditavam que as celebrações e divertimentos africanos na verdade representavam o sossego das senzalas. Ambos permitiam que seus escr

vos liberassem a energia que podia explodir na forma de rebeliões. Além disso, livre da pressão, cada nação africana se fecharia em torno dos seus próprios deuses e costumes, evitando alianças.

Do outro lado, havia os que, como o inspetor-geral militar, Pedro Caldeira Brandt, endossavam a violência pura e simples. Este poderoso senhor de engenho, além de conservador, era adversário do avô de Luísa, Pedro

Alexandrino de Souza Portugal. Os dois chegaram às vias de fato.

Portugal ousou insultar publicamente Brandt e sofreu corte marcial. Foi absolvido por influência dos parentes, inclusive do genro, que já brilhava nos salões e na arena política baiana. Houve, portanto, duas razões para que Luísa se alinhasse com o pensamento abolicionista: as querelas familiares contra os conservadores e os princípios de D. Domingos.

O prolongamento da infância entre o engenho São João e a cidade de Salvador foi, contudo, abortado pela decisão do pai de ir para a Europa. No pano de fundo se desenhava uma participação cada vez maior de Domingos Borges de Barros nas tensões que opunham brasileiros e portugueses. Fatos importantes se acumularam naqueles últimos anos. A revolução liberal do Porto, em agosto de 1820, criou uma monarquia constitucional em Portugal e estabeleceu as Cortes, o parlamento português, como órgão supremo da administração da metrópole e de seus domínios. Foram as Cortes que solicitaram o retorno de D. João VI à Europa em 1821, deixando seu filho Pedro na função de príncipe regente. Inicialmente, a revolução criou a expectativa de que o Brasil seria agraciado com um grau maior de autonomia.

Em setembro de 1821, a Bahia elegeu nove deputados para representá-la nas Cortes, entre eles D. Domingos. Ele saiu daqui levando consigo uma agenda revolucionária: a emancipação política da mulher e a libertação dos escravos. Em janeiro de 1822, foi eleita uma nova junta governativa com representantes das classes ricas da província, do clero, da magistratura e dos militares. Mas uma carta régia, chegada um mês depois, determinava que o comandante de armas fosse um português, o que foi considerado um retrocesso inadmissível. Enquanto a junta debatia a legitimidade da nomea-

ção, a população da Bahia acentuava sua divisão em campos opostos: os que estavam a favor de Portugal e os que estavam contra.

Do lado português, contavam-se cerca de 1.700 homens armados e os próprios imigrados que controlavam a quase totalidade do comércio na província. O lado brasileiro era bem mais variado. Reunia militares, o povo pobre da cidade, profissionais liberais, a elite representada pelos senhores de engenho e uns poucos comerciantes. Existia ainda um terceiro grupo: o dos negros, escravos, forros e livres. Não havia objetivo definido ou unidade estratégica entre os brasileiros. Havia desde os que queriam a conciliação da colônia com a

metrópole em bases tradicionais até os que propunham a independência e a instalação de uma república.

Motins sucediam-se assim como lutas para ver quem ficaria cora o poder. Portugueses ocuparam militarmente Salvador, enquanto latifundiários e oficiais brasileiros conspiravam no Recôncavo, para onde haviam se retirado. No início de 1822, a cidade se transformou num teatro de intolerância entre baianos e portugueses. Grupos de militares e paisanos brasileiros per-corriam as ladeiras e praças gritando "Viva a Constituição, vivam as Cortes, viva o novo governo, abaixo o atual!". Incidentes, ofensas e humilhações se multiplicavam. Eram comuns os confrontos nas ruas. E das janelas da Câmara Municipal escapavam gritos de "morte aos europeus".

Com o clima pesado, mais e mais baianos que tinham propriedades no Recôncavo começaram a deixar a capital, onde a repressão portuguesa se intensificava. Nas manchetes das gazetas, a fome era o assunto principal:

"Os facciosos" — no caso os brasileiros revoltados contra Portugal — "foram ao porto de Caravelas proibir os barcos de farinha, que vinham para esta cidade; e esta notícia fez com que a farinha subisse logo cem por cento.

É indispensável que o governo olhe muito seriamente para este objeto porque a fome produz comoções perigosas". A comida não entrava e o dinheiro saía: os comerciantes alfacinhas preferiam mandar o seu para Lisboa!

Perto do engenho São João, na Câmara Municipal de Santo Amaro, reuniram-se representantes da nobreza e do clero. Decidiram aconselhar os deputados da Bahia nas Cortes a apoiarem um governo autônomo para o Brasil com Dom Pedro à frente. Ainda em Lisboa, e tendo prévio conhecimento da pretendida idéia de recolonização do Brasil, Domin -

gos escreveu a seu colega baiano Miguel Du Pin e Almeida — futuro secretário da Junta de Cachoeira pela Independência e futuro marquês de Abrantes — advertindo os senhores de engenho das manobras em curso em Portugal. O Brasil foi traído — avisava! O amigo leu sua carta era favor da liberdade, no dia 25 de junho, na presença dos ricos homens do Recôncavo. Era o vagido da independência que viria, alguns meses mais tarde, no mês de setembro.

A 25 de junho de 1822, a Vila de Cachoeira aclamava a regência e D.

Pedro, que foi promovido a "Defensor Perpétuo do Reino do Brasil". De lá também saiu um apelo para a mobilização armada a todos os habitantes do Recôncavo contra os lusos. A guerra se aproximava. Os campos se divi-diam claramente: na capital, os portugueses. No Recôncavo, os brasileiros, 29

inclusive D. Maria do Carmo e as crianças. Enquanto isto, os pessimistas, membros do partido luso, trombeteavam: "E o Brasil? O Brasil segue a sorte de Portugal. E se não seguir está completamente perdido, porque os agentes da independência têm toda a capacidade para o levar a uma vastíssima anarquia. Em tal caso, Portugal fica sendo alguma coisa; e o Brasil nada, até que uma nação estrangeira o venha povoar e cultivar, de novo."

Apesar deles, a 7 de setembro a separação foi oficialmente confirma-da no Rio de Janeiro, em São Paulo e Minas Gerais. A esta altura, as forças do Recôncavo sitiavam as tropas portuguesas em Salvador. O controle pelos baianos do abastecimento, que vinha do interior, também ajudou a estrangular a situação na capital. Muitos escravos e negros livres se uniram às forças patriotas. Tinha início a guerra da independência da Bahia que se estenderia até julho de 1823.

Enquanto na colônia portugueses e brasileiros pegavam em. armas, em Portugal, Domingos se batia por suas idéias. Em uma das sessões das Cortes Constituintes, exatamente no dia 22 de março de 1822, ele apresentou um projeto no qual propunha, entre outras medidas, a extinção do tráfico de escravos e a sua emancipação gradual. O deputado manifestava-se formalmente contra o comércio de carne humana. No Brasil estas idéias tinham pouco apoio e nas nações cultas da Europa, salvo a Inglaterra, o tráfico ainda não tinha sido totalmente suprimido. Ele fazia eco porém a formação que tivera e à agenda liberal que conquistou por meio de suas viagens e experiência familiar. Na Bahia, os escravos recru-tados para lutar pela independência aguardavam, iludidos, sua libertação como prêmio.

Quando o movimento emancipacionista se alastrou, a Bahia passou a ser governada por uma Junta Provisória composta por representantes das vilas sublevadas no Recôncavo. Foi esse governo que dirigiu o cerco à capital da Província, onde se encontravam estacionadas as tropas inimi-gas. Apesar de a cidade ter sido cercada, seu porto bloqueado, as estradas pelas quais era abastecida, ocupadas, os portugueses resistiram durante 3º

um ano. Nos meados de 1823, acabaram por ser expulsos e embarcados para

Lisboa. Era o 2 de julho. Os lusos se defendiam, dizendo não terem feito mal nenhum. Viviam "sem ofender os brasileiros. E eles ainda se queixam e inventam mil mentiras".

Entrou, finalmente, na cidade o "exército pacificador". Ao imperador recém-aclamado, não interessava perder uma das mais ricas províncias do país. E mandando nela, como sempre, os grandes e já conhecidos proprietários de engenhos, como os Borges de Barros. Os deputados portugueses tinham errado suas previsões. Não acreditaram que províncias como Rio e São Paulo pudessem se impor às demais, separadas por enormes distâncias, além de divididas por profundas diferenças. Achavam também que as elites temessem uma rebelião de escravos como aconteceu em São Domingos, ilha hoje dividida entre Haiti e República Dominicana. Nada disto aconteceu, a independência se firmou e Portugal acabou se conformando.

A volta de D. João VI a Portugal havia criado uma situação nova: havia de fato dois governos. Um no Rio e outro em Lisboa. No conflito que nascia entre eles, era forçoso o recurso às potências estrangeiras para reconhecimento dos direitos brasileiros. Finalmente, em agosto de 1825, Portugal assinou um acordo sobre a independência, mediante uma indenização de 2 milhões de libras e a concessão a D. João VI do título de Imperador Honorário do Brasil. Ao Brasil coube o pagamento dos juros e dos serviços da dívida que Portugal tinha junto à Inglaterra. Após a concordância por parte de Portugal, não demorou muito para que as outras nações reconhecessem a nova situação. A Inglaterra o fez oficialmente em 1825, tratando em seguida de garantir a manutenção das vantagens con -

cedidas aos comerciantes ingleses desde o estabelecimento de D. João no Rio de Janeiro. Domingos foi, então, mandado de Lisboa para Paris para conseguir o reconhecimento da independência do Brasil pela França.

Domingos foi nomeado encarregado dos negócios brasileiros na França, em janeiro de 1824. Começaram então os arranjos para a mudança de sua família. Despedidas foram feitas nos engenhos. Na capital, visitas vinham dizer adeus. Os pequenos, Luísa e Domingos, pouco compreendiam, mas sabiam que algo ia mudar. D. Maria do Carmo ia enfrentar vida nova. A ida dos Borges de Barros à Europa traria mudanças profundas para todos. Ficavam para trás as longas temporadas no engenho São João. O senhor despia as botas. Os pequenos deixavam para trás os amigos, os banhos de rio e as árvores de fruta. Um desafio

se abria diante da família. Na condição de chefe, Domingos Borges de Barros iria lhes mostrar um mundo que o fascinava. E graças a esta viagem, Luísa não conheceria apenas novas paisagens. Ganharia novos olhos sobre o mundo.

Enquanto os Borges de Barros se instalavam em Paris, nascia, no Rio de Janeiro, o herdeiro do trono brasileiro. Em 2 de dezembro de 1825, a cidade despertou com o barulho de sinos e salvas de canhão que anunciavam a boa-nova. Os pais pediam a Deus um herdeiro, pois já tinham quatro filhas. Foram atendidos. Nas palavras da mãe, a imperatriz Leopoldina, era

"um filho robusto e grande", que recebeu o nome do pai: Pedro. Tinha, dela, os olhos azuis e o cabelo louro fosco. Desceu de Nova Friburgo uma ama-de-leite, mulher de um dos colonos suíços lá instalados, e o menino ganhou também uma mãe postiça, D. Mariana Carlota de Magalhães Coutinho. Pobre, mas culta e honrada, foi feita "camareira" ou dama de quarto do pequeno príncipe, segundo o costume da família real Habsburgo. A linguagem infantil a transformou, rapidamente, em Dadama.

Diferentemente de Luísa, cuja infância foi cor-de-rosa, cercada dos pais que lhe enchiam de atenções, a de Pedro foi solitária. Com um ano, morreu-lhe a mãe de tristeza e, diziam, maus-tratos que lhe impingia um marido grosseiro. O menino foi levado pela mão até o caixão para beijar, pela última vez, a mão da imperatriz. Com um ano, o príncipe já vestia calças, jaleco e levava a placa do Cruzeiro, condecoração criada logo após a Independência, presa ao peito. Parecia um adulto em miniatura e tinha acessos de criança mimada. Uma "jovem fúria", como o descreveu um visitante estrangeiro. A primeira infância foi passada no palácio de São Cristóvão, cercado de inatas e silêncio. O pequerrucho crescia magrelo e amarelo, com olhos muito azuis.

Portões afora, o imperador D. Pedro I enfrentava a oposição inter -

na, questões nas fronteiras do sul do Império e problemas de sucessão em Portugal. Pedro tinha 5 anos quando seu pai abdicou do trono do Brasil.

No dia 7 de abril de 1831, o monarca entrou no quarto onde os filhos dormiam, beijou-lhes, chorando, e embarcou, na mesma madrugada, para a Europa com a segunda mulher, D. Amélia, e com a filha primogênita, Maria da Glória. Deixou o varão e as três filhas entregues à nação brasileira -

sileira. Aos mais chegados, explicava a retirada: "Os nascidos no Brasil

congregam-se contra mim. Não querem mais que os governe porque sou português." Ele sabia que a luta entre portugueses e brasileiros tinha co-meçado. "Meu filho tem sobre mim a vantagem de ser brasileiro e de ser estima do por eles", concluía.

Com a abdicação do pai, o filho acordou imperador. Dizem mesmo que com a coroa em cima da cama. No caminho que o levou pelas ruas da cidade, nos braços de Dadama, viu o povo dando vivas, se abraçando e comemorando. Na despreocupação dos seus 5 anos, sentado no fundo do carro, ele só ouvia: "Imperador, cumprimente, cumprimente, Impe -

rador." E o obediente menino, solene e compenetrado, abanava a cabe -

cinha loura para a direita e a esquerda. Uma semana depois, recebia uma carta do pai, escrita do navio, pedindo que não o esquecesse. "Lembre-se bem de um pai que ama e amará até a morte a Pátria que adotou como sua, em que Vossa Majestade teve a fortuna de nascer." Pedia que amasse também o Brasil e seguisse os conselhos dados por aqueles que cuidariam de sua educação. Tinha certeza de que o mundo o iria admirar.

Pedro não teve amor de pai e mãe como Luísa. Mas mereceu, como a menina baiana, uma educação primorosa. Seis meses depois da partida do ex-monarca, Dadama escrevia a D. Pedro I anunciando que o menino era "raro em tudo". Estava adiantadíssimo nos estudos e já era capaz de ler português e inglês corretamente. Diante dos mais variados objetos,

repetia seus nomes em língua estrangeira. Brincava com as estampas da História Sagrada e nas aulas de ginástica ensaiava os primeiros passos de dança. Começava o francês e dominava gramática. Logo, logo, lia os romances de Victor Hugo. Vez por outra, lhes chegavam às mãos livros e presentes enviados pelo consulado brasileiro em Paris. Quando, por pequenos incômodos de saúde, era obrigado a ficar no quarto em vez de assistir às aulas, chorava até ficar com o rosto inchado.

O pequeno era estudioso, mas sofrido. "Tem o melhor caráter possível, franco, dócil, polido e alegre. Assim também as princesas, que são uns bons anjinhos" — contava Dadama. Mas perguntado sobre se queria passear na Quinta de São Cristóvão, respondeu: "Não, não gostava nada.

E por quê? Porque tenho muitas saudades do Papai e da Mamãe." Pobre criança, no dia de seu aniversário, houve doces e gente à volta dele. Mas nada conteve as lágrimas e os "corações oprimidos", contava a camareira.

Da Europa, primeiro em Paris, depois em Lisboa, o pai seguiu lhe escrevendo. Queria muito bem aos filhos e, apesar de estar envolvido numa luta de morte contra seu irmão pelo trono português, exprimia ao seu sucessor o prazer que lhe causavam suas cartas. Elas atestavam os progressos que o menino fazia nos estudos. "Aplica-te" — insistia

— "que um dia virás a ser um digno monarca". Lembrava que monarcas não eram deuses. Era preciso ter conhecimentos para serem amados e respeitados. Até sua morte em 1835, D. Pedro I não deixou de lhe recomendar que estudasse, fosse obediente, que tratasse bem a suas irmãs e

"que vós lembreis de mim, que tanto vos amo".

Nove anos de tensões, motins e revoluções armadas seguiram-se à Abdicação. Não poucas vezes, os distúrbios chegaram às portas do palácio e era preciso esconder os pequenos príncipes num distante sítio na fazenda Santa Cruz. Nas ruas, os populares murmuravam que tinham "roubado o menino". Tantos sustos só serviam para meter medo no espírito do pequeno imperador. Se ele não tinha ainda idade para compreender os perigos que o cercavam, percebia

perfeitamente que vivia em insegurança. Na Cor-34

te, a atmosfera de intrigas e conspirações ajudou a formar, desde a mais tenra infância, um caráter reservado e precavido contra tudo e todos.

A vontade política de alguns grandes homens livrou o país do esfa-celamento e da anarquia. Mas, acima deles, pairava a imagem do Imperador-menino, do pequeno Monarca, do "pupilo da nação". Todos lhe queriam bem e viam nele a esperança do jovem império. De toda parte emanava um sentimento de compaixão e defesa do pequeno órfão louro.

Louro e triste. Pois se no engenho São João, Luísa e seu irmão se divertiam com filhos de escravos e empregados, em São Cristóvão os príncipes viviam engaiolados como passarinhos. Os divertimentos eram poucos.

Brincavam de rezar missa, jogar cartas e fazer teatrinho. No início de 1834, o menino sofreu mais uma perda. Morreu sua irmã, D. Paula, desde sempre doentinha. Para o pequeno núcleo familiar onde uns se apegavam aos outros, não pode ter sido mais doído.

O pior veio depois. Em setembro, depois de ter enviado a Portugal alguns desenhos de vistas do Rio de Janeiro, que fizera a pedido do pai, o pequeno recebeu a horrível notícia: D. Pedro I expirou em seu quarto no palácio de Queluz. Sobre a reação das crianças, um observador registrou, penalizado: "Era golpe tão profundo em todos esses peitos juvenis (ele com 9 anos incompletos, as irmãs de 10 e 12), era tão comum a orfandade em que todos ficavam, tanto haviam se acostumado a sentir juntos as mesmas dores, que, por um singular movimento instintivo, o príncipe e as princesas saíram dos aposentos em que se achavam, com o único fito de se procurarem, reciprocamente; encontrando-se logo, todos três se enlaçaram no mais doloroso amplexo do mundo, até que torrentes de lágrimas prorromperam dos amargurados peitos com uma intensidade e afeto filial capaz de comover o mais empedernido coração." As crianças mergulharam num tempo de silêncio e tristeza, vivendo, como disse alguém, da compaixão dos conterrâneos. A sombra na vida dos pequenos Bragança na Corte do Rio de Janeiro contrastava com a luz na dos pequenos Borges de Barros, circulando por Paris.

Retrato de família: Domingos, dona Mana do Carmo, Luísa e o busto do recém-falecido Domin -

guinhos. Ao fundo, as torres da igreja de Saint-Sulpice em Saint-Germain-des-Prés, Paris, onde moravam. Os pais amparam carinhosamente a pequena estudante.

Capítulo 2

Domingos, um dos "homens bons"

O pai de Luísa, Domingos Borges de Barros, não era um brasileiro comum. Sua estampa traía as origens portuguesas. Era moreno, tinha nariz forte, lábios finos e olhos brilhantes e negros. O rosto era ovalado, o pescoço magro e o cabelo, à *nazarena*: comprido, a cair sobre a gola da casaca, muito penteado e untado de banha de cheiro ou óleo de Macassá. Seus dotes intelectuais contradiziam as observações que os viajantes estrangeiros anotavam, maledicentes, em seus diários: "O

Brasil não é lugar de literatura" ou "Neste país de analfabetismo, não se encontra ninguém que tenha intimidade com a noção de ciência". De -

cidadamente não era o seu caso. Ele recebeu e cultivou uma educação de alta categoria.

Domingos era filho do sargento-mor Francisco Borges de Barros e de D. Luiza Clara de Santa Rita, senhores do engenho de São Pedro.

Nascido em 10 de dezembro de 1779, foi batizado, dois meses depois, na matriz de São Pedro por seu tio, o cônego Luiz Antônio Borges de Barros. Não tinha sangue azul, mas pertencia a uma constelação de grandes da terra, conhecidos de todos como "homens bons". Durante 17 anos, seu bisavô, João, teve papel fundamental na luta para a expulsão dos holandeses, que enfrentou na batalha de Guararapes, no Nordeste do Brasil.

O resultado: uma perna claudicante e um enorme prestígio. Um dos seus filhos,

José, bacharelou-se em Coimbra e foi vigário-geral em Évora, chegando a ser indicado arcebispo de Goa. Além da carreira eclesiástica foi respeitado pregador, poeta e comediógrafo. A irmã de José, Maria da Soledade, fez história no convento do Desterro em Salvador. Quase santa, teria presenciado por duas vezes aparições do demônio, seguidas de estrondos, relinchos de cavalos e rosar de porcos. Morreu exalando

odor de santidade e, como se dizia, de "formosura revestida". Ao tio-avô de Domingos pertenceu o engenho Madre de Deus, cantado em versos pelo poeta soteropolitano Gregório de Mattos. O outro tio-avô, Sebastião, que pertenceu à Academia Brasílica dos Renascidos, desfilava nas festas públicas em cavalos importados, acompanhado de escravos ricamente fardados. O avô de Domingos era cavaleiro professo da Ordem de Cristo, comenda concedida por destacados serviços prestados em cargos de administração pública, e irmão da Santa Casa da Bahia, ambos indi-cativos da mais alta distinção social. Enfim, Domingos não saía às ruas sem ser reconhecido.

As terras da família se estendiam pelas paróquias de Nossa Senhora da Purificação, São Pedro do Rio Fundo, São Gonçalo e Bom Jardim, todas situadas no distrito de Santo Amaro. Só lá tinham mais de dezena e meia de engenhos. Havia, contudo, propriedades que se esticavam até Alagoinhas, no Sergipe, ou São Mateus, no Espírito Santo. Poder, dinheiro e cultura faziam parte de seu dia-a-dia.

Na tradição familiar, Domingos fez os primeiros estudos em Salvador. O século XIX mal completara um ano e ele foi viajar. Jovem ainda, seguiu para Portugal. Poucos tinham tal oportunidade. Domingos desembarcou num continente que testemunhava então as mais violentas mudanças. Aliás, dos dois lados do Atlântico, um caldeirão de reformas começara a ferver e, por isso, Domingos viveria em meio a tempestades e guerras. Foi fazer o secundário, em Lisboa, no Colégio dos Nobres, uma conhecida instituição. Ela se destinava a preparar os jovens oriundos da alta aristocracia que soubessem ler e tivessem entre 7 e 13 anos de idade.

O convívio com professores estrangeiros, entre os quais italianos e irlandeses, dava ares cosmopolitas a uma escola criada com o objetivo de introduzir o Iluminismo em Portugal. Procurava-se aperfeiçoar os nobres, tornando-os úteis para a administração, além de lhes oferecer uma tradicional formação nas humanidades clássicas, em ciências e literatura.

O objetivo final dos alunos era ir para a universidade de Coimbra. O

número de estudantes era pequeno: apenas cem. A pensão anual era cara e as

notas, secretas e apresentadas ao rei uma vez por ano.

Domingos fazia parte dos alunos estrangeiros que estavam em Lisboa com o fim de se tornar bacharel. Seu pai aproveitou a boa cotação do açúcar para dar-lhe um banho de civilização. Ele sabia que as famílias cujos filhos faziam estudos superiores desempenhavam o principal papel no plano polí-

tico e administrativo. O momento era oportuno não só pela situação financeira favorável, mas porque a sociedade portuguesa estava se transformando.

Mudanças promovidas, quatro décadas antes, ajudaram a acelerar a ascensão de uma classe burguesa, saída do comércio com o ultramar. Os filhos de arrematadores de sabão, tabaco, diamantes e pau-brasil, dos donos das grandes companhias de comércio, dos funcionários das alfândegas, dos contrabandistas e, enfim, dos fazendeiros no Brasil se nobilitavam, estudando.

Sobre estes jovens sopravam os primeiros ventos liberais. No início da vida adulta, Domingos começou a circular entre intelectuais de diversos tipos, aproveitando tudo o que via e ouvia. Sentia na carne, contudo, o que significava vir das Colônias, ser estrangeiro e moreno de pele. Se em sua terra era filho de conhecido senhor de engenho, *sinhozinho* influente, lá a hierarquia era outra. As rusgas entre os chamados *brasilianos* e os portugueses faziam parte do cotidiano. Aos 21 anos, Domingos estava matriculado. Foi o estudante brasileiro de número 512 no curso de filosofia. Licenciou-se, quatro anos depois, em 1804.

Para Domingos, não bastava ser filho de senhor de engenho no Brasil. Ele queria ser homem de letras e de ciências. As academias se multiplicavam na França e na Inglaterra, *savants e fellows* se acotovelando, disputando descobertas e discutindo seus resultados. Mas não era suficiente gostar de ciências. Domingos também queria ser poeta e escritor renomado como, por exemplo, Diderot ou Goethe. Sabia que o homem de letras tinha que conhecer, além de gramática, filosofia, história geral, poesia e oratória. Tinha que ser quase um enciclopedista: um estudioso **39**

que tivesse conhecimentos sobre todos os campos do saber. Letras não era só literatura. Era tudo. Um homem de letras, contudo, tinha que ter igualmente um belo espírito — *le bel esprit*, como diziam os franceses —, que consistia em ter uma imaginação brilhante e uma conversação agradável, ajudada pelo conhecimento de leituras comuns entre seus colegas.

O homem de belo espírito devia também se interessar pelo fascínio que exerciam os *salons*, seus jogos e seus prazeres. Isto tudo ele adquiriu e, mais à frente, saberia transmitir a sua filha Luísa.

Em sala de aula, logo demonstrou interesse por literatura e, em especial, por um autor: Evariste Désiré de Forges, o cavaleiro De Parny, cujas obras se pôs a traduzir. Várias razões alimentaram esta empatia. Parny, como Domingos, era das colônias. Era alguém de fora. Um homem de pele morena, que conhecia os malefícios da colonização e que, sobretudo, detestava a escravidão. "Desconfiem dos brancos", era o bordão do cavaleiro para falar dos maus-tratos e violências contra africanos. Para De Parny, não existia pecado abaixo do equador. A voluptuosidade das relações que Domingos tão bem conhecia era a tônica desta idéia. A iniciação sexual com escravas o tinha familiarizado com tais sensações. Ele conhecia os recantos onde senhores e escravas se espojavam e o prazer corria livre. Além dos hábitos comuns entranhados na cultura das colô-

nias escravistas, seu tio Francisco casara-se com uma mulata e dela tivera 12 filhos. O escândalo foi absorvido pela família. A mãe de Domingos, Luísa Clara de Santa Rita, também tinha sangue africano. Sua situação financeira a "branqueara". Mas ele sabia que, aos olhos dos outros, era moreno demais. Seria sempre um mestiço. Pois o jovem baiano traduziu as obras de De Parny sem temer as acusações de libertino ou a persegui-

ção da Real Mesa, o tribunal encarregado da censura de publicações.

Mas havia outras razões para tal afinidade. Domingos, assim como o cavaleiro De Parny, conheceu, para além do sexo com as mulheres negras, as lutas dos escravos por sua liberdade. Um primo seu, José, filho natural de seu tio Sebastião, foi o personagem oculto da revolta frustrada ocorrida **40**

na Bahia, em 1797, enquanto ele, Domingos, estudava em Portugal. José estava metido com tudo o que significava a quebra da velha ordem: idéias liberais e republicanas, abolição, maçonaria. Ele mesmo era um caldo era ebulição: um branco maçom ligado aos rebeldes, forros e escravos. Era em sua casa que os revoltosos conversavam sobre como governar a terra, assim como sobre as notícias políticas que chegavam da Europa.

Era lá que os "alfaiates" — como ficaram conhecidos os rebeldes

— tinham acesso às obras de Volnay, como *Ruínas ou Meditação sobre as*

Revoluções dos Impérios e outros "francesismos" mais tarde encontrados entre os papéis que os principais participantes do movimento guardavam.

Na casa dele também o ouviam recitar poemas revolucionários. Tratava-se de algo impensável então: suprimir todos os sinais que indicassem as diferenças de condição. Embaralhar as cartas entre quem era senhor, quem era escravo. Quem era branco, mulato ou negro. Quem mandava e quem obedecia. O movimento no qual José se meteu, e do qual par-ticiparam indivíduos pobres e cativos tocados pelas idéias da Revolução Francesa, foi severamente reprimido pela Coroa. O primo de Domingos foi o representante das elites que conspiraram numa rebelião, na qual os brancos pensavam e os negros e mulatos alfaiates agiam. Os segundos acabaram na forca. O primo, na Inglaterra. Este foi o clima intelectual que aproximou o jovem Domingos das idéias do cavaleiro De Parny e da luta pela abolição da escravidão.

Além dos eventos familiares, fatos em toda parte do continente europeu afetavam a formação do jovem. A mesma França de Voltaire, apóstolo da liberdade, nadava num banho de sangue. O país da igualdade e fraternidade virou um açougue. Em Paris, o cheiro dos massacres estava no ar. Estudando em Coimbra, Domingos se relacionava com franceses que tinham se instalado em Portugal, a maioria deles fugitivos do Terror da Revolução.

A partir de 1791, esta emigração começou a aumentar. Os refugiados contavam histórias terríveis que desdiziam as idéias iluministas pelas quais lutava o primo José. Segundo eles, qualquer um. podia ser preso, sem qualquer razão. Os calabouços, conventos e prisões estavam lotados de prisioneiros. A exposição de troféus — genitais, vísceras e outras peças ensangüentadas do corpo humano — enfeitava os postes assinalando o humor dos jacobinos.

Os que podiam escapar cruzavam os altos planaltos espanhóis. A presença de fugidos resultava em dezenas de anúncios na *Gazeta de Lisboa* onde se ofereciam serviços prestados por eles. Burgueses e padres se transformaram em professores de dança e piano, chapeleiros e modistas, abraçando qualquer profissão que lhes permitisse sobreviver. Muitos viviam nos bairros pobres, albergados em pousadas miseráveis. Outros foram acolhidos pela maçonaria, que já tinha então um papel considerável na sociedade lisboeta. Em 1804, foram criadas várias lojas que agregavam maçons ingleses, franceses e portugueses.

Enquanto Domingos terminava seus estudos em Coimbra, Napoleão voltou do

Egito e tomou o poder. O golpe do 18 do Brumário abriu as portas ao futuro imperador. As idéias liberais e os filósofos que inspiravam rebeliões, como Voltaire ou Newton, estavam nas mentes de muitos. As ações dos exércitos napoleônicos e as respostas inglesas também. Mas enquanto o mundo mudava, em Portugal gente favorável às transformações era perseguida. Todos lutavam contra os espiões a serviço da polícia, que estavam por toda parte. Olheiros se misturavam à população nas ruas, praças, estalagens, cafés ou nas salas de espetáculo. O silêncio, com o qual muitos se protegiam, era interpretado como conspiração. A deportação e a perda da liberdade pairavam no ar. Havia um clima de suspeição e de-lação, dentro e fora da universidade. Apesar da vigilância, o ambiente era extremamente cosmopolita e as novidades chegavam de todas as partes.

Domingos se dividia entre as idéias liberais que gostaria de ver implementadas no Brasil e as informações sangrentas que tinha sobre a Europa.

Na mesma época, Portugal se aproximava dos conflitos que teria que enfrentar e que levariam a casa dos Bragança ao Brasil. Enquanto o resto da Europa se agitava, um paralisado Reino tentava, mal e mal, proteger seu imenso império colonial. Com uma economia extrativista e **42**

mercantil, enfrentava falta de capitais, de escravos para explorar e de funcionários para controlar a circulação dos mesmos. A capital funcionava apenas como um entreposto. A riqueza não parava ali. Entre os portugueses, difundia-se o sentimento de ser colônia de uma colônia.

Durante os anos de estudos, Domingos observava que as autoridades de Lisboa viam-se diante de problemas sem precedentes. De várias regiões da América portuguesa chegavam notícias de desafeição ao trono, o que era grave. Mas piores eram as irrupções coletivas de violência, anunciando a erosão de um modo de vida. O desconforto político crescia e as autoridades se sentiam pisando em areia movediça. Por trás deste mal-estar, se aprofundava o esgotamento das formas de exploração da mina de ouro que um dia foi o Brasil.

A crise se refletia no cotidiano de Domingos: rico na colônia, pobre na metrópole. A mesada chegava com dificuldade e ele sobrevivía fazendo pequenas traduções do grego, latim, francês e italiano: de Safo a Virgílio, de Voltaire a La Fontaine. Era 1806, se encontrava em Paris. O que o teria levado até lá? Pouco se sabe, mas é provável que os círculos maçônicos o tenham

atraído. Na capital francesa se aproximou do marquês de Marialva, futuro embaixador de Portugal, enviado para saudar Napoleão, e que se tornaria amigo de Domingos até morrer. Foi acolhido por um pequeno grupo de emigrados portugueses e brasileiros, alguns dos quais, inclusive, teriam acompanhado, por puro entusiasmo, as tropas de Bonaparte.

O aspecto de Paris neste início de 1800 não era brilhante. O vandalismo revolucionário tinha degradado inúmeros edifícios sob o pretexto de fazer desaparecer as marcas da realeza e da religião. Uma mistura confusa de feiúra e beleza crescia entre as ruínas. Mas o Diretório, fase da política que antecedeu a ascensão de Napoleão, decidiu mudar tudo. O governo na mão de cinco "diretores" — daí Diretório — só pensava em se enriquecer e se divertir. Daí que quem chegasse ao Champs-Élysées iria encontrar uma vida mais animada do que outrora, e, apesar do aspecto campestre da cidade, assistir ao nascimento da nova capital. Esta era uma cidade de novos-ri-43

cos, de fornecedores, de generais que tinham feito fortuna na Itália, e também de artistas e comediantes. Todos que a revolução colocara em relevo e transformara em vedetes escolhiam morar por ali. Nos seus belos palácios, um tanto desajeitados, eles faziam o aprendizado da elegância.

Bastava cruzar o bulevar para se encontrar a cidade antiga, completamente revirada. O bairro do Palais-Royal, que se espremia entre as duas margens do rio, era feito de contrastes entre o luxo e a miséria. Seu jardim foi tão estragado que ficou fechado durante meses para ser consertado. A parte mais baixa apagava-se no meio de plantações recentes, pois a República decidira esconder a residência dos reis. A fome não tinha desaparecido.

Sopas eram distribuídas aos indigentes e as carroças de pão continuavam a ser pilhadas. As colheitas claudicavam. Na mesma época, Napoleão re-alizava uma campanha vitoriosa na Itália e depois no Egito. Ao voltar à França, foi recebido como o salvador da pátria. Ele desalojou o Diretório e, com o golpe de Estado do 18 do Brumário, tomou o poder, intitulando-se primeiro cônsul e pondo um ponto final na Revolução Francesa. Durante o Consulado, uma prefeitura de polícia foi criada com poderes ilimitados para tentar botar ordem na cidade. Posteriormente, um atentado a Napoleão desencadeou uma grande perseguição aos antigos monarquistas e jacobinos, ajudando-o a se isolar, confortavelmente, no poder.

A sagração do imperador, na catedral de Notre-Dame, suscitou satisfação entre comerciantes e moradores. O afluxo de estrangeiros e de gente vinda da província foi considerável e o retorno ao aparato deu força à máquina de consumo. Em meio ao requinte que renascia, a má notícia para os forasteiros: os hotéis eram imundos. As camas, ou melhor, os catres, eram infestados pelos animais mas is incômodos e os quartos tinham frestas no chão e nas paredes que deixavam passar o vento. Melhor era alugar um apartamento, mas Domingos não tinha dinheiro:

"Em Paris, certo tempo sem ceitel

vivia certo moço do Brasil

que deveu por um tempo a certo amigo

Mal da escassa mesada havia a soma."

A maior preocupação de Napoleão era manter os trabalhadores ativos, Ele sabia o quanto estas massas desocupadas podiam ser perigosas.

O imperador temia as rebeliões. Para neutralizá-las, criou obras públicas, abaixou o preço da carne, assinou, em 1807, a paz com a Rússia, assinalando uma trégua na esfera militar. Mas a ingrata burguesia e os comerciantes parisienses que antes aplaudiram os primórdios do Império agora repudia-vam o bloqueio continental. As recepções oficiais nada tinham de anima-doras. O imperador mal aparecia entre uma batalha e outra. O despotismo fazia a polícia intervir em tudo, na vida privada e pública, no teatro, na literatura. Os soldados maltratavam a população. Domingos observava as conseqüências desta nova forma de império, medindo seus limites e riscos.

Perguntava-se qual a solução para o Brasil, atrasado, escravista e rural.

Ao mesmo tempo, um sentimento de exílio lhe atravessava o peito e, em poemas, queixava-se ao pai sobre Napoleão, que o retinha;

"nunca mais vos verei, ó pai, ó pátria.

Sofra-se antes a morte, do que a infâmia

Dos déspotas aos pés, curve a baixeza."

Mais uma vez, a educação diferenciada que recebeu permitia que comesse e pagasse contas. Como sabia bem o francês, Domingos escreveu um dicionário Português-Francês/ Francês-Português. A vida dura que levava começava a mostrar seus limites. E ele não hesitava em amal-diçoar, em poesias, o trabalho não reconhecido de um eLivros.

As carências da estadia eram aliviadas nos braços de prostitutas parisienses. A cidade proporcionava várias novidades não só no reino das idéias políticas, mas

também do sexo. Os bordéis começavam a ser decorados com luxo. Mulheres solteiras e casadas se ofereciam por dinheiro.

A escolha se fazia através de um buraco na parede — "a judia" — ou consultando o "livro das belezas", um catálogo ilustrado das pensionistas em cabelos soltos e decotes fundos. Às vésperas da Revolução, elas eram 30 mil fazendo negócio dos seus charmes. As ruas Saint-Denis e Saint-Honoré estavam entre as que mais reuniam prostitutas e lanternas vermelhas se multiplicavam nas portas de má reputação. Noites solitárias -

rias lhe renderam um filho natural havido com certa Françoise Elizabeth Derme: uma *grisette*, como eram chamadas as pequenas burguesas que se prostituíam para sobreviver. Era "mulher solteira" esta que, numa casa de cômodos, deu à luz um menino. No Brasil, um filho natural, ou seja, o tido antes do casamento, não acarretava grandes problemas de inserção ou de ascensão social. E, quando se era rico, as origens obscuras da crian-

ça eram rapidamente esquecidas. Mas o pequeno Alexandre, nascido na Rue des Boucheries, ou rua dos açougues, em 11 de setembro de 1809, daria, com o tempo, dura carne de pescoço. O pirralho ficou amparado por uma mesada decente e os cuidados do marquês de Marialva, amigo de Domingos, que, por muitos anos, olhou por ele. Adulto, seria uma pedra no sapato de Luísa.

Na mesma época, começava a agonia do Império. Por ocasião do casamento de Napoleão com Maria Luíza, Domingos se aproveitou da paz com toda a Europa e, contando com a indulgência do imperador, fugiu no brigue *Galeno* para os Estados Unidos: "Em tão miserando estado/

Pôs-me da Europa o terreno/ Que para tornar à pátria/ foi-me preciso de um Galeno", ria-se da própria sorte.

Tomou o caminho da Filadélfia, o centro maçônico mais importante das Américas. Lá se realizaram os primeiros congressos continentais sobre a liberdade política e a cidade havia se tornado, recentemente, a capital dos jovens Estados Unidos. Ali proliferavam as trupes de teatro francesas que vinham encenar Molière para chocados protestantes, circos que exibiam danças ameríndias e ex-escravos contando histórias de sofrimento. Encontravam-se, também, hispano-americanos, e Livros dos Vice-Reinos do Peru, México ou Nova Granada, que aproveitavam o ambiente de liberdade para publicar livros e

panfletos contra a metrópole espanhola e os abusos dos reis. Lá também se reuniam cinco lojas maçô-

nicas que nada haviam sofrido com o rompimento com a Inglaterra. Ao contrário, elas alimentavam os refugiados que buscavam liberdade.

Domingos era um deles. Na Filadélfia encontrou não só gente da América do Sul, preocupada com liberdade e igualdade, assim como refugiados da ilha de São Domingos, colônia francesa que recém adquirira liberdade. Lã também Domingos compreenderia que os frutos das revolu-

ções em favor da liberdade nem sempre eram doces, No então Haiti, terra de seu querido Cavaleiro De Parly, o ex-escravo e libertador Toussaint l'Ouverture reinstaurou, por decreto, o trabalho forçado; e seu sucessor proclamou-se imperador! Fizeram uma revolução para que tudo continuasse como dantes. De novo, relatos de massacres embalavam as conversas nos albergues e nas tavernas. De novo, desfilavam fugitivos em lágrimas, sem nada de seu, apenas a memória dos horrores. O resultado dos sonhos de Domingos era bem magro. Esse conjunto de experiências fez dele não mais um jacobino, mas um liberal moderado. Se por um lado concordava com as reações contra o sistema colonial, aprendeu a temer as rebeliões.

A vida amorosa progredia junto com a política. Datam desta época dezenas de cartas para as mais diversas amantes. Desde uma baiana a quem chamava de "meu bem" e dizia que ainda lhe inflamava o peito a uma mulher chamada Nise, a quem dizia amar os olhos. Havia ainda uma nativa da ilha de Guadalupe, a quem declarava, cruamente, "quanto mais nua, tanto mais me agradas". Conquistador, bonito, experiente, Domingos estava cercado de amores e mulheres. Ele amava a vida e a beleza.

Em 1811, deixou os Estados Unidos com destino à Bahia. Junto com ele, foram muitos americanos, sócios de negócios no Recôncavo.

O comércio de embarcações, piche, breu e tabuado de pinho ia de vento em popa. Mas o comércio era para os estrangeiros. Para o retornando, o desafio era um só: os anos de formação teriam que se desdobrar numa **47**

carreira. Domingos voltava cheio de experiências e esperanças. Mas ao chegar, uma surpresa: foi preso sob acusação de jacobinismo. As autoridades achavam que ele era um espião francês. As aventuras do primo José, os anos passados na

França e as ligações com os maçons ajudavam a levantar suspeitas. Ficou um tempo preso a bordo do brigue *Tamerlão*, partindo depois para o Rio de Janeiro, onde seria apurada sua culpa. Depois de idas e vindas, as influências de amigos o puseram em liberdade.

O esforço de seu pai em enviá-lo para a Europa não foi vão. Os primeiros frutos foram logo colhidos. Menos de um ano depois de chegar a Salvador, era indicado para ocupar a recém-criada cadeira pública de agricultura. Tinha, como se dizia então, "uma posta", ou um emprego. Sua tarefa: ensinar os princípios teóricos e práticos deste ramo das ciências naturais.

Além disto, tornou-se diretor do Passeio Público. O homem de ciências se instalava na capital da província. Mas logo o de letras também achou seu espaço. A partir de 1813, começou a colaborar com o jornal *O Patriota*, onde assinava com a rubrica B. Os artigos discorriam sobre as últimas descobertas de agronomia e química. Em 1813, publicou na Corte as traduções do poema "O merecimento das mulheres", de Legouv  . Em seguida, escreveu um comentário sobre o poema chamado "Poesias oferecidas às senhoras brasileiras por um baiano", em que fazia uma apologia sobre a importância da educa  o feminina. Nele, Domingos, que era um grande *courreur de femmes*, verdadeiro galo da aldeia, explicava que, ao ler a obra intitulada "Dedu  o  es filosóficas da desigualdade dos sexos e seus direitos políticos por natureza", concluíra que o voto feminino era mais do que necessário. Era obrigatório.

A emancipa  o da mulher era assunto de maior importância, argumentava Domingos. Mas o século não quis abdicar de uma parte de sua masculinidade e as mulheres voltaram aos bordados e almofadas.

O recém-publicado Código Civil napole  nico resgatou o antigo ideal de submissão da mulher, que fora rompido durante a Revolu  o Francesa.

Ela voltava a ser considerada inferior ao homem. O absolutismo conjugal tornou a imperar. Graças    legisla  o, o marido podia exercer um controle sem limites sobre a esposa. Até mesmo ler sua correspondência antes dela.

A regra, para as mulheres, era obedecer, trabalhar e se calar.

Domingos voltou ao Brasil já homem maduro e com uma trajet  -

ria totalmente diferente da dos seus conterrâneos. Realizado profissionalmente,

deu-se outro objetivo: o matrimônio. Não um por amor, pois esta preocupação não existia. O casamento, na época, não era uma escolha do coração. O critério de seleção era simples. Tinha que ser gente como ele. A união dos socialmente iguais era obrigatória, uma estratégia social entre os baianos nobilitados. Os senhores de engenho casavam suas filhas com os filhos de outros senhores de engenhos. A idéia era conservar e aumentar os bens que possuíam. Outra possibilidade era casar-se com as herdeiras dos grandes comerciantes que dominavam a vida econômica da cidade. Apesar da reclusão em que viviam as mulheres, as oportunidades para um primeiro encontro eram muitas: missas, novenas e outros atos litúrgicos, assim como as festas familiares. Os movimentos de aproximação eram secretos e freqüentemente contavam com o apoio de uma tia solteírona ou irmã mais velha, que se tornavam confidentes da jovem. Um irmão ou cunhado servia de "pau-de-cabeleira", vigiando de perto os passos do casal. A escolha de Domingos recaiu sobre D. Maria do Carmo de Gouveia Portugal: uma jovem viúva ricamente dotada, além de bela mulher.

Sua família só a teria deixado se casar se este fosse um matrimônio que elevasse sua qualificação, o que era o caso. As núpcias tiveram lugar em 20 de maio de 1814. Ela com 19 anos, ele com 35. Nos seus versos a chamava de *Marília*, variação do primeiro nome. Ele fez um excelente ne-gócio. O casamento foi um acontecimento público, que reuniu as suas imensas parentelas e vizinhos. Ela levou no buquê um ramo de alecrim, à maneira "inglesa". Em 1815, nascia o filho Domingos. E um ano depois, aquela que seria a luz dos olhos do pai: Luísa.

O ofício que participava sua nomeação para a Corte de Paris ar-rancou sua família do engenho São João. Na França, coube a Domingos tentar o que seu antecessor não tinha conseguido. Bem recebido na **49**

Corte, graças à sua fluência e *bel esprit*, viu, todavia, as suas credenciais recusadas. Os ministros continuaram a evitar compromissos a respeito do Brasil, embora no Rio de Janeiro mantivessem representantes travestidos em agentes comerciais. Foi este, contudo, o último ano de vida do obeso Luís XVIII, conhecido como "rei-poltrona", que morreu em setembro de 1824, de gangrena nos dois pés. Reunira a sua volta monarquistas in-flamados, mas mal governava. Por não ter descendentes, foi passando os negócios de Estado para o irmão, Carlos X. Depois de um ano de calmaria, a oposição retomou a ofensiva nas ruas e no parlamento. As diferentes facções monarquistas, contrárias a qualquer forma de libera -

lismo, se engalfinhavam. Envolvido com estas querelas internas, o rei mal tinha tempo de pensar em política externa. Do seu lado, D. Pedro I já escrevera ao "irmão e primo", a quem dizia considerar "modelo de virtuoso monarca", em busca de apoio para consolidar "um vasto, rico e nascente império".

Pois a mesma técnica diplomática de ambigüidade e procrastinação usada por D. João VI às vésperas de sua fuga para o Brasil era, agora, usada por Carlos X. Esperar. Empurrar com a barriga até ver o que Portugal faria. Na realidade, simpático à causa brasileira, o governo francês só ansiava por uma coisa: a resignação da metrópole. E de fato, depois da assinatura do tratado luso-brasileiro, por intermédio de D. Domingos, o governo estendeu a mão ao jovem império.

Nesta época, Paris abrigava colônias permanentes de ricos estrangeiros: ingleses, americanos, aristocratas russos. Se a Revolução Francesa arruinou momentaneamente o comércio parisiense, sob o Consulado e o Império o número de comerciantes aumentou vertiginosamente para atendê-los. A capital parecia uma feira perpétua, com lojas brilhantes nas ruas Vivienne ou Saint-Honoré. A Câmara de Comércio, recém-criada, reunia grandes homens de negócios. As encomendas da Corte davam ao comércio de luxo um prestígio que há muito não era visto. Novas técnicas de consumo se impunham: placas iluminadas anunciavam serviços e *magazins* de novidades variavam suas vitrines de acordo com as estações.

Multiplicavam-se as galerias comerciais e os bazares. Prospectos e reclames na imprensa anunciavam incessantemente produtos novos.

Para D. Maria do Carmo e as crianças, deixar Salvador e chegar a Paris era descobrir um novo mundo. Trocar o Pelourinho, as tardes ensolaradas e os verões nos engenhos, substituindo-os pela cidade em obras e os frios invernos foi novidade. No mesmo ano em que a família se instalava, os mais variados eventos tinham lugar. A nova sala de ópera tinha sido inaugurada, assim como o serviço de bombeiros. O Café de Paris, na esquina do boulevard des Italiens, abria as portas. Fundava-se o jornal *Le Figaro*, as primeiras canoas de lazer rasgavam o rio Sena e nascia o primeiro *grand-magazin* do mundo, o "La Belle Jardinière".

Acompanhando a tendência da época, Luísa e seu irmão se tornaram o centro da família. Eram objetos de todo tipo de investimento: afetivo, claro, mas também educativo e econômico, pois nunca se gastou tanto com educação infantil. D.

Domingos sabia melhor do que ninguém quanto uma educação européia poderia servir como investimento num país que — ele previa — precisaria de talentos. A educação cabia à D. Maria do Carmo, que os alfabetizava em francês pelo método Ja -

cotot. Luísa começava a aprender alguns pontos de bordado e a cos -

turar roupinhas para as bonecas. Entre marido e mulher, uma sólida convivência se estabelecia. Ela o assessorava nas atividades diplomáticas, funcionando como sua secretária particular. A "Sinhá", deixada para trás no engenho do Recôncavo, foi substituída pela "Madame", com *touts les atouts*, ou seja, com todos os trunfos para se adaptar às novas condições de vida. Os quatro viviam em harmonia suficiente para receber, de braços abertos, Alexandre, o filho natural de Domingos, agora um adolescente de 15 anos.

Quanto a D. Domingos, ele se dividia entre duas tarefas: suprir o país com informações úteis para o seu desenvolvimento e combater as manobras do corpo diplomático português para desestabilizar D. Pedro I.

Mal che gara e já dava mostras de seu entusiasmo pelo cargo. Iria se tornar um provedor de idéias para que o jovem império avançasse. Come-

çou enviando ao Brasil livros de Direito e coleções de sementes para o Jardim Botânico. Procurava engenheiros para criar uma escola de Pontes e Minas, construtores navais e outros profissionais com especialidades que fizessem progredir a agricultura e a indústria. Percorria a cidade, suas livrarias e academias em busca de novidades e de gente que quisesse emigrar para os trópicos. Sua meta era arrancar o país do sistema frouxo no qual tinha se enfronhado, de braços com a escravidão que lutava para ver eliminada.

As cartas ao seu superior não escondiam os obstáculos que atrasavam seus contatos com o trono francês. As manobras portuguesas eram muitas. E muito baixas. Ora havia ameaças, ora ações e publicações contra o reconhecimento da independência do Brasil pelas nações européias.

Em Hamburgo, por exemplo, um panfleto foi impresso, ameaçando "que Portugal não reconhecerá jamais a conversão feita pelo governo do Brasil". As ameaças eram constantes.

Ou seja, a metrópole insistia em continuar metrópole. Por trás das estratégias diplomáticas, dava a impressão de que o Brasil não conseguiria caminhar com as próprias pernas. Neste quadro, os constrangimentos eram inúmeros. Mas, de mangas arregaçadas, Domingos seguia traba -

lhando pelo país. Via-se mordido pela moda do patriotismo que varria a Europa, da Ucrânia às colinas da Cornualha. Poetas, jornalistas e escritores cantavam o amor ao solo pátrio e a pertença a um rincão. A palavra

"pátria" se multiplicava nos seus escritos.

Passados os primeiros meses de entusiasmo, alguns problemas, contudo, começavam a aflorar na correspondência entre Domingos e o Brasil.

Ele sentia que seus esforços esbarravam na lenta burocracia do jovem império. Por várias vezes, se queixava, dizendo-se magoadíssimo com a perda de tempo para se enviar ao Brasil objetos "mui necessários não só para que se veja a solicitude do ministério, mas para que com eles se semeiem os 52

princípios da abundância". A falta de fundos e de autorização para tomar iniciativas era o que mais incomodava este homem acostumado à mais absoluta independência. Queixava-se por estar de "mãos atadas". Não era fácil ser diplomata e representante de um império verde e imaturo.

Domingos Borges de Barros, o senhor de engenho, político e poeta que dançou sobre um vulcão. Carte de Visite do visconde de Pedia Branca com condecorações.

A correspondência revelava ainda os desvãos da vida familiar:

"Tomo a liberdade de dizer que meus dois filhinhos, Domingos e Luí-

sa, que têm o Brasil sempre ante os olhos, vendo na exposição dos produtos da indústria francesa a carruagem apresentada como número e arte, pediram-me (e eu não me fiz muito rogar) que a queriam oferecer a Suas Altezas Imperiais. Outros queriam havê-la, mas eu, adiantando-me, fiz o gosto a meus filhos. Não me atreveria em meu nome suplicar a Vossa Excelência o favor de obter de Sua Majestade Imperial graça de permitir que o mimo seja apresentado a Suas Altezas Imperiais. Porém, senhor, a infância é atrevida e os pais têm fraquezas pelos filhos, assim, em nome dos meus, rogo que Vossa Excelência se digne obter a graça que eles pedem e disfarce a lhaneza, e candura de â nimo, a ousadia na oferta." Era o primeiro dos presentes escolhidos por Luísa para as crian-

ças imperiais. Quem sabe um dia, aquele que viria a ser D. Pedro II se lembraria deste brinquedo.

A vida familiar dos Borges de Barros tinha se adaptado à maneira européia de ser. Os passeios, as visitas a exposições e museus, assim como o trabalho doméstico compartilhado, já eram partes de um modelo tipicamente burguês que buscava o equilíbrio da atividade profissional com a felicidade pessoal. Por vários canais diferentes, sobretudo *misses* ou *nurses* — governantas empregadas entre as boas famílias —, esse modelo se infiltrou nas classes dominantes francesas. A anglomanía tornou-se uma forma de distinção. Adotavam-se os costumes de higiene, tais como o uso do sabonete, da latrina e da banheira, modas do vestuário, palavras (*home, baby, comfort*), maneiras de brincar, de sentir ou amar. As roupas, a linguagem, as atitudes em relação aos pobres, os serviços prestados à comunidade, tudo se convertia em critério do patriotismo civilizado. Tais modas passadas da Inglaterra para a França, D. Domingos queria trans-ferir para o Brasil.

O aconchego familiar em Paris, não livrava, contudo, D. Domingos do ninho de cobras em que se tornara o aparelho de Estado recém-cons-

tituído por D. Pedro I. Fofocas, notícias falsas e comentários maldosos também

eram ingredientes do trabalho diplomático. Não poucas vezes, abria-se com seu superior, dizendo-se magoado: "Não resisto a importunar Vossa Excelentíssima com o desabafo de meu coração tão partido, como sensível e independente. Calei os primeiros ataques, mas como continuam, vencem o silêncio." Queixava-se de que ora era acusado de despotismo, ora de nepotismo. O dinheiro que lhe enviavam do Brasil,

— defendia-se — nunca serviu para "passear pela Europa"! Ao contrário.

Servia para apresentar a "família com decência" que não desabonasse a nação. E concluía: "A vida diplomática é agradável quando se representa abertamente o monarca e se goza de imunidades e representação. Mas não quando, sem as vantagens, tem-se todo o trabalho e a obscuridade e somente o virtuoso prazer de dar-se ao sacrifício." Domingos reclamava que a difícil situação econômica do Brasil não ajudava a sua fortuna pessoal mas que, ainda assim, não pedia mais dinheiro ou favores. "A he-rança que mais quero deixar a meus filhos é a memória de que me votei à Pátria: a recompensa a que aspiro é a íntima convicção de haver prestado serviço ao Império e ao Imperador."

O modelo familiarista e patriótico no qual D. Domingos estava mergulhado refletia na preocupação que tinha com os filhos do jovem imperador. Morta D. Leopoldina, vivendo à sombra da marquesa de Santos

— o oposto de tudo quanto ele Domingos prezava e via se consolidar na vida européia —, as crianças reais estavam aparentemente abandonadas.

Mesmo a distância ele passou a influenciar na educação dos pequenos príncipes. O que comprava para seus filhos, enviava igual para Suas Altezas. De Paris saíam caixas com brochuras, livros e outros objetos elementares para a educação dos pequenos príncipes. A boa educação, explicava,

"deve ser nas monarquias o primeiro cuidado, e assim convencido adiantei-me em remeter livros, e mais objetos para servirem na educação de Suas Altezas Imperiais, brinquedos pela mor parte, porque é em sábios brinquedos que se ensina o gosto do saber".

Luísa entrava, sem saber, na vida de D. Pedro II. Mais tarde, teriam o que recordar em torno destas primeiras leituras, jogos e passatempos em comum. Eles folhearam, na mesma época, livros como as *Maravilhas da Natureza Viva*, o *Museu da Infância*, *O Egito e a Núbia*, *A Cabana do Pai Tomás*, a *Enciclopédia das Crianças Estudiosas, Obedientes e Religiosas*, o *Alfabeto do Pequeno Naturalista* ou a *Bíblia Para Crianças*. Para ele seguiam caixas de lápis para desenho, moldes, mapas, peças musicais e um pequeno globo igual ao que ela possuía.

A atuação de Domingos lhe rendeu dividendos. Na mesma época, ele foi agraciado com o título de barão da Pedra Branca. Tornava-se assim um dos "barões de massapé", alcunha que designava as terras ricas onde estavam os melhores engenhos e a gente de onde viria todo o apoio à monarquia. Afrancesados, que tinham o gosto da contemporização e que articulavam os contatos com homens de negócios estrangeiros, sobretudo com ingleses que prezavam a aristocracia dos canaviais. A notícia foi muita bem recebida pela família em Paris.

Nos meses de outubro, Domingos convidava os brasileiros de passagem por Paris ou estudantes — e havia muitos conterrâneos baianos

— para festejar o aniversário do imperador! Patriota ao extremo, Domingos não perdia a oportunidade de homenagear as datas nacionais: "Com minha família abrimos nossas portas, em gala vestidos no coração", escreveu. No mês seguinte, aporrinhações. Tendo enviado do "objetos de diminuto preço para a educação de Suas Altezas Imperiais", foi severamente repreendido pelos superiores, acusado de dilapidar dinheiro. Mais uma vez, o clima de implicância renascia. Ciumeira dos provincianos brasileiros, invejosos da provável boa impressão causada pelos cuidados com o futuro imperador.

Diante das críticas, D. Domingos não perdia tempo. Em gordas cartas, expunha as dificuldades pelas quais passava: só fazia gastos para sustentar a sua casa e algumas despesas "só para sustentar com alguma decência o nome do Monarca e da nação". Economizava tanto, que fizera de sua mulher a secretária da legação, como se podia constatar pelos papéis e cartas por ela escritas. Que Dona Maria do Carmo se despira de seus enfeites e jóias "para mimosear pessoas que

convém aliciar para o bem do Império". Explicava que, até em detrimento de sua saúde, as despesas tinham sido diminuídas ao máximo, e que em sua "Secretaria não teve uma cadeira ou canivete que custasse dinheiro do Estado como consta das contas". Doravante, não mandaria mais nenhum livro ou objeto para o Brasil, a menos que fosse solicitado.

D. Maria do Carmo anotava criteriosamente num caderno os créditos do marido. Não só as dívidas do Estado brasileiro e do imperador em pessoa, que fazia encomendas, mas de gente de passagem por Paris que se encontrava sem dinheiro: o próprio cônsul brasileiro, entre outros.

Chegou o Natal. E depois da festa, a agonia. Seu filho, Domingos, faleceu dia 5 de fevereiro de 1825. Era uma criança muito frágil, sempre me-recendo cuidados médicos. D. Maria do Carmo passou dias enxugando a baba da boca e o suor da fronte do pequeno. O padre veio murmurar preces em francês. O pequeno Domingos foi enterrado num dia gelado. Mas a dor não passou. Tomou-se luto como se faria por um adulto. Pranteado em casa, seus cabelos cacheados foram guardados em medalhões, usados pela mãe e a irmã, ambas vivendo na mais absoluta amargura. D. Domingos se queixaria por toda a vida pela ausência do menino. Registrou sua revolta até em testamento: "A morte o roubou em Paris!"

Era belo como um pequeno anjo. De talhe magro, mas bem proporcionado, os cabelos dançando sobre a cabeça como uma chama escura, o riso espontâneo, o andar gracioso e a fala inteligente. Antes de morrer, pediu ao pai que seus ossos repousassem em terras do engenho São João, onde brincara e fora feliz. O coração embalsamado, segundo o costume e a vontade dos pais, seguiu para o Convento do Desterro. Ao encontrar-se com outras mães, D. Maria do Carmo enxugava, com seus lencinhos rendados, intermináveis lágrimas de saudades.

Para eternizar a lembrança do pequeno, um quadro foi encomendado. Era moda da época reproduzir o morto entre os vivos. O pequeno Domingos aparece num busto em mármore, velando sobre o resto da família. No fundo tratado como cenário, as agulhas da igreja de Saint-Sulpice, no bairro de Saint-Germain-des-Prés, onde moravam. D. Domingos em indumentária napoleônica, Dona Maria do Carmo numa tristeza sem fim, Yayá (Luísa) estudando. O pai, desesperado, dava vazão ao sofrimento em poesias, como a intitulada "Os túmulos".

Domingos culpava o clima terrível por sua tragédia. Em Paris, os moradores sofriam com a umidade, o céu cinzento — a *grisaille* — e a poluição. Desde o outono, as folhas mortas turbilhonavam em espirais.

Nove meses por ano era a lama que se agarrava aos sapatos, o frio que enregelava o vento, e, muitas vezes, a neve, escondendo as ruas sujas.

Então as portas se fechavam hermeticamente, as cortinas escondiam as janelas e o tempo escorria gota a gota. A intensidade das precipitações era forte. Nada a ver com as chuvas tépidas que molhavam o Recôncavo e que, depois de encharcar a terra, deixavam o sol brilhar. A gripe matou a criança aos 10 anos de idade.

"Os sacrifícios da tranqüilidade, da fortuna, da saúde minha e de minha família foram feitos (e gosto de repetir) com vangloria; mas o da perda do meu filho, minha esperança, e posso dizer, um gênio roubado ao Brasil, excede minhas forças. (...) E forçoso que eu me entregue à minha dor por algum tempo para tentar arrancar -lhe tréguas, e ver se posso consertar corpo e alma, de modo que torne à Pátria, ou onde Sua Majestade Imperial julga que me deva colocar. Desejo passar algum tempo na Itália, fugindo ao clima que matou meu filho e traz minha família em constante moléstia. Eis a graça que imploro a Vossa Majestade Imperial."

Seguiram para a Itália, em busca de sol e calor. Os pais relaxaram quanto às exigências de estudos da menina. Corria na época a informa -

ção de que estudar muito também destruía a saúde. Um médico recomendou que D. Domingos desse a Luísa um jumento e a estimulasse a passear com ele.

Nada de livros, mas muita distração. Senão a pequena morreria como morreu o irmão. Em seguida, era D. Maria do Carmo que não parecia bem. Volta e meia, adoecia. Domingos escrevia aos amigos no Brasil, depois de passarem por Nápoles e Suíça: "A boa ma -

man continua a padecer. Só Yayá é valentona." No ano seguinte, tudo parecia ameaçador. "Só a educação da filha pode suportar as perdas que trazem a ausência das fazendas e propriedades e o câmbio destruidor (...) o que nos arrastou a tanto? Minha mulher continua a estar de cama. É mau começar a estação assim doente" — prognosticava. "Yayá está boa."

Na órbita desta família partida, movia-se Alexandre, um adolescente complicado. Um jovem que estaria passando, como diziam, então, os entendidos, "pelo momento crítico". Médicos e higienistas da época definiam a adolescência como um perigo para o indivíduo. Em busca de si mesmo, o adolescente era narcisista; ele procurava exclusivamente pessoas com a sua imagem moral e física. Sentia-se fascinado pelo espelho.

Seu desejo sexual ainda não definido o convidava à violência, diziam.

Um enclausuramento higiênico, para afastá-lo de más companhias, era imposto pela família. D. Domingos, que fizera um bom investimento na educação de Alexandre, deixou-o primeiro freqüentar, depois morar em casa. Nenhuma palavra sobre sua mãe. Ao contrário: "Maman" é como chamava D. Maria do Carmo. Yayá ou "mana" era Luísa. Domingos nunca o chamava de filho, mas ele, sim, o chamava de "papá". Amigos da família que freqüentavam a casa se sensibilizavam com o espírito de caridade de D. Maria do Carmo. Criar um bastardo com tanta paciência era digno de nota.

Algumas dificuldades com Alexandre faziam D. Domingos se interessar com "toda a madureza e especialidade" sobre os direitos do filho natural, "sem ofender os direitos da mulher e da filha". Problemas 59

invisíveis mordiam as bordas do dia-a-dia. O pai não era ingênuo. A morte do filho legítimo podia dar idéias ao natural. Nas cartas aos amigos, ele insistia em "fazer todo o bem a Alexandre, sem atacar os direitos de terceiros". De início, pediu licença aos superiores para deixá-lo como secretário da legação de que era ministro, Fazia-o para manter Alexandre por perto.

Mas D. Domingos se preocupava com a repercussão de sua atitude.

Aos superiores explicava que o rapazola tinha estudos suficientes, mas nenhuma prática profissional. Começaria a trabalhar como aprendiz.

E, receando pelo seu desempenho, sublinhava: "Comigo e na qualidade de agente secreto pode ir servindo, e ainda que sem hábil mestre, ades-trando-se para bem servir a Sua Majestade Imperial." E com escrúpulos quanto ao salário do menino, insistia, que recebesse somente o ordenado de adido, que era, aliás, baixíssimo.

Não deu certo. Poucos anos depois, Alexandre foi mandado ao Brasil. "Seria melhor que se fizesse lavrador em algum de nossos engenhos. E preciso enfim que tenha subsistência, e a melhor e a que dá independência (...) ele que faça o que quiser; nós o ajudaremos como pudermos, porem queremos saber esse 'como pudermos' como se exe -

cutará. Ele vai embarcado no navio *Malabar* para Salvador." Com mesada garantida de 30 a 40 mil réis por mês ia, segundo o pai, "abraçar a terra a que pertencia". Ia "vestido e calçado por muito tempo". E

Domingos acrescentava: "Sobre o negócio de o reconhecer é também uma recompensa que deve merecer por boa conduta." Na mesma épo-ca, rasgou a certidão de nascimento de Alexandre. O golpe foi baixo, mas providente. Parecia antever o futuro e os problemas que Alexandre traria para Luísa.

No ano seguinte, a vida seguia normalmente. Domingos continuava se empenhando em representar bem o Brasil. D. Maria do Carmo ora parecia bem, ora estava de cama. Luísa estudava. Em 1826, Domingos foi escolhido senador pela sua província da Bahia. Entretanto, esteve au-60

sente da posse e nem veio ao Rio para assumir o posto: "Que esperassem: Paris vale bem mais...", justificou numa carta. Ele estava cuidando da sua Yayá, então com 10 anos.

No mesmo ano, acompanhou a coroação de Carlos X, acontecimento que paralisou todos os negócios e afastou ministros e a Corte de Paris. Foram para Reims, a cidade na qual os reis franceses eram sagrados. Foi inesquecível o momento em que as portas da catedral se abriram e a multidão invadiu a imensa nave, enquanto quinhentas pombas eram soltas e voavam, aturcidas pelo som. do órgão e a fumaça do incenso. D.

Domingos aproveitou para se oferecer uma espécie de férias. Por conselho médico, passou alguns dias no campo e, com tempo livre, redigiu um projeto, "Notas sobre a segurança interior do Império do Brasil". Pediu que o plano fosse levado às mãos de D. Pedro I.

Luísa acompanhava a correspondência, as críticas e os debates, impregnando-se do espírito patriótico do pai. Ela aprendeu a amar o Império do Brasil. O cotidiano na França modelava solidamente uma personalidade na qual se misturavam duas culturas: a do Velho Mundo e a do Novo. A baiana e a parisiense. Vivendo entre adultos, Luísa fazia-se precoce. Era sabida e articulada. Circulava, com os pais, entre as personalidades do mundo diplomático e, filha única que se tornou, concentrava as atenções de D. Domingos, D. Maria do Carmo e a de seus amigos.

Afinou o sentido crítico. Estrangeira, sabia aparar diferenças que a permitissem mergulhar, sem arranhões, num mundo que não lhe pertencia por nascimento. Mas que ela fazia seu. A menina de engenho se fazia cosmopolita e aristocrática.

Em 1827, Domingos figurava entre os que buscavam desesperadamente uma noiva para D. Pedro I e, nesta missão, investiu todo o seu poder de fogo. A missão era espinhosa. D. Leopoldina havia deixado para trás, além dos filhos, dúvidas terríveis sobre a causa da morte. Morrera de desgosto e maltratada pelo marido. Outros invocavam a cena dantesca do covarde que dava pontapés na barriga da esposa grávida. Temia-se 61

que, leviano como era, ele levasse ao trono a amante, a marquesa de Santos. D. Pedro, murmuravam entre dentes diplomatas e autoridades, era o mais desmoralizado e desventuroso dos pretendentes. Mas, pelo império, era preciso que se casasse de novo. D. Pedro era jovem: tinha 28 anos e um único filho homem. E tinha suas exigências: queria uma esposa digna pelo nascimento, pela formosura, pelas virtudes e pela instrução. A tarefa era. difícil.

Os inimigos e os rumores palacianos procuravam desconcertar Domingos: "Aí tem Vossa Majestade a resposta de Pedra Branca, que espera o sim em poucos dias, mas não tenho confiança neste homem. Tudo é chalaça, tudo é hipocrisia", queixava-se um ministro de confiança do imperador. Alguns diplomatas sentiam-se inseguros, pois seus contatos no exterior nem tinham resposta, frustrando D. Pedro várias vezes. Domingos gabava-se de ter conhecimentos e influência nas Cortes européias, o que certamente alimentava a inveja dos cortesãos mais

próximos ao monarca. E apesar dos rumores que cercavam suas iniciativas, ele não desistia. Acionou seus contatos. Começou a redigir cartas, a realizar entrevistas e a escarafunchar nas complicações comuns aos processos nupciais. Com faro de especialista, procurou numa casa que, há década e meia, seria passaporte para a glória. Mas que, agora, significava far-do difícil de carregar. Havia quem achasse as ligações dos Beauharnais com Bonaparte perigosas. Mas foi numa casa aristocrática ligada aos Beauharnais, a de Leutchenberg, antes desprezada, que ele achou a jóia da coroa: Maria Amélia, uma menina rosada e com todas as qualidades sonhadas pelo futuro marido. A família aceitou o pedido. Assim terminava a humilhação do Imperador, recusado de porta em porta por dez princesas.

Apesar do que diziam contra ele, D. Domingos teve o reconhecimento do imperador, que se apaixonou instantaneamente pela prome -

tida. Agradecido, cumulou o alto funcionário baiano de comendas. Por este serviço, obteve a Gran Cruz da Ordem de Cristo, a dignitária da **62**

Rosa, e recebeu, a 18 de outubro de 1829, o título de visconde com gran-deza através de decreto. Por outro lado, a família de Beauharnais lhe ficou eternamente devedora. A jovem arquiduquesa fora o primeiro membro da família Bonaparte, tão cruelmente atingida em 1815 com a queda de Napoleão, que subia a um trono. Era o fim do ostracismo no qual a família foi mantida por todas as casas principescas. Os Beauharnais e os Bonaparte sentiram grande alegria e dedicaram sincera gratidão a Borges de Barras, que foi o agente deste retorno ao prestígio. Mais para a frente, o destino de Luísa a levaria às portas desta família.

Mas, em 1831, um novo drama deixaria os Borges de Barros em pe-daços. D. Maria do Carmo engravidou, tentando preencher a lacuna deixada pelo filho morto. Longe das parteiras do engenho, porém, a mulher, vítima de tantas moléstias, não agüentou. O parto difícil levou mãe e filho. A família pequena, piedosa e intelectual, na qual todos se agarravam como uvas num cacho, se partiu. D. Domingos olhava com desespero as ruínas do que fora sua felicidade. Como Orfeu, não pôde reconduzir Eurídice à luz do dia. Escrevendo a um amigo, dizia-se o "mais infeliz dos homens". E gemia: "Foi perda irreparável", havia de passar a vida em "constante e doloroso luto". E concluía, ressentido: "Espero deixar o retiro que escolhi para entregar-me livremente a meu mal, só querendo partir para ir dar o resto dos meus dias a Nossa Pátria, à qual consagrei

a vida e perdi esposa e filho."

O infeliz viúvo tomou horror à cidade de Paris, onde perdera dois de seus entes mais queridos. Pediu demissão e se retirou com sua filha e uma governante inglesa para Boulogne-sur-mer, pequeno, mas sofisticado balneário onde Napoleão costumava passar temporadas. A cidade era também recanto de acolhida para ingleses endividados e expatriados.

O convento das Damas da Anunciação conjugava um belíssimo cenário medieval com educação de primeira ordem. Frequentado por meninas francesas e inglesas que cruzavam a Mancha para ganhar um polimento suplementar, o ambiente iria fazer Yayá se recuperar da perda da mãe.

De início, Luísa sofria. Tudo era luto pela falta de D. Maria do Carmo. Luto ao entrar em seu quarto e reconhecer nos objetos o seu perfume. Pouco a pouco, a juventude fez o seu trabalho. No princípio, o silêncio não era o signo de uma vitória contra a dor, mas o produto de um esforço para dissimulá-la. Esforço produzido pelos imperativos da boa educação. Luísa acabou banindo a morte da memória. Lentamente,

enterrou a mãe, enquanto a aliança com o pai ficava mais e mais forte.

Em Boulogne-sur-mer, Luísa conheceu a senhorita Maude Hartwell, que se tornou sua melhor amiga. O Sr. Hartwell também ligou-se estreitamente ao senhor de Pedra Branca. Quando Domingos, pressionado por seus amigos e correligionários para vir enfim ocupar sua cadeira no Senado, resolveu vir para o Brasil, o Sr. Hartwell se ofereceu para ficar com Luísa em sua casa. Seria tratada como uma filha durante a ausência do amigo.

Pedra Branca aceitou e partiu para o Rio de Janeiro. No mesmo navio, viajavam o conde de Saint-Priest, recentemente nomeado ministro da França no Brasil, e seu jovem primo, o visconde de Barral. Ambos se tornariam amigos de Pedra Branca. O encantamento de D. Domingos com o conde de Saint-Priest não podia ter sido maior. Filho de um nobre e livros com uma princesa russa, neto de um dos últimos ministros de Luís XVI, Saint-Priest fora educado na Rússia, tendo viajado de Istambul a Verona, de Mitaü a Lisboa. Desde cedo, esteve imerso no mundo diplomático e no das letras e das ciências, na proximidade com os reis e rainhas europeus. Ele se tornaria um interlocutor de valor inestimável.

Além do mais, lembrava a D. Domingos da sua juventude: o exílio, a

proximidade com poetas e cientistas, o terror depois da Revolução Francesa, as fugas, as conspirações, a restauração, enfim. Era o companheiro de idéias e de viagem ideal.

Já o jovem Eugênio era primo do príncipe Luís Napoleão e afilhado da rainha Hortência de Beauharnais, filha da imperatriz Josefina. Pertencia a família que devia tanto a Domingos pela colocação de um dos seus, no caso a linda Amélia, no trono do império do Brasil. Domingos mal podia imaginar que esta amizade mudaria o destino de Luísa. Nas esferas, as Parcas e as Musas começavam a embaralhar os fios do destino.

Eugênio de Barral, em vestes de montaria e chapéu de palha, à época ao Brasil, no Recôncavo baiano.

Capítulo 3

Os mais belos olhos do mundo

Enquanto o pai se atarefava com negócios diplomáticos, Luísa passava de menina a moça. Menina, seu cotidiano foi variado. Em Paris, a caminho das lições particulares de piano e balé cruzava com os vendedores de delícias como os *macarons* e os *plaisirs*. Brincava com bonecas que a ensinavam a vestir-se na última moda, cada qual com seu guarda-roupa de cortar e colar. Montava a cavalo nos jardins do Museu de Cluny, cu jo diretor era amigo de seu pai. Indiretamente, participava de cenáculos literários que, na época, tinham substituído os *salons*. Frequentava com o pai o Teatro Lírico, o Circo Imperial e o Odéon, conhecido como

"teatro da imperatriz". Aprendia que a falta de discrição, a conversa fútil e a vulgaridade eram características detestadas pelos homens. Aprendia também que as mulheres deviam ser passivas e dóceis e que ser dona de casa era natural. Também lhe diziam que a divisão entre os sexos constituía a única base possível de harmonia social.

Adolescente, as feições infantis deram lugar a um rosto oval, emoldurado por cabelos escuros separados por uma raia. Os cachos caíam a partir de uma fita em diadema. Os olhos de veludo se abriam sob sobranceiras oblíquas, que sublinhavam certa feminilidade sonhadora. O queixo marcado apontava a personalidade voluntariosa. E o pescoço longo, abrigado em golas estilo diretório, dava acabamento à jovem bonita. Ela recebeu uma educação esmerada.

Falava fluentemente várias línguas, escrevia cartas com desenvoltura, gozava de uma naturalidade e finura que marcavam o estilo da época. Sua formação incluía ainda aulas de equitação e de nata-

ção, curso para os nobres desde antes da Revolução Francesa.

Neste período, já morando em Boulogne -sur-mer, Yayá assistia aos primeiros passos de D. Domingos para os arranjos de um casa -

mento para ela. Compreendeu cedo que o esforço de educá-la estava relacionado com a possibilidade de lhe oferecer a melhor aliança matrimonial possível. Afinal, Yayá era um investimento. E um investimento tão mais importante quanto os tempos eram bichudos. As queixas sobre as dificuldades financeiras se acumulavam: "O serviço do Brasil empe-nhou nossa casa." O pai havia sido obrigado a vender dois engenhos e uma casa em Salvador: "Que nos basta a de São Francisco", resmungava, desolado, D. Domingos.

E quem seria o escolhido para oferecer a Yayá uma situação excelente, dando ao mesmo tempo a mão ao sogro? O "amigo de coração"

e de juventude de Domingos, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, o marquês de Abrantes. Era um homem velho e feio. Fora seu colega em Coimbra e lutaram juntos pela independência da Bahia. Tiveram mandatos de deputado na mesma época e partilhavam as mesmas trilhas no corpo diplomático. Domingos em Paris, Miguel em Londres.

E este grandioso casamento inspirava todo tipo de rumores. As prendas de Luísa já eram conhecidas no Brasil. Cartas iam e vinham, cruzando o Atlântico. Abrantes queixava-se com Domingos que era motivo de riso. "Pedra Branca está mangando de você. Pedra Branca não lhe daria a filha", diziam. Surgiam intrigas procurando perturbar o acordo selado entre os dois amigos. Uma delas foi repelida, aliás, com energia por D. Domingos. Ela lhe atribuíra o propósito de preferir talvez o jovem Brandt, futuro conde de Iguaçu, a Calmon. O ano era 1830 e Luísa ia completar 14 anos.

Mas, desde os 12, a criança estava prometida ao amigo, a quem D.

Domingos assim escrevia, justificando a expectativa: "Convém acabar a educação e esperar, como está convencionado, aquele a quem ela deve unir-se." E, todo orgulhoso com os bons modos da filha, dizia para o noivo: "Yayá

preenche o fim a que a propus, e é ganhar em conhecimentos e talentos, sem diminuir em simplicidade. É mulher no corpo, na idade, no siso etc. E menina nos costumes. Sai da sala de conversa cora **68**

senhoras e homens e vai brincar com a *poupée*; quando lhe falamos em negócio de casamento, ri ou corre e diz: 'deixem-me brincar enquanto é tempo.'"

Multiplicavam-se as cartas de D. Domingos com Abrantes, na tentativa de amarrar uma escritura de sponsais, ou seja, um contrato nupcial entre a menina, que ainda aprendia a ser moça, e o já afamado parlamentar, senador e ministro: "Sobre o negócio por excelência, tudo lhe foi remetido." Ta is contratos envolviam a discussão sobre o dote de Luísa e os bens do futuro marido. Aflito com as fofocas que envolviam as negociações, Domingos acalmava o amigo, advertindo-o: "há desejos de o pôr em apertos. Você pode sair deles não tendo mais do que mostrar as minhas cartas, a fim de que vejam que o negócio é antigo, decidido, e não um jogo em que se muda de parceiro, quando a partida não vai a contento." O tal negócio era o casamento.

De volta à Europa e com a esposa tragicamente morta, Domingos passou a se dedicar inteiramente à filha, aprimorando ainda mais sua educação. O que mais para fazê-la se destacar? Na Bahia daquela época, uma menina bem-educada tinha aulas de português, francês e lições de piano. As nascidas em engenhos iam para conventos na capital ou para pequenos pensionatos privados. As leituras eram livros de devoção. Durante os trabalhos de agulha, se contavam episódios da história sagrada.

Isto era tudo ou quase tudo. Já em Paris, desde o século XVIII, se oferecia uma escolha impressionante de espaços educativos.

D. Domingos sabia que a escolha de uma boa escola era fundamental. O problema era o quanto se queria gastar: um pouco, quase nada, muito? Outros critérios também eram claros: a menina voltava ou não para casa na hora do almoço? Dormiria na escola? Precisava aprender o mínimo para se sair na vida ou investiria em talentos próprios para brilhar na alta sociedade? Em Boulogne-sur-mer, optou por um pensionato one-roso dirigido por irmãs educadoras. As religiosas, por sua vez, retribuía com um saber mais sólido, aproximando-se de um colégio de meninos. A **69**

idéia era a de que a ignorância trazia vícios e a preocupação era oferecer

"excelente educação às jovens senhoritas de primeira qualidade". O esfor-

ço era de substituir a educação mundana e frívola, como a que existia até a Revolução Francesa, por alguma coisa mais consistente. Mas se o leque de conhecimentos se ampliava, o de liberdades pessoais se estreitava. No fundo, o que se valorizava era a vida doméstica e a maternidade.

Outras preocupações? Era preciso esconder o corpo feminino, in-contornável objeto de desejo, e, também, neutralizar as manifestações físicas que remetessem à sua feminilidade. Certa modelagem rígida, que passava, inclusive, pelo uso de espartilhos, deveria apagar completamente sua sensualidade. Para isto existiam regras que, quando não cumpridas, eram substituídas por orações e castigos. Proibia-se olhar o próprio corpo e, para trocar de camisa, só de olhos fechados. A profusão de normas para regulamentar este aspecto da vida das alunas tinha no constrangimento físico um dos primeiros objetivos: acordar cedo, pular da cama, fazer orações e uma toalete de gato — lavar boca, mãos e cortar unhas —, ir à missa, comungar, tomar o café-da-manhã. Era considerado indecente apoiar-se no encosto da cadeira, colocar cotovelos na mesa, roer unhas, esticar braços e pernas, ter pés escondidos sob as saias. Nas ruas, a caminho da igreja, a lei era andar de olhos abaixados, braços cruzados, quase deslizando. Impunha-se a inocência, ou seja, a ignorância absoluta de seu sexo, mais do que pudor. Interiorização, mais do que educação, era a regra. Sim, as proibições eram mais importantes do que o desabrochar das personalidades.

Ensinava-se também a distinguir entre o indispensável e o supér-fluo. Comida, higiene, roupas, por mais necessárias que fossem, levavam ao risco de imoralidade e dos excessos do século. A escolha tinha que apontar para o estritamente necessário. A virtude se infiltrava nas questões mais triviais, como, por exemplo, o conteúdo dos pratos. Era importante acostumar-se a comer de tudo; não dizer não gosto disto ou daqui-lo. Outra regra: nunca parecer tola ou cabeça-de-vento. "Eu vos peço, **70**

Senhor, que minha recreação seja inocente", rezava-se antes de brincar.

O lazer era o teatro com peças castas e devotas. Os estudos se estendiam de 7h às 11h, depois, das 12h30 às 18h. Às 19h45 estavam todas na cama.

A formação monástica marcava todas as que tiveram a experiência. Luísa jamais as esqueceria e, mais à frente, tentaria implantar este tipo de educação no Brasil.

Yayá foi misturando influências. A formação severa das freiras juntou o charme da vida social. Dava a impressão de que as pessoas de bom nascimento vinham ao mundo sabendo de tudo. Escrevia cartas com graça, fazendo a crônica mundana com a espontaneidade da fala. Cedo revelou esse dom natural. Aos 14 anos, momento em que o rei Luís Fe -

lipse de Orléans subia ao trono, escrevendo ao meio-irmão, por exemplo, comentava:

"Há oito dias vemos tudo tricolor. Quer dizer que estamos em Paris [...] Imagine que cortaram as belas árvores dos bulevares para fazer barricadas; algumas do Champs-Élysées tiveram a mesma sorte. Você não reconheceria Paris se você voltasse. A sociedade é completamente diferente." Ou "Hoje fomos assistir a uma revista da Guarda Nacional passada por Lafayette. O duque de Chartres, agora duque de Orléans, aí estava em simples soldado. Seu uniforme era charmoso. De lá fomos para o Bois de Boulogne e neste momento acabamos de almoçar e estou em meio a muitas pessoas que bebem *anissette*".

Cartas da adolescente já revelavam o interesse por uma variedade de assuntos e a malícia dos comentários: "Brant não se portou muito bem. e, ao que parece, seu jovem coração se deixou tocar pelos belos olhos de uma senhorinha não tão jovem; que diria seu pai?" Suas cartas tinham sempre algum traço humorístico. Numa delas, brincava com Alexandre: "Eu daria bem dois vinténs para te saber bem casado, meu pobre menino. Há muito que esta relação se arrasta. Você deve estar bem magrinho, não? Não posso me impedir de rir; mas é singular que o amor, uma coisa que torna tão feliz, o faça tanto sofrer. E, você há de confessar, é um estranho prazer."

71

E sem deixar de lado sua feminilidade e confiante dos seus atrativos, registrava: "Estou muito bem hoje, e esta noite vou até no baile oferecido pelo senhor Itabaiana. Não me penteio mais à Clotilde, mas com bandos baixos, sobre a fronte; esta noite irei em crepe branco com um cinto numa fita rosa glacê e uma rosa branca nos cabelos. E de muito bom gosto, não? Não se usam mais jóias, sabia? Te digo tudo isto para que você o repita para Júlia [então noiva do meio-irmão]. Só as senhoras usam cor à noite, as senhoritas estão sempre de branco." E acrescentou: "Não sei se minha carta conservará, até o Brasil, o perfume que tem hoje. Ele é um pouco forte para atravessar o mar!"

Com a esposa morta, Domingos adquiria novo papel na vida da filha. Possuía duplos poderes. Por um lado, dominava totalmente o es-paço público, encarnado no diplomata bem-sucedido e no homem de *bel esprit* que a protegia. Por outro, seus poderes também eram domésticos.

Seria um erro pensar que, na falta de D. Maria do Carmo, Luísa cuidasse sozinha do lar. Em primeiro lugar, Domingos era o senhor do dinheiro.

Como tantos dos seus contemporâneos, ele controlava as despesas do-mésticas, entregando à filha uma soma por vezes apertada. Afinal, estavam empobrecidos. Além do que dizia respeito às finanças, as decisões pedagógicas, principalmente no que se referisse à educação de Luísa ou sua futura aliança matrimonial, também lhe cabiam. Era também com a desculpa das fraquezas femininas que o pai lhe vigiava as visitas, os passeios e até mesmo as cartas. Ao mesmo tempo, como autêntico Pigmalião, ele ensinava Luísa a se vestir, a se pentear, a realçar sua beleza. O

mesmo pai que introduzia a filha aos rigores da moda também cuidava do lar e da moral familiar. O patriarca D. Domingos reinava como um deus no tabernáculo da casa.

A educação da menina na França e a política prendendo Miguel Calmon Du Pin e Almeida no Brasil adiaram a cerimônia. Mas, afinal, chegou o tempo em que os ausentes deviam regressar à Bahia, onde se realizaria o matrimônio. Era já em 1835, e novidade total: Luísa reivindicava o direito **72**

de escolher o próprio destino. Como se dera a reviravolta? Com a educação que recebeu, Luísa não conseguiria fazer um casamento arranjado. Depois de anos de educação européia, e de conversas com o pai sobre os direitos da mulher, a filha se sentia no direito de escolher por si. Sabia da diferença de idade do pretendente. E mais, seu jovem coração já tinha dono.

A atitude era revolucionária. Uma menina-moça colocada a querer mudar o programa? Impensável! Pois aconteceu... O casamento com o velho amigo do pai parecia coisa murcha. D. Domingos, como o deus do tabernáculo doméstico, tinha os pés rachados.

Luísa tomara corpo e não faltava quem suspirasse por ela. O rapaz que seu pai conhecera a caminho do Brasil, apresentado pelo conde de Saint-Priest, era um deles. Quando ambos voltaram à Europa, ele viera a Boulogne-sur-mer algumas

vezes visitar D. Domingos. O jovem Eu-gênio, conde de Barral, mostrava-se curioso das coisas do império. Perguntava das formas de lá ganhar a vida e fazer fortuna. E a curiosidade aumentava no convívio com Yayá.

Ele lhe fazia a corte. Em francês, ,dizia-se, então "*faire l'amour*". E o que era, então, fazer amor? Era receber suas visitas nos domingos depois da missa. Eugênio se apresentava, jogava uma partida de dados ou cartas e pedia licença para voltar no fim. de semana seguinte. Depois de muitos domingos, lhe foi dada permissão de levá-la a passear no jardim da casa dela.

Rezando para que fizesse bom tempo, Eugênio passava de simples visitante a "*epouseur*". Ou seja, alguém que queria casar-se com Yayá. Nesta condição, ele tinha o direito de estar a sós com ela, no máximo, a cinquenta passos do pai. Entre os canteiros, ele aproveitava para lhe declarar seu amor. Dono de um rosto atraente, corado e franco, Eugênio, a lém de homem belíssimo, pertencia a uma das mais antigas famílias da nobreza francesa. Gente do Dauphiné, região a leste da França, que tinha ali plantado uma torre defensiva desde o século XIII: era a Torre Barral. Seu pai não só era conde de Barral, mas também marquês de Montferrat e de La Batie d'Arvillars, além de ter sido pajem de Napoleão. Seu avô fora político e presidente do

parlamento de Grenoble, cidade-palco das agitações que levaram à Revolu-

ção Francesa. Nascido com uma colher de prata na boca — como então se definia a elite —, ele circulava na Corte, mas tinha também a curiosidade de seu tempo em relação ao jovem império brasileiro. Ele também avaliara Yayá e a julgara em condições de lhe trazer um bom dote.

O ritual que precedia qualquer pedido de casamento tinha regras rígidas. O pretendente tinha que se apresentar bem e de humor encantador. Diante dele, só se falava nas virtudes da família Borges de Barros, desde tempos imemoriais. No caso de Luísa, contava ainda o atrativo destas terras virgens e ricas que os esperavam no Brasil. Temia-se — o que não era incomum na Europa — que os pais do noivo arrandassem um partido melhor. Nestes casos, não havia paixão que resolvesse. Ele teria parado de freqüentar a casa de D. Domingos. Yayá teria se consolado e a ronda de cavalheiros, continuado. O problema era chegar aos 21 anos.

Nesta idade, o pai sabia que a mercadoria começava a perder o valor. E

que o primeiro que pedisse sua mão a levaria. Mas não foi o caso.

Em carta de Boulogne, ela contava envaidecida ao meio-irmão: "No inverno passado, fui pedida em casamento por um belo jovem que se tomou de paixão por mim; para dizer a verdade, pois você quer confidências, ele me agradava bastante, mas eu o recusei. Foi muito constrangedor na minha posição, mas me saí adequadamente. Ele é francês e tem os mais belos olhos do mundo. Eu talvez tenha feito uma bobagem, mas dá no mesmo. Ele me disse que voltaria, quando papai retornasse a Boulogne, para me pedir novamente em casamento. Veremos. Você não o conhece. Não direi seu nome."

Sentindo-se presa ao compromisso que o pai tomara, recusou com pesar aquele pedido, esperando a segunda investida prometida pelo jovem, dono dos belos olhos que a encantaram. Em dois anos de tenacidade, o conde de Barra l acabaria vencendo as últimas resistências da filha e do pai. Casava-se com uma jovem que mal saíra do convento e que só tinha olhos para ele. Que além disso lhe abria uma vida nova, num **74**

novo império. Eugênio de Barral tinha muitas qualidades. Só não tinha dinheiro. Nem um tostão furado.

Desconsolado, Pedra Branca se abria com um amigo: ao vir buscar a filha para casá-la com o prometido noivo Calmon, ouviu dela que desde *Retrato do noivo recusado: Miguel Calmon Du Pin e Almeida*, o poderoso marquês de Abrantes.

menina fora criada na França. Que seus hábitos, suas relações e afeições aí residiam, e não no Brasil, do qual só guardava "fracas memórias". O

país tropical não a seduzia. E se a França a retinha, a escolha do seu cora-

ção ia decidir. A desculpa era esfarrapada; mas a decisão, inelutável. Ela não voltaria atrás.

Domingos, coitado, não se conformava. Desfazer o compromisso e a palavra empenhada era vergonhoso. Rompia, a contragosto, a tradição dos casamentos entre famílias conhecidas. Foi tudo em cima da hora, pois, pouco antes, Calmon escrevia a amigos anunciando que iria para a França se reunir com "sua nova família". Domingos confessava: "Sofri muito e sofro ainda; mas o pai é guarda e conselheiro da filha, deve arredar-lhe os tropeços e não a constranger para o ato de que depende todo o porvir dela. Diversos pretendentes se apresentaram para noivo e dentre eles o preferido foi o visconde Eugênio de Barral, nome que lhe foi dado por seu padrinho, o príncipe Eugênio, e a imperatriz Josefina; ele é sobrinho do marquês de Beauharnais; tudo fala a favor do Sr. Barral.

Mas o Sr. Barral não é brasileiro." Um golpe para um patriota como ele.

Um golpe, também, nas suas finanças. Doravante, não poderia contar com um genro rico. Eugênio renunciara mesmo à promoção da legação diplomática francesa para casar-se e acompanhar Luísa ao Brasil. E Domingos terminava com um conselho: "se Vossa Excelência tiver filha, não a eduque fora da pátria."

Em junho de 1836, menos de um ano depois de ter rompido por escritura o contrato de casamento com Calmon, Luísa ficou noiva. Apesar da má vontade com a decisão da filha, no mesmo mês Pedra Branca dava notícias do passeio a Grenoble, no Dauphiné, em visita à família: "ele é Barral pelo pai, Beauharnais pela linha feminina; a saber, sua avó era irmã do pai do príncipe Eugênio." Sobre "a conduta do rapaz nada há a dizer, mas eu ainda não pude me fazer à idéia de tal união e o coração não se satisfaz". Triste e vexado D. Domingos, vexado e triste Calmon. Felizes Luísa e Eugênio.

Em cartas para o Brasil, ela contava os preparativos da grande viagem de

retorno. Os comentários sobre a partida dos Borges de Barros variavam. Alguns amigos diziam a Domingos, "vá, mas deixe sua filha".

Outros, "não vá de jeito nenhum!". As inquietações de Domingos eram muitas: o calor, o tipo de vida modorrento, as temidas "revoluções".

Pelo menos na Europa elas já tinham acontecido e ele as conhecia de cor. Yayá se fingia de corajosa, prometendo acomodar-se à nova situa-

ção, com uma condição: que trabalhassem para voltar logo ao Velho Mundo. "Eu saboreio cada divertimento como uma criança que prolonga seu prazer ao comer uma fruta lentamente." Paris deixava saudades.

Logo agora que viera de Boulogne já tinha que deixar a cidade-luz!

"Papai me comprou uma boa provisão de livros para ler durante a tra-vessia. Prepararam-me um guarda-roupa também. Em suma, me equi-param para a viagem."

Depois houve festas de despedidas, visitas e adeuses. "Nossos amigos nos fartaram de gentilezas." Neste ritual, retratos eram trocados.

Governantas inglesas vinham se oferecer para acompanhar pai, filha e marido aos trópicos. Luísa ainda arranjou tempo para ir a um baile na Corte, onde só não dançou mais porque os sapatos novos não deixaram.

E tinha tempo para compará-los aos que freqüentava em Boulogne-sur-mer, com ingleses bobos, música detestável e salões mal decorados.

As fofocas sobre os casamentos e amores não faltavam: a amiga X foi pedida em casamento; o noivo tinha 50 mil libras de renda anuais. X

casou-se com o senhor Macedo, encarregado de negócios do Brasil em Portugal.

Com o casamento acordado entre as famílias Borges de Barros e Barral, D. Domingos decidiu: iriam partir em julho para o Brasil. Sonhadora, Luísa organizava este retorno. "Depois de passar o dia entre os canaviais, as galinhas, a enfermaria, as vacas, os porcos, ovelhas e companhia, será preciso valsar, à noite, para se recivilizar." Pintava, em sua cabeça, quadros idílicos de vida campestre que pretendia amenizar com

um salão rústico para os serões da família. Pobre Luísa, tão longe estava da realidade. Mas qual era a realidade?

O que os levava de volta ao Brasil era o pó doce e branco: o açúcar -

car. Os preços tinham voltado a subir, desde o final do século XVIII, e houve uma expansão da produção. Os problemas que a Independência pudesse ter causado às exportações já estavam resolvidos. Em 1830, se exportou mais açúcar do que em qualquer época anterior. Novos engenhos se instalavam, acirrando a concorrência. A oferta abundante de escravos recém-importados da África estava à disposição para suprir as plantações da mão-de-obra de que precisavam.

Apesar da euforia, os Borges de Barros mal sabiam que os piores anos estavam a caminho. No final desta mesma década, os senhores que investiram na modernização de moendas e outros equipamentos para beneficiar a cana iam arrancar os cabelos. A paz na Europa e a expansão da produção em outros lugares da América, especialmente em Cuba, deram início ao declínio dos preços do açúcar. Barreiras tarifárias excluía o açúcar brasileiro do mais importante mercado: o britânico. Enquanto um quintal ou quatro arrobas de açúcar das colônias inglesas nas Antilhas estava sujeito a uma tarifa de apenas 30 xelins, a mesma quantidade de açúcar-

car estrangeiro pagava 63 xelins na Grã-Bretanha. Os preços que come-

çavam a periclitare e a exclusão do mercado britânico contribuíram muito para criar um novo período de estagnação na indústria açucareira baiana.

Ao mesmo tempo que o preço dos gêneros de exportação declinava, o de escravos subia. Domingos não podia adivinhar todas estas mudanças. Ele acreditava que a onda de altos preços poderia se prolongar. Depois, não tinha mais escolha. Era apostar nisto ou viver de alguns investimentos feitos nos bancos ingleses.

Resolveu enfrentar o desafio. O velho político e diplomata dora-vante calçaria botas para percorrer seus engenhos. Por carta a Alexandre, distribuía ordens

como se o rapaz fosse apenas um feitor. Ele não queria que o genro e os criados brancos que os acompanhavam se assustassem com "rios cheios e a lama que é o que põe mais medo aos estrangeiros".

Que preparasse as estradas. Que construísse mais quartos no engenho e na casa de Salvador. Domingos levava com ele seis casais de colonos. Que tivessem casas prontas em São João e São Pedro. Queria cavalos bons para ele, "Yayá e seu marido". E sempre rosnando com o filho natural prevenia: "levo uma carruagem, e preciso de uma parelha de machos ou mulas, assim queira ocupar-se em havê-las e o Chico e o Atanásio — escravos — que se exercitem na arte de boleiros."

A falta de paciência com Alexandre tinha razão de ser. O rapaz não acertou no serviço diplomático e foi mandado para a Bahia, onde também não se saiu bem. Endividara-se, não dava notícias e mal trabalhava, embora já fosse casado. Também não fizera bom casamento. A família de Júlia, sua eleita, era pobre e desconhecida. As cartas de D. Domingos não escondiam certa irritação com sua negligência na administração dos negócios de que fora incumbido. "Faça untar o gado com decocção de fumo, para evitar moscas", "consulte a gente entendida" ou "faça esfor-

ços para bem administrar os engenhos". O tom ia subindo até chegar a críticas ríspidas: "Cada vez mais me admiro do descuido e desleixo em cumprir o encargo de que se incumbiu. O que é isto?" ou "é claro o que eu quero que se faça. Portanto, não há desculpas. É não se afastar das ordens que eu dei".

Alexandre estava sempre atrás de dinheiro. A mãe de D. Domingos, D. Luísa, morrera? Ele corria, não para dar os pêsames, mas para saber o que tinha a receber. D. Domingos respondia, com irritação, prestando-lhe contas de partilhas e negócios de família, aos quais Alexandre não tinha qualquer direito. Afinal, a situação da família era resultado do dote de D. Maria do Carmo. Sobre este, só Yayá tinha direitos.

A prendada, afortunada e bela Yayá casou-se com o visconde de Barral a 19 de abril de 1837, em Boulogne-sur-mer. A cerimônia, explicava ela em carta, não se realizou em Paris para evitar a confusão ou "o tralalá".

Afinal, "eles conheciam tanta gente"! Seria difícil convidar todo mundo.

D. Domingos versejava, antecipando a falta que a filha lhe faria: "Meus votos, minha esperança/ tudo se encerrava em ti/ só me restavas no mundo/ tudo o que eu tinha perdi." A lua-de-mel de dois meses transcorreu em Bourges, perto da família de Eugênio. A jovem que subia ao altar tivera a melhor educação possível e ia adquirir a liberdade que o matrimônio oferecia às mulheres casadas. Misto de musa, madona e rainha do lar, Luísa juntava duas tendências de comportamento feminino que caminhavam lado a lado, naquela época.

Uma, a da esposa que trocava a modéstia e a pudicícia, duramente adquiridas no pensionato, pela esperteza. Autores que tratavam do as -

sunto diziam que e la enrubescia, não mais por timidez mas por orgulho ferido. Que, em pouco tempo, viveria em apartamento separado do ma -

rido. Seria citada como amável e disponível nos jantares que freqüentava e chegaria à casa às cinco da manhã. Dirigiria a palavra e sorrisos ao marido nas reuniões formais, mas, em casa, nem o veria. Qualquer queixa dele seria respondida com acusações de que não passava de um avaro e ciumento. Esta imagem feminina referia-se às "maravilhosas": fêmeas independentes que gozavam de um grau de liberdade especial.

Além de não ter compromisso com o trabalho ou a procriação, investiam seu prazer na vida social. Nela, dominavam a conversação, que era uma arte na França. Em meio aos jantares, falava-se de tudo. De metafísica, moral, literatura e política. Era um prazer delicado que pertencia a uma camada social extremamente bem adestrada, que instituíra regras refinadas sempre mantidas. Alguém que não as conhecesse era considerado tão surdo quanto mudo. As "maravilhosas" também eram conhecidas por trocar o amor pela *coquetterie*. Os apelos do coração, pelos artifícios do sentimento.

Luísa não era destas, mas as conhecia. Conhecia socialmente ou da literatura. Em 1831, por exemplo, Balzac já escrevera sobre tal *coquette*, mulher de 30 anos, cuja beleza fenecia no perfume de um verão. De natureza fria na aparência e unicamente apaixonada por si própria, seu único **80**

prazer consistia em receber as mais variadas homenagens. Seu objetivo eram as

emoções e pequenos prazeres. Para manter o poder de um tal posto era preciso equilibrar sua vida entre a segurança, a prudência e a política, arte na qual a jovem Yayá iria se destacar.

Ao lado das "maravilhosas", vicejava um outro modelo feminino bem trabalhado no colégio das irmãs educadoras. O da mulher inatingível, capaz de renunciar a tudo para fazer o outro — o marido, de preferência

— feliz. Ele era inspirado no doce rosto da Virgem Maria, percebido em meio ao turbilhão de incenso das igrejas. A religião se feminizava. Ser mãe era ser católica. Maria concebida sem pecado era, por excelência, a matriz da castidade. As Missões pela Propagação da Fé e do Rosário, percorrendo a França, passavam também por Boulogne-sur-mer, em cuja praça plantavam uma cruz e pregavam em favor da devoção a Maria.

Entre pecadora e santa, Yayá saberia forjar sua personalidade. De ambos saberia pinçar o que lhe interessava para encantar, ter poder e, como gostava de dizer, "dar cambalhotas pelo mundo".

Em 1837, como uma serpente que abandona a pele, Luísa deixou para trás os pesados casacos de inverno. Tudo o que queria era rever, refletidos nos "mais belos olhos do mundo", os engenhos São João e São Pedro. Romantismo à parte, D. Domingos avisou que a vida nos trópicos ia ser complicada. Era o fim dos bons tempos. Conforto? Nenhum. Vida social, mínima. Não haveria os atrativos da cidade, que escoavam como um rio, para distraí-los. Do genro que trazia os bolsos vazios, esperava que pelo menos lhe desse a mão.

No final de julho, em Paris, fizeram as derradeiras compras, embrulharam os últimos pacotes e fecharam as valises. Um grupo de brasileiros e de ingleses passou para as despedidas. Em seguida, partiram de trem para a Normandia. No dia que antecedeu ao embarque, pernoitaram num hotel sórdido, à luz de tocos de vela. Luísa anotou no diário: "Dormimos todos no mesmo quarto, roídos por toda espécie de vermes." No Porto de Rouen, Eugênio foi o primeiro a se aproximar do barco a vapor. Sua 81

maior preocupação era vigiar as bagagens sob o calor tórrido. Além dos

"cartões", ou seja, as grandes embalagens em papelão, havia dois cachorrinhos; Papillote e Brie. Depois do embarque, fizeram a descoberta agradável de que o navio não estava cheio. Deslizaram pelo Sena, deixando para trás antigas pontes

em busca do mar. Uma parada de alguns dias em Honfleur, na Normandia, lhes permitiu fugir das magras refeições de bordo. Mais visitas e mais pacotes subiram a bordo.

Nesta última parada em terra francesa, Luísa cruzaria com Ferdinando e Helena, duques de Orléans. Ele era o filho primogênito de Luís Felipe, recentemente ocupando o trono francês. O casal de Barral foi convidado a um baile em sua honra. Não aceitaram, pois as roupas de festa já estavam no porão do navio. Anos depois, a mesma família Orléans traria Luísa de volta.

Só no dia 12 de agosto dobraram o cabo Finisterra. "Tempo admirável, eu doente o dia inteiro", anotava Luísa com letra ruim, dizendo-se, também, enfadada à morte. No diário, confessava deixar a França para trás

"sem arrependimento". Cada um ocupava uma cabine, em e nfiada. Ela, o marido, o pai e, na última, a criada inglesa, Ellen. Nos porões, seguiam colonos bávaros que Domingos contratara para trabalhar na Bahia. O

vapor percorria sua rota e toda uma rotina se estabelecia. Os homens conversavam. Os peixes pescados de dia eram consumidos no jantar. Os colonos cantavam, suas vozes chegando ao tombadilho à noite. Luísa lia o missal, na cabine. Cruzaram a ilha da Madeira.

Num pequeno diário com capa de couro anotava as principais impressões da viagem: "Desde as três da manhã, todo o vapor está de pernas para o ar para ver Madeira." Depois, margearam as ilhas Canárias e a das Palmas. Luísa dava aulas de português a Eugênio — a quem ela só chama De Barral. "De Barral veio esta manhã me fazer uma encantadora visita!"

As primeiras lágrimas vieram junto com a piora do mar. "E passamos o **82**

Vista geral do engenho São Pedro do visconde de Pedra Branca e depois de Luísa de Barral, vendo -se a casa da moenda de canas e muitos escravos vestidos de branco em frente à m esma. Provavelmente um dom ingo de festa ou dia da "botada".

Vista do engenho de Luísa e Eugênio, vendo-se o lago ainda hoje existente com o renque de palmeiras-imperiah ao fundo. Santo Amaro, Bahia, cerca de 1850.

dia amuados." "Não dormi, estou de humor azedo." "As ondas são in-fernais,

terríveis sacudidelas." Houve inundações, com a água entrando pelas escotilhas. "Vi peixes-voadores e golfinhos fazendo cabriolas." No dia seguinte, "tomei *champagne*". E depois, "tempo bom, horrível calor, calma. Passamos Cabo Verde, estamos na linha da Bahia. Boa brisa o dia todo". Velas enfunadas eram sinônimo de alegria. Sob o vento ponteiro perdia-se tempo, o barco andava em ziguezague.

Dia 15 de setembro, entusiasmo na anotação: "Terra! Terra! Vê-se muito bem a costa. Foi o Sr. Quentim quem a viu primeiro. Às seis horas distinguia-se o farol de Santo Antônio da Barra. Içamos o pavilhão. Às oito da noite jogou-se a âncora e todos, mutuamente, nos desejamos as boas-vindas." O grito "fundeado" ecoou por muito tempo, seguido do barulho das correntes se desenrolando e afundando.

Do navio ancorado na Baía de Todos os Santos, Luísa exprimia suas emoções: "às seis da manhã, subi ao tombadilho para reparar minha tristeza de não ter visto a entrada da Bahia, ontem. A cidade fazia um bonito efeito. O verde das árvores, muito escuro. Mas não tem ar de limpeza."

O desembarque foi complicado. O mar jogava o vapor contra o cais. D.

Domingos, querendo deixar a embarcação a qualquer custo, caiu. "Tive tanto medo que ele estivesse na água e que fôssemos esmagá-lo que tive um ataque de nervos violento, soltei gritos etc. Enfim fomos desembarcar numa praia, carregados por negros enfiados na água." A primeira impressão da cidade não foi boa. "Miss Ellen — a criada — e eu, meio mortas, subimos da enferma Cidade Baixa à horrenda Cidade Alta. Meio nus, os negros dão medo. A casa estava aberta. Eu não a reconheci."

Luísa estranhava tudo. Vinda da Europa, tudo lhe parecia triste, feio e sujo. Os africanos, entre os quais tinha crescido, agora a incomodavam. Os 19 carregadores que trouxeram as malas foram descritos como

"horrorosos". A ausência de qualquer roupa lhe causava repugnância ligada aos valores *do* pudor. Ela oscilava entre o sentimento de superioridade, rejeitando rostos, cores e cheiros de sua terra natal e o amor ao império que seu pai ajudara a construir. Deixara a França para trás, sem arrependimento. Mas trazia dentro de si valores europeus dos quais não conseguia se livrar.

Sem dormir, "pois aqui os colchões são de uma sujeira repugnante", começaram

a receber visitas desde às nove horas da manhã. O retorno dos Borges de Barros movimentava a cidade. Em torno deles, tocava-se piano, bailavam-se contradanças, tomava-se chã. As tias, freiras no Convento do Socorro, enviavam pacotes de doces, embrulhados em papel recortado. As primas, querendo parecer elegantes, vinham vestidas de cetim e jóias: "São feias. Mariquinha, sobretudo, é uma mulata gorda", criticava Luísa. "Madame Muniz usa um andaime na cabeça!" Foguetes e fogueiras se acendiam à noite, enquanto amigos e familiares entravam e saíam. Certa noite, já deitada, Luísa teve que se levantar para receber madame Nabuco, "coberta de diamantes e eu, de roupão"! Os tios, na sua avaliação, eram "velhos e feios".

Passados dias da chegada, Domingos e Eugênio ainda estavam às voltas com a alfândega, pois algumas malas ficaram retidas. "Estes senhores [referindo-se ao pai e ao marido] passam o dia na Alfândega e eu a lavar louça", anotou Luísa. A esposa de Alexandre, D. Júlia,

— "magrinha e sofredora" —, vinha de vez em quando dar uma mão na arrumação dos livros na biblioteca. Os filhos dela e Alexandre não eram bem-vindos. Gritavam muito. Não se comportavam como as outras

"surpreendentes crianças deste país. Aos 5 anos são verdadeiras damas e cavalheiros". O contato com o passado africano continuava deixando-a dividida. "Às cinco horas começou a procissão dos mulatos. Nada é mais cômico ou risível. Os homens vestidos de santos e anjos portando turíbulos de grande riqueza. As mulatas, maravilhosamente vestidas, algumas com meias de seda."

O diário continuava a registrar impressões: "Trabalhei o dia todo como um cavalo. [...] Oh! O campo. Morro de vontade de sair daqui."

Os engenhos a chamavam. De lá começavam a chegar velhos escravos, entre os quais "o nosso fiel Peregrino". Quinze dias depois, tomavam o caminho da roça. Eugênio comprara mulas para o transporte dos bens e eles seguiram nos cavalos novos. Alexandre os acompanhou. Foram recebidos por duas dezenas de pessoas que estavam lá só para lhes dar as boas-vindas. Luísa teve direito a um grande buquê. O velho administrador, Monteiro, "chorou ao me abraçar". "Papai chegou ao meio-dia: grande recepção dos negros." "Todos os escravos vieram trazendo seus filhos." Receberam dinheiro como gratificação. Os feitores dos diferentes engenhos e alguns trabalhadores livres também se apresentaram.

Luísa reencontrava a casa da infância, agora, sem o cheiro da mãe e a voz do irmão. Anos de ausência cobravam seu preço. A construção er-guida ao pé da mata e da montanha tinha um ar de abandono. Um cená-

rio tão diferente dos *manoirs* e castelos da Normandia, dos apartamentos e hotéis particulares de Paris. Não havia beleza ou conforto. Tudo estava por refazer. Chegaram sob chuva e calor. Havia muito que desembalar.

A irritação estava no ar e ficou gravada no diário: "Barral e eu brigamos.

Triste todo o dia."

As escravas se achegavam. Falar direto com a senhora era sinal de prestígio e antiguidade nos serviços. Paulina era da época de D. Maria do Carmo. Aproveitou a vinda de Yayá para falar mal de Alexandre: o meio-

irmão era cruel com os escravos. "Uma multidão de negrinhas vinha rolar aos nossos pés na varanda", anotou. Já no primeiro dia no engenho São João, enquanto Eugênio percorria os canaviais com Monteiro, o administrador, ela caía na realidade: "Minha negrinha morreu, briguei com as outras que se riam. A mãe estava desesperada. Oh, meu Deus!" "Egas veio me dizer que lhe roubaram farinha. Descobrimos que era mentira."

Uma parte dos colonos alemães começava a dar problemas. "São ingratos." Alguns já tinham fugido.

O cotidiano se impôs com uma rapidez extraordinária. A jovem recém-desembarcada da Europa prontamente arregaçou as mangas. No diário, com letra deitada, sem pontuação, por vezes, usando palavras gru-86

dadas às outras, registrava ao fim do dia suas atividades. Havia que zelar pelos canaviais, pelo trabalho no engenho de açúcar, pela manutenção e limpeza da casa e pelas roças de subsistência. As cinco, ela já estava de pé.

"Fui cavalgar com Papai para ver o arroz, o grande canavial de Rio das Pedras e o belo bosque." No canavial, acompanhava a roçagem, o plantio e o corte da cana. O processo todo durava nove meses, sob chuva forte ou sol escaldante. O serviço caseiro não era menos pesado: "Levantei às quatro horas, fiz cortar camisas para as crianças. Hoje fui aos doentes.

Trabalhei na enfermaria, botei os remédios em ordem. Escrevi receitas.

Muito calor depois do jantar. Um homem quer que paguemos um boi que lhe roubaram."

Os dias eram longos, mas não podia haver cansaço. O relógio marcava, sem piedade, as atividades das quais Luísa participava: fazer man-teiga, plantar pés de fruta, fazer pudim, compotas e bolos. Depois, tinha que ler e escrever cartas, receber e distribuir mantimentos e roupas, fazer cercas, preparar terreno para o plantio, semear grãos e batatas, fazer ge-léias — de pitomba ou laranja — e xaropes, contar o gado, pilar milho, mexer doce de araçá, estender as roupas ao sol para evitar o mofo, versar vinho nas garrafas. Luísa aprendeu a fazer renda de bilro como fazia sua mãe, a dar de comer às galinhas e patos, descascar milho, feijão e mamona. Não tinha descanso. Escravos para tudo? Sim. Mas Luísa trabalhava lado a lado com eles. Estava longe de ficar na rede vigiando-os. As tarefas eram compartilhadas ombro a ombro. Rede? Só para dormir. Nem lhe passava pela cabeça reclamar.

As visitas às "plantações dos negros" consistiam em ir checar as lavouras de subsistência, que não eram apenas uma estratégia de abastecimento. Era obrigatório, por lei, garantir a subsistência dos escravos.

Nem todos os senhores de engenho seguiam as regras, mas Domingos sim. Ele cedera pequenos lotes de terra aos seus homens, para que pro-duzissem mandioca e o que mais quisessem plantar. Instalara-os em casas bem melhores do que os barracões que se espalhavam nos arredores das cidades: feitos de bambu, barro e cobertos com folhas de palmeira. Além de deixá-los decidir sobre o cultivo, Domingos lhes dava cavalos. Luísa mesmo assistiu à distribuição de quarenta manga-largas ao chegar. Além da roça individual para vigiar, havia a repartição da "ração", como, aliás, já fazia D. Maria do Carmo. A cada sete dias, Luísa se encarregava da partilha de carne-seca que chegava nas pesadas carroças vindas de Feira de Santana. Ela ainda fiscalizava o trabalho feito no engenho onde ficava até tarde. As anotações se seguiam como esta, feita a 29 de junho de 1839:

"Passamos todo o dia a arrumar as formas sobre as taboas de furos na casa de purgar. Voltamos cobertos de insetos." O calor dentro do engenho era simplesmente infernal.

O cotidiano criava familiaridade com os escravos. Havia aqueles que tinham nome — Venâncio, Cazuzinha e outros —, que eram nascidos e criados no Recôncavo. Tinham suas famílias, falavam português, viviam e trabalhavam entre parentes, conheciam Luísa desde menina. E havia os outros. Estes recém-chegados simplesmente eram denominados "negros".

Muitos deles podiam ser estrangeiros. Entre os mais familiares havia, por exemplo, Leandra, por quem Luísa tinha um afeto evidente. A senhora fez transportar a escrava doente, em rede, para a sua própria casa, para melhor cuidar de sua saúde. Moradora de um dos engenhos de Domingos, Maria Atanásia vinha visitá-la de tempos em tempos. E passava a tarde a lhe contar gracinhas dos filhos ou fofocas sobre os outros casais de escravos.

Luísa ensinava balé às negrinhas. Gostava de assistir ao banho de rio dos filhos dos escravos e de vê -los dançarem o lundu. Gostava ainda de tomar chá com Cacumbo ou de visitar o filho recém-nascido de Josefa. Ela anotava tudo o que dizia respeito aos seus conhecidos: "Joana Vitória veio mostrar suas duas filhas que são tão bonitas."

Quando Germana morreu, ela foi fazer as orações ao pé de sua cama.

A liberdade de circulação era grande. Não era raro, quando saía para passear "à luz da lua", que Luísa cruzasse com seus escravos. Então riam e conversavam.

Apesar de defensora do fim da escravidão, Luísa prezava a disciplina.

Ela também distribuía castigos ou mandava botar escravo desobediente no tronco. Este paradoxo era comum. Uma vez que a Abolição não tinha sido decretada, mesmo os que lutavam por ela lidavam com a escravaria, sem concessões: "Fiz dar bolos na pequena do engenho Santo André e depois a Cacumbo, que deixou roubarem uma cesta cheia de Vicência." "Dei bolos em Pelágio." "Doze à Maria da Assunção que estava bêbada ontem e a Hen-riqueta, por ter roubado milho." Os ladrões reincidentes iam para o tronco:

"Roubaram os patos e o óleo de mamona: Ignácia chicoteada 15 vezes." Sua autoridade tinha que ser respeitada. Aparência era tudo: "Descer ao engenho e fazer-se de importante", anotava a 11 de dezembro de 1837. Consciência pesada? Nenhuma. Punir fazia parte das relações entre senhores e escravos.

Para ela, distribuir bolos era uma forma de educar moralmente.

Escravos africanos em belíssimos trajes domingueiros nos engenhos de Luísa e Eugênio de Barral.

Bahia, entre 1850 e 1860.

Batia-se muito em escravos e em crianças. Só tinha que bater no lugar certo: bolos leves e chibatadas nas costas ou nádegas. Nada que os impedisse de trabalhar depois. E o exercício de tais violências não excluía a intimidade, e mesmo a amizade, entre uns e outros. Proibido era castigar em dia de São João, São Pedro, Conceição, Bonfim, Semana Santa, São Benedito ou quando nasciam herdeiros do trono. Os ideais igualitários de D. Domingos não excluía a preocupação com a ordem e o rendimento. Era preciso admoestar os escravos como se fazia com crianças incapazes de aprender.

Problemas de todo tipo envolviam os cativos. Luísa também tinha que lidar com eles. Desde fugitivos que não falavam português aos "negros" que comiam frutas sem autorização, deixando Eugênio "enfurecido". Outros vinham procurá-la, como faziam com seu pai, para que os apadrinhasse. "Patrício encontrou na mata uma negra muito bonita. Ela veio para cá, eu lhe dei de comer e ela não quer nos deixar." Certo dia, chegaram quarenta fugitivos: mulheres, crianças, velhos. "Grande surpresa! Querem todos ficar com a gente."

As comemorações religiosas eram, sobretudo, as dos negros. A religião de Luísa? Ela pouco parecia lembrar de sua formação entre as freiras francesas e assistia à missa só quando o vigário passava pelo engenho. A última vez que percorrera o missal foi no navio. O calendário das festas do engenho era, contudo, sagrado. Seu diário contém muitas anota-

ções do tipo: "Vieram tirar Reis [...] todas as negras estavam soberbas; eu lhes dei de comer e beber, dançaram até meia-noite, ontem." Dia de Nossa Senhora: "dançamos hoje na casa do mestre dos africanos toda a noite." No "domingo gordo", eles se pintavam de branco e se molhavam, como no Entrudo. Para sua Páscoa eram distribuídas quarenta garrafas de cachaça e três carneiros.

No Natal o padre veio rezar missa, teve Chegança e Bumba-meu-boi, culto ligado às colheitas na África. Ciro, o afilhado querido, foi alforriado, satisfazendo os laivos abolicionistas de D. Domingos. No dia 1º

do ano, houve batuque até 22h30. Os escravos se divertiram enquanto ela devaneava: "Como se é feliz, hoje, na Europa!"

A vida social não diferia da época em que sua mãe ainda era viva.

Vinham vizinhos, agregados e trabalhadores visitá-los. A família do administrador Monteiro, assim como a do meio-irmão Alexandre, aparecia sempre na hora das refeições. Jantar com eles às 15 horas, ou tomar chã à noite, era praxe. Destaque também para o padre que passava em São João para batizar os escravos e as crianças e rezar a missa. Vez por outra ajudava a afinar o piano. De fato, ele chamava atenção, e Luísa anotava o porquê: "Partiu às quatro horas levando um bolo para as crianças. Ele é casado e fala da desmoralização do clero!"

Os aniversários eram festejados com buquês de flores e festa dos cativos. Às vezes, Luísa ia à missa em Santo Amaro, onde reparava no mau gosto das mulheres, feias e malvestidas: "Acharam extraordinário que eu fosse à missa com meu vestido à indiana" — tecido inspirado em temas orientais. "Ouvi comentários maldosos." Os passatempos preferidos dela? Desenhar com lápis de cor na companhia de pequenos escravos. Jogar cartas e abrir, com encantamento, os pacotes que chegavam de Paris com agrados da sogra: vestidos, chapéus ou latas de conserva. Os perigos de uma região de mata atlântica eram combatidos sem temor. Tinha cobra na rede do pai, serpente gigante no jardim, sapo na cama, morcegos dentro de casa, coruja rasga-mortalha na árvore. Medo? Nenhum. Só de que acontecesse algo a D. Domingos ou a Eugênio. Ela andava vestida de amazona e armada de espingarda.

O evento mais importante destes primeiros tempos foi o compa -

recimento do casal Barral a uma festa, em Salvador, pelo aniversário do jovem imperador. Nesta data, era praxe que um cortejo desfilasse diante do palácio da Câmara Municipal. O corpo consular tinha que comparecer uniformizado. O arcebispo ia acompanhado por membros de diferentes ordens religiosas. Também iam juizes e os membros das corporações usando os seus melhores trajes de gala. Os civis iam de preto, exibindo condecorações e fitas. Todos desfilavam, compenetrados, até chegar a um quadro com a imagem do jovem

Pedro II.

Diante dele, faziam uma profunda reverência. Enquanto isto, a banda militar tocava "Brava gente brasileira". A cerimônia era considerada bizarra pelos estrangeiros. Afinal, cumprimentar um retrato não lhes parecia muito normal. A ela seguia-se o *te-déum* na catedral. A missa era rezada diante das mesmas autoridades e um discurso em forma de sermão era lido. Uma ou outra autoridade oferecia, mais tarde, uma festa particular.

A 2 de dezembro de 1838, D. Pedro fazia 13 anos. "Coloquei na cabeça de ir a este baile", assinalava Luísa, no diário. Mas como estaria o jovem aniversariante? Menino e moço. Os adultos que cercavam D.

Pedro se perguntavam se não precisava um regime mais saudável de vida.

Era franzino e sofria do estômago. Já tivera seu primeiro ataque de epilepsia, dando continuidade ao mal hereditário dos Bragança. Como seu pai, avós e bisavós, foi tratado com sangrias, banhos mornos e óleo de rícino para combater a moléstia. Era um rapaz melancólico.

Não evitava as lágrimas. "Até certa idade, chorava e nada havia que o agradasse no mundo", contou um dos seus tutores. Na adolescência, descobriam, aturdidos, que ele desprezava as mulheres. Um padre teria lhe incutido uma profunda desconfiança pelo sexo oposto. Sua voz não engrossava e se manteve, vida afora, muito fina. Era tímido e a alegria parecia lhe escapar sempre entre os dedos. Seu cotidiano era marcado pela leitura e os estudos. Tinha modos de um homem de 40 anos. Para piorar, a Corte era vista por estrangeiros como "incontestavelmente a mais triste do universo". Um paradoxo: o jovem imperador parecia ser um velho! Ainda assim, era adorado pelo povo e festejado em toda parte.

Na mesma época, as relações de Luísa com o meio-irmão oscilavam entre um companheirismo clemente e muitas críticas. Alex, como o identificava no diário, trazia sempre problemas: "Ele nos impacientou **92**

horivelmente [...] sua mulher chorou, enfim, toda uma história", abor -

recia-se Luísa. D. Júlia, a cunhada, mostrava-se cada vez mais magra. As crianças viviam cobertas de sarna. O casal vivia brigando: "Foram deitar *Página de um dos diários de Luísa, escrita em francês.*

sem dar boa-noite." Cada vez que ele saía "o bem-estar voltava à casa".

"Jurei nunca mais botar os pés em sua casa", acrescentava Luísa. Os filhos, sobretudo Dominginhos, eram detestados. "Não faz mais do que gritar e chorar. É uma peste!"

O diário servia também para registrar os estados de alma. Luísa não parecia feliz. Estava cansada do trabalho. As viagens de Eugênio, entre canaviais e feiras agrícolas, também a incomodavam: "Meu marido me faz horivelmente falta." "Como o tempo parece longo sem ele", anotava. Barral não parecia decepcionar nem à esposa, nem ao sogro nas tarefas que tinha que exercer. Trabalhava duro também. Quase sempre voltava tarde, encharcado das chuvas que caíam, por vezes, durante dias inteiros, no Recôncavo. Com um tal tratamento, Eugênio emagrecia a olhos vistos. Vivia doente com dor nas pernas ou na garganta. Mas batia-se "como um leão". Quando ele voltava de viagem, Luísa o esperava na porteira, para depois anotar: "As cinco horas da manhã abraçava meu marido. Ele veio me buscar. Não esperava. Que bom dia de bate-papo."

Quando ela ficava doente, ele se portava "bonitinho". Ou seja, era carinhoso com ela.

Mas as dificuldades do cotidiano acabavam por se refletir na vida do casal: "Discuti com Barral, muito triste." De novo: "Briga abominável com Barral por causa de uma bobagem de colchões." Outra briga, desta vez por ciúmes: ele chamara uma escrava para lhe fazer curativos e não ela. "Chorei toda a manhã, discuti bastante com Barral, que disse que tenho temperamento difícil."

O país que Luísa deixara para trás sem remorsos começava a encher-lhe de saudades. As "imoralidades" do império brasileiro, ou seja, os escândalos políticos, eram assunto de conversa com o pai. Eles im-pressionavam. Na passagem do ano de 1837, anotou nostálgica: "Evoé!

Sonhamos, durante muito tempo, com a França!" Se na vinda deixou a vida parisiense sem aperto no coração, agora, sentia falta. As cartas que vinham da Europa faziam aumentar as recordações. Em março de 1838, **94**

escrevinhava: "Faz hoje um ano que demos nosso baile em Boulogne.

Esta idéia me entristece. O dia passou tristemente. Chove, não podemos sair a cavalo sem nos enterrarmos na lama até os olhos." Os prazeres?

Os mais singelos: tocar piano e tomar banho todo dia, às 14 horas, antes do jantar, e, por vezes, nadar no rio ao "clarão da lua" com Eugênio. "É

de licioso." Dia 19: "Faz um ano que estamos casados. Deus queira que continuemos a ser assim felizes!

Um acontecimento importante teve lugar enquanto estavam em São João. Rumores sobre uma insurreição ganharam força em novembro de 1837. Aliás, os boatos corriam desde a chegada dos Barral, em agosto, mas as tarefas de instalação no engenho não lhes deram tempo para absorvê-los. Bem que D. Domingos temia as tais "revoluções" do jovem império. E na Bahia não foram poucas. A batalha de Dois de Julho de 1823 pela independência ainda era motivo de conversa entre os parentes. Em 26 de abril de 1833, teve lugar, no Forte do Mar, um frustrado levante. Depois, em 1835, houve a Revolta dos Males, negros islamizados trazidos do Noroeste da África, que reuniu cerca de mil escravos muçulmanos no Terreiro de Jesus, praça em pleno coração de Salvador. Conflitos armados estouraram no Grão-Pará e Rio Grande do Sul. Discutia -se muito a instauração do regime republicano, o fede-ralismo, a descentralização do poder imperial como alternativa para os problemas econômicos, entre os quais a baixa do preço do açúcar. Na Bahia, circulavam, então, perto de sessenta jornais. Em pauta, a frustra -

ção causada pelo 7 de Setembro, que não trouxe mudanças. A Independência do Brasil não aume ntou o prestígio da Bahia e acumulavam-se queixas que diziam respeito aos impostos, ao mau abastecimento de alimentos ou aos baixos salários da milícia.

Agitadores revolucionários lembravam a D. Domingos seus jovens anos em Coimbra ou Paris. Um deles se tornou conhecido na cidade.

Chamava-se Sabino Vieira. Era mulato de olhos claros, bonito, eloqüen-te, médico e jornalista. Possuía uma grande biblioteca e mania de "fran-95

cesias". Era culto e letrado. Mas também "servia-se de homem como se fora mulher" e foi acusado de matar a esposa. Com tal ficha, qual senhor de engenho

gostaria de ser governado pelo fanchono do doutor Sabino?

Nenhum, mas ele bem que tentou fundar uma República baianen -

se. Em seu *Novo Diário da Bahia*, Sabino não cessava de repetir que

"vão assim os negócios do Brasil em tão grande dismantelação pela falta de ingerência do povo nas coisas públicas". Não queria mais sustentar a Corte, no Rio de Janeiro. A Bahia tinha que se desligar do governo central e organizar uma assembléia constituinte. O ponto de partida foi a revolta do corpo de artilharia lotado no Forte São Pedro. O pior é que as tropas do governo encarregadas de suprimir o levante aderiram ao mesmo. A Câmara Municipal foi invadida e ocupada por populares.

Luísa começou a receber cartas de Salvador, dizendo que a cidade estava nas mãos de anarquistas. A família, os tios e mesmo Alexandre deixaram a capital em direção aos engenhos do Recôncavo. Junto com eles, outros barões da cana, bem como o chefe de polícia. Os saveiros partiam carregados, a gente ouvindo, ao longe, tiros e os cascos dos cavalos no sobe e desce das ruas.

Ao final do mês recebiam notícias boas e más da cidade. "Dizem que todas as casas da cidade foram pilhadas", anotou Luísa. Mas não a deles. O temor era de um outro Haiti: "Encontramos uma circular pedindo aos negros que se revoltam pela [festa de] São Tomé. Os negros que copiaram não sei quantas vezes a carta de Abadamolu foram colocados na prisão." Mistério e medo cercavam o estranho nome de Abadamolu. Salvador se paralisara e tinha cerca de 5 mil pessoas envolvidas no movimento. Bandoleiros proclamavam, pelas ruas, as determinações da nova administração. E, durante os quatro meses subseqüentes, a capital da província ficou desligada da sede do império. O be lo Sabino sabia, contudo, que a reação legalista viria mais cedo ou mais tarde. E ele veio do mesmo lugar de sempre: o Recôncavo. De engenho em engenho, o chefe de polícia ia recolhendo adesões e apoio, armas e homens. Ainda em novembro, um barco de guerra dos legalistas começou a patrulhar a Baía de Todos os Santos, desviando de Salvador os gêneros de primeira necessidade. Os reforços do império — dinheiro, armas e soldados — seguiam direto para Cachoeira, próxima a Santo Amaro.

Com todo este movimento, o cotidiano de São João e os demais engenhos dos Borges de Barros não foi abalado. Os escravos mourejavam e junto com seus

senhores festejaram o Natal e dançaram os pastorinhos na festa dos Reis Magos. Não faltaram alimentos e tudo correu normalmente até fins de fevereiro. Ouvia-se, então, falar em deserções em massa, com dezenas de pessoas fugindo da capital. Em Pirajá, o exército legalista somava 4 mil homens, enquanto Sabino via, da janela do palácio do governo, 16 navios cercando a capital. A batalha final não tardaria.

São João, 1º de março de 1838: ouviram-se tiros de canhão na direção de Santo Amaro. Dez dias depois corria que trezentos rebeldes tinham desembarcado na região e que era melhor estar pronto a defender seus bens. Um vizinho de Luísa e Eugênio veio lhes dizer que fugissem. Ela deveria ir para Santo Amaro junto com outras mulheres. "Recusei", Luísa escreveu, decidida, no diário. Sua única preocupação foi reunir as jóias, a prataria e um pouco de roupa num caixote. Os homens começaram a preparar a munição.

Dia 11: "Às duas horas da manhã, Barral veio me acordar dizendo que era preciso partir pois os inimigos já estavam em Mombaça. Rápido, enfiei minha amazona e parti com ele para o engenho Rosado, seguida de Ellen [a criada] na garupa. Chegamos sãos e salvos. Papai chegou e ficamos todos juntos recebendo bilhetes, uns piores do que os outros. Calor sufocante. Dormi sobre uma caixa de açúcar. O senhor Caldas veio dizer que o inimigo estava muito próximo e me gritou que eu tinha que fugir.

Montei meu cavalo e parti a galope. Cheguei a São João morta...Fiquei vestida de amazona até tarde."

Um tio e o marido montaram guarda na varanda durante a noite, enquanto ela dormia "perfeitamente". No dia seguinte, Luísa partiu **97**

com a criada para Santo Amaro, onde ficou hospedada num "buraco cheio de pulgas". Mas, de repente, foguetes e sinos anunciaram a vitória-

ria. "Eram as boas-novas da cidade [...] nós estávamos nas avenidas da Bahia e o inimigo se retirando. A Igreja de Santo Amaro abriu as portas e uma multidão de pessoas entrou para dar graças a Deus." Os sinos tocaram toda a noite. Durante dois dias, 13 e 14 de março, o exército legalista esmagou as posições rebeldes. O confronto, ficou se sabendo depois, foi cruel. Vencedores e vencidos ateavam fogo às casas. Para dentro delas, se lançavam os perdedores. Rebeldes foram caçados e fuzilados, mesmo tendo entregue as armas. No dia 15, o Forte São

Pedro foi cercado. Às seis da tarde, a bandeira branca da rendição tremulava ao vento. A batalha terminava com 1.258 mortos, 160 casas queimadas e 2.298 presos políticos.

Nada disso impressionou bastante Luísa para que ela o anotasse em seu diário. O casal Barral, assim como D. Domingos, voltou tranqüilamente ao engenho. Mas a vida de plantador de cana perdia, pouco a pouco, qualquer encanto. O jovem império parecia um lugar inabitá-

vel. Os pequenos prazeres já não compensavam os grandes trabalhos.

Em letra apressada, várias vezes, ela escrevia com irritação: "Fiz todas as contas da casa. Paguei as dívidas." Mas com tantos problemas nos engenhos, "não é um país para morar, Grande Deus!". Quando chegavam notícias de Paris, ela anotava: "Grande alegria seguida de tristeza, nos prometemos nos dar coragem!" Depois, repetia-se o cotidiano esmagador: "Sempre a mesma coisa." "Papai com *spleen*." "Meu marido viajou. E um ofício de cão e bem enfadonho separar-se assim de seu marido."

O problema maior eram os débitos. Não lhes pagavam letras de câmbio devidas. A situação começava a ficar tensa. Os contatos familiares e sociais não ajudavam, pois muitos outros senhores de engenhos também estavam endividados. Luísa e Eugênio começaram a se perguntar se não seria melhor voltar para a Europa, buscando uma saída junto aos parentes Barral. Infelizmente, não havia milagre à vista. O preço do açúcar caía, devagar e sempre. D. Domingos ia a Salvador em busca de recursos e foi numa destas visitas que vislumbrou uma saída para o seu capital. Não o que investira nos engenhos. Mas o que aplicara em Luísa.

Ela era a solução.

Os olhos de corça da princesa Francisca, irmã de D. Pedro II, a época de seu casamento com o príncipe de Joinville.

Capítulo 4

O casamento da princesa Chicá

No dia 9 de agosto de 1843, uma carta mudou o destino de Luísa. Um grande amigo de D. Domingos, o visconde de Itabaiana, escrevia em tom de urgência a um destinatário confidencial no ministério:

"De volta a este meu retiro, recebi uma carta da Viscondessa de Barral em que me diz que, sendo filha de um Veador de nossas Princesas e mulher de um Visconde francês, reúne ela as qualidades precisas para servir o cargo de Dama de honra da Princesa de Joinville; e como este cargo parece não estar ainda provido, me encarrega ela de fazer uma abertura a este respeito pelo meio que me parecer mais convinável. [...] a Viscondessa de Barral é filha do Visconde de Pedra Branca, ex-primeiro ministro do Brasil nas Cortes da França e pessoa a quem Sua Majestade El Rei Luís Felipe distinguiu sempre durante a sua estada em França."

E arrematava: "Se V. Exa. quiser fazer esse favor ao Visconde de Pedra Branca, à Viscondessa de Barral e a mim, convém não perder tempo, porque pode-se fazer a escolha de outra dama". E assinava-se, "seu amigo afetuoso e grato".

Os muitos favores que D. Domingos havia distribuído em Portugal e na França, assim como sua posição de prestígio na Bahia, faziam de um pedido seu uma ordem. De quem foi a idéia? Não se sabe. Mas seis anos depois de ter desembarcado no porto de Salvador, o casal Barral não tinha mais condições de continuar em São João. Já entrado em anos, D. Domingos se reconciliara com os engenhos. Mas não era o caso dos jovens. A oportunidade de tirá-los do Brasil caía como uma luva. A dor de se separar de Yayá tão inteligente, superior e sensível era proporcional a certeza de que Domingos envelhecia e de que seu lugar era o mesmo de seus ancestrais. Quanto a ela, que partisse e fosse tentar a sorte em outro lugar.

Mas quem eram os personagens em torno dos quais Luísa passaria a circular? A princesa D. Francisca de Bragança nasceu no palácio da Quinta de São Cristóvão, crescendo ao lado dos irmãos D. Pedro II, D. Paula Mariana e D. Januária. Seu nome foi escolhido pelo pai como forma de homenagear o rio São Francisco. Tinha menos de 3 anos ao perder a mãe e 7 quando o pai, D. Pedro I, a madrastra, Dona Amélia de Leuchtenberg, e a irmã mais velha, D. Maria da Glória, futura rainha de Portugal, partiram juntos para a metrópole. Assim como o irmão, teve a infância perdida de uma pequena órfã imperial.

Já Francisco de Orléans, terceiro filho do rei dos franceses e príncipe de Joinville, seguiu a carreira de oficial de marinha. Pertencia a uma fa -

mília numerosa, alegre e unida. No Castelo de Neuilly, onde nasceu, teve os melhores professores de tudo — de pintura à esgrima — e assistiu ao golpe que derrubou Carlos X, levando seu pai ao trono. Como qualquer príncipe casadoiro da época, calculava seus passos: "hoje, o rei me disse que a pequena rainha de Portugal solicitava a mim em casamento. Este projeto não me sorri. Se eu tiver filhos aqui, eles serão pobres, enquanto lá embaixo — com Francisca, no Brasil — farei um negócio soberbo."

Francisca, a mais bela dos filhos de D. Pedro I e D. Leopoldina. Francisco, o único moreno dos Orléans, dono de olhos rasgados e um nariz reto em rosto oval. Na verdade os jovens tinham se conhecido quando da primeira viagem do príncipe de Joinville ao Brasil. Ele tinha então 19 anos e servia como tenente. Na época, demorou-se no Rio de Janeiro, percorreu a Mantiqueira e a serra do Mar em lombo de burro quando visitou as minas de ouro de Gongo-Seco. Entre idas e vindas, registrou em seu diário: "Finalmente percebo uma figura miudinha, da altura da minha perna, emper-tigada, compenetrada, emproada. Era 'Sua Majestade'." O futuro cunhado!

Sobre Francisca, que mais tarde chamaria Chicá, com pronúncia francesa, anotou: "É aprumada, seca e extraordinariamente sagaz."

Amor à primeira vista? Não: só compaixão. "Logo me retirei cheio de piedade por essas pobres crianças abandonadas a quem damos apenas 102

aquilo que é preciso para viver e que são incessantemente perseguidas por uma nuvem de gente sem moral que deixa o país que lhes foi confiado cair em uma

rápida decadência." E foi com esta imagem da princesa e de seu império que Joinville partiu, até voltar em 1843.

Esta segunda vinda foi cercada de dúvidas e imprecisões. Por motivos só mais tarde elucidados, Joinville arrastava-se. Não tinha pressa de chegar ao Brasil. Depois de uma escala no Daomé, ele divertiu -se em costear a África, sem comentar com ninguém suas intenções. Apesar de rumores que desacreditavam sua chegada, a fragata entrou no Rio de Janeiro na noite chuvosa de 27 de março.

"Os primeiros dias que se seguiram à chegada do príncipe foram muito penosos pela incerteza do que pudesse advir" — observou a esposa do ministro francês, barão de Langsdorff. "A apresentação à Corte foi glacial. Pude julgá-la pela tarde passada em São Cristóvão alguns dias depois, quando nos convidaram para jantar. Chegamos todos juntos e durante os primeiros cinco minutos ninguém disse uma só palavra: o imperador, as princesas, uma mais enfeitada, outra mais agasalhada porque andava doente, o príncipe, e a Corte inteira, por fim, absolutamente rígi-da, sem abrir a boca. [...] O príncipe, por sua vez, nada conseguiu entender do que dizia a Princesa Francisca, que no entanto quase gritava, com uma voz aguda. O que aumentava a dificuldade era o grande número de ajudantes-de-ordens e de camareiros sentados contra a parede em frente do nosso grupo. Não perdiam uma só palavra."

O acolhimento gelado alimentava os rumores: Francisca ia ou não casar com Francisco?! Os jornais se referiam a "conversações gerais", a "boatos" e segredos, à "ignorância sobre o grau de verdade" que cercava os acontecimentos. Jornais franceses comentavam o mesmo. Os diplomatas Langsdorff se queixavam de "visitas penosas a São Cristóvão". "Sentimos que há claramente uma inquietação em relação ao príncipe de Joinville", registrava a angustiada baronesa. De fato, um ano antes, ministros brasileiros, italianos e franceses trocavam correspondência sobre a viabilidade do casamento de Francisca 103

realizar-se antes do de Januária. Januária era mais velha, princesa imperial e sucessora do jovem imperador caso este faltasse. E a praxe mandava que esta se casasse antes da outra. D. Pedro autorizou pessoalmente a quebra do protocolo, "não vendo nisto nenhum inconveniente", e mandou seus emissários apurarem se Joinville se comprometera em "alguma negociação".

Ofícios "reservadíssimos" cruzavam o Atlântico levando e trazendo notícias. De

Portugal, D. Amélia, viúva de D. Pedro I, esforçava-se para aproximar Francisco e Francisca, evitando que a última caísse nos braços de um príncipe napolitano. E a jovem era tão inexperiente: "outras princesas podem ser mais cultas, tocar piano melhor, desenhar muito bem, mas tudo isso não tem senão um valor secundário. O certo é que quando se é pura e inocente como um anjo, vale-se mais do que tudo no mundo", gabava-se a Dadama, encarregada da educação dos pequenos.

O mesmo não se podia dizer de Francisco. Ele mesmo confessou em suas memórias que chegara ao Rio onde "uma mudança brusca se consolidou em minha existência, mudança há muito desejada por meus pais".

E, de fato, a razão para que ele arrastasse os pés tinha um nome: Rachel Félix. Era uma cortesã adulada e célebre da cena teatral francesa. Ele a chamava de "minha criança", à moda antiga. E ela o tratava gentilmente de "meu cachorrão"! Um abismo separava as duas mulheres. A única coisa em comum: o físico. Eram muito parecidas, embora Francisca estivesse em botão e Rachel, já meio *fanée*, ou seja, cansada. Ambas tinham o rosto longo e fino, o nariz alongado, o porte altaneiro. A princesa tinha a voz aguda e a atriz, acentos profundos e penetrantes próprios para seduzir a platéia de dramas.

Ora, a lentidão de Joinville explicava-se por ter rompido havia pouco tempo a relação considerada então escandalosa com Rachel. Na verdade, ela o trocara por partido melhor. Com o coração sangrando, ele aceitou a sugestão dos pais para curar-se: o casamento. A jovem Francisca não entusiasmou logo ao príncipe. Francisco chegou, ainda a confessar a seu ajudante-de-ordens que temia ter saudades da liberdade e dos prazeres da vida de solteiro. Mas 104

aos poucos foi achando Francisca bonita. E, por seu lado, ela não hesitou em se fazer bela. Brigava mesmo com a Dadama que queixava-se de vê-la longas horas na frente do espelho: "Quer, então, que eu me sinta horrorosa!?"

Joinville acabou decidindo-se em poucos dias. Driblou como pôde os preliminares que o aborreciam. Num piquenique, no Jardim Botânico, mostrou-se muito alegre e comunicativo. O Imperador, em geral sisudo, mostrou-se também risonho. Foi o prefácio do rápido noivado. No baile que se seguiu a um jantar, na Quinta da Boa Vista, dançou quatro vezes com D. Francisca, que tinha os cabelos presos e as faces afogueadas, para horror da Dadama. Tudo continuou de vento em popa. Joinville levou o barão de Langsdorff a apressar as

negociações e a realizar o casamento em poucos dias. O pedido oficial foi feito na noite do dia 19 de abril e a data marcada para 1º de maio. A notícia saiu no *Jornal do Commercio*:

"Hoje, ao meio-dia, será celebrado o casamento de Sua Alteza Real o príncipe de Joinville com Sua Alteza Real a princesa D. Francisca. O

excelentíssimo Bispo Diocesano terá a honra de dar a bênção nupcial aos augustos noivos." A cerimônia foi realizada na mais estrita intimidade, com pouquíssimos convidados. Ela, vestida de branco à francesa em meio às damas de amarelo e verde. Terminado o casamento civil e o religioso, foi abraçada pela irmã e teve procissão de beija-mão ao Imperador.

Após o jantar em que tomaram parte os convidados, ficaram em família.

Francisco então não teve dúvida. Desprezando as regras do protocolo do deitar de uma noiva imperial, deu boa-noite aos presentes, estendeu o braço a Francisca e se recolheu com ela aos seus aposentos. Escândalo!

A girar em volta dos pombinhos, o velho conhecido de D. Domingos e dos Barral desde a Bahia, o Cavaleiro de Saint-Georges. Coube a ele e à sua senhora, em estado adiantado de gravidez, recepcionar os barões de Langsdorff. Saint-Georges certamente interferiu junto aos Langsdorff para que, mais adiante, o plano de Itabaiana, D. Domingos e Luísa desse certo.

A baronesa de Langsdorff estava encarregada de acompanhar e orientar Francisca no que se referisse à etiqueta francesa da jovem recém-casada. Ou seja, iria exercer, na viagem de volta à França, o papel mais tarde ocupado por Luísa. E tinha trabalho a fazer!

Na flor dos 19 anos, a princesa era despreparada, quase infantil. Em visita a um navio francês, por exemplo, "a pobre criança aproveitava ao má-

ximo a situação. Fugia como podia de todas as suas damas e de seu cortejo *O belo Francisco, alguns anos antes de seu casamento com a bela Francisca.*

habitual [...] Parecia radiante, pois se via cercada por toda essa gente de dragonas, uma novidade para ela. Fazia mil perguntas, sem esperar resposta,

queria subir em tudo e quanto mais se preocupavam com ela por causa do sol, mais escapava do guarda-sol", registrava a baronesa. No teatro, excitada com a companhia do marido, não calava a boca. Nas recepções, atirava-se nos braços da Dadama, a quem fazia girar pelos salões. Durante um almoço oficial, comandou uma guerra de bolinhas de miolo de pão e junto com o príncipe cantarolava, abertamente, "cinco vinténs, cinco vinténs para montar nossa casa". "Pobre criança", insistia a baronesa.

Os jornais e a população desejavam os "sinceros votos de ventura", felicitando a princesa que ia "abrilhantar os reais palácios da Europa".

Depois das despedidas da Corte e do corpo diplomático, das muitas lá -

grimas abraçada à irmã Januária, o casal se enfiou no *Belle Poule* a espera de bons ventos. Aí tiveram lugar as despedidas do imperador:

"O imperador ao entrar nada disse à irmã. As duas crianças estavam embaraçadas uma na frente da outra. O imperador surpreendeu -se ao ver que sua vontade não era mais uma lei absoluta para a princesa e ela, por sua vez, por obedecer a um outro que não o seu irmão, mas muito certa de seu direito. Assim, estavam muito constrangidos um com o outro e isso era bem visível. O imperador mandou que levantassem âncora: queria que sua irmã partisse naquele dia. Ela nada ousava dizer diante dele e ficou comigo encerrada no salão, olhando pela escotilha que não se animava a abrir, com seu irmão sentado perto do degrau do catavento.

Passaram, assim, os últimos momentos de despedida sem se falarem, sem se aproximarem, frios um com o outro, ousando, apenas, olharem-se."

O irmão que Francisca deixava para trás mudara. D. Pedro II não era mais a criança com quem Joinville cruzara na primeira viagem ao Brasil. Sim, crescera. Contudo, diziam diplomatas estrangeiros, ainda não completara seu desenvolvimento físico. Ressentia-se das mudanças im-postas pelo fim da adolescência: tinha "quase o tamanho de um homem"

— segundo o conde Ney — e "olhos claros um tanto afundados, sob a 107

arcada das sobrancelhas, dando certa expressão meditativa à fisionomia sempre severa". Muitos o descreveram como corpulento ou gordo, além de dono de um temperamento sombrio.

Os políticos que o cercavam preocupavam-se em ver o rapaz mergulhado em melancolia. Também os perturbava o fato de que D. Pedro II dissimulava e ocultava suas opiniões. Uma defesa, perguntavam? Era muito devoto e, no caminho para as missas, costumava distribuir moe -

das. Para alguns parecia uma "ave na gaiola", "um homem velho" ou "um discípulo de monge". É provável que, enclausurado no palácio, ele se submetesse a uma pedagogia da desconfiança. Na mesma época, nascia a palavra "sexualidade" no jargão da zoologia e "pudibundo" para designar a censura levada aos extremos do ridículo. Como qualquer jovem introspectivo, D. Pedro devia "refrear seus instintos", refugiando em leituras.

As consagradas aos "vícios e depravações", publicadas na *Revue des Deux Mondes*, da qual era leitor assíduo, ou os livros de medicina, reeditados a preço baixo, devem ter lhe dado uma idéia da anatomia do corpo feminino. Nesta idade, seus contemporâneos já teriam se iniciado com prostitutas, escravas ou domésticas. Nas áreas rurais, os jovens se serviam de frutas — como a melancia —, árvores — como a bananeira — ou pequenos animais domésticos — como a galinha. A biografia do jovem imperador não alude a este rito de passagem, fundamental: a perda da virgindade. E

isto porque, no século XIX, o sexo era secreto. Tornou-se tabu.

Sob a capa do jovem-velho, seus gestos combinavam dignidade e autoridade. A própria baronesa de Langsdorff foi disto testemunha: "Até que fizesse sinal de levantar, de sentar, de falar, sentia-se a gente presa ao lugar, e uma força irresistível obrigava ao silêncio." A força irresistível emanava do jovem imperador. Tal como Luísa em sua infância e juventude, D. Pedro II conhecia vários idiomas, lia muito e tudo queria saber. Aos Langsdorff impôs uma verdadeira sessão de perguntas: como eram os palácios da França, as pinturas de Versalles etc. Diante de tanta curiosidade, a baronesa anotou: "E uma monstruosidade num jovem de 108

18 anos." Em contraste com o comportamento do pai nessa mesma idade, um cavaleiro metido com prostitutas, D. Pedro II procurava a imagem da "moralidade perfeita", da qual se gabava aos europeus. "Ostenta mesmo singular desprezo e indiferença pelas mulheres que, segundo diz, são incapazes de negócios, e devem ser dirigidas pelos homens", confidenciou a Saint-Georges, amigo de D. Domingos. O jovem imperador submetia as irmãs a vigilância,

reclusão e constrangimento incessantes.

Daí a sensação de liberdade que acometeu a princesa Francisca assim que a fragata deixou para trás a baía de Guanabara. Sem compreender essas reações, a baronesa de Langsdorff continuava a se irritar: "Fiquei bastante surpresa esta manhã quando minha camareira disse -me que a princesa, aborrecida por não conseguir pegar no sono, deixara seu camarote e passara uma parte da noite no das camareiras pulando em cima das camas, abrindo as caixas de roupas, experimentando toucas, dançando e cantando. Esses modos brasileiros não me parecem tão de-ploráveis em princípio [...] mas brincar com camareiras é uma infantilidade que não pode virar regra. E um hábito que não foi adquirido a bordo, mas apenas aqui continuado. E um estímulo para fazer movimentos talvez necessários à sua saúde e, no momento em que todos os hábitos de infância a abandonarem, este também a abandonará, ainda que um pouco mais tarde." Era também preciso ensiná-la a manter conversação à mesa — pois se acostumara a manter um "silêncio obstinado". Durante as aulas sobre a história da França — sugestão do marido —, "escutava mais como criança do que como adulto". E concluía a baronesa: "O

círculo em que viveu até aqui é tão estreito e a idéia que tem do mundo é tão pequena que em toda a sua conversa é impressionante ver como al-guém, com uma fisionomia tão inteligente, possa manter traços de uma infância bem prolongada."

A medida que se aproximavam da França, a jovem princesa tomava consciência de que não só os "modos brasileiros", mas a própria imagem do império precisava de retoques. Na verdade, não tinha idéia do que iria 109

encontrar e se sentia fragilizada. Temia encontrar-se com a sogra, a rainha dos franceses. Chorava com saudades de São Cristóvão. A baronesa a consolava. Apesar das atenções e do carinho do marido, sua insegurança era evidente. Tinha dificuldade em entender as permanentes críticas do príncipe que ridicularizavam "a ociosidade do paço, a sua comida ruim, e até a ausência de móveis na sala". A princesa de Joinville primeiro sorria com embaraço. Depois, revoltada, retrucou:

"Estou curiosa para ver a França! Deve ser um país muito bonito, já que o Brasil parece tão pouco para aqueles que a ele vêm!" E emendava:

"O príncipe disse-me que na França acreditam que os brasileiros sejam todos uns

selvagens, que comam gente. Todos pensarão que tenho hábitos bizarros." Joinville, do seu lado, confidenciou à baronesa que sabia que a esposa tinha sido criada no equivalente a um convento, "onde nada aprendera, razão porque lhe era preciso ensinar tudo". A proximidade com a Corte mais sofisticada da Europa demandava adaptações. E rápidas.

Desembarcaram em Brest. Além do castelo medieval no alto do porto, Francisca nada vislumbrava senão os campos de trigo sob o céu de chumbo. E Joinville, impaciente: "e la é incapaz de sentir a beleza que há nesse céu encoberto e nessa enseada de contornos tão ásperos." Em seguida foi entregue a Denise de Hulst, uma beldade que fazia parte do círculo mais íntimo da família real. Fora enviada pela rainha e ouviu do próprio Joinville: "Peço-lhe, Sra. de Hulst, que se encarregue com minha mulher dos vestidos que a rainha envia, bem como de mostrar-lhe como deve vestir cada um." O resultado foi que a menina graciosa e sedutora foi enfiada num vestido cinza apertado, extremamente bufante. Parecia desolada debaixo de um chapéu cujas flores caíam ao longo do rosto, acentuando os olhos vermelhos de choro. Estava na última moda. "Mas isso não é a minha mulher! E uma campainha", reagiu o príncipe, quando a viu. Pois foi vestida de campainha que ela desembarcou na França, onde as gafes se sucederam. Pelo temor de fazer feio passava frio, pois não ousava se cobrir. Comia demais, achando que tinha que fazê-lo como os franceses.

no

Interrompia saudações e cerimônias por não compreender bem a língua.

Neste quadro, Luísa de Barral era mais do que nunca necessária.

O calvário se adensou até chegarem à cidade medieval de Vire, na região de Calvados, baixa Normandia, onde eram aguardados. A carruagem do casal foi alvo de pequenas manifestações de desagrado: empastelamento das portas, recepção fria em algumas cidades que atravessaram, fisionomias fechadas por onde passavam. Resquícios de bonapartismo e as agitações internas não estavam mortos. O próprio rei escapara a vários atentados, desde que começara a governar. Enquanto uma parte do país se construía graças ao desenvolvimento econômico, o gosto por barricadas não abandonou outra parte da sociedade. Joinville certamente não tinha dito a Francisca o que pensava: "Não se ama mais o Rei. É amado porque é útil, porque é garantia contra grandes infelicidades, mas não mais é amado por si."

O encontro de Francisca com a família d'Orléans se deu no castelo de Bizy. Francisca revelou à baronesa de Langsdorff que "tinha um medo muito grande da recepção". Mas enganou-se. Assim que a carruagem fez ranger o cascalho da estrada, o rei e a rainha, o duque e a duquesa de Nemours, a duquesa de Orléans, agora viúva do irmão mais velho de Joinville — com quem Luísa cruzara em Honfleur a caminho da Bah ia

— e sua tia Adelaide correram à escadaria externa. Francisca foi beijada e depois rodeada pelos familiares, que a levaram para dentro do castelo.

Aliviada, a jovem entrou na sala de jantar de braço com o sogro. A famí-

lia real formava um quadro solene e feliz. As últimas palavras da rainha à baronesa de Langsdorff revelavam o cuidado que teriam com este frágil ser, para eles um misto de criança, selvagem e órfã. "O pássaro das ilhas"

como a chamava, carinhosamente, Joinville:

"Pobre criança! Deve estar perturbada, não é verdade? Chorou muito ao partir? Pobre criança, é tão simples e ingênua, não? Nós a faremos muito feliz!"

III

A Corte para a qual entrava Francisca, e para a qual Luísa viria ajudá-la, nada tinha a ver com São Cristóvão. Ela deixara para trás uma etiqueta que só servia aos três irmãos. Quando apareciam, as fórmulas de respeito eram imediatamente adotadas. Eles, por sua vez, estavam ades-trados para assumir um papel hierático nas cerimônias. Tinham que se manter calados e receber cumprimentos. Mas assim que se ausentavam, tudo se desfazia automaticamente. Não havia compostura, nem consciência política segundo os Langsdorff que assim resumiam suas impressões:

"Num país de escravos, não há inimigos nem amigos políticos; há algumas pessoas sagazes que fazem negócios e uma imensa multidão que nada deseja além de obedecer." Na França, uma monarquia liberal com laivos de republicanismo ainda regia à velha etiqueta. As pessoas que cercavam a família real obedeciam, o tempo todo, a princípios rígidos na forma de falar e de se comportar. Eram nobres de sangue que se orgulhavam de ter algo mais na sua educação do que o comum dos mortais. Eles adotavam comportamentos diferentes tanto no que se referia aos modos de educação quanto às suas atividades e distrações. Pertenciam à vida elegante que se desenvolveu entre o Império de Napoleão e a Restauração dos Orléans.

A França, tão conhecida de D. Domingos e Luísa, era bem diferente do Brasil de Francisca. A revolução que pusera o sogro no trono como "rei dos franceses", e não da França, marcou a derrota da aristocracia. A classe governante dos próximos cinqüenta anos seria a "grande burguesia" de banqueiros, industriais, altos funcionários, aceita por uma aristocracia que se eclipsava. E mais: que concordava em promover políticas em favor dos interesses burgueses. Luís Felipe encarnava o chefe de Estado cidadão ideal, o mais burguês entre os burgueses, homem de dinheiro entre banqueiros, gestor em meio a uma oligarquia de burocratas. Ele abaixou a idade dos eleitores e substituiu a bandeira branca com a flor-de-lis pela tricolor. A monarquia se tornou um simples contrato ao qual jurou obedecer.

Uma classe média — o termo aparece pela primeira vez por volta de 1812

— feita de burocratas e prestadores de serviços se adensava. Ela estava aberta

112

a todos que acreditassem na força moral, na inteligência ou no trabalho. Mas, também, gente desfavorecida se acumulava em Paris, em busca de vida melhor, movimentando-se com rapidez, contra o governo, nestas oportunidades. E apesar dos avanços sociais que instaurou, o rei tinha receio. Por isso ressuscitou a Guarda Nacional. Em 1830, a rebelião que destronou seu primo Carlos X lhe dera medo. Muito medo. Quando aplaudido nas ruas, Luís Felipe sabia o quanto o entusiasmo popular não ficava longe da ameaça.

Os ritmos de mudança social e econômica se aceleravam. E suas conseqüências também. Os problemas sociais, como a incontrolável ur-banização e os horrores do desemprego, se transformaram em lugar-comum. O absoluto desprezo dos "civilizados" pelos "bárbaros", que incluía a massa de trabalhadores pobres, baseava-se num sentimento de superioridade declarada por aqueles que não conseguiam se juntar ao grupo. Era uma época de insensibilidade na qual a pobreza não chocava, porque a classe média simplesmente preferia não vê-la. E os pobres, assim como os

"bárbaros" ou estrangeiros, eram tratados como se não fossem humanos.

Daí o medo de Francisca. Não foi à toa que seu marido brincou de trancafiá-la na viatura, pedindo que uivasse "para que a população acreditasse que a princesa brasileira, não estando completamente domesticada, viajava encerrada assim...". Tudo bem, era caçoada. Mas mostrava como os franceses pensavam ser os exóticos brasileiros, montados, ainda, sobre o sistema escravista.

Por toda a Europa começavam a nascer áreas industriais. Mas, por incrível que pareça, a França estava atrasada nesta corrida. Teoricamente, nenhum país deveria ter avançado mais rápido. Os franceses inventaram as grandes lojas de departamento, a propaganda, a fotografia, descolorantes de todo tipo, a galvanoplastia e a galvanização. Seus financistas foram os mais inventivos do mundo. O país possuía grandes reservas de capital que exportava para todo o continente europeu. E por que não deu certo?

Pois a população rural começava a emigrar do campo para a cidade, era pobre, e não havia mercado interno de consumo. O empresário francês fabricava artigos de luxo e o financista promovia indústrias estrangeiras em vez de domésticas. Isto empobrecia o país e alimentava uma crise que iria explodir mais tarde.

Mas Luísa e Francisca teriam alguns anos pela frente para viver o fim da época

deste "rei esclarecido", como era conhecido Luís Felipe. Em janeiro de 1844, o casal Barral já se encontrava instalado na d'Anjou, em Paris. A criada Ellen voltou com eles para a Europa. Os cachorrinhos ficaram no Brasil. Para servir a Francisca, Luísa começou a freqüentar as Tulherias. Qual um camaleão, Luísa esqueceu o engenho e mais do que depressa se adaptou ao cotidiano impregnado de afetuosa familiaridade entre os Orléans. E não teve qualquer dificuldade em se imiscuir na vida burguesa da grande família aristocrática.

Luís Felipe costumava chamar sua esposa de "mamãe". Ele era o

"pai"! Expansivo, cheio de vivacidade, gostava de explodir em risadas ou de tirar um canivete do bolso com o qual descascava frutas. Gostava de andar pelas ruas da cidade a pé ou a cavalo, até um dos oito atentados, que lhe foi dirigido, matar 18 pessoas. Ele e a esposa se adoravam. Ela lhe servia de secretária e lia durante a noite as gazetas e jornais que lhe inte-ressavam. Não ficavam um sem o outro e quando Maria Amélia viajava para acompanhar uma das filhas, ele se punha a lamentar: "O quarto está um deserto... Estas ausências são terríveis e me parecem tão longas." Já tinham, então, invejáveis 25 anos de casados.

Irmãos e irmãs se identificavam por apelidos. O duque de Nemours era "Tan"; Aumale, "Mimi"; e Montpensier, "Totonne". Joinville era

"Hadji" — pois lhe abriram as portas da mesquita de Ornar, em Meca

— ou "Chico", por causa da Chicá. Luísa era "Love" ou "Babonne" e seu marido Leopoldo, rei da Bélgica, "Leopish". Clementina era "Tinotte".

A irmã de Luís Felipe, madame Adelaide, feia e sem graça, era a piada dos jornais e gazetas que caricaturavam seus vestidos fora de moda e o ar desalinhado. Um nariz vermelho, herdado do pai, lhe dava o ar — mas era apenas aparência — de alcoólatra. Era adorada pelo irmão e pela cunhada 114

a quem ajudava em tudo o que podia. Este alegre e variado conjunto familiar era uma bênção para Francisca, que cresceu órfã e solitária.

Entre quatro e cinco horas da tarde era o momento do chamado

"club", à volta de Maria Amélia. Os netos traziam seu lanche, cadernos de desenho e lápis. Filhos e noras discorriam sobre assuntos públicos ou privados. O correio era lido em voz alta e comentado. Jogava-se conversa V

fora. As cinco e meia, todos começavam a se arrumar para o jantar. As seis, a rainha entrava no salão seguida de seus filhos e, se o rei estivesse lá, entravam de braços dados. Luís Felipe, sempre vestido com simplicidade: nenhuma decoração, calça preta, paletó marrom, colete de seda cinza ou branca, gravata branca, meias de seda e sapatos de verniz. Contrariamente aos almoços, restritos à família, Luísa era convidada aos jantares. Neles circulava entre diplomatas, políticos, militares, professores e amigos dos príncipes.

Havia sempre muitos ingleses. Para Luísa era ótimo, pois ela dominava a língua como ninguém. Depois do jantar, às sete horas, ou tinha recepção nas Tulhcrias — com baile, concerto e espetáculo — ou se ia ao teatro. No palácio era comum apresentarem-se tenores como Ronconi ou Tamburini e divas como madame Persiani e Damoreau, a última grande intérprete de Rossíni. Chopin, de quem Luísa ficou amiga, deu concerto também. Quando os Orléans ficavam em casa, os salões se abriam até dez ou dez e meia da noite. O que antes era designado como "fazer a Corte", passou a se chamar "fazer visitas". Apesar da boa vontade em receber quem quisesse aparecer, a fama dos salões era de ser o cenário de conversas burguesas e tediosas. Sentadas à volta de uma mesa redonda, as noras e a rainha costuravam, interrompendo o trabalho de agulha ou de tricô para falar com os recém-chegados. Foi numa destas ocasiões que o grande escritor Victor Hugo, que freqüentava assiduamente a casa, ouviu uma das gafes de Francisca. Certa noite ela declarou que "se chateava"

em ficar sentada assim no salão. Diante do rosto scandalizado da sogra, reagiu: "mas é Joinville quem diz isto todos os dias!"

115

Outras atividades em que Luísa ajudava a princesa Francisca eram as de caridade: trabalhos de agulha destinados aos pobres, bailes anuais em benefício de abrigos para órfãos, jogos beneficentes de bilhar. Mas o golpe mais certo de Luísa teve lugar no grande baile anual que os reis dos franceses ofereciam tradicionalmente no dia 30 de janeiro. Eram mais de 2.500 convidados. A princesa Chicá ia ser apresentada à Corte. O cerimonial era o de sempre: a rainha precedida de suas damas de honra, lado a lado com Francisca. Atrás dela, Luísa. Desfilava-se diante do círculo, isto é, das pessoas mais chegadas aos soberanos. O momento era importante: faziam-se no mundo aristocrático e político, para o

todo sempre, aliados ou inimigos. Era preciso capturar pela roupa, pela graça de cumprimentar, pelo sorriso, pelo gesto, a simpatia daquela gente, mais inclinada à crítica que à indulgência.

Para isso a princesa brasileira se preparava confiante com ajuda de Luísa. A idéia era surpreender trazendo sobre o corpete da moda a placa da Ordem Imperial do Cruzeiro, nunca dantes vista nas bandas francesas.

A véspera da cerimônia, estava Francisca com as cunhadas em torno da mesa da rainha, trabalhando todas em tapeçaria, quando uma das princesas lhe perguntou: "Como te apresentarás vestida amanhã, Chícá?"

— "De preto, com minha placa do Cruzeiro e meu cordão azul se des-tacando sobre as rendas negras do vestido." Acostumada com as gafes de Francisca, madame Adelaide atalhou: "Será supinamente ridículo; em França as damas não usam condecorações." Apesar das lágrimas da princesa, Luísa não desanimou. Que descesse envolta num mantô e o conservasse com o pretexto de estar sentindo frio, retirando-o somente ao entrar na grande sala de recepção, quando de mais nada adiantariam, os olhares de reprovação de madame Adelaide. E assim fez Francisca, que alcançou com a novidade um gracioso prestígio. "Mas que adorável pequena generala nos trouxesses de lá", diziam alguns íntimos a um príncipe de Joinville mais vaidoso do que um pavão.

A cada pessoa que a rainha lhe apresentava, Francisca tinha uma palavra amável, soprada por Luísa, que se pôs a seu lado. O Cavaleiro de II6

Saint-Georges, velho amigo da família Borges de Barros e um dos responsáveis pelo engajamento de Luísa neste "serviço", se deleitava. Acompanhou as gentilezas distribuídas pela princesa, que revelavam surpreendente conhecimento de uma sociedade na qual Francisca recém entrava, mas cujos códigos Luísa dominava. Ela fez uma lista 15 dias antes da recepção, classificando seus componentes por categorias. Para cada qual, tinha uma alocução que a princesa decorou. A jovem senhora de engenho se mostrava hábil articuladora como dama de honra.

Quando não estava nas Tulherias, Luísa se vingava dos duros anos passados nos canaviais. Para ela e Eugênio, Paris era uma festa! Insta -

lados numa rua nobre — a d'Anjou — que nascia no Faubourg Saint-Honoré, o endereço reunia, dos dois lados da calçada, belas residências.

Nessa rua, não havia uma só escada que não fosse de pedra, uma rampa desprovida de arabescos, uma janela que não fosse decorada no estilo do Renascimento. Tudo era luxo. Vizinhos famosos, eram vários. Lafayette-te, por exemplo, morou na rua d'Anjou até 1834. A famosa condessa de Boigne, que registrou em suas memórias as inumeráveis gafes da princesa Chicá, também. A rua era visitada por artistas, como músicos e pintores, que freqüentavam o salão de madame de Saint-Génies. Não longe dali, inúmeras "passagens", recém-inauguradas, como a da Opera, a Vivienne, a da Pont-Neuf, atraíam o olhar. Poesia do vidro e da vitrine, bordada de butiques, as passagens poupavam Luísa — e outros consumidores — de andar na lama, exposta à circulação de fiacres ou do frio.

Luísa também se encontrava a poucos quarteirões da igreja da Ma-deleine, recém-consagrada, onde assistia à missa aos domingos, mas também em dias de semana. Se no engenho nem o missal abria, em Paris, ir à missa fazia parte da vida social. Se no engenho vestia seus próprios escravos, em Paris cuidava dos "pobres da minha paróquia". Além disso costurava roupas finas para vestir Nossa Senhora e assistia a procissões.

Seu diário, sempre escrito em francês, mas, agora, com letra limpa e segura, revelava a vida agitada de uma dama de honra. Primeiro o cenário: Luísa se movia entre quatro palácios. O Elysée-Bourbon, que pertenceu à tia de Luís Felipe de Orléans. As Tulherias, palco para as festas de inverno. Saint-Cloud, palco para as atividades de verão; e o Luxemburgo.

1º de janeiro de 1844, segunda-feira: "Um carro à minha porta e parti com grande orgulho para as Tulherias. Usava meu vestido 'Pompadour' e uma guirlanda comprada na loja Batton. A Princesa só desceu para a recep-

ção. [...] Muito admirei a facilidade com que o Rei improvisa suas respostas.

A Princesa não assistiu ao desfile da Guarda-Nacional e eu pude, Graças a Deus, ficar sentada. O corpo diplomático foi recebido às quatro e meia; isto foi longo pois a Rainha e os Príncipes falaram com todos os membros.

Reconheci alguns brasileiros que estavam presentes em grande número."

Saindo das reuniões ou festas nos palácios, seu dia estava longe de se encerrar: "Deixando as Tulherias, fui jantar na casa de Madame Joubert, onde se discutiam as grandes questões que dominavam a Câmara dos Deputados."

Ela também acompanhava a princesa em suas aulas particulares de história e línguas ou passeava com ela no parque. Acostumada a dormir cedo, nem sempre Francisca jantava à mesa. Era conhecida a sua dificuldade em fazer assunto. Seu silêncio era um vestígio dos modos da Corte brasileira. E a "conversação", esta arte ao mesmo tempo entretenimento e lazer, típica dos franceses, lhe era desconhecida. Luísa, por sua vez, dominava este rito cardeal. Nada lhe escapava e ela conseguia conversar sobre filosofia, ciência ou artes. Sua forma de falar conjugava as boas maneiras com o código de perfeição estética, ou seja, usava a entonação, a pausa e a pergunta, modulando a voz. Ela encantava a quem sentasse a seu lado em inglês ou francês. Nos grandes jantares à mesa real ficava rodeada dos melhores convidados, quando não pelos próprios príncipes.

Definia-se, sem cerimônias, como "conversadeira".

Em fevereiro do mesmo ano, Luísa e Eugênio passaram 15 dias em Boulogne-sur-mer. Encontraram os amigos ingleses, ligados a D. Domingos e à infância de Luísa. Ela aproveitou para fazer um programa in -

comum para as mulheres: tomar banhos de mar. Ainda mais em pleno 118

inverno: "Às oito horas da manhã eu estava no mar, tomando meu 17º

banho, num frio de rachar! [...] Acho que há um pouco de loucura na minha cabeça em continuar num tempo horrível como este!"

De volta a Paris, Luísa apressou-se em criar seu salão. Nele, à moda da época, não se discutia só arte ou literatura. Mas também política. Foi uma das transformações do século XIX: na vida privada se pensava, criticamente, a vida pública. As reuniões eram ecléticas e reuniam brasileiros, franceses, ingleses, italianos. Era comum os convidados ficarem para jantar e, depois, para jogar partidas de dominó ou de cartas. Ali também se encontravam, à tarde, para o chá, nomes conhecidos como Landresse, bibliotecário do Instituto; Planat de la Faye, antigo ajudante de campo de Napoleão, que gostava de recordar mil episódios da Corte Imperial e das campanhas militares; Texier, que falava de suas viagens à Ásia menor e dos tesouros de arte que trazia para Paris. Não raro, Chopin sentava-se ao piano ou Lablache cantava algum trecho inédito da ópera de Rossini que ia ser levada no teatro dos Italianos. Sobre a mesa, papel e tinta, e os irmãos Franz e Herman Winterhalter desenhavam retratos dos presentes, enquanto Carelli esboçava em aquarelas lembranças dos pontos pitorescos da

baía de Nápoles. O casal tinha uma sólida amizade com Franz Xavier Winterhalter, um dos maiores pintores da corte de Luís Felipe. Além de Francisca, ele pintou a rainha Vitória, Sissi da Áustria, Tatiana Yusupova, entre dezenas de figuras importantes das cortes européias. Pintou também Luísa, em diversas fases da vida.

Ela adorava sua casa: "faz bem chegar em casa! Acho tudo tão bonito. Estou admirada de nossas poltronas tão macias". Os aristocratas com quem convivia na Corte também iam conhecer sua intimidade: "Esses senhores me acompanharam até em casa, eu lhes mostrei meu salão e meu quarto que eles deram mostras de muito admirar. Tudo estava em ordem e eu me vi no céu ao chegar em casa!" A noção de *privacy* — privacidade

—, tão cara aos burgueses de então, já dominava Luísa. Como aprendeu na infância, a casa era tudo. Era fundamento da moral e dos bons costumes. E a tendência lhe acompanharia toda a vida, pois adorava comprar 119

belos objetos e quadros. "Estendi tapetes, pendurei cortinas, enfim, está muito confortável e com gosto perfeito."

O "serviço" de Sua Alteza era bem remunerado, pois não houve uma semana em que o diário não registrasse visitas a peruqueiros e costureiros famosos. Por vezes, Luísa ia até mesmo à alfândega onde se vendiam os melhores tecidos importados. Veludos, rendas, tafetás da Itália, crepes ou um *manchou* de pele para aquecer as mãos eram despesas correntes, anotadas às pressas no diário: "Mandei fazer um mantô branco e outro preto."

Mesmo estando em serviço, Luísa mais se dedicava a sua própria vida social do que "à sua Princesa" — como gostava de chamar Francisca. Sua primeira gravidez a afastou dos compromissos mundanos. "A Princesa deveria ter ido ao teatro dos Italianos mas sentiu-se mal e o programa gorou."

"Chiquita" de Joinville nasceu em agosto de 1844 e ganhou logo o diminutivo do avô. Neste período, a presença de Luísa no palácio foi pouco solicitada. Aproveitava, então, para sair e fazer visitas. Podiam ser quatro ou cinco de enfiada. Ia de uma casa a outra, sem parar. Percorria os Champs-Élysées e as arcadas do Louvre. Lanches na famosa confeitaria Pluvier também estavam na moda. Passar a *soirée* na casa de amigos, fazendo dança e música, era normal, bem como intercalar tudo isto com idas ao teatro. Quando não se gostava da

peça, saía-se na metade. E a noite esticava.

Ela e Eugênio não brigavam mais, como faziam em São João: ele era, agora, o "querido marido". Ao contrário, se divertiam, riam juntos — "rimos como loucos" —, tinham longuíssimas conversas, sobretudo nas madrugadas em que ela chegava das festas na Corte e ele a aguardava. "Com que alegria não me encontrei em casa com meu bom marido!" Iam juntos à missa, ela rezava por sua saúde, e, no aniversário de 32 anos, deu-lhe uma bela corrente de ouro para o relógio. Eugênio, por seu lado, freqüentava a Bolsa, visitava banqueiros e comerciantes de máquinas a vapor. Esta afinidade era complementada por uma total liberdade. Luísa tinha os compromissos do "seu serviço". Ia aos bailes da Corte onde dançava e conversava com outros homens, "cedia" contradanças e procurava parceiros para dançar 120

com sua princesa: "A princesa deu 12 contradanças e foi preciso que eu lhe providenciasse dançarinos." "Me diverti muito e fiquei até às duas horas."

Dançava polca e valsa e chegava à casa exausta. "Noite bem empregada", gostava de anotar. A animação de algumas festas era tal que, certa vez, ela voltou para casa com um broche de brilhantes preso ao seu vestido de tule. Pertencia à duquesa de Santiago, mas ela só se deu conta ao despir-se às cinco da manhã. Não havia nada de estranho no comportamento de Luísa. Ela fazia o seu "serviço" e vivia a liberdade que o casamento lhe dava. Fazia visitas, tinha distrações, conversava com todo mundo sem constrangimentos nem responsabilidades. Gozava, enfim, as aspirações do seu século.

Nessa época, deu-se a visita de "todos os brasileiros e brasileiras notáveis a Paris. Fui colocada cara a cara com o visconde de Abrantes"

— contou muito segura de si. "Ele não me cumprimentou e, diante de todo mundo, lhe estendi a mão." De nada adiantou a cara velha e feia de Abrantes, o ex-prometido, pois foi graças à intervenção de Luísa que ele foi convidado para uma ceia no palácio. Sua mulher apresentou-se

"abominavelmente empetecada"! Luísa se vingou, exibindo modelo na última moda, "segundo o uso na Corte de França!". Apesar da raiva que demonstrou por Luísa, Calmon foi ao cemitério de Père Lachaise "lançar flores" sobre o túmulo de sua mãe, D. Maria do Carmo. Ele entendeu que foi a moça que o preteriu. Não seu pai, Domingos.

Luísa não percebia, ou o fazia, muito distraída, as mudanças na polí-

tica. Na abertura das Câmaras, quando teve que acompanhar "sua princesa", ficou chocada com a recepção: "Foi glacial, nenhum pequeno grito de viva o Rei. Estou furiosa!" Os dois irmãos, Joinville e Aumale, criticavam a política do pai e davam gás para a oposição liberal: "É impossível não olhar para o futuro e o que eu vejo, me dá um pouco de medo", anotava o príncipe de Joinville.

Em 1847, Joinville resolveu encontrar o irmão que era governador na Argélia. O pretexto oficial era a saúde da princesa Chicá. Na verdade, 121

uma ocupação militar estava em curso. Ter um filho oficial, estrategicamente posicionado no Mediterrâneo, era bom para o rei Luís Felipe.

A situação econômica tinha se deteriorado. Uma colheita ruim, junto com o aparecimento de uma praga nas batatas, aumentou o preço dos alimentos. Uma crise financeira e industrial se instalou: caíam as ações e aumentavam as falências, reduziam-se os empregos e o desenvolvimento dava sinais de cansaço. Escândalos de corrupção entre homens de Estado e da Corte explodiram. Assassínatos e suicídios de nobres enchiam as páginas dos jornais. Os romances de Eugène Sue batiam numa velha tecla conhecida dos franceses: o povo era bom. Os "grandes", ruins! A oposição recomeçou a azeitar as armas.

Em 1847, as cartas de D. Domingos eram poucas. Poucas também eram as referências ao Brasil. Vez por outra, a princesa Francisca lhes enviava geléia de sapucaias, vindas do Rio de Janeiro, "nossa alegria", celebrava Luísa. Certa noite, em meio a um jantar com brasileiros, brin-daram, à saúde do velho senhor de engenho. Sobre Alexandre, silêncio total. Nem uma única linha: ele, agora, trabalhava para a irmã. Era uma forma de ganhar algum dinheiro encostado nos favores da família. Mas na mesma época, D. Domingos escrevia a um de seus amigos mostran-do-se deprimido e adoentado: "Já lá vão cinco anos que a inflamação do fígado vem se tornando, de dia em dia, mais perigosa, obrigando-me a separar de minha filha, meu único bem, e desde então velhice, saudade e solidão influíram para mal em minha saúde e neste retiro me conservo triste e doente, razão para não importunar com cartas insossas as pessoas a quem desejo felicidade e prazer." Era um atestado de abandono.

Quando os Joinville partiram para o norte da África, Luísa pediu à princesa que a deixasse visitar o pai. Seria rápido. Luísa e Eugênio embarcaram para a Bahia.

Tomaram o *Bayadère*, vapor que levava uma missão francesa para a China, passando pelo Brasil. A embarcação fez sua primeira escala em Lisboa, momento em que o país estava em plena guerra civil.

Luísa quis ver a revolta de perto. Um grupo de jovens passageiros conside-122

rou a idéia ótima e saiu em cavalgada, no lombo de burros, como se fossem passear no Bois de Boulogne. A excursão não teve conseqüências desastro-sas por milagre! Os tiros, que choviam de todos os lados, não afastaram os curiosos observadores. Regressaram a Lisboa a todo galope dos pequenos burros, divertindo-se à grande e sem o cuidado de fechar as sombrinhas brancas que tinham sido o alvo perfeito para os atiradores portugueses.

De Lisboa, após uma curta temporada em Tenerife, seguiram via -

gem para a Bahia. Luísa e Eugênio foram arrastados pelas estradas poei-rentas até São João, onde os receberam luminárias, batuques e lundus de escravos. Yayá foi festejadíssima. Ouviram, então, histórias terríveis sobre a revolta dos escravos malês que varrera o Recôncavo. As terras e engenhos de D. Domingos, conhecido por sua luta pela emancipação, ficaram intocados. Rezava a lenda que seus próprios cativos se organi-zaram para defendê-lo, que seus portões ficavam abertos e que ninguém fugiu. Para os Barral, a temporada foi curta. Suficiente para levantar o moral de D. Domingos, fazer planos para o incremento dos engenhos graças às máquinas a vapor que Eugênio examinava em Paris e para cho-car a boa sociedade local com as modas parisienses.

O casal regressou à França por ocasião do falecimento da irmã do rei, madame Adelaide. Esta morte provocou mais asperidades entre os príncipes e o rei. A imensa fortuna da velha tia foi distribuída entre os sobrinhos, mas uma parte maior foi deixada a Joinville e Montpensier que, há algum tempo, se bicavam com o pai. O ambiente familiar já não era mais tão harmonioso. Findos os funerais, Luísa voltou a sua vida mundana. Neste último ano, distinguiu-se nas caçadas realizadas nas florestas de Compiègne e Rambouillet. Excelente amazona, impressionava vestida com roupas de pele de cabra e uma sombrinha que inventara para se proteger do sol enquanto cavalgava. Sua fama era tão grande que não se compravam cavalos para as princesas sem que Luísa os experimentasse e desse o "sim". Luísa gostava de brilhar. Exibia-se, poderosa e dona da situação. Só não percebia que as luzes do palco se apagavam lentamente.

Em janeiro e fevereiro de 1848, o fantasma da revolução voltou a rondar. Os debates que se desenrolavam na Câmara dos Deputados eram marcados por ataques diretos ao ministério. Escândalos pipocavam. Um conhecido pensador francês, Alexis de Tocqueville, alertava da tribuna:

"Nós dormimos sobre um vulcão. Os senhores não percebem que a terra treme mais uma vez? Sopra o vento das revoluções, a tempestade está no horizonte." O sistema político vigente era inadequado às mudanças sociais e econômicas que atravessavam a França. O descontentamento rapidamente virava subversão. Os príncipes se escreviam entre si: "Aqui, as coisas vão terrivelmente mal. O ministério empurrou a situação a um ponto que nós estamos preparados para tudo. Espero que os olhos do rei se abram a tempo!" Joinville era dos mais pessimistas: "O pai tentou me convencer de suas idéias, mas eu não posso mudar de opinião. A minha é contrária à do rei, e eu me abstenho de falar dela."

Na terça-feira, 22 de fevereiro, pela manhã, apesar dos rumores, Luís Felipe achou que Paris estava tranqüila. Errou. Pois, na mesma manhã, manifestantes barbados, com gravatas esvoaçantes e bandeiras tricolores, se reuniram na praça de la Concorde. Arrancaram os paralelepípedos e queimaram cadeiras ao longo do Champs-Élysées. Ainda assim, o rei foi dormir confiante. Às nove horas do dia seguinte, nova rebelião do lado de Montmartre e da rua du Temple, no Marais. O rei chamou a Guarda Nacional para assegurar a ordem. Nada de resposta! A defecção da Guarda desarmou o Exército. Na quarta-feira, um drama tornou a revolução inevitável. No bulevar des Capucines, a tropa, ou o que restava dela, abriu fogo sobre manifestantes. Houve 16 mortos e dezenas de feridos. Imediatamente, os cadáveres foram empilhados numa carroça que percorreu as ruas aos gritos de "Sufocam o povo!". Foi o princípio do fim: o dia 24 foi o último do reinado de Luís Felipe. Nem ele nem seus filhos demonstraram o menor ânimo para a resistência. O ato de abdicação, apresentado aos revoltosos, foi feito em pedaços. Republicanos gritavam "Viva a República!", enquanto liam, em voz alta, a lista de membros do governo provisório.

A família Orléans saiu das Tulherias de cabeça baixa. Brados hostis e operários armados com fuzis davam medo. Na pressa, o rei chegou a esquecer o ouro e os

bilhetes de banco que guardava no escritório. Triste ironia: uma das famílias mais ricas da Europa não tinha como pagar a própria fuga. Em Honfleur, embarcaram, sob nomes e passaportes falsos, a caminho da Inglaterra. Seu destino, o castelo de Claremont, com o aval da rainha Vitória. Naquela mesma tarde, o povo entrou para saquear o palácio. Das janelas, jogaram fora os móveis, quadros, prataria, espelhos e porcelanas. Rasgaram cortinas, tecidos finos e o guarda-roupa real. O

trono foi levado, em cortejo, até a Bastilha e, lá, reduzido a uma grande fogueira. Os Orléans escaparam por pouco.

Em meio à confusão, Luísa resolveu encenar um último ato. Sua princesa tinha esquecido, no pavilhão de Flora, seus objetos mais preciosos e as mais queridas lembranças. Apresentou-se sozinha ao governador provisório que ali se instalou e com mil artimanhas conseguiu o que queria. Durante dias, com a ajuda de Eugênio levou embora peças caras e sentimentais, inclusive o retrato do príncipe de Joinville. Este último foi carregado, debaixo do braço, até a rua d'Anjou. Alguns dias depois, com o tesouro a salvo, foram reunir-se à família d'Orléans.

Castelo de Claremont: grande edifício de pedra marrom dominan -

do um vasto parque cm vales, cuja beleza encantava os poetas. Uma casa de chã em estilo gótico se debruçava, mais longe, sobre um lago. A chegada em pleno inverno não foi das mais alegres. Pouco a pouco, novos hábitos nasceram. O rei fazia exercícios cotidianos no belvedere e tomava longos banhos numa banheira-piscina em mármore branco, instalada no subsolo. A rainha e as princesas retomaram os trabalhos de agulha e as reuniões do "club". As damas de honra da rainha e das princesas participavam das atividades familiares, como antes. Só não havia mais as festas das quais Luísa tanto gostava. Em outubro de 1849, Francisca deu à luz um menino morto. Era o terceiro filho, pois depois de Chiquita veio ao mundo Pedro, duque de Penthièvre.

Enquanto Luís Felipe se perguntava se valia a pena juntar as duas famílias, Bourbon e Orléans, para tentar uma restauração da Coroa, Joinville ameaçou se apresentar à presidência da República. A idéia não agradava ao rei e provocou penosas discussões. No mesmo ano, a águia alçava vôo. A águia era o sobrinho de Napoleão Bonaparte, Luís Napoleão. Ele se apresentou às eleições como o defensor dos ideais napoleônicos, ao mesmo tempo que arauto dos princípios da ordem e da estabilidade social. Primeiro eleito como deputado, pouco a pouco

ganhou a simpatia dos conservadores, temerosos da difusão das idéias socialistas. Depois, teve o apoio dos burgueses liberais, ansiosos pela pacificação e a retomada do progresso. Já as forças armadas viam nele o passado de glórias militares e se perguntavam: por que não revivê-las? Dia 10 de dezembro de 1848, foi eleito presidente da Repú-

blica da França com 5,5 milhões de votos, ou seja, 73% do total.

Em Claremont nada disto era bem-visto ou bem-vindo. Os príncipes acompanhavam com atenção a crescente ampliação de poderes de Luís Napoleão. Nada o detinha, nem partidos, nem pessoas. Neste ínterim, em julho de 1850, a saúde do rei começou a declinar. Foi sua querida Maria Amélia quem lhe fechou os olhos, prometendo encontrar-se em seguida com ele. Assim, Luís Felipe não viu a França mergulhar na recessão econômica, que em 1851 foi o pretexto encontrado por Luís Napoleão para controlar a imprensa. Em 1852, com o apoio de uma rede de amigos inescrupulosos e envolvidos em negociações públicas, ele articulou um golpe contra o Parlamento. O golpe foi ratificado por um plebiscito seguido de uma tentativa de insurreição republicana, severamente trituraada pelo exército. Luís Napoleão também não esperou tornar-se o imperador Napoleão III para se vingar dos Orléans. Em dezembro de 1852, baixou um decreto em que confiscava todos os bens, móveis e imóveis que possuíssem na França. Do outro lado da Mancha, em Claremont, reinava o estupor!

Nos últimos dois anos, a situação começou a ficar desconfortável para os Barral. Por um lado, os antecedentes bonapartistas da família de Eugênio, aparentada com os Beauharnais e com Luís Napoleão, criavam

um visível mal-estar. Os comentários que o casal era obrigado a ouvir nos salões de Claremont resultavam em embaraço e aborrecimento. Eugênio recebia mal as alfinetadas. Luísa tentava disfarçar, mas percebia que as princesas interrompiam certas conversas na sua frente. Mas não era só.

Havia problemas de dinheiro. Os "serviços" já não eram tão bem pagos.

As execuções testamentárias, os bens e tudo o mais dos Orléans estava sob o controle da Assembléia Legislativa. Os bolsos estavam vazios. O

casal Joinville vivia, então, do dote de Chicã: um milhão de francos mais uma renda de 150 mil francos que lhe foi oferecida por seu irmão, Pedro II. Podia

parecer, mas não era muito dinheiro. Eles nem tinham condi-

ções de se estabelecer numa casa independente. Os Joinville moravam em apartamentos no primeiro andar de Claremont.

Os ventos não sopravam favoravelmente para Luísa, que representava bem o espírito do seu tempo: alguém que queria vencer na vida. A estrutura burguesa e pós-revolucionária da França prezava este tipo de mulher, capaz de copiar a cultura aristocrática, valorizando, ao mesmo tempo, o dinheiro e o ganho: a mistura de "maravilhosa cortesã" com a boa dona de casa burguesa.

Pois na atual conjuntura, a brasileira que se fizera querida e admirada na corte francesa perdia suas funções. Luísa compreendia que seria preciso redesenhar o mapa da mina. Com a mesma argúcia com que se fizera convidar para ser dama de honra da princesa Chicá, resolveu voltar ao Brasil. A vantagem de estar a milhas de distância da França lhe permitia tanto manter relações com os Orléans quanto com os Bonaparte. Em São João poderia esperar dias melhores, e decidir, com serenidade, que destino dar a sua vida. O fausto das Tulherias, a sociedade mundana de Paris, as conversas da rua d'Anjou dariam lugar à solidão da fazenda, à alegria da criação de galinhas, ao barulho do canavial. Quando sua princesa partiu com Joinville e os filhos para uma longa viagem à Espanha, a camaleoa fez as malas e voltou a cruzar o Atlântico.

127

Luísa de Barral por Claudius Coutou. Sem pre elegante, dona de um meio sorriso e um ar doce que não excluía a obstinada força de vontade.

Capítulo 5

O começo

Luísa tinha regressado aos engenhos São Pedro e São João. Voltou para enterrar D. Domingos, que nos últimos anos definhou. O problema no fígado acabou com sua vitalidade. O pai que dançou sobre um vulcão se manteve ativo enquanto pôde, inclusive editando o jornal *A Epocha Litterária*, um sucesso nos meios cultos de Salvador. Nele se encontravam artigos sobre ciências, literatura, belas-artes, história, peças teatrais e poesia. Era também voltado ao público feminino e contava — o que era raro — com assinantes mulheres, entre dezenas de homens. Em várias cartas, D. Domingos se revelou até o final da vida um apaixonado

pela

"pátria" e um entusiasta das letras e das ciências. A última imagem que levou foi a de seus queridos canaviais. Mas morria suavemente, pois deixava descendência para cuidar de suas canas e escravos.

Luísa finalmente lhe dera um neto. "Deus depois de me pôr velha quis dar-me uma grande consolação, mandando-me do céu um anjinho por filho", comemorou ela. Depois de 16 anos de casados, os primeiros sintomas de gravidez se manifestaram. Impossível, pensavam todos. No princípio, se acreditou em grave enfermidade: hídropsia ou até envenenamento! As náuseas nesta idade, diziam os médicos, não eram sinônimo de maternidade. Só podiam ser uma intoxicação. Estavam equivocados.

E, sinal de seu caráter forte, ela jogava pela janela os remédios que lhe prescreviam. Anos depois, confessaria que desejou muito este filho, "perdendo a cada instante essas esperanças, devidos as minhas estripulias a pé ou a cavalo e dançando como uma louca que fui". A 17 de fevereiro de

1854, nasceu, em Salvador, o pequeno Dominique — tradução francesa do nome Domingos, em homenagem ao tio e ao avô —, criança doentinha, mas muito festejada.

129

Nada do que acontecia com Luísa passava despercebido na sociedade provinciana. Se não tirava a chapelinha na missa, durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, hábito que trouxe de Paris, as línguas se afiavam. Um grupo de clérigos e beatas foi ao bispo se queixar, solicitando providências.

Dom Romualdo de Seixas não se deixou intimidar. Alegou que a chapelinha das moças não era propriamente um chapéu, mas um adorno da moda.

Luísa, portanto, continuou indo às missas com seu capuz adornado de rendas, fitas e flores, nem aí para as línguas de prata, como eram conhecidas as mexeriqueiras. Imagine-se quando ficou grávida!

A barriga, além de suas modas, também foi assunto. Murmurava-se que o menino não era filho do conde de Barral, mas do médico Dr. Souto.

A coisa transpirou: Salustiano Ferreira Souto, conhecido na Corte como *sotto voce*, era apontado de dedo. E na correspondência dos grandes políticos não faltou quem o acusasse: "O Souto inculca privança com a Excelentíssima!" Fino conversador, era conhecido como "particular amigo" de Luísa e devia sua indicação para dirigir o Passeio Público de Salvador a D. Domingos. Tal amizade deu muito o que falar, sobretudo porque se hospedava com frequência na casa dos Barral. Eugênio certamente se acostumara com a liberdade de que gozava Luísa. Não a esperava chegar dos bailes em Paris para "uma boa conversa"? Ambos também estavam habituados ao círculo masculino nos salões da rua d'Anjou. Ali não faltavam "suspirantes" por ela.

Suspirar por alguém ou desejar platonicamente era moda da época.

Mas, limitada pelo pequeno mundo do Recôncavo, sufocada pela falta de assunto, Luísa só esperava chegar o túmulo de D. Domingos, es-culpido em Paris, para começar a empacotar a mudança. Bastava! Queria voltar à civilização. Dominique seria o sucessor de Eugênio, que, por sua vez, fora convidado por Napoleão III a suceder seu finado pai no Palácio de Luxemburgo. "Devemos infalivelmente voltar para a França", insistia ela no diário. Tudo de bom os esperava lá: os Beauharnais, membros da família Bonaparte, agora em alta, além da propriedade de Voiron que tinham herdado. Dois fatos atrasaram a partida: o cólera, que se propagou 130

pela província, e a instalação de um recolhimento que fez junto com o Dr.

Souto para crianças órfãs e doentes, muitas delas atingidas pela epidemia que varria as cidades litorâneas e outras, e abandonadas pelos pais.

O segundo fato foi o processo que lhe moveu Alexandre por se ver excluído do testamento de D. Domingos. Trapalhão e inábil, o filho natural criou problemas para todos: pai, esposa, filhos e familiares. Alexandre insistia em não entender que D. Domingos lhe tinha reservas e que a fortuna que legava a Yayá tinha origem nos bens de sua mãe, D. Maria do Carmo.

Na abertura do testamento, a notícia caiu como uma bomba sobre o filho natural: "Deixo ao sr. Alexandre Borges de Barros, em gratificação da boa companhia e serviços prestados, além de outra doação mais antiga, feita por escritura pública, a quantia de 3.000\$ [...] deixo mais o cordão de ouro que trago com meu relógio em sinal de amizade." Legou ainda uns trocados aos netos e a D. Júlia, mulher de

Alexandre. Não muito mais do que deixou aos

"meus bons escravos". Tinha início uma briga que se arrastou por anos.

Foi uma nova reviravolta do destino que a fez encontrar certa ma-nhã, já com as malas prontas, uma carta vinda da Corte. O envelope vinha lacrado com as armas de Bragança e a indicação da Mordomia da Casa Imperial. O mordomo do imperador, Paulo Barbosa da Silva, freqüentador de sua casa na rua d'Anjou, além de conhecido de D. Domingos, escrevia a Luísa com um convite: educar as princesas, filhas do imperador, como fizera com Francisca, como dama do palácio.

A condessa tinha duas escolhas: voltar à França como esposa de um

"pajem", que recebia meio soldo de salário, ou brilhar na Corte do Rio de Janeiro? Na trajetória que percorria, Luísa se tornou, sobretudo, uma pragmática. A resposta era simples: quanto? Esta era a verdadeira questão.

A administração dos engenhos por D. Domingos não foi das mais lucrati-vas. Eugênio por seu lado sonhava com a visão das canas, produzindo em escala industrial. Mas, ele bem sabia, as máquinas custavam caro. Tinham casas a manter, impostos a pagar e, agora, a melhor justificativa para seguir "subindo na vida": o frágil Dominique. Para isto, era preciso negociar bem. Luísa não teve pressa. Respondeu primeiro cobrando Barbosa de uma manifestação pelo falecimento do visconde de Pedra Branca. Fina ironia marcava cada linha da carta de março de 1855:

"Estou no engenho, longe da Bahia, e foi aqui que me veio ter uma magnífica cartinha de Vossa Excelência pedindo resposta de outra que diz-me ter dirigido há mais tempo e que até hoje não me veio à mão. Talvez o correio não a quisesse largar por via *segura*. Vou mandar remexer os esca-ninhos desta detestável administração para ver se descubro sua carta, e se satisfaço minha curiosidade vivamente despertada." E alfinetava: "O que poderá Vossa Excelência ter que me dizer agora em duas cartas, quando eu espero uma resposta sua há mais de um ano, tendo-lhe dado parte da morte de meu pai? Em vez de uma carta sua, vou provavelmente encontrar duas no correio, porque me parece impossível que Vossa Excelência não gastasse comigo uma folha de papel, em troca de tantas recordações de Paris."

Ao mesmo tempo, se comunicava com "sua princesa", sondando-a sobre o que

fazer? Francisca foi sincera. Que combinasse tintim por tintim. A Corte do Rio não era as Tulherias. Além de triste, endividada.

Faltava alegria e fineza. Crepitavam invejosos e oportunistas. As cartas da princesa para Barbosa da Silva batiam na mesma tecla: "Tudo vai bem mal na Casa, as dívidas começam e já dizem serem grandes, tudo isto por falta de ordem. O mano não dá mais bailes, nem saraus, não viaja mais e tudo isto é de um efeito péssimo. Então vai aos bailes do Cassino e temo que lhe faça mal ao prestígio." Ficava claro que, além de educar as princesas, Luísa teria que levar certa civilidade ao paço imperial.

Ela cozinhou o velho mordomo em fogo brando: "Confesso-lhe de todo o coração que foi a coisa mais inesperada possível e, se não fosse a humilde opinião que de mim tenho, me teria tornado de repente a pessoa mais vaidosa deste mundo." E seguia mordendo e assoprando,

"Mas diga-me Vossa Excelência, como meu velho amigo, como poderia eu aceitar este cargo! Sou casada com um francês, e só morei na Bahia enquanto ele, por sua bondade, me permitiu fazer companhia a meu ve -

132

lho pai nos seus últimos anos de vida. [...] Devemos infalivelmente voltar para a França e, se não fossem uns negócios atrapalhados do Alexandre Borges, já estaríamos na Europa. Nossas propriedades, nossa fortuna, es-tão na Bahia e na França. Como poderíamos de repente largar tudo para começar vida nova no Rio?!", perguntava , esperta!

E arrematava, sem dó: "Com quem jantaria e a custa de quem? Tenho eu de efetuar uma quase completa mudança desta cidade para aí, e tenho família que não é pequena, muito devo gastar em transporte etc.

Uma mudança de tal natureza é cara, difícil, pesada, e mais difícil ainda é deixar três avultadas propriedades de Engenho com muitos escravos entregues a estranhos [...] não se poderá efetuar isto sem grandes prejuízos e lucros cessantes."

Diante dos insistentes pedidos vindos da Corte e de Claremont, castelo na Inglaterra onde se hospedavam os Joinville, Luísa matutou, fez contas e chegou a um preço: 12 contos ao ano, mais carruagem e residência. Com cláusula

adicional: teria total autonomia para fazer o que quisesse e professora que a auxiliasse nas disciplinas ministradas às princesas.

Tudo posto no papel, valia a pena. Como tantas mulheres de sua época, Luísa compensava a perda do dinheiro pela busca do poder social.

"Estou encantada sabendo que a Barral aceitou o lugar de aia. Não podias ter acertado melhor. Ela parece somente muito inquieta da responsabilidade que vai ter, sendo aia de tuas filhas e tendo já tido outras pessoas que lhe vão provavelmente fazer guerra. Eu escrevo como me pediste a todos do paço para recomendar-lhes a Barral como sendo uma pessoa muito minha amiga, é brasileira, e merece toda a confiança que lhe debes dar para que ela possa empreender o seu lugar, lugar que não é fácil em nenhuma parte... senão tenho medo que as outras se ponham todas à guerra", admoestava a princesa Francisca ao imperador. A correspondência alertava sobre as picuinhas internas e a resistência que Luísa sofreria. Seja padecia no Recôncavo, o que se diria dela na Corte?! Tanto mais quanto ela "tinha uso do mundo, era rica e independente". Muitos *Domimque de Barral*.

já se roíam de ciúmes e, com habilidade, Luísa tratava de deixar escapar suas queixas para que sua princesa a defendesse.

Coincidência ou não, paralelamente ao convite imperial e ao nascimento de Dominique, Eugênio foi convidado a se repatriar. Tinha que suceder ao título do pai. Por aqui, o imperador aceitou todas as exigências de Luísa e deu mais: "Antes da pergunta de madame de Barral, já tinha intenção de fazê-la dama da imperatriz" — explicava-se. "Ficará assim colocada em categoria igual a dos criados de maior representação. [...]"

Madame de Barral poderia morar dentro do Paço de São Cristóvão ou *A pupila princesa Isabel, vestida ao gosto parisiense e com um livro entre as mãos. Influência de quem?* Cartão de Visite, cerca de 1858.

da cidade, nos aposentos que foram da condessa de Belmonte." D. Pedro sonhava com a figura de sua Dadama, a camareira suave que substituíra sua mãe e que criara suas irmãs com o maior rigor moral. Queria para suas filhas uma combinação de modernidade e francesismos com a boa e velha tradição de pudor virginal que se exigia das mulheres.

Negócio selado, a condessa, o marido e o filho se mandaram para a capital. Uma

corveta de guerra veio buscar na Bahia a nova dama do palá-

cio, transportando-a com grandes honras ao Rio de Janeiro. Foi quando deu no *Jornal do Commercio*: "Por decreto de 31 de agosto de 1856 foi no-meada dama de S.M. a Imperatriz a Sra. Condessa de Barral. A Sra. de Barral, aia de Suas Altezas Imperiais, veio de passagem no vapor *Recife*"

Se a chegada foi discreta, a partida de Salvador foi festiva. Senhoras pertencentes a associações de caridade, gratas por sua atividade nos tempos do cólera, resolveram lhe oferecer um baile. Luísa deu um tapa de luva de pelica nas linguarudas. Declinou e pediu que a renda fosse revertida para a Casa da Providência, na Baixa do Sapateiro, destinada ao ensino de ofícios às meninas pobres, da qual era a tesoureira. A festa rendeu mais de 1.000\$, uma fortuna na época!

O único homem que daria ordens a Luísa, de hora em diante, era um moço bonito, apesar da gordura que começava a se espalhar pelo seu corpo. Alto, de feições severas e modos lentos, tinha um par de olhos azuis como contas, afundados num rosto muito branco. Mais ouvia do que falava e dele emanava um sentimento de desconfiança em relação ao interlocutor. Raramente as pessoas ficavam à vontade na companhia do imperador. Podia-se resumi-lo numa única palavra: reservado. As vezes era visto na bela baía de Botafogo tomando banho de mar com a família.

Quando o cólera chegou à capital, mostrou-se incansável. Em vez de se refugiar em Petrópolis — como fez a elite —, "parava seu carro à porta dos hospitais, penetrava nesses focos de epidemia, aproximava-se dos leitos dos coléricos, falava a todos eles, robustecendo a coragem dos fortes, inspirando valor e ânimo aos fracos e enchendo de esperança, de fé e de 136

gratidão os corações dos míseros doentes". A doença acabou matando 5 mil pessoas.

Em política, viviam-se os anos da "Conciliação", um ministério onde havia de tudo. Homens de todas as tendências, entre liberais e conservadores. A idéia era desenvolver projetos para o Brasil na base da calma e da tolerância. O lema era conciliar para governar e governar para conciliar. O fio condutor era restaurar a ordem pública e fortalecer o poder civil. Apesar dos esforços, não faltava quem atacasse o governo: "Conciliação é corrupção."

D. Pedro II tinha redigido umas "Instruções" ao gabinete, que mais pareciam a continuação das propostas que D. Domingos enviava a D.

Pedro I: criação de uma escola de Alta Administração; atenção à instrução primária e secundária; lei de terras criando núcleos de colonização; lei de pensões e aposentadorias; construção de estradas de ferro; medidas de salubridade pública; navegação do São Francisco; repressão enérgica ao tráfico de escravos. E ainda, relações com os Estados Unidos e as repúblicas vizinhas sobre a navegação do Amazonas e " *last, but not least*", eleição direta e por círculos. A Conciliação permitia à monarquia se firmar num ambiente de paz e tranquilidade, longe das revoltas que tinham varrido o Império nos seus primeiros trinta anos de vida.

Nessa época, o imperador já tinha perdido dois filhos: Afonso Pedro, com 2 anos, e Pedro Afonso, que, também na flor da idade, "terminou sua preciosa existência na imperial fazenda de Santa Cruz". A morte do último foi considerada pela imprensa da época como "uma calamidade"! O povo apinhado nas ruas viu em silêncio o pequeno caixão passar.

Depois da tragédia, D. Pedro voltou-se para as duas filhas, Isabel e Leopoldina, respectivamente com 10 e 9 anos por ocasião da chegada de Luí-

sa. Era pai devotadíssimo. Fazia pessoalmente leituras para as meninas, dava-lhes lições de matemática e latim, explicava-lhes física. Escolhia a dedo os professores de inglês, alemão, geologia e história. Mas precisava de alguém, que lhes desse modos. E confessava "não sou dos mais habilitados para lidar com senhoras".

Retrato de D. Pedro II à época em que Luísa chega a Corte.

São Cristóvão: o palácio na época em que Luísa educava as princesas. O cenário quase rural convidava a se perder em passeios.

A Corte que Luísa encontrou no Rio de Janeiro era muito diferente daquelas às quais serviu em Paris e Claremont. Comparada com os crité-

rios europeus era de uma modéstia de dar pena. Em vez de brilhante, cinzenta. Reagiam alguns dizendo que não era suntuosa, mas sua singeleza e virtudes compensavam. O príncipe Alexandre de Württemberg, por exemplo, comparou o palácio de Petrópolis a um "triste edifício que no máximo satisfaria as

exigências de um próspero mercador, mas não as de um grande monarca". A ridícula tradição do beija-mão sobreviveu aos tempos e continuava. A carruagem era do século anterior, velha e feia. Os jantares no palácio eram um suplício. No menu, canja. A comida era ruim, não se tomavam vinhos e o imperador engolia a refeição em segundos. Não se praticava a "arte da conversação" tão prezada no exterior. Não só os serviços

— ou seja, a sucessão de pratos — eram praticamente ignorados, mas os empregados estavam sempre malvestidos. Nem *gourmet*, nem *sommelier*, o imperador só gostava de doces: mãos-bentas, suspiros e goiabada. Quanto à atividade física, considerava-a quase desprezível. Não gostava de caçar nem de matar animais. Menos ainda de jogos de bola ou de caminhadas que o levassem a "ruminações". Para uma vida completa bastava, dizia ele,

"alimentar os sentimentos do coração e os pensamentos do espírito".

Os sentimentos do coração, aliás, já tinham sido largamente exercitados por ele. Não com a gorda e feiosa esposa, mas com outras mulhe -

res. O jovem que inicialmente as evitava tinha ficado para trás. Adulto, depois que se tornou pai de quatro filhos, ganhou um discreto ar de conquistador romântico. Pois, já casado, não escreveu ao primo Fernando de Portugal dizendo que buscava uma alma gêmea? Tentou encontrá-la primeiro em Maria Eugênia Lopes de Paiva, um ano mais jovem do que ele e filha do barão de Maranguape. Foi sua primeira paixão. Ela havia se casado duas vezes. Segundo um contemporâneo seu, era encantadora, tinha um olhar açucarado e foi a primeira a servir sorvetes nas reuniões que organizava. O imperador a cortejou sem embaraço nos anos que antecederam a chegada de Luísa.

140

Depois houve um caso com Carolina Bregaro, casada com um bastardo de D. Pedro I, em cuja porta o imperador foi surpreendido certa noite.

No entender de alguns, eram ligações "indignas dele". Apesar dos casos amorosos curtos, ele tentava ostensivamente disfarçá-los, preservando a imperatriz e as filhas de qualquer escândalo. Nada de uma madame de Pompadour em sua Corte! Nada de assombrações inspiradas nos amores escabrosos de seu pai, D. Pedro I. Prudência e moderação eram de regra.

Ainda com todos estes cuidados, D. Pedro II não foi insensível à chegada de uma mulher cuja fama de "maravilhosa" era conhecida até na França.

Mas o que impressionava um homem em meados do século XIX? O

que significava ser bela, então? Qual era a mulher irresistível? Resposta de escritores e artistas: a que tinha "um não sei o quê". Este "não sei o quê" era, segundo filósofos como Rousseau, a emoção que ela fosse capaz de suscitar no espírito do seu interlocutor. Luísa não seria considerada bela pelos padrões atuais. Tinha, contudo, uma cabeleira negra que o romantismo elegeu como a cor de suas heroínas e um par de olhos de veludo, brilhantes como duas estrelas. Ela tinha graça, o gesto fino, o espírito vivo e mais: era uma verdadeira *coquette*.

O espetáculo da *coquetterie* implicava se colocar sempre à disposição do observador. Sua encenação era dedicada ao suspirante. O poder da sedução feminina não estava, então, no gesto de agradar imediatamente.

Mas na tentação calculada. A mulher tinha que se oferecer e se recusar ao mesmo tempo. E o elemento maior do encanto não era uma fisionomia irretocável, mas um corpo oculto. A indumentária era, junto com o

"um não sei o quê", o elemento maior de sedução. Luvas, chapéus, um pé minúsculo escondido numa botinha, tudo colaborava para a imagem que definiria a beleza da mulher. O paradigma da *coquetterie*, então, combinava com a descrição de Luísa. José de Alencar, consagrado pelas crônicas que, entre 1854 e 1855, escrevia para o *Diário do Rio de Janeiro*, só se referia a mulheres-anjos, donas de um "pezinho de *Cendrillon*, um corpinho de fada, uma boquinha de rosa". Luísa ficaria conhecida como 141

"a fadinha". Anos mais tarde, amigos e inimigos só a chamariam pelo diminutivo.

De Paris para Salvador, Luísa viveu grandes mudanças. De Salvador para o Rio, nem tantas assim. Ao entrar na baía de Guanabara, o que impressionava era o número de embarcações tripuladas por negros que vinham oferecer frutas ou transporte até o cais. O pintor Edouard Manet, de passagem em 1849, registrou as ruas estreitas, a presença maciça de escravos e a ausência de mulheres. Segundo ele, elas só eram vistas "quando vão à missa ou depois do jantar, quando aparecem nas suas janelas. Nesta ocasião" — ponderava

— "é possível olhá-las sem nenhum impedimento". No mais, havia lama demais nas ruas, os serviços públicos eram precários e os cidadãos não tinham

"hábitos civilizados", queixavam-se articulistas de jornais brasileiros.

Mas as transformações chegaram a galope. Com a extinção do tráfico de escravos em 1850, seus antigos donos realocaram as finanças no comércio. Como resultado, a vida urbana entrou num período de prosperidade.

"Como não dar largas à imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quase fantásticas, quando a civilização faz prodígios, quando no nosso próprio país a inteligência, o talento, as artes, o comércio, as grandes idéias, tudo pulula, tudo cresce e se desenvolve?", perguntava-se José de Alencar, empolgado com a presença do progresso em toda parte.

O Passeio Público ganhou iluminação a gás, possibilitando encontros agradáveis à noite. Os bairros de Laranjeiras, Botafogo, Catumbi e São Clemente, onde dormitavam velhas chácaras, começavam a se unir a São Cristóvão. Tílburi e gôndolas, com o trote manso de cavalos, supriam o gingado das cadeirinhas. Um trem levava os turistas e moradores a Petró-

polis. Iluminada a gás, a rua do Ouvidor testemunhava a multiplicação das lojas chiques: luvas no Wallerstein, perfumes no Desmarais e roupas na Notre-Dame de Paris. Para que Luísa não morresse de saudades tinha até uma novidade: a galeria Geolas, que ia da rua do Ouvidor à rua dos Ouri-ves, arremedo das "passagens", ou galerias cobertas da capital francesa. Pela praia de Botafogo ou no adro da Igreja da Glória era possível flunar nos 142

finais de tarde e o Jockey Club anunciava as primeiras corridas em raia de areia. As de Epton, na Inglaterra, afinal, não eram muito diversas das do Prado Fluminense, murmuravam os otimistas. Chegou o "sport", disputa-vam-se "regatas", instalou-se o "chic entre os "janotas ".

Fofocas? No Café de Londres se demolia o império e na Maison Mo-derne liquidava-se o resto. Bailes? Havia e muitos. O da Beneficência Francesa, o dos "Estrangeiros", o da Glória, o do Cassino Fluminense, o do Congresso e outros. Até pouco tempo antes, D. Pedro II os adorava.

Girava nas valsas como um pião. Para os trópicos, os espetáculos líricos importavam sopranos como a Charton ou a Casaloni. O Ginásio Dra -

mático, fundado para concorrer com o teatro São Pedro, levava dramas e tragédias neoclássicas. No Lírico, para sorte dos floristas, as *corbeilles* enviadas às cantoras ocupavam mais espaço do que a platéia. No Provisório — enquanto se reconstruía o D. Pedro que incendiou em 1855

— buscava-se encenar libretos de ópera brasileira, com heroínas de nome Moema, Paraguaçu e Lindóia. Um diretor apresentou uma fórmula provisória: "Opera em italiano com assunto nacional!"

Enfim, não era Paris, mas dava para o gasto. O que mudou foi a agenda de Luísa. Se em Paris era chamada, de quando em quando, para se divertir e entreter adultos, na Corte sua vida transcorria entre duas meninas e começava pela manhã. Em agosto já estava instalada numa residência próxima ao palácio, em São Cristóvão. Eugênio partiu logo para a França, deixando-a com Dominique. A apresentação no paço foi formal. Luísa deixou os filós de lado e foi de cinza-pérola, severa, com os cabelos em bandós, enrolados sobre as orelhas. Quando se adiantou para cumprimentar o par imperial, reza a lenda que chegou perto da perfeição. O imperador, que vira tantas reverências na vida, as desajeitadas, as esbaforidas, as pernósticas, encantou-se com a obra de arte de Luísa: respeitosa, sem se humilhar, calma, segura de si e soberanamente submissa. Ela deu ao seu caminhar um 143

movimento concêntrico e harmonioso como uma serpente sobre a grama.

Anjo ou demônio, numa ondulação graciosa que difundia um perfume conhecido como Brisa de Paris? Avançava o pezinho, modelando o vestido com tanta precisão que provocava admiração e desejo, comprimidos pelo mais absoluto respeito. Era a "genialidade do andar francês".

O casal de imperantes estava diante de alguém excepcional. Como tantas francesas, Luísa foi educada no espírito da Restauração. Tinha princípios, jejuava, comungava, ia à missa. Mas também dançava nos bailes, aplaudia o teatro, lia histórias de adultérios descritas por George Sand e Flaubert. Aliava o sagrado e o profano, a piedade e a mundanidade.

Luísa — e D. Pedro talvez o tenha percebido — era calculadamente virtuosa. Teresa Cristina convidou-a a sentar-se e as primeiras perguntas foram formuladas: estava satisfeita com as instalações? Como foi a viagem? Como estava a família? Luísa respondia com graça e fascinava com o tom de voz,

tantas vezes treinado nos jantares em Paris. Voltava a cabeça com movimentos graciosos e os olhos vivos, negros e expressivos modulavam as respostas. Ela manejava inteligência, discrição e deferência com uma habilidade que impressionou o casal. Durante a conversa, encantou D. Pedro, deliciado por esta mistura de cuidado e abandono com que uma mulher bem-educada se comportava. Seria ela a sua "alma gêmea"?

Mas o que via um homem, no século XIX, ao olhar uma mulher? Ele procuraria o que os médicos chamavam de "feliz harmonia". Uma propor-

ção de peças digna do melhor marceneiro: bacia grande, ancas vigorosas, ventre mais largo, joelhos ligeiramente virados para dentro, pés diminutos, mãos "pequenas, doces, brancas e modeladas". A impressão de unidade do corpo feminino era reforçada pela importância das curvas e dos globos.

Eles tinham que "ondular". A "doce" consistência das carnes era importante, junto com "o contorno dos relevos". Odiava-se a magreza e tudo o que 144

era anguloso: "uma infelicidade terrível". O homem olhava logo a pele. Ela era afinal o campo onde o seu toque ia ser exercido. A transparência deveria revelar o "azul das veias". A pele do pescoço e dos braços tinha que parecer veludo. Se ela não tivesse asperidades, indicava ao homem que o interior das coxas era igualmente liso. A pele dos lábios designava sutilmente o desenho e o colorido da vulva; a cabeleira anunciava o toão púbico. A boca, menor do que a masculina, tinha que desvendar a brancura dos dentes.

A pequena Isabel grafou no diário: "Veio hoje pela primeira vez minha aia a condessa de Barral, e dei com ela princípio ao estudo da língua francesa." Já Luísa anotou, no seu: "Foi uma das maiores emoções de minha vida. É bem verdade que, no dia seguinte, quando foi a vez do imperador de dar a sua lição, ele estava mais emocionado e mais intimidado do que eu mesma. Isto deu-me, para o futuro, toda a minha naturalidade." Dias depois Isabel registrava: "a condessa nos ensinou a cantarolar

'au pont d'Avignon'." "Não fui passear porque dei hoje a minha primeira lição de dança", escreveu depois a pequena Isabel. Isabel era comportada.

Leopoldina, uma pimenta. Vez por outra, o pequeno Dominique era le-

vado até São Cristóvão para brincar com as duas meninas.

D. Pedro II tratou de imunizar qualquer possibilidade de incomo-darem Luísa. Num texto intitulado "Obrigações da aia", ele deixava claro: "Ela só poderá intervir direta ou indiretamente na educação de minhas filhas." Só ela. E afastava outras freqüentadoras do palácio, além de retirar de D. Teresa Cristina qualquer influência direta sobre a formação das meninas. Alegava que também afastava assim os ciúmes que a recém-chegada ia inspirar. E redigia de próprio punho: "Sua Majestade o Imperador espera que a dama e a açafata do quarto de Suas Altezas Imperiais não continuarão a contrariar por seus atos e palavras a influência que deve a condessa de Barral ter sobre a educação de Suas Altezas Imperiais que por Sua Majestade o Imperador lhe foi cometida, evitando assim que o mesmo Augusto Senhor se veja obrigado a tomar alguma medida severa."

Não era uma ameaça, mas uma ordem.

O dia de todos começava às nove da manhã e se estendia até às oito da noite. Quando chegava, Luísa já encontrava as meninas "almoçadas", ou seja, de café tomado, depois da missa diária. A instrução, explicava D.

Pedro II, era que a educação das duas fosse igual a que meninos recebiam.

Para Luísa nada disto era novidade, pois recebera esta mesma educação.

O programa de estudos incluía aulas de francês, inglês, alemão, latim, história, química, geometria, botânica, desenho e geografia. Muitas vezes, o imperador assistia às aulas. Idéia dele? Mais parecia idéia dela, que viu Luís Felipe, rei de França, fazer isto muitas vezes. A preocupa-

ção paterna, sobretudo, era política: "O caráter de qualquer das princesas deve ser formado tal qual convém a senhoras que poderão ter que dirigir o governo constitucional d'um Império como o Brasil." A rainha Vitória da Inglaterra servia de exemplo nesses momentos.

As meninas iam adorá-la por outras razões. Luísa era feminina, perfumada e elegante. Enfim, tudo o que Teresa Cristina não era, pois a melancolia murchou seu rosto e as lágrimas lhe enfearam. A aia, não a mãe, iria ajudá-las a se tornar sedutoras:

— Bonito este meu vestido, senhora condessa?

— A princesa é muito bonitinha. Mas ele está muito feio. Já não se usam estas

calças aparecendo.

E Leopoldina, à vista de todos, puxou os longos calções engomados de babadinhos. Isabel ria. Luísa viria tirá-las do mundo caipira em que viviam. Na primeira ida a Petrópolis, ela sacudiu o sonolento palácio corde-rosa, fazendo Isabel anotar no diário: "Demos um baile e convidamos a Mamãe, e de repente vem a minha Rosa [a aia] e a Condessa com um rabecão, e depois minha Rosa tocou rabecão e eu e a mana tocamos; joga-mos jogos de prendas com papai e mamãe. Um era o *"La mer était agitée"*

e o outro o dos leques." Idéia de quem? Luísa, claro.

O contato dela com o imperador era diário. Nele, Luísa irradiava gra-

ça e inteligência. Era um céu se abrindo. Muitas aulas eram dadas por ele:

"Astronomia dei com papai", registrava Isabel. Mas a condessa participava 146

de tudo e agregava novidades vindas da Europa. Falava-se em estrelas? Pois ela conhecia o Observatório de Greenwich, na Inglaterra, por exemplo. Na falta de compêndios adequados, Luísa e o imperador escreveram a quatro mãos uma História de Portugal Contemporâneo. As letras se alternavam no manuscrito que seria depois lido e decorado pelas meninas. "Estudá-

vos juntos e não havia mapa que não percorrêssemos juntos, não nos escapando nem mesmo um lugarejo da Herzegovina", anotaria o imperador em recordações, mais tarde. Unidos, debruçavam-se sobre os mesmos livros. Os *Sermões* de Padre Vieira lhes serviam de pretexto para atrasar os relógios. Ele e ela declamavam poemas em dueto. Todos os sábados iam à missa na Glória. Na sege, entre a Cidade Nova e os conventos da Lapa e da Ajuda, Luísa sabatinava as pequenas sobre os Evangelhos.

No jogo de sedução que se estabeleceu não era importante quem seduzia ou quem era seduzido. Não havia vencedor ou vencido, mas duas pessoas que aprendiam a se conhecer. Começava uma longa abordagem amorosa que reclamava tempo, paciência e o prazer de uma sublime gradação feita também de espertezas e descaminhos para ficarem a sós. Iso-lado da vida política, alheio a validos, o imperador se apegou, pouco a pouco, a Luísa. Ela era diferente de tudo que viu ou conheceu no Brasil.

A condessa era uma Sherazade. As histórias se sucediam, sem parar.

Toda a vida ele repisaria: "Creia que suas conversinhas fizeram falta a valer." Conversar era a arte de ser feliz junto. Era passear sem saber onde levavam os caminhos. E esta era a época em que falar e escrever eram uma coisa só. A oralidade e a escrita se comunicavam, se fecundavam. E só falar não bastava. Era preciso saber escutar e se ver falar. Os salões franceses eram o espaço onde a conversa transformava a prosa em poesia. Era todo um modo de vida no qual se divulgavam a polidez e os modelos de perfei-

ção moral e social. Era, também — e isto é muito importante —, uma forma de se dar prazer. Este novo modo de vida o imperador também queria para si. E, conversando, Luísa sabia ser maliciosa, indulgente e educativa ao mesmo tempo. Ela trazia Paris para o Rio de Janeiro. Transportava as Tulherias para São Cristóvão. Oferecia-lhe um mundo de informações.

Discutiam tudo. Os livros, as idéias, as artes, as filhas.

Para Luísa, desnudar, pouco a pouco, a personalidade do jovem imperador também foi um desafio. Era preciso despojá-lo da armadura que usava nas relações com os freqüentadores do paço e com os políticos.

Desarmá-lo de sua desconfiança. Era preciso, também, achar brechas em sua agenda. Em Petrópolis, por exemplo, ele acordava às seis; estudava grego ou hebraico até às sete; passeava até oito; de novo grego ou hebraico até às dez, quando almoçava. Do meio-dia às quatro da tarde, tratava de negócios ou estudava. Jantar às quatro, passeio às cinco e meia; escrita do diário das nove às onze, quando ia dormir. A vida era um tédio. E ele era uma pessoa solitária e isolada. Só gostava de discutir assuntos políticos e intelectuais. Não era uma pessoa, mas uma lenda.

Mas Luísa cabia como uma luva nesta agenda. Ela também adorava debater assuntos políticos e intelectuais. Assim o havia feito tantos anos no salão da rua d'Anjou, onde fluía, como um rio, a generosidade de idéias.

Ela também estava sedenta por nova companhia. O Recôncavo a asfixiara.

Eugênio foi embora, os suspirantes estavam longe, e ela, enfim, só. Tal como descrito nos romances da primeira metade do século XIX, o encontro entre a condessa e o imperador não foi uma paixão fulminante, e sim um

reconhecimento. Cada qual iria significar para o outro não uma aventura, mas um desejo profundamente arraigado. Desejo mais feito de promessas do que de prazer. De palavras que não se diziam, pois era preciso adivinhá-

las. Estavam prontos a se adotar porque tinham sonhado com a imagem que faziam um do outro. Nessa época, o ideal precedia a realidade.

E a diferença de idade? Falava-se em "mulher de uma certa idade"

para designar aquelas entre 35 e 40 anos, expertas nas questões amorosas.

Heroínas nesta faixa não faltavam nos romances de Balzac. Pouco importava, portanto, ela ser nove anos mais velha do que ele. Seus restos, ou o que sobrara de sua beleza, valiam uma paixão. Tanto mais em tempos em que o amor não era um combate, mas um jogo, uma conversa sem fim.

148

Uma "conversação", termo pudico da jurisprudência inglesa para designar o adultério. O aspecto físico era colocado de lado. Interditos sexuais e silêncios regiam a vida. Discrição, amabilidade, nenhuma extravagância eram os princípios que ditavam seu comportamento. Que ela não tentasse agarrar o homem usando charmes artificiais. Ele nem olharia uma pessoa coberta de ruge ou batom. Longe dos artifícios, ela se mostrava mais bela.

E nas questões do coração, primava a moda das amizades espirituais.

Luísa e Pedro se achavam prontos para esta viagem. Nasceu entre eles, além da estima e do respeito mútuo, uma simpatia particular, uma preferência inexplicável, uma comunidade de idéias que lembrava um encontro de almas gêmeas. Foi o choque de duas pessoas que simplesmente se adotaram.

Não foi à toa que ele registrou em seu diário, dois anos depois de conhecer a condessa, que ler, estudar e educar suas filhas eram seus "principais divertimentos". Divertiram-se tanto, que mais dois anos, num ato falho, ele se sentiu na obrigação de esclarecer à Corte que nunca tivera protegidos, "caprichando mesmo em evitar qualquer acusação a tal respeito, sobretudo validas". Valida era sinônimo de querida.

Entre aulas, leituras, passeios, no Rio ou Petrópolis, passaram-se os dois

primeiros anos. O casal imperial resolveu, então, excursionar pelo Nordeste. No dia 1º de outubro de 1859, acompanhados de poucos escravos e muitos ministros, zarparam em direção às províncias do Norte. D. Pedro queria conhecê-las melhor e oferecer aos seus habitantes

"melhoramentos morais e materiais". Os preparativos para a viagem de -

monstravam a que ponto Luísa já construía uma relação de intimidade com o imperador. Deu-lhe de mão própria uma lista de quem valia a pena ele ver e receber na Bahia. Ela podia se vingar das línguas de prata.

E o fez. Na lista, fazia a radiografia de algumas famílias:

"Dr. João Tomás Navarro de Andrade e Melo, muito estúpido. [...]"

D. Ana Bandeira, dizem coisas dela com o cunhado visconde dos Fiães, homem imoral com fingimentos de santo. [...] Leopoldina de Sá Barreto 149

tem péssimo comportamento e escandaloso, com a única causa atenuante de ser casada com um marido doido que anda nu em casa, que não se lava e que anda como um animal. [...] Brasília Nabuco que é muito bonita

[...]. D. Maria Venceslau que é muito dengosa e casada com um maluco que espera ainda a vinda de D. Sebastião. [...] Maria Amália Sodré, ex-beleza que usa óculos azuis, tem 16 filhos [...]. O grande ricaço da Bahia é Antonio Pedroso de Albuquerque, usurário e traficante de escravos, é moço da Imperial Câmara."

Recomendou ainda passeios: "Igreja da Graça para ver a sepultura de Caramuru e Catarina Paraguaçu." "V.M. pode ir ver a Fábrica de Valença, os Madureira têm boa casa para hospedá-lo. Se for à Cachoeira passando por Maragogipe, evite se hospedar na casa de um padre Inácio Aniceto, homem muito imoral que aliás tem lá a melhor casa." Nada escapava ao crivo de Luísa, que conhecia bem o mundinho social da província. E que deleite em expor o seu poder que, agora, emanava direto da Corte.

Interessante que, de toda a estada na Bahia, entre desfiles, visitas a cadeias, escolas e canteiros de obras, D. Pedro tenha achado tempo de registrar impressões sobre duas pessoas ligadas a Luísa. A 9 de outubro de 1859, anotou em seu diário: "Voltando ao Desterro, as freiras quiseram beijar-me a mão por um postigo da grade do coro. E aí vi uma prima da Barral que é a mais

expressiva fisionomia que vi até agora na Bahia." Escreveu também sobre o "*sotto vocce*" e suas atividades no Passeio Público de Salvador: "O doutor Souto parece zeloso, mas parece que quer gastar mais do que a natureza do estipêndio permite."

Ela escrevia diretamente ao imperador. E fazia uma verdadeira crô-

nica social da época, como se estivessem conversando. A espontaneidade era transferida para o papel e a pena. Informalidade, busca constante de assunto, vontade de abolir distâncias, todos os argumentos eram possíveis para manter o tom de intimidade. As inibições de personalidade, pouco a pouco, caíam por terra, revelando a instintiva afetividade. Notícias de todo tipo enchiam o papel. Das insossas visitas do corpo diplomático aos casamentos, aos noivados desmanchados, batizados e funerais a que ela ia.

Contava-lhe que as filhas se vestiam à moda de Paris. Dava notícias que o professor de francês tivera um ataque de cólera mas já estava passando bem.

Que o cônsul da Bélgica queimara o nariz com fogos! Que levou as meninas para tomar banho frio na Tijuca nas duchas modernas lá instaladas.

E as minúcias, então, eram deliciosas! "Rogo a Vossa Majestade, de instar com Sua Alteza a Princesa D. Leopoldina para que se corrija do mau hábito que tem de vesgar os olhos quando escreve." Ou, ao chegar à Petrópolis, "achamos tudo perfeitamente em ordem, o palácio muito limpo, e todas as dependências pintadas e caiadas de fresco. Minha casa está muito bonita. A obra foi adiantada e o Lisboa [mestre-de-obras do palácio de Petrópolis] arranjou lindamente os banheiros de Suas Altezas e a casinha de bonecas está forrada de papel e pintada com cadeiras e um consolozinho muito engraçado. Suas Altezas ficaram encantadas e já ontem fizeram ovos fritos e nos condenaram a provar deste enfumaçado cozinhado".

Para não deixar Teresa Cristina enciumada, Luísa espertamente metia na carta um comentário destinado a ela: "O que me diz Vossa Ma -

jestade da minha frondosa gameleira do caminho de Feira de Santana?

Que da vista das ilhas do Boqueirão, que, da pobre vila de São Francisco, tão pitoresca, e de Santo Amaro, onde nem água há para beber?" Ela enviava, com regularidade, notícias sobre as várias atividades das princesas ou suas. Assinava-

se, sempre, "a humilde e grata criada". Ele nunca a deixava falando sozinha. As conversas epistolares não tinham cansaço e misturavam, muitas vezes, português e francês.

Nas entrelinhas, Luísa destilava venenos. Sobre a baronesa de Santana, dama do paço cujo brilho ela ofuscava, por exemplo: "D. Rosa tem feito uma notável mudança, está num magrém como eu nunca vi, com uma péssima cor e apetite. — Não sei se são desgostos ou moléstias, mas sua tristeza me faz muita pena, e eu ando sempre escolhendo modos de lhe ser agradável para que ao menos os desgostos (se desgostos são) não procedam de mim.

Mas essas senhoras são tão esquisitas, que às vezes tomam em grosso coisas que nem passariam pelo sentido de ser agravos, o que me faz viver num constante estado de perplexidade!" E, posando de moralista, arrematava: "Onde não há confiança e boa-fé não há tranqüilidade de espírito nem de alma!"

Também sabia buscar apoio quando precisava. "Vossa Majestade sabe que cada um carrega neste inundo sua cruz. A minha é o Alexandre Borges que está agora no Rio peitando desembargadores etc. e xingan-do-me num panfleto que publicou, acrescentando (à margem do que me mandou) tudo o quanto quis. Não pretendo nem. mostrar ao meu marido para não o afligir... Paciência."

No convívio com a família imperial e adaptada ao papel de musa e madona, que D. Pedro esperava dela, Luísa ia lentamente revelando — ou construindo — um outro lado de sua personalidade. A "maravilhosa" das Tulherias dava lugar à piedosa de São Cristóvão. Mas como se fazia esta metamorfose? Certo que por um lado a camaleoa acompanhava os ares do tempo. Os anos 1830-1848 mergulharam a França na "mariologia", a veneração a Nossa Senhora em suas várias invocações. O culto, detestado pelos iluministas que fizeram a Revolução Francesa, renasceu. E fortis-

simo. As aparições se sucediam: aos pastores de La Sallette, à Catarina Labouré em Paris, em Lourdes. O manto da Virgem era o abrigo para os males do século. A Europa tinha medo. Napoleão III a transformou na protetora de seus exércitos. Multiplicaram-se altares e estátuas. Olhar voltado para o céu, mãos juntas da qual pendia o rosário, era o símbolo da mulher inatingível. O movimento reverberou na sociedade. Heroínas românticas faziam do despojamento um caminho para Deus. O clichê era o da virgem sem mancha, subindo aos céus.

A Igreja Católica martelava as consciências, ensinando os fiéis a combater as "deleitações carnis". Era preciso fechar a porta dos sentidos e fugir de todas as ocasiões de queda. Pecava-se com o olhar, a palavra e toques licenciosos. Acreditava-se que por ser um "um feixe de nervos", a mulher tinha que lutar mais do que o homem para separar o sentir do consentir. Ele era apenas um "feixe de músculos". Por isso, sua sensuali-152

dade não devia ser ativada pela exibição da "nudez do pescoço" feminino.

Tocar-se, jamais! Afinal, um toque era um caminho insidioso para a con-denada "deleitação". Beijar, sem ser casado, era pecado mortal. No rosto, também. O "beijo de pomba", como era chamado o que se fazia com a introdução da língua na boca do parceiro, levava à "poluição", ou seja, ao orgasmo. Era proibidíssimo.

Nesse clima severo no qual evoluía a relação, Luísa ajudava a princesa Isabel a escolher as imagens religiosas, produzidas em escala industrial na França, que a menina colecionava. No mês de Maria, iam todas ajudar a enfeitar o altar na catedral de Petrópolis. Visitas a orfanatos, ao Instituto Imperial de Meninos Cegos ou ao Colégio das Irmãs de Caridade, onde assistiam às cerimônias religiosas, faziam parte da agenda semanal.

A necessidade de se colar à imagem da aia exemplar correspondia ao desejo de D. Pedro. Quando escrevia sobre "a inalterável bondade e an-gelical candura" da princesa Isabel, estava indiretamente se referindo ao bom exemplo que ela mesma dava. Acentuava na filha o que queria que o pai, o imperador, visse nela.

Com os livros vindos da Europa, circulavam no Brasil idéias sobre as relações entre os sexos. O discurso amoroso que circulava numa pequena elite, inspirada no romantismo francês, era recheado de metáforas religiosas: a amada era um ser celestial. O amor, uma experiência mística. Liam-se muitos livros sobre sofrimento redentor e corações sangrando. Nada disto era dito com palavras, mas com o corpo: tremores, lágrimas, silêncios, arrepios. Enrubescer era obrigatório para demonstrar o desejado nível de pudor que elevava as mulheres à categoria de santas. A verdadeira paixão era platônica. Em seu romance *Diva*, José de Alencar retratou numa de suas personagens: Augusto que gostava de deitar-se solitário, acompanhado pela imagem da amada de quem sorvia, em sonhos, voluptuosos beijos.

Mas Augusto não era uma miragem. O homem de papel correspondia ao que os

médicos daquela época consideravam uma realidade.

Ao tratar do desejo masculino, os livros de medicina sublinhavam a im-

portância da imaginação como o verdadeiro combustível amoroso. Recomendavam a associação de idéias e a memória como carburantes da verdadeira fonte de prazer. A imaginação é que distinguiria homens de animais. D. Pedro não escreveu a Luísa sobre o quanto pensava e "ima-ginava" com ela? Enfim, todo obstáculo que retardasse o prazer avivaria o gozo quando este fosse prodigalizado. Mas atenção: gozar em excesso conduzia a apoplexias ou paralisias!

O medo do pecado e da danação eterna se misturava às angústias multiplicadas pela medicina: sexo era perigoso. Tinha que ser vigiado e enquadrado. Apesar das terríveis restrições de uma época chamada de

"vitoriana", Luísa e Pedro embarcaram na aventura do amor romântico.

A Condessa e o Imperador se amavam a distância. Suspiravam — disfar-

çadamente — um pelo outro. Imagine-se a tensão entre o desejo e a culpa de ambos. O desejo físico se manifestava de forma discreta. Tocar-se era sentir. Graças à fineza da pele de Luísa, gradações de prazer podiam ser obtidas num simples roçar de mãos. O falar baixinho ao pé do ouvido, ou "arrulhar", levava à loucura. O desejo também consistia em pisadelas. Pisar, com delicadeza, o pé da amada era manifestação de adoração completa. Cuidadosamente embrulhado no tecido do sapato, ele era o primeiro passo da conquista amorosa. Enquanto o príncipe do conto de fadas curvava-se ao sapatinho de cristal da Borralheira, no Paço imperial, o pezinho era lugar de culto. Tirar o sapato, gentilmente, era o início de um ritual no qual o sedutor tinha uma vista do longo percurso a conquistar. Quem revelou, sem querer, a bolina dos pés foram as princesas. Dona Leopoldina, que tinha apenas 10 anos de idade, perguntou à Imperatriz:

"Mamãe! Por que é que, durante as lições, papai pisa no pé da condessa?"

"Ah! Dice mi dice mai quel barbaro dove é. Ah! Fuggi el Traditore", diria nossa Elvira traída, saída de uma página do libreto de *Don Giovanni*!

Apesar da revelação, a intimidade continuou. Em torno da mesa de estudos, do almoço ou do jantar os olhares se entrosavam. Os sorrisos também. Os braços se

roçavam na análise de um mapa e as mãos se cruzavam sobre um mesmo livro. O romance se tecia e o perigo também.

Afinal, o relacionamento se desenrolava dentro do Paço, às vistas de D.

Teresa Cristina. Os dois sabiam ser dissimulados e hábeis. Ele ousava, ela concedia. Os versos feitos pelo imperador também não deixavam dú-

vidas quanto ao sentimento que compartilhavam:

Quantas vezes com a mais doce maldade

O relógio fatal eu desandava

E um teu sorriso logo indicava

Que em tal quiseras ter cumplicidade

Se por querermos mais, cessava a harmonia

Também custava pouco reatá-la

E assim o dia era igual a outro dia.

Embora este período de envolvimento amoroso não tenha deixado registros — tanto Luísa quanto D. Pedro eliminaram muitas e muitas cartas e bilhetes —, não há dúvidas de que foi o momento de consolida-

ção da relação. Ambos tinham os corações vazios. Estavam prontos para preenchê-los. Habituada aos valores de individualidade e liberdade que viu na França, ainda que muito devota e temente a Deus, Luísa se entregou. Ela num pedestal, e aos seus pés ninguém menos do que o Impera -

dor do Brasil. O valor simbólico desta conquista tinha um peso enorme.

Ainda que envaidecida, coube a ela trabalhar ativamente para que nada se percebesse. Afinal, duas adolescentes sempre presentes, uma esposa ciumenta e vigilante, criados maldosos e cortesãos à espreita poderiam comprometer a boa imagem familiar do soberano. E, não menos importante, a dela própria. Pois era casada, tinha um filho que circulava pelos jardins e corredores do palácio.

Quanto ao imperador, tinha verdadeiro horror de ser confundido com o pai, que deixou mais de cinquenta bastardos.

As possibilidades de encontros eram muitas, assim como grande era o palácio São Cristóvão e seus jardins. O fato de ter Luísa à mão, o dia todo, só facilitava. Um beijo roubado, um aperto na mão, uma pisadela no pé, um beliscão no braço, antes que chegassem às delícias do "quartinho do hotel Leuenroth" ou do chalé Miranda, em Petrópolis, onde se encontrariam anos mais tarde. O processo era longo: oferecer-se e fugir era a regra para as mulheres. Negativas sucessivas — "Não! Não!"

— deviam anteceder qualquer entrega. O homem tinha que lutar, ter estratégias, até, depois de muito suor, conquistar. Já elas, quanto mais re-sistissem, mais acendiam o desejo. D. Pedro foi capaz, tempos depois, de imaginar tórridas cenas de amor, com corpos entrelaçados e desfalecendo de prazer. Descreveu-as em cartas quando viveu dois breves "casos"

com outras mulheres. Por que seu amor por Luísa não as teria inspirado também? Nos bilhetes que trocavam, as palavras não diziam tudo. O vocabulário tinha que ser decente e contido. Eles "queimavam", queimando também as cartas desabusadas.

Anos mais tarde, ele se referiria a estes anos como os "tempos felizes". Saudoso, reclamava: "quem me dera poder passar um instantinho ao menos do tempo em que estudávamos juntos." Referia-se a "tudo que foi e será sempre nosso". Deixava-se, ainda, levar pelas lembranças de "Ca-mões que tantas vezes lemos juntos" ou pelos diálogos sobre "os gostos que temos". Insistia, dizendo-se "a abelha que volta à colméia", metáfora que remetia a mel, *honey*, palavra inglesa na moda e metáfora para apontar a relação entre comer e amar. Referia-se a estes momentos de absoluta intimidade como "herzegovinadas": "adeus! Com o melhor dos abraços e depois de lembrar-me das herzegovinadas. Quem m'as dera"!

Por mais discretos que fossem, os sentimentos entre Luísa e o imperador transpiravam. Os jornais, como sempre atentos, não deixavam de citar passagens que permitissem inferir alguma maledicência. Men-cionavam o "público ávido de escândalos diante da alcova imperial", ou os linguarudos que faziam "excursões pelos campos da calúnia". Havia um cheirinho de fumaça no ar. Até mesmo uma peça teatral estava em cartaz com uma personagem inspirada em

Luísa. O autor não hesitava em criticar o imperador, caricaturando a influência da condessa de Barral sobre o monarca.

Já na vida social, tudo era alegria. Fazia três anos que Luísa tinha assumido a função de preceptora das princesas, e um jornalista da *Revista Popular* lhe fazia os mais rasgados elogios. Juntamente com uma gravura e sob o título de "A Augusta Família Imperial", inseriu um pequeno tó-

pico sobre Luísa. "Como outrora Felipe de Alexandria, que se felicitava que lhe nascesse um filho em tempo de ser discípulo de Aristóteles, fol-gou o imperador em encontrar na senhora condessa de Barral uma hábil preceptora, que com raro talento forma o coração das jovens princesas."

Mulher inteligente, Luísa deve ter saboreado a comparação com o filósofo. Consagrava-se na Corte e isto estava comprovado pela simpatia que lhe tinham alguns jornalistas.

Os anos passavam. O amor secreto, proibido e ilícito, crescia. Luísa ganhou visibilidade e, vez por outra, interferia por um familiar ou amigos, atendendo a pedidos. Era invejada e considerada poderosa. Cartas lhe chegavam da Bahia em busca de favores e proteção. Os contatos que tinha na França faziam com que fosse procurada por todos que se atre-viam a cruzar o Atlântico em busca de oportunidades. O pintor francês Auguste-Francois Biard, que aqui viveu entre 1858 e 1860, foi um deles.

Ele veio disposto a procurar índios selvagens para seus modelos. Mas foi graças a Luísa que conseguiu pouso entre a Bahia e o Rio de Ja -

neiro: "A condessa de Barral tivera a cortesia de me conseguir cartas de recomendação; porque no Brasil, onde são raras as hospedadas, é indispensável a hospitalidade e ninguém a pratica tão nobremente como o brasileiro."

As meninas, por sua vez, não eram mais tão meninas. Botavam corpo. Luísa as preparou muito bem. Tinham modos, bom coração, falavam línguas, montavam a cavalo. Em 1860, aos 14 anos de idade, a princesa Isabel prestou juramento à Constituição Política do Império diante das Câmaras. Era declaradamente a sucessora de seu pai e necessitava de um companheiro que a guiasse e aconselhasse nos momentos difíceis, à frente do governo do país. Era preciso casá-la. Sua imagem como governante deveria estar associada a um matrimônio exemplar, digno da aceitação do povo. O problema é que o Brasil ficava longe

das Cortes européias, onde se encontravam os melhores pretendentes. Como fazer? O troca-troca de correspondências teve início.

Luísa entrou em ação e começaram as negociações. Os primeiros candidatos podiam estar na própria família. Por que não Luís de Bour -

bon-Sicílias, o filho mais velho da princesa Januária e do conde d'Aquila?

Ou, quem sabe, um outro primo, Pedro de Orléans, duque de Penthièvre e filho da mana Chicá? Nenhuma das tias queria virar sogra e o assunto morreu por ali. Depois, pensou-se no belo e louro D. Luís de Bragança, duque do P orto. Também deu errado.

No mesmo ano, passou pelo Rio de Janeiro o arquiduque Maximiliano da Áustria. Falou-se da possibilidade de casar Isabel com seu irmão, o arquiduque Carlos Ludovico, um viúvo, ou com o cunhado, o duque de Flandres, irmão do rei Leopoldo II dos belgas. "Aqui corre o boato, advertia a princesa Francisca, que ele vai para pedir-te para o irmão, a tua filha. Ele é muito inteligente e dizem que o irmão tem boa idade para Isabel e, tendo ele 18 anos, é excelente aliança e creio não poderias achar melhor." Luísa vestiu as meninas de rosa e branco e fez o melhor que pôde para "sua princesa". Em carta à imperatriz, ela descrevia:

"Vossas Altezas contarão a Vossa Majestade a visita do sr. Arquiduque, Fernando Maximiliano, mas é natural que não digam quanto Elas se portaram bem. Eu não esperava nem tanta boa graça, nem tanto desem-baraço sem demasiada familiaridade, em suma, fiquei muito contente e todos encantados com nossas Princesas [...] a Princesa Isabel ofereceu ao primo um beija-flor empalhado, e deu-lhe para levar à Sra. Arquiduquesa um pequenino enfeite de asas de besouro que ela tinha [...] os vestidinhos de cassa cor-de-rosa rivalizavam com as faces delas em frescura, decota-das, sem nenhum enfeite de ouro. Tocaram piano, valsaram com o príncipe e uma com a outra, mostraram as vistas da Bahia e de Pernambuco e o tempo foi agradavelmente empregado."

Mas quem queria abrir mão de um trono europeu para vir morar nos trópicos? O próprio Maximiliano não teve boa impressão do império.

Limitou-se, no relatório que enviou à Áustria, a dizer que "as brasileiras"

fariam honra a qualquer casa da Europa. Mas, em seu diário, anotou o que deviam ser as verdadeiras razões:

"Nas regiões mais bonitas e mais bem situadas pululam, desmesurada e ilimitadamente, os bens da natureza. Tentou-se encontrar ajuda na força de trabalho comprado. Agora, porém, quando a importação livre de escravos está proibida, esgota-se, também, este meio precário. O número de negros diminui, de ano para ano, de maneira considerável. No momento, o Brasil está regredindo muito e, se o Governo não organizar logo um sistema adequado de imigração, se não superar o ódio aos estrangeiros e não souber vender os partidários da escravidão, o grande Império desmoronará e a mata virgem avançará, novamente, vitoriosa, cobrindo o país."

Essas impressões também eram compartilhadas por Luísa. E enquanto a amizade amorosa com o imperador se consolidava, o império parecia cambalear. A oposição se fortalecia e, breve, tinha início a Guerra do Paraguai. No mesmo contexto negativo, declinavam também os negó-

cios do engenho São João. E Luísa se queixava: "Meu marido está cercado de desgostos nos seus engenhos e tem descoberto grandes ladroeiras dos nossos administradores que se têm regalado durante estes três anos de ausência. Não temos safra, e devemos a quem nem suspeitávamos dever."

De fato, Eugênio voltou ao Brasil para ver a decadência do pequeno império que seu sogro erguera. Ele não teve sorte como senhor de engenho e ninguém preparou Dominique para o mesmo ofício. O menino cresceu nos jardins de São Cristóvão, onde escapou de ser mordido de cobra e onde brincava de lobo com as princesas. No Natal, recebia presentes do imperador e, durante o ano, agrados da imperatriz. Era tratado como um filho e D. Pedro II acompanhava com desvelo seus resfriados e progressos 159

nos estudos. Na correspondência, o imperador pedia sempre: "Informe-me da educação de Dominique, enfim, trate-me sempre como me tratou na educação de minhas filhas, que nos tornou amigos de todos os dias."

Luísa acompanhou com a maior proximidade possível as negocia-

ções para os casamentos das princesas. Em particular o de Isabel, a herdeira do trono. Ambas as princesas a adoravam, confidenciando-lhe seus sonhos. Agora era tempo de pensar nos príncipes encantados. Já se via o dedo de Luísa na tentativa de casar Isabel com o duque de Chartres, um autêntico Orléans. Gorou. Os herdeiros Orléans não cediam. Fofocas corriam. Segundo uma, D. Pedro

aprovaria a elevação de Francisco Solano López a "rei do Paraguai", pois este pensava em casar com a princesa Isabel. A correspondência diplomática da época confirmava:

"Corre a notícia de que a princesa é a causa de tua guerra com o Brasil, e porque tentaste casar-te com a princesa, e esta não se agradou de ti para nada, e se casou com quem quis e tu ficaste com o desejo." E mais fofocas revelavam que D. Pedro II detestava López, pois este tentara flertar com Leopoldina quando estudou no Rio de Janeiro. Puro boato, pois o presidente da República do Paraguai jamais estudou na Corte, e sim seu irmão, Benigno.

Como era difícil casar uma princesa, choramingava o príncipe de Joinville ao cunhado D. Pedro II, justificando o atraso na escolha de parceiros. O imperador, junto com Luísa, insistia na casa dos Orléans. Mas as dificuldades tinham nome e endereço. Eram as apetitosas princesas européias, capazes de oferecer vantagens maiores aos netos de Luís Felipe. Os primos, parte de uma terceira geração de aristocratas vivendo no exílio, tinham planos próprios. Não queriam saber de ficar nos escritórios colecionando livros raros ou cuidando das propriedades que lhes tinham sobrado. Queriam agir, viajar, estar no mundo. Chartres foi fazer parte dos exércitos do rei Vítor Emanuel, com a bênção de Napoleão. O conde de Paris, herdeiro presuntivo do trono, foi excursionar pelo "Oriente": Grécia, Egito, Líbano, Síria. O filho da princesa Francisca, Penthièvre, 160

O conde D'Eu e a pupila, princesa Isabel. O casam ento que, dizem , foi Luísa quem arranjou".

foi fazer carreira na Marinha dos Estados Unidos. Três deles participa-ram da Guerra de Secessão americana que opôs o sul escravista ao norte republicano. Lutaram contra a escravidão e, para horror dos monarquistas franceses, lado a lado dos republicanos.

De volta à Claremont, era tempo para os netos de "se instalar na vida" e seguir os conselhos da avó: "Os melhores casamentos estavam dentro da família." Chartres e Chiquita já tinham se escolhido. Montpensier ficou com a prima Isabela, por quem era apaixonado. As prince-sinhas brasileiras, Luísa bem o sabia, ficavam em segundo plano.

Faltava, contudo, consultar um irmão do príncipe de Joinville, o duque de

Nemours, cujos filhos ainda não tinham sido avaliados.

Depois da morte de Luís Felipe, este irmão resolveu se manter ao lado da mãe, a rainha Maria Amélia. Era o mais pobre deles. Casado com Vitória de Kohary, o casal era extremamente unido e feliz. Tinham dois filhos — Gastão, o conde D'Eu; e Ferdinando, o duque de Alen-

çon — e uma filha, Margarida. Tinham uma vida severa e sem luxo.

Nada de bailes ou recepções importantes. As viaturas eram alugadas e o pessimismo do pai sobre a situação financeira da família pairava como uma nuvem. Os meninos eram adolescentes, quando a mãe morreu. Depois, Gastão e seu irmão fariam, o *high school* em Edimburgo, Escócia, e o aprendizado militar no Exército espanhol. Encostados no pai que ficou morando com a avó, tiveram uma juventude menos brilhante do que os primos.

Pois foi nesta família que Joinville achou um noivo para as sobrinhas.

A insistente correspondência de D. Pedro, apoiada nos conhecimentos de Luísa, surtiu efeito. Depois de bem ter casado a filha, Joinville começou a se interessar pelo destino das sobrinhas nos trópicos. Consultou a irmã, Clementina, a *Clem*. Esta tinha um filho disponível, o Augusto ou *Gusty* de Saxe e Coburgo, uma das casas mais importantes da Europa. E Nemours tinha o filho mais velho, Gastão. Más-línguas diziam também que no vapor *Paraná* os primos disputaram as noivas nos dados e nas cartas. Mas é mais provável

que Gastão, com 22 anos, se sentisse mais apto a esposar a herdeira do trono do que Gusty que só tinha 19 anos e não parecia disposto a assumir tantas responsabilidades. Depois que desembarcaram, os príncipes compreende-ram a importância de uma tal decisão. Se o pai de Gastão, Nemours, não desejava para seu filho uma posição de tanto destaque, é porque conhecia bem as exigências: ele deveria fixar residência no Brasil, só viajar com licen-

ça do imperador e renunciar a toda posição que "não fosse brasileira". Para D. Pedro II era impensável que o marido da princesa herdeira, chamado a compartilhar o trono do Brasil, "pudesse jamais ocupar outro".

Luísa conhecia melhor do que ninguém a Corte francesa para acompa -

nhar todos estes movimentos. Animava D. Pedro a deixar as meninas fazerem as

próprias escolhas: já era assim na Europa, esclarecia. Cantava vitória à casa da França. Com habilidade, aproximava os pombinhos.

Manobrava para situar um Orléans no império do Brasil. Não viu seu pai fazer o mesmo para trazer uma Beauharnais para cá?

O comentário geral era de que a mesma sombra que acompanhara a princesa Chicá se movia aqui em favor de Gastão. A opinião da aia pesava.

Afinal, Luísa era orleanista convicta. Orientava a discípula e driblou o cansaço do qual se queixava às amigas: "Vivo tão cansada que o que me pede o corpo, quando venho para casa, é unicamente deitar-me na rede." Cobria a pupila de advertências agora não mais de aia, mas de amiga: "Deus me livre que Vossa Alteza nunca se enfeite com mais apuro para aparecer a indiferentes do que a seu marido e que adquira hábitos de desleixo de sua pessoa.

Aposto que minhas queridas mãozinhas andam sem luvas tostando-se todas, escalavradas pelos espinhos! Não senhora. Pode-se e deve-se ter esta *coquetterie*, ela é muito cabida e só se chama *soin de sa personne* — cuidado de si. Quantas vezes me disse Vossa Alteza que se daria por feliz se na velhice fosse tão *gentille* quanto eu? Foi assim [com este cuidado, afirmava]

que eu conservei esta *gentillesse*." Tinham se tornado carne e unha.

163

Durante os poucos meses que antecederam o casamento, Luísa serviu como "pau-de-cabeleira" para os encontros entre as princesas e seus príncipes. Procurava facilitar as coisas, levando e trazendo bilhetes ou recados. Por outro lado, D. Teresa Cristina se tornou o alvo das queixas das meninas, que não sabiam como escapar ao seu olhar inquisitivo.

Olhar de inveja de mulher mal casada e mal amada. Leopoldina referia -

se aos "olhos incomodativos da mamãe". "Eu não posso dizer uma coisa a Augusto sem que mamãe queira saber o que eu disse", escrevia a Isabel.

E depois, queixosa, a Luísa, "Mamãe é muito boa pessoa, mas é muito dominadora". Declarava abertamente que só se dava bem com o noivo e com a condessa. As festas suntuosas, realizadas em 15 de outubro de 1864, uniram

Isabel e Gastão. Dois meses depois, Augusto desposou Leopoldina. Luísa ajudou muito a formar os pares.

A relação secreta prosseguia. Mas com o casamento das princesas, Luísa antevia o fim de sua permanência no Brasil. Com a possibilidade do distanciamento do casal, as tensões apareciam. Recorriam um ao outro, mas eram caracteres opostos. Ele noite, ela dia. A presença de Luísa punha em evidência a estreiteza local. O imperador sabia que Luísa não se ajeitava naquela "vida tranqüila". Que reagia às "conveniências". Que se aborrecia com as limitações e a monotonia dos trópicos. Já Luísa devia trazer sobre as costas a culpa do adultério, além do medo de engravidar que perseguia as mulheres que tinham relações extraconjugais. Ela jamais aceitaria um filho rido "por fragilidade humana", como algumas de quem se falava na Corte.

Com Eugênio por perto, o esforço de parecer virtuosa era maior ainda.

Todas as suspeitas de "ter sucumbido" tinham que ser afastadas.

Mas não era só a preocupação de manter-se entre o rol de mulheres

"respeitáveis" que atingia Luísa, naquele momento. Na realidade, ela viveu mudanças bastantes na Europa para perceber o que ia acontecendo no Brasil. O desamor que vira ser manifestado a Luís Felipe, ela o reconhecia nas reações dos liberais contra D. Pedro II. Era o fim do Gabinete da Concilia-

ção. Houve questões diplomáticas com a Inglaterra em torno de insolên-164

cias do ministro da rainha Vitória, William Christie, e, mais importante, reação violenta contra a inauguração da estátua equestre de seu pai, D. Pedro I. No primeiro caso, as relações entre os dois países se deterioraram por causa do naufrágio de dois navios britânicos. Sua carga foi saqueada e dois oficiais ingleses desrespeitaram autoridades brasileiras. Foram presos. O

embaixador Sir William Christie exigiu sua soltura e um pedido de desculpas das autoridades brasileiras. Fez mais. Deu ordens para que a marinha inglesa aprisionasse cinco navios brasileiros. O império pagou as indeniza-

ções pelos mesmos e teve parecer favorável de um tribunal internacional.

Mas as relações diplomáticas entre os dois países foram rompidas.

Já no segundo caso, a idéia era homenagear o herói que tinha feito a independência do Brasil em 1822, e que deu, em 1824, a primeira Constituição ao país. Era assim que D. Pedro I estava representado: a cavalo, levando nas mãos a Constituição. Mas os republicanos não perderam tempo em arrasar a iniciativa. Choveram críticas nos jornais: "mentira de bronze!". Não D.

Pedro I, mas sim Tiradentes deveria ser o símbolo da liberdade. "O povo esteve bastante arredado da estátua quando se correu o véu e por isso não houve vivas." Falava-se em arruaças. Sombras pairavam sobre o trono.

No horizonte de Luísa, alguns problemas se somavam a outros. Ao longo dos anos na corte brasileira, uma nuvem negra pairou sobre o casal. Era Teresa Cristina, a imperatriz. Ciumenta, sua intuição captava as

"herzegovinadas". Devolvia seu ódio à *traidora*, com um terço na mão.

Rezava para acalmar sua insegurança. Confessou a uma amiga que o bom do casamento das filhas é que ia se ver livre, finalmente livre, da presença da Barral. E mais ciúmes ela teve quando sentiu que, além do marido, perdia as filhas. A imperatriz sofria de inveja e ciúmes ao mesmo tempo.

Dois sentimentos diferentes correspondiam a um mesmo estado de alma em Teresa Cristina: uma dor indefinida. E foi contra a dor da imperatriz e seu olhar de cobra que Luísa teve que lutar.

165

D. Teresa Cristina: Luísa tinha por ela um misto de compaixão e desprezo. A imperatriz nunca chegou a sem pés.

Capítulo 6

A rival

No século XIX, eram comuns dois tipos de beliscão: beliscões carinhosos, chamados de "mimos de Portugal", que D. Pedro dava nos braços de Luísa, com a intenção de deixar-lhe as marcas de sua afeição. E os tradicionais, que D. Pedro II levava de D. Teresa Cristina. Os segundos eram dados em momentos em que o imperador se distraía e olhava para os lados. Ele tomou muitos por causa de Luísa ou de outras mulheres.

Mas quem era, afinal, a suposta adversária de Luísa?

A imperatriz era, segundo a imprensa, "um anjo de bondade", dona de uma "mão caridosa" e incapaz de "arrancar um gemido de dor ao co-ração dos brasileiros". Passava o tempo a fazer boas ações. Mas se possuía um caráter doce, fisicamente era um desastre. Tinha o nariz dos ancestrais — em formato de berinjela —, olhos miúdos, lábios estreitos e queixo duro. Os cabelos escuros amarrados em bandós sobre a orelha acentuavam o perfil comprido. Talvez por tudo isso, sorria pouco. As pernas excessivamente arqueadas por debaixo das saias davam a impressão de que ela mancava. Elegância? Nenhuma. Graças? Poucas. Só a voz de contralto que exercitava em pequenos trechos de óperas italianas e a facilidade com que se acompanhava ao piano. Correspondia ao ideal que se tinha na época para uma mulher casada: boa mãe e esposa dócil. No mais, era inofensiva. Seu encontro com o primo D. Pedro II foi resultado de um casamento arranjado, como tantos que se faziam no século XIX.

Com a maioria de D. Pedro II, encerraram-se as divergências políticas que ameaçavam o país. Os políticos, então, resolveram arrumar a vida do jovem recém-saído da adolescência. Enviaram um ministro a Viena, terra dos avós maternos, para lhe arranjar uma noiva. Durante dois anos, o enviado tentou desesperadamente arranjar uma solução. O

167

que detinha Francisco II, tio do jovem? A lembrança de que D. Pedro I maltratou sua irmã, D. Leopoldina? A pouca importância que tinha o império do Brasil nas esferas internacionais? O fato é que o encarregado brasileiro voltou de mãos abanando. A solução veio por um intermediário da Corte de Nápoles. Lá morava uma princesa disponível: era irmã do rei Fernando I e sobrinha da avó de D. Pedro II, Carlota Joaquina. Foi afastada da Corte, pois perdeu o pai cedo e a mãe casou-se com um jovem oficial. Teresa Cristina cresceu num ambiente feito de tradição, medo e intransigência, emoldurado pelos conventos que davam a Nápoles um aspecto triste. Sua educação foi limitada à cesta de costura, ao piano e ao canto. Dizem alguns que "não pensava em nada". Mas se não pensava, sentia. E sentia muito:

"Meu muito caro primo e futuro esposo. Peço a Vossa Majestade desculpar-me se não respondo em português à vossa gentil carta, mas ainda não estou no estudo dessa língua para escrever corretamente e não quero recorrer a outros,

para vos testemunhar, meu caro primo, quanto estou satisfeita pela escolha de minha pessoa para vossa companheira.

Recebo com confiança e prazer a certeza de que vós me dais de querer fazer a minha felicidade; esteja certo de que eu também farei tudo o que depender de mim para contribuir para a de Vossa Majestade; todo o meu desejo é de lhe agradar e de merecer a afeição de vossos desejos."

À cartinha juntou uma miniatura. Nela, uma esplêndida morena mirava o interlocutor. Só que a pintura não correspondia à realidade. Iludido, o imperador anotou em seu diário: "É mui bela e, dizem, ponderada e instruí-

da." Enamorou-se de um retrato. O casamento foi realizado por procuração e a noiva embarcou para o Brasil. No dia 3 de setembro de 1843, ao cair da tarde, a embandeirada fragata *Constituição* adentrou a baía de Guanabara. O

recém-casado não agüentou esperar e partiu, rápido, para encontrar a "bela"

princesa. Mas recebeu uma ducha gelada. A figura claudicante emergiu no convés, implodindo os sonhos acalentados durante meses. Aos membros do corpo diplomático presentes, nada escapou: D. Pedro parecia ter desapro-

vado a diferença de idade. "Bastante embaraçoso", anotou um. "Foi uma triste acolhida", registrou outro. A jovem se recolheu em lágrimas junto à sua dama: "O imperador não gostou de mim." De volta ao palácio, D. Pedro chorava no ombro de seu mordomo: "Me enganaram!"

Enfim, não era possível despachar de volta a noiva, nem tampouco romper o contrato. Afinal, a realeza não casava por impulsos românticos, mas por razões de Estado. Ele tinha que se conformar. Ela não era bonita, mas gentil e boa. Que olhasse as qualidades. Houve ato religio -

so, banquete, beija-mão, arcos de flores e muitas festas populares. Até cunhou-se uma medalha: "Terra e céu jamais viram tanta ventura." O

imperador parecia "preocupado e entediado" aos olhos de observadores.

Em público, se mostrava gelado com a esposa. Mal lhe falava no teatro, dando em vez disso atenção aos camaristas. Muitas vezes, fingia que não a ouvia. Dizia-se que só na intimidade tinha atenções para com ela.

Uma rotina logo se estabeleceu. De São Cristóvão iam ao centro, assistiam a te-déuns e cerimônias oficiais, freqüentavam o teatro e óperas. Quando o marido se ausentava, a esposa lhe cobria de bilhetes apaixonados: "Caro Pedro. Faz já seis horas que me separei de ti e não posso me consolar e a idéia de que não te verei senão amanhã me aflige. Espero impacientemente tuas notícias, e como fizeste e espero que nada de ruim te tenha acontecido e que a chuva que tomaste não tenha te feito mal.

Peço-te não esquecer uma amiga sincera que pensa sempre em ti. Beijo-te afetuosamente e sou, para toda a vida, tua afetuada esposa Teresa." No mais das vezes, se despidia com um "adeus meu querido Pedro, aguardo com impaciência o dia de amanhã para te beijar". Ele respondia com um

"afeiçoado e saudoso esposo, Pedro".

Depois do nascimento do primeiro filho, multiplicavam-se os "estimo que tenhas passado bem, assim como nosso Afonsinho" da parte dele. E

"nosso pequeno Afonsinho está bem alegre e não me canso de beijá-lo por ti", dela. A medida que o tempo passava, o tom das cartas mudou. "Rogo-te que me escrevas freqüentemente", pedia ela. "Um abraço do teu *esquecido* 169

Pedro", passou a assinar ele. Tiveram quatro filhos: dois meninos e duas meninas. Mas em 1847 morreu D. Afonso e, em 1850, D. Pedro Afonso. Sofrimento e tristeza marcaram a vida desta mãe e rainha. O luto era também uma derrota. Não procriaria mais. Fechou-se numa dor sombria e silenciosa. Estes sentimentos secretos estenderam entre os esposos um véu que se espessou dia a dia. Ela permaneceu corajosamente no círculo dos seus deveres, na esperança de que este procedimento lhe restituísse seu "querido Pedro". Tal, porém, não aconteceu. Concentrou-se nas filhas. Participava com elas dos ritos da Semana Santa. Iam juntas ver o Carnaval.

Mas a chegada de Luísa mudou tudo. Teresa Cristina agora via as filhas se afastarem também. Ambas as princesas estavam fascinadas pela condessa. A aia fora um Pigmalião para ambas: ensínara-as a se vestir e se portar, preparava-as para a vida, para a família e para o assunto proibido, e mais apaixonante, então: os homens. E não lhe passava despercebido o encanto do seu "querido Pedro" por aquela mulher. Teresa Cristina se sentia ameaçada pela inteligência, o brilho e a graça de Luísa. Ameaçada pela capacidade que a rival tinha de dar jeito em

tudo, conhecer todas as pessoas, saber das notícias das Cortes européias importantes. Pela leveza de sua conversação, iniciada no berço e dom da natureza.

Afinal, Nápoles era muito pobre e pequenina comparada com Paris, Viena ou Londres, cidades que a camaleoa dominava. Teresa Cristina nada podia contra sua adversária. Compreendia a poesia e a literatura, mas não conseguia memorizar coisa nenhuma. Ouvia comentários nas rodas sociais, mas não fazia qualquer contribuição. Suas idéias religiosas e preconceitos de infância eram um entrave para sua inteligência.

Quando perguntada sobre qualquer coisa, mandava falar com D. Pedro.

Seu temperamento introspectivo a impedia de externar a inveja que lhe provocava Luísa. Chorava por dentro, compreendendo que havia uniões desiguais de espírito. E que a sua com D. Pedro era uma delas.

Um diário revelava a dureza do caminho que trilhava à sombra da condessa:

170

"1864, 31 de janeiro. Hoje a condessa de Barral disse que não tinha plenos poderes para educar minhas filhas; assim, não as educava, apenas lhes dava lições. Além de outras coisas que seria muito demorado escrevê-las, disse ainda que minha filha Leopoldina repetia a ela [a Barral]

tudo o que eu como mãe lhe dizia. A condessa disse que aproveitava para externar o juízo que fazia sobre mim, e disse que eu era muito falsa.

Paciência! Deve-se neste mundo suportar tudo. Mas é bem triste para um coração materno saber que não pode ter confiança numa filha. A condessa queria por força que se dissesse que eu não gostava dela, mas eu não disse nem sim, nem não."

Luísa, de fato, tinha poder absoluto sobre as princesas e, em especial, Isabel. E, sem cerimônias, alardeava esta intimidade para a própria imperatriz: "A condessa veio ao meu quarto mostrar-me uma carta que Isabel lhe escrevera", registrou Teresa Cristina. Também o fazia na presença da imperatriz e do imperador, pois chamava os pais para falar-lhes de alguém que suspirava por uma das meninas, nas missas da Glória. Eles não tinham idéia disso... Logo que

chegaram os noivos, o conde D'Eu e o duque de Saxe da Europa, a imperatriz se colocou a favor do duque de Saxe para Isabel. Mas venceu o Orléans de Luísa. A presença de Luísa pairava como uma sombra. Teresa Cristina, demonstrando que não faltavam dificuldades, anotava em seu diário quando Luísa não estava presente: "*Ao menos* esta noite se passou mais alegre."

Depois do casamento de "suas princesas" — "suas", pois o monopó-

lio já estava decidido, Luísa não tinha mais o que fazer no Brasil. Com a missão cumprida, fez as malas para Paris, Com a mesma dignidade com que se apresentou na Corte, ela encerrou os trabalhos. Eugênio ajudou a embalar a mudança. Apresentaram-se as despedidas oficiais. O casal de Barral tomou chá com os imperantes, Dominique despediu-se das moças e de D. Pedro II e, no dia 25 de março de 1865, embarcaram no vapor *Navarre*. Dois dias depois, aliviada pela ausência daquela que lhe encheu 171

de amarguras, Teresa Cristina anotou: "passei estas quatro horas muito alegres e me lembrei muito de minha família." Mal podia imaginar o quanto a separação ia doer no marido.

Alguns dias depois, Luísa recebia a primeira carta do imperador.

"Estou muito só, valendo-me o muito o que tenho que fazer." De cara, se mostrava ciumento: "Quando a Condessa receber esta já se terá diver-tido em Paris donde espero que me escreva regularmente, pois que outro modo não tenho de conversar com quem sempre me tratou com tanta amizade." Até o final do ano ele lhe escreveu dezenas de cartas. Teresa Cristina ganhou apenas uma batalha. Não a guerra.

Como estava a camaleoa então? Vitoriosa. Primeiro, o imperador expediu um decreto, estabelecendo uma pensão vitalícia para ela de 6 mil francos por ano. Logo depois, dobrou o valor, além de outorgar-lhe o título de condessa de Pedra Branca. Luísa, que era exímia na arte de surpreender, não perdeu a oportunidade de impressionar. Exonerou o Tesouro Nacional de quaisquer obrigações em carta dirigida ao mordomo da Casa Imperial. Em tempos de guerra e de economias, o gesto só a engrandecia.

Mais. Enterrava os rumores sobre seu caso com o imperador. Não vestiria a carapuça da "teúda e mantéuda".

O casamento da princesa Isabel com Gastão, o conde D'Eu, lhe abria uma frente de ação no Brasil e na França. Ela deixava sua princesa Chicá a par dos acontecimentos e preparava a lua-de-mel do casal na Europa. Por último, Leopoldina voltou a brigar com a mãe, lembrando-lhe

"o tempo em que não era casada", ou seja, o tempo em que Luísa estava por perto. Ela deixara as princesas muito dependentes de seus conselhos.

Este lugar, Teresa Cristina também não conseguia preencher.

Quanto ao imperador, era como se o sol tivesse se retirado de Pe -

trópolis. Acabaram-se os encontros furtivos, as risadas, as caminhadas, os piqueniques que só Luísa sabia inventar. Voltava-se ao cotidiano em-172

tediante. Para se ocupar, D. Pedro retomara o hábito de tomar duchas frias, passear até a estação de trem e ler muito. Ler e se preocupar, pois, no horizonte, as nuvens escuras se acumulavam. Não as das tempestades na serra, mas as de outra guerra. No mês de dezembro de 1864, o Brasil lançava suas forças numa operação militar contra o Uruguai. Os acontecimentos se precipitaram e Solano López, presidente do Paraguai, aproveitou para investir contra o império brasileiro. A guerra movimentava a população e os preparativos da partida das tropas para o sul absorviam o imperador completamente. O período foi difícil. Multiplicavam-se as inspeções às tropas, as visitas às fábricas, arsenais e fortalezas, as discussões com os ministros. Em julho de 1865, ele partiu para o *front*. Todas as suas preocupações estavam concentradas no conflito. Ou melhor, quase todas, pois fazia de tudo para não perder o contato com Luísa. Ao contrário, ele escrevia e insistia para que ela lhe respondesse.

E ela se preocupava com a segurança dele, também. Em carta ao amigo conde de Iguaçu, Luísa desabafava: "Que me diz da resolução tomada por S. M. o Imperador de partir em pessoa para o Sul? Nós ficamos entusiasmadíssimos, mas que ânsias passaremos até sabê-lo de volta! E com que impaciência esperamos o pacote inglês que deu esta notícia em Lisboa e que só sabemos por um lacônico telegrama! Que Deus o ampare..." Por várias vezes ela se correspondeu com o conde de Iguaçu demonstrando preocupação com o cansaço e o envelhecimento do imperador. "O imperador não é belicoso e prega muito mais tudo o que contribua ao progresso e bem-estar de seu povo [...] fico tremendo

[...] o dia mais feliz da minha vida será aquele em que tornarei a beijar-lhe a

mão."

As cartas de D. Pedro chegavam com regularidade de relógio suíço.

O assunto era sempre o mesmo: não queria ser esquecido. "Escreva-me sempre que puder [...] creia que não me esqueço das pessoas que me es-timam [...] espero ansioso com sua carta que deve chegar de hoje a 8 ou 9

dias [...] é mau viver longe de quem se preza [...] desejaria escrever páginas e páginas sobre as emoções que tenho sentido estes últimos dias; mas quem me estima como a Condessa decerto as prevê [...] a sua carta foi um pouco pequena [...] se pudéssemos, havíamos de conversar bastante."

Ele contava as horas. Mandava presentes, livros, flores secas. Mais não dizia, pois cartas eram documentos comprometedores. Qualificavam um adultério. Luísa, bom não esquecer, ainda era casada. D. Pedro enviava sempre "lembranças" ao conde. Disfarçava, também, de possíveis empregados abelhudos escrevendo em francês. Assinava-se "Gautier, seu amigo devotado" e chamava-a "Chère Madame". E tantas mostras de afeição eram dadas em meio a bombardeio de esquadras, revoltosos no meio das tropas, o cólera liquidando soldados e morte de oficiais graduados:

"Querida Senhora. Está doente e eu não posso mesmo fazer -lhe uma pequena visita. As saudades aumentam nestas ocasiões, e eu já as tenho, muitas, creia-me. Como me arrependo de não ouvir os sapos de Petrópolis. Aqui, há alguns, mas que umidade e que distância de você e de minhas filhas, o tripé de minhas afeições as mais vivas...", escreveu nesta época.

Mesmo longe, Luísa funcionava como uma válvula de escape. Se antes ele recorria a ela para redimi-lo de um cotidiano medíocre, agora precisava dela para tirá-lo da solidão. Na estrada escura, ela era a janela aberta que iluminava o caminho. Um caminho árduo, pois a crise política só piorava. Jornais culpavam Luís Alves de Lima, então marquês de Caxias e comandante-chefe das forças do império, pela lentidão da guerra.

O gabinete de ministros, liberal e progressista, chefiado por Zacarias de Góes e Vasconcellos, inimigo de Caxias, se demitiu em peso. O conde D'Eu iria substituir o velho general que abandonara o comando aliado.

Ele contava tudo para ela. Extravasava suas esperanças e decepções. Era o

homem, não o imperador, que alimentava a correspondência.

De Paris, Luísa nutria a relação. Combinaram de escrever diários que seriam trocados, via mala diplomática, para que pudessem acompanhar os passos que davam. Estariam longe, mas perto: "lá foi uma cartinha pelo correio ao amigo do meu coração. Foi colocada às pressas antes de ir ao catecismo." A conversa, mesmo à distância, continuava a fluir.

Ela continuava a implicar, carinhosamente, com ele: "Não passe assim a metade de sua vida deitado. Eu nunca me deito de dia [...] não leia depois da comida mas faça exercícios a pé!" E puxando-lhe as orelhas, perguntava como era possível que o exército brasileiro se saísse bem, sustentado com farinha de coco e pequenos animais de caça? As frases em francês se misturavam ao português num código brincalhão: "Adoro encontrar seus garranchos que sou a única a decifrar!" E na mais total intimidade, Luí-

sa recomendava-lhe "purgantes" para a "zuada no ouvido" e acusava-o, impiedosamente, de "estar muito gordo". Ainda reclamava das frases em francês cheias de erros de gramática: "Mas que francês é esse?!"

Ou repreendendo-o — "Ora, deixe-se de fingimentos" — para, em seguida, mostrar-se carinhosa: "sei perfeitamente que cada dia é o da separação de você!" Chamava-o de "rabugento", e sobre as críticas do imperador à vida alegre que ela levava em Paris, respondia, com um ditado em francês: "O olhar apaixonado só vê torto ou não vê nada." Luísa ainda encontrava tempo de ser impiedosa com Teresa Cristina: "A outra me escreveu [...] todos dizem que nada faz."

Em 1868, ficou viúva. Nos últimos anos, Eugênio tinha crises de gota que eram informadas a D. Pedro e que sugeriam uma doença nos rins. O imperador chegou a oferecer aos Barral uma casa na Corte, com todas as comodidades para minorar os sofrimentos do doente. Afinal, justificava D. Pedro, o clima daqui era melhor do que o de Paris. Os Barral tentaram um tratamento baseado em águas de valor medicinal, em Vichy, mas de pouco adiantou. As notícias sobre os "incômodos" e "pa -

decimentos do conde" que circulavam, vinham, apontando uma deterioração na sua saúde. Ele acabou não resistindo. Foi enterrado no cemitério de Montmartre. Na carta oficial de pêsames, D. Pedro lamentou: "Há certos desgostos que só o tempo pode minorar; contudo é dever do amigo dizer que os partilha. Ainda me

custa a acreditar que não existe o bom do Conde, a quem tanto prezei, e pedindo a Deus que dê forças à Condessa para continuar sua doce tarefa da educação de seu filho, a quem ainda mais estimo, se é possível, depois da perda que sofreu."

Depois de martelar o cravo, dava uma na ferradura: "Não posso deixar-lhe de exprimir quanto desejaria a sua volta e a de seu filho à terra de seu nascimento. [...] Escuso manifestar-lhe o prazer que a todos nos causaria essa sua resolução." Perdoasse este convite num momento tão delicado, mas que voltasse logo. O imperador insistia que Dominique era brasileiro e que poderia estudar no Colégio D. Pedro II. Fazia planos para que o menino virasse engenheiro. Mandava abraços ao "brasileiri-nho" e prometia "prezá-lo" mais ainda, depois da morte do pai.

Luísa, porém, não cedeu. Ela sabia que a educação na Europa ajudaria mais o filho, a quem passou a se dedicar de maneira quase obsessiva.

Acompanhava-o a todas as aulas. Atravessava as tardes a tomar-lhe as lições. O menino tinha pouca saúde. Vivia com dor na garganta e nos olhos. No início da adolescência, já sentia muitos "incômodos". Ainda assim era arrastado por ela para aulas de esgrima, química e piano, fazia traduções de grego e passava horas estudando as invasões normandas.

Ele ainda freqüentava o catecismo. Parecia a reedição do tio Domingos, morto na meninice. Como seu pai fizera com ela, Luísa não o poupava.

Ela também se dedicava aos negócios. "Não descansei um minuto escrevendo cartas, pagando contas e determinando negócios", registrou na época. Depois que enviuvou e ficou rica, Luísa tinha que atender a inúmeros pedidos de empréstimos. Não era "vaca de leite do gênero humano", queixava-se. Para D. Pedro, choramingava que as propriedades do Brasil não lhe rendiam nada e que tinha contas a pagar. Apesar do dinheiro guardado no banco Rothschild "era preciso viver com prudência", sublinhava, sempre valorizando seus esforços.

Com o fim da Guerra do Paraguai, grandes alegrias! Recebeu a notícia do fim do conflito na rua. Viu chegar o carteiro com sua roupa azul, sacola atravessada nos ombros. Arrancou-lhe das mãos o envelope 176

Ferrier & Lecadre

56 & 58, RUE DE LAROCHEFOUCAULT,

Luísa, em foto de Ferrier e Lecadre tirada em Paris. Em vestes de viúva rica realçadas pelo colar de pérolas e um sorriso enigmático de Gioconda. Nas mãos, os inseparáveis livros que davam assunto para as intermináveis conversas com D. Pedro II.

oficial com a carta e deu "sinais de tão louca alegria que todo mundo olhava para mim". Abraçou D. Pedro em pensamento, beijou-lhe as mãos e se desculpou por ter, ao longo dos anos de guerra, criado "desa -

venças e outras crianças". E depois, alimentou a vaidade do guerreiro: "Gostei muito de imaginar você dando a grande notícia a seu povo, quando passou diante da Praça do Comércio. Pena que não estava lá para dar-lhe meu viva?! [...] Assim, estivesse lá para lhe saudar! E aos furtos, lhe soprar uns beijos." Ele correspondia: "Tome os mais abraços que quiser!"

Nos diários, ele era mais contido e monótono. Já ela era vibrante e desinibida. Examinavam-se mutuamente. Ele contando coisas da política, e ela, da agitada vida social que levava, diferente da de tantas outras burguesas. E D. Pedro se imiscuía nesta vida ao anotar suas emoções nas páginas escritas por Luísa. Por exemplo, entre duas frases do diário dela, ele escreveu "sempre que quero bem, quero para sempre". Num outro trecho, ela lhe pergunta, "se fosse livre não teria me acompanhado" à França? Ele respondeu, "sem dúvida, então!". Quando ela lhe cobrava cartas mais extensas, ele anotava, "não foi culpa minha!". Já as cartas eram fundamentais na economia emocional do casal. Eram uma demanda implícita de conversa com quem estava ausente. O carteiro se tornava um mensageiro quase místico, portador de felicidade ou de tristezas. Entre eles, as promessas de assiduidade epistolar eram comuns. "Escreva, escreva..." E as missivas mostravam o homem e a mulher, de pijamas e chinelo, conversando espontaneamente.

Depois de muita insistência por parte de D. Pedro II, Luísa consentiu em voltar, mas tratou-se de uma rápida visita. Ela esteve na Bahia, onde deu ordens ao procurador para que fossem considerados livres todos os filhos nascidos de suas escravas. Fazendo valer os ideais de seu pai e a luta silenciosa que travou contra a escravidão, antecipou-se em quatro anos à decretação da Lei do Ventre Livre. Numa província tradicionalista como a Bahia, o gesto foi visto como mais uma de suas

"esquisitices". Como sempre, não ligou aos comentários e fez o que lhe parecia

acertado. Abominava a subserviência em que o sistema colocava os cativos. Os próprios Orléans tinham lutado na América contra a escravidão. Luísa tinha vergonha dela. Detestava ter que explicá-la na França.

178

Depois disto, beijou as mãos do soberano rapidamente e retornou.

Mal o vapor tocava o porto de Salvador a caminho da Europa, ela recebia a carrinha dele: "Recebi suas cartas de adeus antes de chegar à Bahia.

Creio que a Condessa recebeu a carta que lhe mandei pelo Francisco, e o telegrama de adeus." A carta acabava assim: "Escuso falar de saudades, que são apenas mitigadas pelas cartas. Adeus e sempre, sempre — o seu P." Luísa ia tratar de seus negócios do outro lado do Atlântico. Difícil a separação? Sim. Mas era parte do jogo amoroso. Gozar a insatisfação da ausência fazia parte do romance. Mas era preciso que este vazio ficasse preenchido com interesses ligados a ela. Que falassem dela, enquanto não estivesse presente. Pouco antes de sua partida, chegou ao Rio o ministro plenipotenciário da França, conde José Artur Gobineau. Era poeta, es-cultor, novelista, ensaísta e historiador. Luísa o aproximou de D. Pedro.

Ele se converteu, rapidamente, em amigo e confidente do soberano, passando horas em São Cristóvão a conversar sobre arte, ciência e literatura.

Funcionava como uma espécie de alter -ego de Luísa. Mas não foi só Gobineau que a condessa lhe apresentou. Para que D. Pedro não se deixasse levar pelas "impaciências do coração" ou por certa "comichão nos rins", como se dizia então, ela o apresentou a outro personagem. Este, de saias. Uma atitude surpreendente, que mostra como Luísa agia à margem dos padrões vigentes. Estimular seu amado a ter outras amantes? Uma ousadia até para os dias de hoje.

Trata-se da atriz Adelaide Ristori que veio dar às praias do Rio no navio *Extremadur*. Dona de um perfeito rosto oval, iluminado por olhos claros e apertados, ela pertencia à Compagnia Drammatica Italiana, dirigida pelo seu marido e *manager*, marquês Giuliano Capranica del Grillo. Foram recebidos em São Cristóvão, onde ela fez uma apresentação. Filha de atores nômades, Adelaide esteve nos palcos desde a primeira infância, sendo considerada, portanto, uma "*figlia d'Arte*". Mas não só.

Também

179

atuou em missões diplomáticas "secretas" em favor da unidade da Itália, tendo financiado Garibaldi. Casada, mãe de dois filhos, ela se encantou com a "angélica família" do imperador e com a acolhida entusiástica que teve do público brasileiro.

Logo Adelaide e o imperador começaram a se corresponder: "Não me é possível entrar em outro assunto sem antes manifestar a Vossa Majestade a falta que sinto em achar-me distante de quem me encheu de tantas benevolências", escreveu ela numa das primeiras cartas. "Aguarda-mos com impaciência e saudade — a Senhora conhece esta palavra que seu idioma inveja no nosso", respondeu D. Pedro galante.

As cartas estavam a léguas de distância da regularidade com que ele escrevia a Luísa, mas eram suficientes para que manifestassem admiração de parte a parte: "Acho não desagradar a V. M. enviando quatro cópias de um gracioso retratinho que me foi feito em Florença.

[...] Não encontramos ainda Mme. Barral, pois teríamos o mais vivo interesse de vê-la para falar com ela das caras pessoas [da família imperial]." Quando organizou um retorno ao Brasil, não escondeu temer a "amiga" do imperador: "peço, todavia, não dizer uma palavra à Condessa de Barral."

E aparentemente inocente a troca da correspondência. Ela acompanhou o fim da Guerra do Paraguai. Contava as fofocas, comentava livros e espetáculos artísticos. Raramente deixava de mencionar a

"querida" ou "adorável imperatriz", enquanto dava notícias do marido e dos filhos. Com o passar do tempo, as respostas dele passaram a atrasar. Ristori insistia. As poucas linhas eram para externar a "amargura por me ver totalmente esquecida". D. Pedro se queixava que ela escrevia cartas longas demais, exigindo respostas idem. Mas ele não tinha tempo. E ela retrucava, em tom ameaçador: "Para sua norma, saiba, Majestade, que eu tenho a desgraça de seguir a natureza da hera, ou me apego ou morro. Não esqueça isso, majestade!" Diplomático, o imperador revidava:

180

"Sua carta de 30 de setembro é muito injusta. Como é que a Senhora pode supor que eu a tivesse esquecido? As minhas linhas voam em sua direção e espero que já esteja segura da afeição que encontrará sempre em mim, mesmo que a sua última permanência no Rio tivesse sido tão curta. [...] As minhas ocupações são realmente cruéis, mas não irão nunca impedir-me de entendê-la."

Afeição: eis a palavra que explicava tudo. Nada mais. "Eu desejaria ter o prazer e a ambição de ser sua comissionada", escreveu ela. Ou seja, queria ter acesso às leituras que ele gostaria de fazer, controlar os "pre -

sentes" que eram enviados ao Brasil, tal como fazia Luísa, que a ignorava olímpicamente: "Nem recebi resposta da carta escrita à Condessa de Barral [...] ela vai me pagar caro esta falta." As cartas de Adelaide, por vezes impertinentes, apenas distraíam o imperador.

Quanto ao que pensavam Luísa e José Artur Gobineau sobre Ristori, ficou gravado numa das cartas dele: "Acho-a comum e falsa ao máximo, é arte para exportação!" Já Luísa achava a atriz desengonça -

da, malvestida e "bem senhora" em comparação com outras mulhe -

res. Apesar de vê-la como alguém que não lhe fazia sombra, Luísa não deixava de manifestar ciúmes. Escreveu ao amigo, obrigando-o a se explicar: "sou afeiçoado a ela e penso que ela o é a mim, mas nunca houve *il furore* de que você fala." Em suma, Ristori não era páreo para Barral. Adelaide atingiu o orgulho do imperador. Luísa, seu coração. A artista só serviu para acentuar as qualidades da amiga e amante ausente.

Gobineau, por seu lado, foi útil para sublinhar as diferenças. Terrível camaleão!

Em 1870, na companhia de Dominique e da cunhada, Júlia, também viúva, Luísa partiu para o sul da França: Avignon, Toulon, Nice, Antibes e Cannes. Luísa descrevia as emoções da viagem no diário que, pela primeira mala diplomática, cruzaria o Atlântico na direção do Rio. Encantada, via o Mediterrâneo da janela do hotel. O coração lhe apertava

"lembrando o sol da nossa terra e seu extraordinário brilho sobre o mar".

Nas praias, apanhava conchinhas para o imperador. Enviava-lhe presentes: "Pequenos ratos de vidro para sua salinha." Jogava no cassino. Se regalava, jantando "sem alho, nem azeite". Nas cartas que lhe remetia, o imperador se queixava. Temia que ela o esquecesse. Que a França tivesse tantos atrativos que Luísa nunca mais voltasse. Soterrava-a de cobranças.

Ela reagia: "Com que olhos você quer que eu leia [suas cartas], estudando dobradamente com meu filho? [...] estou abarrotada de cartas suas!" A mãe se antepunha à amante. E depois a amante, à mãe: "Ainda bem e mil graças pela abundância que não incomoda nunca."

Nesta mesma época o segredo dos dois correu riscos. A nota no jornal parisiense era sucinta, mas muito irônica: "Falou-se estes dias de um incêndio que destruiu o mobiliário de uma dama, moradora dos arredores do Arco do Triunfo. Ora, o que se disse é que este incêndio queimou parte da barba — uma bela barba — de um príncipe estrangeiro."

Quase à mesma época, outro problema. Este vinha de um freqüentador do Paço de São Cristóvão, o ministro Gobineau. Ele passara cerca de 11 meses no Brasil, tempo suficiente para escrever *As Plêiades*, texto que dizia não ser um romance, mas retratos "tomados num meio um pouco distanciado da vida ordinária". A vida comum, no caso, era a Corte européia. A história girava em torno do melancólico príncipe de Bulbach, "mais temperamento que razão, afundado na sonolenta leitura de relatórios militares e documentos agrícolas". Era D. Pedro II. A sua volta, havia a magnética condessa Tonska, que abandonou de repente a Corte, para voltar ao marido. Tonska? Um jogo de palavras para falar da amante de Balzac, Madame Hanska, conhecida de toda a Paris? E as outras senhoras pintadas com tintas menos nobres, para não dizer antipáticas: a burguesinha *Carolina*, a atriz *Lippold*, a *Marquesa Coppoli*... Era um romance "*à clef*", no qual a camaleoa desempenhava papel destacado.

Fora da literatura, a "condessa Tonska" tinha preocupações práticas.

Escrevia a D. Pedro instando-o a cuidar dos serviçais que, durante anos, 182

acobertaram seus descaminhos: "Pedro Paiva escreve dando notícias dos filhos e pedindo emprego. Pedro me pede que eu escreva ao André Re-bouças para pedir emprego nas docas para Francisco porque Pedro não tem valimento para nada. Sabe que mais? Você tem obrigação de fazer tudo por três pessoas. Pedro Paiva,

Rafael e Francisco." Pedido ou ordem? O tudo ia sublinhado. Luísa sabia que o imperador era muito "ze -

loso do quê diriam os outros" e pedia cuidados "no que se escreve. Ninguém pode saber aonde irão parar as cartas", advertia-lhe. Na verdade, ela se preocupava com espiões. Como em todo adultério que se prezasse, ambos tinham se apoiado em terceiros para levar mensagens, trocar correspondência e acobertar encontros. Rafael, que cuidou de D. Pedro desde pequenino, atuou como o mensageiro de confiança entre eles.

O ano de 1870 foi duro para a condessa. A cidade, para a qual voltou, mudara e muito. A população de Paris havia dobrado. Na primeira década do reinado de Luís Felipe, o suicídio entre os pobres duplicou e o número de órfãos recolhidos por instituições de caridade também. As revoltas em nome da fome, dos anos 1840, tinham cedido lugar às greves e reivindicações por melhores salários. Por trás dos projetos da burguesia, se levantava a voz dos trabalhadores e de suas organizações. A Fran-

ça conheceu os mesmos deslocamentos sociais e a mesma miséria que a Inglaterra. A cidade crescia como um recife de coral, com bulevares, vias férreas e aquedutos se sobrepondo. Buscava-se água cada vez mais longe para assegurar o abastecimento. Pequenos vilarejos como Passy e Montmartre iam sendo incorporados de forma anárquica à cidade, à qual se ligavam por construções pobres que enchiam os terrenos baldios. A vida urbana com sua correria e ritmo já suscitava comentários críticos. O

termo "neurastenia" foi cunhado, então, para designar a doença engen -

drada por ruas superpovoadas e barulhentas. A massa de trabalhadores e miseráveis dava medo. Feita de gente sombria e desconhecida, não se adivinhava suas reações. O Estado autoritário e vagamente socialista de Napoleão III dava mostras de declínio.

183

Os rumores sobre a deterioração da política francesa já corriam nos jornais brasileiros e D. Pedro, preocupado, cobrava dela que se prote-gesse. Mas Luísa estava acostumada aos conflitos. "Não tenha receio, não teremos guerra agora" — lhe respondeu. O bairro onde ela morava não apresentava quaisquer sinais de agitação. Mas do dia para a noite, ela passou a ver, no bulevar des Italiens, as

tropas marcharem cantando o hino, *La Marseillaise* e aos gritos de "A guerra! A guerra!". "O aspecto da cidade nada tem de triste, mas a carnificina se apronta", anotou a condessa. "Boa noite, amigo do coração, a desgraça tamanha se organiza como se fosse festança!", concluía Luísa.

Mas havia pior: os planos de Napoleão III com a Alemanha não funcionaram. Uma nova potência surgiu no horizonte, a Prússia. E a crise culminou exatamente neste ano. A ameaça de uma candidatura alemã ao trono espanhol que era tão caro aos Beauharnais, e em especial a Eugênia, de família espanhola, lançou os franceses numa guerra mal preparada. O fiasco foi terrível. Em poucas semanas um comando prussiano derrotou os exércitos franceses e, a 2 de setembro, o combalido Napoleão III foi feito prisioneiro em Sedan. Dois dias depois, foi proclamada a III República e Eugênia, sua esposa — que inspirara o nome de Eugênio de Barral —, fugia para a Inglaterra. Foi abandonada por todos, com exceção de seu dentista americano.

Com sua multidão de operários, artesãos, estudantes e intelectuais, Paris era um verdadeiro barril de pólvora. As condições de rendição com sua ocupação por tropas prussianas só jogaram mais lenha no fogo. O

cerco militar e a fome tinham exasperado a população. A cidade fervia de ódios quando o Parlamento anunciou que os impostos tinham que ser pagos pela classe média. Foi a gota d'água. Um levante, inspirado pelos socialistas, cujo objetivo era instaurar uma Comuna, na tradição da Revolução de 1792, explodiu. A capital ficou sitiada durante dez dias -

nas, nas mãos dos revoltosos. Os *communards*, contudo, latiam muito e mordiam pouco. Tiraram a estátua de Napoleão I da praça Vendôme mas 184

respeitaram uma política financeira ortodoxa. Sua moderação não lhes foi de grande valia quando foram vencidos.

Humilhada pelos prussianos, a burguesia se vingou de seus terrores e ressentimento nos revolucionários *communards*. Passaram a ferro e fogo os rebeldes: 20 mil execuções se somaram a centenas de deportações. Nos Jardins do Luxemburgo foi montado um verdadeiro abatedouro: entre os arbustos, fuzilava-se sem parar. Luísa chegou a ver os carros cheios de prisioneiros, julgando-os, sem piedade: "Que vista asquerosa. Que caras patibulares!" Corpos apodreciam nas ruas e muitos belos monumentos arderam em chamas. Voltou o

conservadorismo.

Mais uma vez, a camaleoa soube se mover na hora certa. Para al-guém que suportou a Sabinada no Recôncavo e o golpe que depôs Luís Felipe, este era apenas mais um obstáculo a ultrapassar. Deixou Paris durante a guerra entre a França e a Prússia, refugiando-se em Londres.

"Contei meu dinheiro, pus de parte o que é necessário a pagar a casa e os criados durante estes três meses e Deus permita que daqui até lá te-nhamos alguma notícia do que é nosso quer no Brasil, quer na França", anotou no diário. Ela se gabava de sua esperteza para D. Pedro: "Ora confesse que sou uma brasileirinha chibante [esperta] que sabe se virar nesta babilônia." A resposta dele: "Assim é que eu gosto!" Que diferença em relação à subserviência das outras mulheres que o cercavam. Quanta admiração pela dama guerreira e capaz de se adaptar a tudo.

E, no início de fevereiro, voltou à França ocupada pelos prussianos e onde tinha início a Comuna:

"Para o Imperador e a Imperatriz:

Sim. Sou eu mesma e eu escrevendo a Vossas Majestades de Paris, onde vim logo que isso foi possível, porque sabem que hoje, infelizmente, sou mais pai do que mãe de meu filho e não posso negligenciar a menor ocasião de saber de nossos negócios." Fizera uma viagem de dez horas para atravessar o canal da Mancha com. um passaporte diplomático. Chegou em Dieppe, ocupada pelos prussianos. E contava: "Houve dificuldade 185

em se fazer compreender o general Pietrskin que era coisa diplomática

— *Che n'endend rien a la politiké aler barler ao Machor Müller* [ela arre-medava o francês estropiado]. Este deu licença e partimos por um trem militar prussiano, chegando a Rouen às 8 da noite." De lá, Luísa se meteu num vagonete de madeiras, e sentada sobre palhas, "depois de mil paradas e dificuldades", chegou a La Chapelle Saint-Denis, dentro de Paris. "Foi com muita emoção. Eram duas horas da madrugada, chuva às gamelas e lama digna do calolê de Santo Amaro [referindo-se às estradas baianas].

Foi mister gramar a pé até Paris aonde chegamos às três horas — Dormimos num hotel porque não se podia achar quem carregasse a bagagem e Paris estava

no escuro — Que tristeza! Que miséria! Nem posso contar tudo quanto tenho visto e tudo quanto tenho feito! Parece incrível... Agora sei o que se passou em minha casa. Deus seja louvado, as bombas não vieram deste lado do Sena e os estragos, mesmo na margem esquerda, são comparativamente pequenos. Rombos no Pantéon, Invalides e Saint-Sulpice, Colégio Henrique IV e Biblioteca Santa Genoveva."

Exímia conspiradora, Luísa ficou encarregada de distribuir a correspondência dos príncipes Orléans, e Livross em Claremont, aos seus correligionários. Os filhos de Luís Felipe viam na bagunça da Comuna uma chance de voltar à França. O marido da princesa Chicá chegou a atravessar o canal da Mancha escondido. Joinville e os irmãos queriam o fim do exílio.

Eles vieram buscar passaportes que lhes permitissem entrar e sair do país quando quisessem. Tomaram um coche e atravessaram a capital que não viam havia 23 anos. Choque! O barão Haussmann tinha criado uma cidade nova. As casas entre o palácio das Tulherias e o Louvre sumiram dando lugar a uma vasta esplanada composta pela praça du Carrousel e a praça Napoléon III. Novos bulevares levavam às estações de trem. As ruas eram largas o bastante para permitir a entrada dos exércitos em caso de revoltas.

Quem era o guia? Luísa. O resultado é que os *communards* foram procurar

"um príncipe surdo" em sua casa, no bulevar Haussmann. Não o acharam.

186

"Tanto melhor, senão o teríamos fuzilado no vosso pátio", disse-lhe um dos líderes da patrulha. O único surdo nos arredores era o conde D'Eu, marido de Isabel. O casal estava de passagem na capital, nesta ocasião.

Para fugir à Comuna, Luísa alugou casa em Versalhes, onde estocou sua prataria. Lá recebia os amigos e oferecia jantares ouvindo, entre uma garfada e outra, o tiroteio na cidade. "Ah! a artilharia, Paris está ardendo, Meu Deus, basta de castigo!", anotou no diário. Luísa circulava entre monarquistas e republicanos, sem problemas. Não parava suas atividades -

des filantrópicas, agora envolvida na criação de uma escola para filhas de militares, "legítimas e ilegítimas", sobre as quais ponderava: "As filhas de mulheres de má vida devem ser aceitas justamente se quiserem se moralizar."

Teria aprendido a lição com o meio-irmão que jamais teve jeito ou apenas seguia a moda das atividades filantrópicas para senhoras de boa sociedade?

Trabalhava também para que os dois ramos monárquicos, Orléans e Bourbon, se entendessem aproveitando o vazio de poder. Tão bom se voltassem ao trono francês! E fazia contagem regressiva para ver seu amigo: "Amanhã principia o último mês de meu amigo no Brasil." Saudades, vazio e desejo, tudo amarrado num grande ramallete que ela ofereceria ao imperador quando ele chegasse à Europa.

Com o fim da Comuna, Luísa encontrou boas razões — além do filho e dos negócios — para ter voltado a Europa. Sua princesa Chicá regressou a Paris e o príncipe de Joinville foi eleito deputado pelo município da Mancha, pois queria "participar ativamente ao soerguimento e reconstituição do país". Os Orléans, em peso, empacotavam móveis e quadros, deixando a Inglaterra. A direção era o palácio de Chantilly. Ela, certamente, teria o que fazer.

Na mesma época, uma nova faceta de Luísa desabrochava. Em cartas, como no diário, deixava escapar um sentimento novo: um misto de arrependimento da relação com D. Pedro e de culpa em relação ao filho.

Uma coisa acentuando a outra. A má consciência deu início a um "*mea* 187

Francisca de Joinville, depois do exílio em Londres O príncipe de Joinville, cunhado de D. Pedro II, depois do exílio na Inglaterra.

culpa": "eu também comi a maçã e pago os pecados de Eva", batia no peito. Sentia-se negligente em relação a Dominique. Certas idéias pontuavam as cartas e o diário: consagrara a outrem o tempo que deveria ter lhe dedicado. O adultério deu origem a muitas falhas: não assumiu, integralmente, os deveres maternos e fizera o pequeno sofrer. Seu trabalho, ou melhor, "seu serviço na família imperial" a afastara do marido, prejudicando seu lar.

Culpada, ela começou a reprovar a D. Pedro o "tom" de certas cartas que ele lhe enviava e que ela preferia não ler. "Não mais destas cartas que vou devolver impiedosamente sem abrir", respondeu a ele. Eram aquelas em que ele lhe falava abertamente de seus sentimentos. Era que reclamava seu corpo. Ela retrucava: a "guerra que lhe declarava" tinha por objetivo "cimentar a paz interna". A tal guerra era para pacificá-lo.

Nada mais de intimidades ou de carne. Doravante, só espírito. Se queria encontrá-lo? Lógico que sim, mas "com outros olhos". Novos e pudicos.

Os antigos e sedutores tinham ficado para trás. E se perguntava: "Posso esperar um futuro em minha idade?" Não seria melhor consagrar-se exclusivamente a seu filho do que viver de lembranças? Afinal — justificava-se diante das cobranças dele —, nem foi a vida em Paris que a modificara, mas o filho crescido. E decretava: "Eu não envelheço mais.

Acabou. Sou velha!" Tentava incinerar sem dó o passado e todas as lembranças que vinham com ele.

Vivia nas igrejas confessando e comungando. "Descarregava a consciência" sempre que podia. Afinal, aquela foi a época de ouro do sacramento da penitência. Ouvia pregadores famosos que sublinhavam a obrigação da boa cristã em desdenhar a carne, que comprometia a alma de elevar-se rumo à pátria celeste. Uma guerra permanente contra a sensualidade ecoava nas abóbadas da igreja da Trindade, onde ela assistia às missas. Grandes armários de carvalho, os confessionários eram a arma contra adultérios, divórcios e até o socialismo. Do seu interior, o confessor fulminava as pecadoras impenitentes.

190

Depois, Luísa freqüentava o cemitério. Trocava regularmente as flores no túmulo de Eugênio, chorando diante de um retrato dele inserido no mármore. Ele parecia mirá-la "com tanta bondade". Mais culpa. O

marido traído parecia tão bom e ela, tão má. E admoestava o imperador:

"Ame-nos como nos merecemos ser amados em face de Deus, do mundo e do sol." Nada de mesquinho podia existir na afeição que os unia para que "Deus não os punisse em nossas crianças". Temia que o castigo não viesse só do céu, mas da terra também: "Eu tenho medo horrível da língua de nossos patrícios — a ociosidade é que engendra as conversas de comadres, as mentiras e as fofocas." As reações de Luísa indicavam que os rumores sobre sua relação com o imperador tinham aumentado. E

continuava a destruir as cartas vindas do Brasil.

Dominique também mudou de atitude. Sabendo que o Imperador vinha à

Europa, ele quis impedir a mãe de acompanhá-lo. As discussões se tornaram freqüentes. O convite, uma honra para ela, era vergonha para ele. O filho a acusava de agarrar-se a uma "haste de palha". Que ixava-se de que no Brasil ele era acusado de viver de favores da Corte. Deixava escapar que a relação de Luísa com D. Pedro não era inocente e que ele sabia! Rebelava-se acusando a mágoa de anos de abandono. Ela confiava ao diário:

"Quando me lembro que da qui a um mês estarei arrumando meu baú para ir à Inglaterra, nem sei o que dizer nem o que me passa pela alma! Infelizmente estou dominada pela idéia de que faço uma má ação, abandonando o filho pelo amigo, e isso amargura meu gosto. A prova de que não é certo é que não ousei dizer a ninguém. [...] Se Dominique me chama de Madame de Maintenon [a amante carola de Luís XIV], outros me darão nome menos estimável ainda. Nada de graças. Tenho 55 anos, um filho de 17 cheio de brios. Não vamos dar azo a fofocas não somente escandalosas, mas desfrutáveis, que cobririam ambos de ridículo."

Apesar de se vergastar com autocríticas, não mudou radicalmen-te seu comportamento. Não enterrou a *coquette* e depois de examinar o 191

guarda-roupa que achou em "mulambos", foi a Paris fazer vestidos para se apresentar bem em Southampton, onde D. Pedro ia desembarcar.

Queixava-se, sem cerimônias, de suas pelancas e calos, mas não hesitava em descrever ao imperador, provocante, o quanto a costureira queria decotá-la, "abrindo o vestido até...". Luísa se oferecia e fugia.

D. Pedro também envelhecia. Tornou-se um senhor de barbas brancas, testa marcada por rugas fundas, cabeça sem nem um fio louro. Os parentes comentavam a brusca deterioração física. Luísa o sacudia no diário:

"Mas, meu amigo, você tem andado bambo? O que tem agora a cada instante? Indisposição que vai e volta, o que é isto?!". Na vida política, o quadro não era melhor. Os ministérios se complicavam. Os militares mostravam seu descontentamento com a falta de reconhecimento depois da Guerra do Paraguai. As tensões diplomáticas com a Inglaterra tinham desgastado o imperador. A mania que tinha de tentar influir nas Câmaras, exercendo um tipo pessoal de governo, irritava os políticos. Metia-se em tudo, despertan-do mais ironia do que respeito. Era acusado de absolutista, de ditador.

Todo início de ano legislativo ocorria uma "fala do Trono", cerimô-

nia que se repetia na abertura e encerramento da Assembléia Geral. Esperava-se que ele introduzisse "a grave questão". Ou seja, que começasse a discutir o fim da escravidão. A mana Chicá, da Europa, controlava os passos do irmão: "Vi pelos jornais que não falava em emancipação, isto é lástima e de péssimo efeito." Luísa arrematava: "Você tem que ganhar a campanha da emancipação" e acabar com esta "praga". Tentava convencê-lo, dando o exemplo: mesmo que perdesse tudo o que tinha na França, ela não deixaria de libertar até o último de seus cativos. Do outro lado do Atlântico, ambas as mulheres acompanhavam as mudanças do tempo.

A gigantesca expansão da economia mundial, sustentada na industrialização de numerosos países e num dilúvio de mercadorias, apontava para uma crise. Liberalismo e democracia se associavam à autonomia nacional, mas o Brasil continuava no século XVIII! Império, grande lavoura e, para vergonha de todos, escravos.

192

Para piorar a situação de D. Pedro, morreu a princesa Leopoldina, em Viena, deixando quatro filhinhos. "A notícia caiu como um raio", observava a imprensa. Luísa, que havia criado a menina, se desesperava.

"Acabo de receber a notícia fatal e com o coração partido da mais pungente dor me atiro aos vossos pés para chorar com ambos nossa querida filha." Arrasado, D. Pedro II pediu licença para ir logo à Europa. O

jornal *A República* decretou: "que o rei fosse embora, o quanto antes."

Isabel ficaria como regente. Luísa escreveu a ela: "Tem Vossa Alteza a ocasião de servir ao país, ao Papai e antes de tudo a Deus." E que apro-veitasse para libertar os escravos. A filha do abolicionista D. Domingos não esquecia as lições do pai: "Falta-me ver agora a libertação de todos os escravos do meu país para morrer contente." Nem todos se libertaram.

Só os filhos das escravas. A Lei do Ventre Livre saiu em 28 de setembro de 1871. E Luísa a corrigir o raquítico francês de D. Pedro e Isabel usado na correspondência internacional: "*ventre libre*" ou "*liberté du ventre*" pareciam sinônimos de dor de barriga. Era melhor falar em lei dos recém-nascidos: *loi des*

nouveaux nés.

Arranjos se faziam para a partida. D. Pedro deu ordens de abrir os portões de São Cristóvão. Dando vivas, o povo foi se despedir. Ele e a imperatriz embarcaram num simples vapor de carreira cheio de turistas.

"Estou farto de cerimônias e etiquetas", desabafou. O imperador queria parecer um homem comum. Pediu para ser chamado apenas de Pedro d'Alcântara. Luísa já o prevenira: "Vamos preparar o terreno para sua viagem à Europa. Pena que o terreno seja o oceano", ela brincava. E

depois, séria, "Venha podendo ser chamado de soberano de uma nação livre" — repisava sempre a tecla da abolição.

A distância e o tempo que os separavam aumentavam o desejo do reencontro, mas também a idealização de suas relações. O diário dela seguia eivado de passagens açucaradas. "As nove horas apago a luz e mando todo mundo deitar e sabe do que me lembrei quando subi a es -

cada com a velinha na mão, sendo toda a casa no escuro? Ora se sabe."

193

E ele nas entrelinhas: "Se sei, mas não sente como eu." Ela: "Toquei piano mais de uma hora, lembrando tanto de São Cristóvão." O tecla-do reproduzia as pulsações que a linguagem não poderia traduzir ou as queixas da alma ferida pela distância. E ele: "E eu quanto me lembro."

Ou esta outra passagem: "veja na quinta-feira do seu diário se o *je vous embrasse* [eu vos beijo] não se parece com um *je vous ecrasse* [eu vos esmago] de todo o meu coração. Seu coração nunca há de esmagar." E ele:

"E o seu?", para em seguida cobrar, lacrimoso, "por que não se satisfaz com os corações que lhe são devotados?". E com letra bem grande para chamar atenção, "adeus, amiga do coração, mas o seu [coração] não m'o consignou como lhe dei o meu. Receba assim o meu abraço e console-se do degrado a que me condenou". Queixas de amante frustrado.

O casal imperial partiu no dia 25 de maio e a 9 de junho chegou a Lisboa. Depois foram à Espanha, entrando na França ao final do mês. Foram recebidos

por um pequeno homem de sobrecasaca fechada como uma batina. Era o presidente, Luís Adolfo Thiers, historiador e amigo dos Orléans que logo deixou a família real voltar a Paris. "Mas será possível que amanhã eu os veja?! Amanhã!! Que Deus me ajude a não morrer de saudades", Luís-

sa rabiscou no diário. Correu a Bordeaux para encontrar o casal: "E recebi dele o abraço que me deu diante de todo mundo." Ela não se fartava de o olhar: "Coitado, está de barbas brancas, está muito gordo, mas a expressão é tão alegre [...] a imperatriz está horivelmente mudada, coitada. Eu mal a conheci." E muito feminina, acrescentava: "quem sabe o que eles pensaram de mim. Dizem que me acham bem, culpa dos olhos amigos", anotou.

No começo, Luísa estranhou o desejo de anonimato e com humor perguntava: "Por que andar incógnito com este povo de gente atrás de si?"

Assim, só na Bíblia, quando se movia uma tribo." E tratava de avisar aos que queriam oferecer recepções: o imperador recusava o protocolo. Não vestiria calção atado no joelho nem para ir a Windsor, ver a rainha da Inglaterra. Nas mãos de Luísa ficou todo o programa. "Ela é a perfeição", elogiou a princesa Chicá; "É uma sorte para eles".

194

Turismo: palavra nova que começara a circular nos anos 1840. A idéia de viagens de lazer era recente. Elas ganharam força com a invenção, em 1839, da fotografia, que permitia capitalizar lembranças. Ruínas, monumentos, paisagens, rituais da vida cotidiana, andava-se atrás da chamada "cor local". No decorrer da segunda metade do século, instaurou-se, igualmente, a noção de "férias" como uma mudança necessária das atividades e do gênero de vida. O descanso e os benefícios da natureza pareciam oferecer uma contrapartida ao modo de vida urbano. Guias e outras publicações apontavam itinerários nas montanhas, planícies, cidades ou vilarejos. As estradas melhoradas e os caminhos férreos facilitavam os percursos e eram sinônimos de progresso e desenvolvimento.

Todos queriam conjugar poeticamente o verbo "vagabundear".

Férias e turismo eram o objetivo de D. Pedro II, naquele momento. Eis por que foram todos juntos à Inglaterra e depois à Bélgica.

A seguir, desceram em direção a Colônia e Berlim. Ele desejava que Luísa o

acompanhasse o tempo todo. Espojado dos ritos imperiais, se expandia nas facilidades de turista, na convivência em hotéis, ocasiões de passeios etc. Os almoços e jantares com príncipes e princesas se sucediam. D. Pedro viajava como um funcionário público em férias.

"Revolta do imperador contra as etiquetas", anotava Luísa aborrecida.

Chegavam por vezes às portas do hotel aonde iam se hospedar carregando a própria mala e o capote. Nada disto era considerado elegante.

Em Coburgo rezaram pela alma da recém-falecida Leopoldina e seguiram para Carlsbad.

Nem tudo foram rosas. Na verdade, Luísa amou o imperador. Mas o homem simplório e pequeno-burguês, o tal misto de turista e funcionário público que desembarcou na Europa, a irritava. E a incomodava porque desmerecia o império do Brasil. Ela sabia o quanto custava para a imagem do país um monarca sem modos. D. Pedro II era, na comparação com outros monarcas, um caipira. Habituada a se movimentar nas Cortes européias, suas horríveis maneiras a incomodavam. Parecia tão desajeitado. Por que apertar as mãos de todo mundo, se nenhum príncipe o fazia? Por que bater nas costas das pessoas, se tais hábitos não existiam nos "países civilizados"? Por que insistia em falar seu péssimo inglês, quando seu francês era corrente? Usava a mesma roupa

— o jaquetão preto — desde que nascera? Não podia se arrumar me -

lhor, para os jantares aos quais era convidado em vez de "dar pontapés aos usos e costumes"?

E o comportamento à mesa? Este quesito a deixava louca de raiva: comia com a faca, os cotovelos à mesa, a toalha coberta de molhos, o vinho derramado. Comportava-se como um ogro. Os empregados do-mésticos riam dele. Era "a ignorância dos hábitos mais simples" — re-voltava-se Luísa. E dizer que esta era a melhor sociedade!? E as unhas imundas? "Ah! Meu pobre Brasil, como há o que fazer para educar seus filhos!" Seu mordomo mostrava-se em *robe de chambre* e "muito breve"

— Luísa arrematava, cheia de raiva — "estaremos em fraldas de camisa e chinelos". Nas festas, D. Pedro não sabia receber os convidados. Sentava-se a um canto com uma pessoa e "boa-noite ao resto". Finalmente o "senhor

Alcântara tem dois defeitos insuportáveis: é egoísta como ninguém e cabeçudo como todas as mulas do mundo!". E a pá de cal, que a colocava em situação superior a dele: "Oh! Enquanto for rei, esteja livre para ser mal-educado, mas ele tem pretensões de ser um *gentleman*. Ah!

Então é preciso que ele seja polido com *ladies* de minha condição que têm a bondade de se ocupar dele."

As brigas entre o imperador e Luísa se multiplicavam dia e noite.

Até os modos dele com a imperatriz eram motivo para se estranharem.

Luísa não suportava a maneira como D. Pedro a tratava. A viagem foi para que ela, a mãe, que tinha perdido uma filha, se tratasse. E "nem por isto ele lhe faz a menor vontadinha, nem a trata com o menor carinho".

Ao contrário, arrastava-a por toda parte, enquanto "ela precisa de descanso e de consolo para seu coração. Depois, ela há de adoecer. Ele há de querer mesmo lhe dar os remédios e se desmanchar [...] mas não é isto 196

que a consola. A tosse dela me inquieta e a irresponsabilidade dele me assusta". Nessa fase de certo arrependimento, Luísa se ocupava da imperatriz.

Enterravam-se as disputas silenciosas de outrora. Não escapava a ninguém o precoce envelhecimento da imperatriz. "Acho-a muitíssimo desfeita", comentava Joinville.

Luísa a levava a butiques, joalherias, chapelarias e perfumarias. De certa forma, dando atenção à imperatriz, se vingava do imperador. "Jesus Maria, quem o criou tão egoísta! Meu Deus! Bonita maneira de viajar para a saúde de sua esposa! Coitada deve ser sua humilde escrava, não lhe permite a menor reflexão, nunca lhe cede em nada [...] ai de quem não disser *Amém* para tudo que ele quer. [...] Toca a ser insuportável e malcriado! E

como eu sou uma grandíssima tola de lhe querer bem e de desejar tudo quanto é para o seu bem, é sobre mim que ele descarrega sua bile. E depois ainda vem me dizer uma dúzia de palavras amáveis", anotou.

Não descansavam um minuto sequer. Era uma maratona sem fim de museus e teatros e de visitas a retribuir. Em meio aos deslocamentos que deixavam todos exaustos, o tom das discussões subia. Por não tê-la a seu lado todo o tempo, D.

Pedro repreendia sua "falta de amizade". Entrava sem cerimônias no quarto dela para manifestar suas implicâncias: "Já vai passando dos limites e eu não posso me conter." Ele acenava com cartas do passado ou recordava-lhe coisas que ela "queria esquecer". Fazia-lhe até in-júrias. "Isto me doeu. Chorei, afligi-me, não dormimos", registrou ela. Por trás das brigas, um ajuste de contas. D. Pedro queria reencontrar a mulher a quem mandava as cartas que ela não queria ler, nem abrir. Ela só queria a tal da "paz interna". Este desencontro de intenções provocava as faíscas.

Dominique, por seu lado, reclamava a presença da mãe. Interno num liceu, ele a via pouco e exigia um dia da semana só para os dois. Luísa estava entre dois amores. Se ela saía com o filho ou com outra pessoa, o imperador reagia. Parecia ter prazer em espicaçá-la: "O Imperador começou com seus enfaruscamentos e foi-se o prazer do dia para ambos." Ela ralhava com ele como se fosse uma criança, mas não era boba: "Acho mais prudente retirar-197

me." Talvez compreendesse, no fundo, as frustrações na qual mergulhara o amante. As divergências eram tão intensas que para ela também a situação se tornou insuportável. Não aturava mais viver com "gente tão estúpida", dizia dele. Em Viena, Luísa se despediu. Ia encontrá-los, mais à frente, no sul da França, em Cannes. Contida desde sempre, Teresa Cristina conten-tou-se em anotar: *"partita da Condessa para Parigi"*.

O casal imperial desceu até o Egito. Paisagens novas e grandiosas lembravam conversas e autores que D. Pedro tinha compartilhado com Luísa. De lá, ele mandou uma carrinha: "Disseram-me que só três imperadores galgaram as Pirâmides: o nosso amigo íntimo, o atual da Áustria e o romano Adriano [...] o pôr do sol na volta foi lindíssimo e eu, com Mariette [o famoso arqueólogo francês], conversamos longamente, não podendo eu deixar de dizer-lhe o interesse que você teria em examinar tantas coisas curiosas, dotada como é de espírito investigador." Luísa fazia falta até para ver os monumentos.

Voltaram a se encontrar em dezembro. Como tantas mulheres de sua época, Luísa era ambígua. As "maravilhosas" hesitavam entre as paixões radicais e a moralidade mais rigorosa. Traíam os maridos, mas mor-riam de amor, o que as redimia. E ela oscilava entre o prazer de revê-lo e a culpa de estar a seu lado. "E hoje! E hoje! Com efeito chegara, às 7h30 ", registrou, eufórica. Logo voltavam a se desentender: "Que dia infeliz! Briguei toda a manhã com o imperador por motivos os mais fúteis possíveis." Ela cedia exclusivamente porque a "corda

arrebenta do lado mais fraco". Ele se julgava no direito de lhe cobrar as saídas, as *soirées*, os compromissos. Quantos dissabores não lhe dava o imperador que lhe dizia "amar tanto".

Foram tempos difíceis. Luísa se via dividida entre os compromissos pessoais que tinha em Paris e a vontade de acompanhá-lo. Ela seguia apresentando o imperador a todos que conhecia. Do pintor Ari Scheffer ao filósofo Ernest Renan. Ele exultava com estes encontros que o retiravam da limitada vida que levava no Brasil. Que o confirmavam como um 198

intelectual. Devia este sentimento de gratidão a ela. E bastava o casal se encontrar para as fagulhas se acenderem. As boas e as ruins.

Se, de acordo com os padrões da época, Luísa significava para D. Pedro a nostalgia de um mundo ideal, ela também tinha outra face. Luísa negava de tal forma a sexualidade do "amigo querido" que se tornava castra-dora. O imperador era a vítima de uma mulher que tentava transformá-lo num anjo, para exorcizar sua animalidade. Mas ele se debatia, porque ainda a desejava. Tinha só 46 anos. Não conseguia se desvencilhar do olhar, da música da voz, do perfume que se filtrava através dos trajes de Luísa.

Exausta, a caravana de turistas se arrastou pelo sul da França, cruzou os Pireneus e, via Espanha, chegou a Portugal, onde o casal embarcou de volta ao Brasil. Novo adeus. Ela não registrou, mas devem ter sido calorosos. Ele jamais os esqueceu, mencionando-os, com insistência, em cartas. Ao regressar ao Brasil, D. Pedro chocou a todos novamente ao se apresentar de paletó, sobrecasaca e boné. Não faltava quem tivesse saudade da farda e do beija-mão. Era o poder dos ritos que ele mesmo colaborava para fazer desaparecer. No fundo, Luísa tinha razão em ter brigado com ele durante a viagem. Os rituais tinham a função de consolidar o poder dos monarcas. Por não querer cumpri-los, fazendo-se passar por um cidadão comum, D. Pedro se fragilizava e enfraquecia o Império.

Luísa tinha sempre razão. E era, provavelmente, o fato de ela ter sempre razão que cimentava esta sólida amizade amorosa.

Bayonne, fevereiro de 1872: "Depois dos mais tristes adeuses feitos na estação de trem, vi se afastar meu augusto amigo." Quatro dias depois da separação, já recebia a primeira carta dele. Ela respondeu: "ninguém tem mais direito de ser

confidente do meu amigo, se não eu!" Ele replicou: "E o que será sempre!" Depois de tanto ter brigado por sua falta de elegância, chamava-o carinhosamente de "meu excelente caboclo, seu maior merecimento é ser simples, simplesmente simples e instruído, de ter memória feliz e olhos que vêem longe". Era o início do outono de suas vidas.

199

Rua de Bourbon em Petrópolis, endereço do chalé Miranda.

Capítulo 7

Um amor de outono

Mal D. Pedro II embarcou para o Brasil, a camaleoa mergulhou fundo na vida parisiense. Ela mesmo ria de sua situação: "Corro como um cachorro magro e nunca dou conta do que tenho a fazer." Os anos que passou cuidando de negócios, escrevendo cartas para os engenhos no Brasil ou para os banqueiros ingleses, tinham resultado numa situação financeira confortável. Sua renda sustentava seu cotidiano e lazer. Ela morava num endereço prestigioso, o bulevar Haussmann, e possuía recursos para cruzar o canal da Mancha ou percorrer a Itália sempre que ansiasse por cenários diferentes. Viajava com o filho como prêmio por boas notas no Liceu. Por ser uma viúva rica, o que inspirava respeito numa sociedade que tinha preconceitos contra mulheres solitárias e sem dinheiro, usaria vestidos escuros e papel tarjado de preto até o fim dos dias. Mas nem por isso estava isolada do mundo. Os contatos com os príncipes de Joinville lhe asseguravam uma agenda cheia. Seus méritos de fascinante contadora de histórias também garantiam-lhe lugar à mesa do príncipe de Aumale, no seu magnífico castelo em Chantilly. A vida teatral, as *soirées*, os chás, as atividades de benemerência misturavam-se aos cuidados com o filho que tomava lugar cada vez mais espaçoso em sua vida. "É meu corpo e minha alma", definiu certa vez para o ciumento imperador.

Na Paris daquela época, nada faltava e todos os gostos encontravam do que se fartar: o peixe mais fino, as ostras frescas, o faisão, o javali ou o abacaxi. As adegas transbordavam de champanhe e vinhos finos. Luísa oferecia jantares e brincava com D. Pedro que se ele estivesse presente teria servido canja. Mas para ela, foie gras!

Sua pupila Isabel desembarcou pela segunda vez na Europa. O roteiro era Viena,

Paris e Itália. A princesa vinha sofrida. Tinha problemas 201

para engravidar e garantir a sucessão do trono. Vinha, também, amarga.

Sua regência, na ausência do pai, foi um fiasco. Bem que pedira a Deus inspiração para lidar com um parlamento dividido. Bem que tentou imitar a rainha Vitória. Bem que agüentou os insultos da bancada oposicionista e assinou a Lei do Ventre Livre, mas nada a fazia querida dos súditos ou respeitada pelos políticos. Murmurava-se que não substituiria o pai. Não haveria "Terceiro Reinado". Luísa conhecia bem a maldição da esterilidade. Compreendia o quanto o problema de Isabel fragilizava a monarquia no Brasil. Sofreu durante anos, até engravidar de Dominique. Só então trouxe conforto ao pai e ao marido e deu continuação à família.

Isabel e o conde D'Eu chegaram em meio às discussões da família sobre a Restauração. Napoleão III morreu em 9 de janeiro de 1873 e Bourbons e Orléans se engalfinhavam para definir o que seria melhor para a França. A Assembléia Nacional discutia as possibilidades de restabelecer a monarquia. Nem uma nem outra. A solução foi o general Mac Mahon assumir a presidência por dez anos. Mas outros problemas atormentavam uma parte da família, mais ligada à geração de Isabel e do conde D'Eu.

Uma série de adultérios lhe manchava a honra. O primo de Isabel, o duque de Chartres, traía a apaixonada Chiquita com uma condessa italiana mais velha e ex-amante do tio, a Castiglioni — que aliás o chamava ternamente de "meu príncipe canalha". A cunhada, Sofia da Baviera, traía o duque de Alençon, com o médico ginecologista, de quem teve um filho bastardo. O

duque de Penthièvre, que se recusou a casar com as princesas brasileiras, assumiu um caso com uma plebéia de quem teve dois filhos. Enfim, a família Orléans estava longe de dar o exemplo de perfeição conjugai.

Neste clima de pequenos escândalos, Luísa percorria as grandes igrejas em companhia da princesa Chicá, para ouvir pregadores renomados e pedir perdão pelos pecados de todos. Isabel ia junto. Um clima de rigor moral que a Comuna acentuou só fazia crescer. A pupila acompanhava a mentora incorporando mais e mais o estilo piedoso de que Luísa lançava mão. As orações serviam também para pedir um herdeiro: "Deus, dai-me filhos!", 202

implorava Isabel. Foram à gruta de Lourdes fazer promessa à Virgem Maria,

tocaram a pedra onde Ela teria aparecido e compraram terços bentos.

O destino da mulher no século XIX era o de criar a prole. Não à toa, as famílias brasileiras tinham dez, 12 crianças. Nas famílias de elite, elas eram um instrumento para multiplicar as fortunas por meio de casamentos. Isabel teve vários abortos até que, em novembro de 1873, chegou a boa notícia: ela estava grávida. A alegria durou pouco. Uma menina nasceu morta oito meses depois. Para consolar a mãe, alugou-se uma casa em Petrópolis.

Em pouco tempo, Dominique, que entrou no serviço diplomático francês, partiu para o Rio de Janeiro em primeira missão. Luísa foi atrás do filho e de Isabel. Em agosto de 1875, anotava no diário: "De retorno do Rio a Petrópolis." Instalou-se numa casinha com flores, o chalé Miranda. "Só falta Dominique para ser totalmente feliz." D. Pedro ficava nas sombras. Estes eram outros tempos e, agora, havia o filho dela e a filha dele entre o casal. Os dois solicitando atenções. Logo, os cuidados eram redobrados. "Os dias se parecem e as noites são passadas no palácio."

Ainda assim, várias vezes, anotou enternecida no diário, "Excelente visita do Imperador".

Ele, por sua vez, confidenciava aos amigos: "A companhia da Senhora de Barral foi para nós uma grande consolação e durante a doença de minha filha pude ver a que ponto ela me é afeiçoada." A encantadora música que só Luísa sabia produzir voltou a seduzir. Anos mais tarde, D. Pedro escreveria incessantemente sobre o chalé Miranda: "Passei de tarde. Que saudades de você! Como atacaria o chalé Miranda, se você o defendesse [...] quantas saudades lhe mandei!" E totalmente romântico:

"hoje, quando passei pelo chalé, colhi florzinhas para você." Um amor de outono: ele, de barbas brancas e precocemente envelhecido; ela, pequena e envolta nos vestidos pretos da viuvez. Ambos detentores de um forte sentimento de respeito e carinho mútuo. E mais importante, Luísa e Pedro tinham conservado uma maneira de amar e de gozar a vida sem se deixarem contaminar pelos sofrimentos que ela lhes trouxera.

Enquanto o milagre do amor e da discrição se operava no chalé Miranda, a princesa Isabel, alheia às realidades políticas e econômicas do país, mergulhou

na vida devota. Luísa ia junto com ela varrer as igrejas, adorar o Santo Sacramento, enfeitar os altares de Nossa Senhora. Isa -

bel engravidou outra vez e a presença de Luísa a acalmava. No final da gestação, Luísa ficou encarregada de fazer as honras da casa à mulher do médico francês que veio fazer o parto da princesa.

O parto foi terrível. "Achei-a assustada, de cama [...] às 23h30 fui ao Paço avisar Suas Majestades que já dormiam e o Imperador me apareceu de ceroulas e camisa, muito engraçado! Às 5h30 fórceps, a criança já so-frendo e precipitando a deitar mecônio. A carinha para baixo tinha feitio de bicho. A princesa animada por minhas súplicas de *força para salvar a criança*, fez esforços grandes e, afinal, saiu um menino mas quase asfixia-do, todo roxo e fazendo lástima. [...] O senhor Depaul e eu fomos para o outro quarto insuflar, beliscar, dar palmadas, fazer cócegas, dar banhos com aguardente, vinagre esfregado, panos quentes [...] mais de uma hora depois do nascimento, ele chorou." Luísa levou o menino aos braços da mãe. Tinham se passado 11 anos do casamento de Isabel. O parto custou 100 mil francos.

Nos meses seguintes, Luísa se dividiu entre os membros da família real.

Ela jantava com a princesa todas as noites, brigava com D. Pedro por este não reagir aos ataques dos políticos, defendia a pobre Teresa Cristina: "Que tirania! Não seria eu a me submeter a isto!" Dominique se entediava. A mãe evitava que ele se aproximasse muito da Corte para

"evitar a gozação dos colegas". Murmúrios continuavam a correr sobre sua presença. Alguns jornais a chamavam de velha. Ela reagia. "Não acho graça." Certamente não se sentia inútil. Suas graças ainda incentivavam cenas de ciúmes de D. Pedro, como quando ela recebeu um conhecido amigo francês: "Cem anos que eu viva, sempre a mesma no físico, direi 204

que o Imperador foi muito tolo nesse negócio. Se ele já tivesse viajado e saído de sua Corte de velhas corujas — ou seja, se tivesse abandonado seu provincianismo —, saberia que não há nada de mal entre um velho amigo e uma Senhora de meu respeito. Mas realmente eu creio que ele tinha ciúmes de mim." E, vaidosa, confessava, "deixa estar que eu tinha meu desvanecimento disso tudo".

Certa feita, Luísa acompanhou a cavalo o imperador numa visita a Friburgo.

Foram visitar os banhos que o doutor Éboli instalou na cidade e que julgavam aconselhável para a esterilidade da princesa. Lá, o Hotel Leuenroth substituiu o chalé Miranda. Ele a visitou: "Eis o começo das tristes separações." Em fevereiro começaram as despedidas, pois ela voltaria para Paris. Com o coração partido, Luísa escondia as lágrimas:

"Chorei tanto que adormeci de um sono de chumbo." "Estive em São Cristóvão para despedir-me do imperador. Quanta dor, estou rasgada por dentro. Adeus, Brasil!"

Os dois anos passados em Petrópolis voaram. Mais uma vez, ela voltou com louros: Dominique agora tinha um posto e licença para terminar em Paris o curso de Direito. Fez escalas na Bahia. Antes mesmo de tocar o chão de Salvador, recebeu carta do imperador com muitas saudades e assinando-se "sempre, sempre o seu P."! Andou alegremente de bonde pela Cidade Alta e Baixa, abraçou as primas que continuavam sua obra de caridade e foi rezar ao pé do mausoléu no Campo Santo, agradecendo ao

"excelente velho" o exemplo que lhe deu. Ali, deixou enterrado mais um problema. O filho de Alexandre Borges, Dominginhos, que na infância foi tratado de pequeno ogro: "pobre homem que encontrei tão mudado e envelhecido." O tempo só passava para os outros... Apesar da cabeça branca e de sexagenária, Luísa ainda estava firme como uma rocha. Em Recife, ficou aguardando outro telegrama. Mas ele não veio. Luísa re-clamou e teve a resposta seguinte: "Se sua amabilidade para comigo é amizade, como a que lhe consagro, e tantas saudades me causa, muito me aflige que a falta de telegrama meu, para a Bahia ou Pernambuco 205

a entristecesse, fazendo-a supor que a minha afeição diminuía." Mal desembarcou na Europa, registrou, vitoriosa, "o Imperador mandou um telegrama para saber de minha chegada!".

Por sua vez, ela enviou notícias à princesa Isabel. Não perdia o humor ao lhe contar que chegara a Paris, "magra como um xangô [peixinho baiano], toda desbarrigada e tão cheia de rugas e pelancas que comparo minha cara com o pau que chamam disponcho"! Mas confiante nos encantos restantes, prosseguia: "Ainda hoje, Vossa Alteza nem pode calcular e veja lá como sou vaidosa, que bonita figura ainda faço quando converso com algum homem de merecimento. Outro dia foi com o senhor Lesseps que fiz meus brilhos."

Lesseps era simplesmente um dos mais conhecidos empresários e diplomatas europeus, além de construtor do canal de Suez. Ah! Sedutora camaleoa.

O ano de 1876 preparava muita agitação, tanto para Luísa quanto para Pedro. D. Teresa Cristina ia de mal a pior. Sentia-se exausta e tossia sem parar. D. Pedro escreveu a Luísa pedindo-lhe que agendasse encontro com um famoso neurologista, o doutor Charcot, em Bruxelas. Com a desculpa de tratar da saúde da mulher, D. Pedro iria para a Europa, via Estados Unidos. Aproveitava para visitar a Exposição Universal de Filadélfia e conhecer o telefone, recém-inventado. Convidou Luísa para acompanhá-los. Ela respondeu com pesar: não ia poder.

Aos 52 anos, D. Pedro contudo não esquecia a envolvente sexagenária. As cartas seguiam umas atrás das outras com "muitíssimas saudades" e notícias: "As festas da colocação da primeira pedra da igreja e abertura do hospital estiveram brilhantes em Petrópolis; porém que saudades!

Bem sabe de quem." "Tomara já o mês de julho", anunciando as viagens que fariam juntos pela Europa. "A 26, começo já a andar para lá, embora por caminho comprido demais para as saudades", anunciando a data da partida. E martelava, "creia que olho sempre com imensas saudades para os quatinhos do anexo do hotel Leuenroth". E antecipando o novo rompimento, "E depois de minha volta da Europa, que fará você? Então é que terei saudades, que nenhuma amabilidade disfarçará"!

206

Aquarela representando os hotéis Bragança e Império em Petrópolis, palco para os eventos sociais dos quais participavam Luísa e D. Pedro II.

Vista do palácio imperial em Petrópolis, atual Museu Imperial. Palco para o convívio de Luísa e D. Pedro II.

207

Enquanto o imperador se afogava em ternura, preparando a viagem, uma nova fase se delineava na vida da camaleoa. O filho crescido atendia, mais e mais, aos

compromissos sociais exigidos pela carreira. Luísa ficava só. Os anos também passavam para os amigos. Saía -se menos.

Luísa anotava as impressões de solidão em seu diário. D. Pedro seguia escrevendo e preenchendo o vazio da vida dela. Todos os dias seguia um bilhete contando amenidades e entre uma frase e outra, "Muitas saudades. [...] O luar tem aumentado as saudades. Tem você também saudade?

Ninguém lhe quis ou quer mais do que o seu P. Nada de cartas de você; não lhe perdôo, as saudades são muitas por cá. Mando-lhe este retrato.

[...] Tomara já vê-la! Não me demore um instante e queira-me como lhe quero. [...] Felizmente seu amigo ainda está forte, e só lhe pede a companhia que tanta falta lhe faz". E assinava-se "sempre seu", "todo seu" ou

"cada vez mais seu".

Apesar dos arrufos da primeira viagem e do sentimento de culpa que tinha em relação ao filho, Luísa se deixava tocar pela insistência do imperador. O pacote *Rússia* atracou na Inglaterra e ela foi a seu encontro em Bruxelas como ele insistentemente recomendara. Como membro da comitiva, participou ao almoço que o rei Leopoldo II ofereceu a D.

Pedro II. O assunto? A beleza da rainha dos belgas em contraste com a

"moléstia" de D. Teresa Cristina.

A imperatriz ficou sob os cuidados de Charcot e de Luísa. Enquanto o imperador seguia em frente, prometendo a Barral reencontrá-la em Constantinopla, Teresa Cristina registrava em seu diário: "O imperador partiu para sua longa viagem e eu fiquei aqui neste hotel." Resignava-se.

Quanto à idéia de revê-lo, Luísa resistia um pouco, alegando que a situação nos Bálcãs não era das melhores. D. Pedro desfazia seus receios.

Enquanto percorria a Escandinávia e a Rússia, ele lhe escrevia a cada dois dias, sempre insistindo: "Ainda bem que escreveu uma boa cartinha

[...] por cá não cessam as saudades [...] não são menores as saudades. São como mato. Você não as sente como eu, seu P." D. Pedro lhe mandava 208

conchas das praias de Odessa, comprava-lhe tapetes persas nos mercados, não a esquecia ao ver "monumentos, quadros ou auroras". As comunica -

ções eram frenéticas. Ela não ficava atrás e cobrava notícias, obrigando-o a reagir, "Não posso estar mandando telegramas a todos os instantes".

A esgríma se estabelecia por meio da correspondência, enquanto um combate ia no coração de Luísa. Seus fantasmas pouco tinham a ver com o declínio do Império Otomano ou a emergência de um sultanato autoritário em Istambul, motivo de aparentes preocupações para não pisar na Grécia. Na verdade, Luísa temia ser abandonada, temia ficar velha e feia. Amar de longe, sem esperança e só para ela mesma não lhe pare -

cia razoável. Atenas seria um momento de definição neste projeto que consistia em substituir a amante pela amiga. Amiga eterna, confidente privilegiada, mas sem beijos furtivos. Afinal, Luísa sentia que a diferença de idade começava a pesar. No diário acentuava a passa gem do tempo.

Ele pedindo emplastos para dores e ela assinalando, "saudades de *votre* coitada". Para espantar este declínio, ela investia ainda mais no que os franceses chamavam então um "*amour de tête*". Ou seja, um amor baseado

em idéias ou nas afinidades do espírito.

Ela tinha razão em mudar de estratégia. Pois esta foi a vez dele, homem maduro e bem-apegoado, merecer os cuidados de suas suspirantes. A primeira foi uma senhorita passada dos 30 anos, Mademoiselle de Kantsow, bisneta de um diplomata sueco no Rio de Janeiro. Luísa a considerava "uma deliciosa jovem sueca", cicerone ideal para o roteiro escandinavo que foi de Dorttningholn a Moscou. Trocaram retratos e bilhetes plenos de confiança e amizade. Ao deixá-la, o Imperador a pre-senteou com um bracelete de ouro com versículos do Corão em esmalte.

Mais inquietante, contudo, foi a presença de Miss Caldwell, amiga de infância que a própria Luísa lhe tinha apresentado.

Em dupla, as senhoritas Caldwell e Kantsow acompanhavam o imperador aos museus e teatros, "que para elas estariam fechados", resmun-gava a ciumenta Luísa. E puxando-lhe a orelha: "Você pode imaginar a 209

felicidade de Miss Caldwell que me escreveu uma carta entusiasmada sobre Vossa Majestade." "E um flerte um pouco inquietante. Mas, sinceramente, é preciso ser inglesa para isto. Ela estará de volta em Londres em seis semanas e tudo isto [ou seja, os suspiros pelo imperador] se diz e se faz com uma calma invejável", reclamava.

Mas ela reclamava um pouco sem razão, pois ele não parou de lhe escrever e reiterar seus sentimentos: "Muitas saudades. Muitíssimas tenho tido. Cheguei há pouco à Odessa; vou-me aproximando do encontro, mas ainda faltam dez dias." Parecia contar as horas. E dois dias depois:

"Quem me dera já o dia 2 de outubro." Era a data do sonhado encontro.

Atenas em 1876: o porto do Pireu e a cidade eram apenas pequenos povoamentos ao pé da Acrópole. Recém-independente do Império Otomano tornara-se, fazia bem pouco, a capital da Grécia. Contava uma população de pouco mais de 5 mil pessoas e, nessa época, tiveram início construções mais modernas e a ereção de prédios públicos como a Universidade, a Biblioteca Nacional e as salas de exposição de Zappeion.

D. Pedro II, Luísa e D. Teresa Cristina tinham se reunido em Constantinopla, atual Istambul: ele vindo de Odessa, e elas, das Caldas de Gastein, na Áustria. No diário, Luísa afirmava que iria servir ao casal de imperantes, não só a D. Pedro. E acrescentava que tinha enorme respeito pela imperatriz. Com ela, aliás, foi antes a Coburgo, visitar o túmulo da pupila morta, a princesa Leopoldina, e a caminho do sul ouviram juntas música de Strauss no palácio de Schoenbrunn, em Viena. Mas, no fundo, atendia exclusivamente a um pedido dele que não parava de lhe escrever:

"Escreva-me, escreva-me como se conversássemos, iluminando-me: alegre-me a vida que levo aqui."

O que fizeram na Grécia? Leram juntos as páginas de Heródoto sobre as guerras da Antiguidade. Visitaram as ruínas da Acrópole e do Partenon e as salas dos museus arqueológicos. Admiraram o rochedo do Areópago e o azul do mar de Ulisses. Tiveram daquelas inúmeras

"conversinhas" que ele adorava. D. Teresa Cristina, então, nova aliada e 210

não mais antagonista, referia-se a Luísa como companheira de inúmeros

passeios: a Russopolos, ao Templo de Teseu, ao Teatro de Baco. Luísa seguia seu amigo, ladeiras acima e abaixo, ambos se comportando como turistas animados. Riram maravilhosamente juntos: "Nunca vi o impe -

rador rir tanto como esta noite, me fazendo a leitura. Um frouxo de riso tão comunicativo que cheguei a ter dores nas costelas de tanto rir", anotou. Os sentimentos renasciam e ela se encantava com ele: "O imperador botou o boné grego que lhe caiu muito bem!" "Ele me serviu de cicerone, me fazendo visitar o monumento da Lanterna de Diógenes." Passaram juntos sob o arco de Adriano e ela cheia de energia: "Caminhei rápido na frente de todo mundo para gozar, à minha maneira, desta incomparável Acrópole. Que beleza! Que beleza!" E quando ele se entusiasmava por alguma coisa bonita: "Encantada com o encantamento do imperador."

Depois de um mês, Luísa voltou para casa via Nápoles e Marselha.

"Alle 5 della mattina parti la condessa de Barral", anotou a imperatriz. *"Alle 7 parti l'Imperatore"* e ela ficou. D. Pedro seguiu para a Ásia menor, mas, insistia em lembrar a Luísa as "boas noites de Atenas... boas noites áticas". "Como me lembro de Atenas e você." E ela: "nosso mestre partiu de manhãzinha... Eis que começo a pensar na viagem e a ter o coração tão pesado." Em seu diário ela registrou sua exaustão física e satisfação:

"Voltei muito cansada. Mas há muito tempo não sofri tanto fisicamente e, ao mesmo tempo, fui tão feliz moralmente!" Eis o segredo. Luísa não queria mais o corpo de D. Pedro. Só seu espírito.

Depois, os imperantes também voltaram à França. E apesar das declarações de saudades a Luísa, D. Pedro deu prosseguimento ao rosário de pequenas traições começadas na viagem à Rússia. Em Paris, ele se enra-bichou e, desta feita, por alguém que Luísa conhecia bem e que caracte-rizava como *"charmante"*. Mas que era mais do que isso. Anne, condessa de Villeneuve, era uma das mais belas mulheres da capital. Alta, cabelos escuros, voz meiga, simplicidade tocante e muitos amores. Pois ela veio à casa de Luísa saudar os imperantes. O caso foi tórrido. Nada a ver com a 211

discrição dos beijos roubados das "excelentes visitas" que ele fazia a Luísa.

Durou algum tempo e foi pontuado com encontros em que o erotismo falava alto: "Que loucuras cometemos na cama de dois travesseiros!" Ou,

"Não consigo mais segurar a pena, ardo de desejo de te cobrir de carícias", escrevia D. Pedro em bilhetinhos enviados a Anne de Villeneuve.

Luísa parecia nada ver: "Soube estupefata que Madame de Villeneuve obtivera uma audiência particular ontem para indagar da frieza com que os tratava a ela e ao marido — filho do dono do *Jornal do Commercio*

—, dizendo-lhe que gostaria de ir com os filhos ao Brasil, mas desisti-riam se lhes persistisse o desprezo." Ela abafou os ciúmes. O diário não registrou as reações da mulher madura que via seu amante nos braços de outra, jovem e bela. Depois, era tão natural aceitar as traições masculinas que, sobre elas, Luísa nada teria a dizer. Sete anos depois, Anne de Villeneuve ainda mandava fotos a D. Pedro, que respondia: "Já faz bastante tempo que não recebo tuas lembranças e que falta me fazem! Conte-me o início de teu amor por mim e por que não me forçaste a gozar mais cedo da felicidade infinita de te amar."

Também pelas mãos de Luísa, outra suspirante lhe foi apresentada: a condessa Benoit D'Azy. Ela mantinha um salão onde circulavam jovens atores de teatro ou poetas. Luísa se entediava profundamente nestes encontros, mas ele achou graça na futilidade e nos diálogos com a condessa.

Por que ela não "lhe escreveria todos os dias", perguntava o imperador?

Diante de uma correspondência inesperada, madame D'Azy preferiu algumas visitas galantes.

Apesar dos namoricos, no ano de 1879 o imperador parecia totalmente dominado pelas saudades de Luísa. Logo que voltou ao Brasil, chegou a se tornar enfadonho, evocando passeios românticos e cobrando: "Por que diz que Atenas foi o último lampejo? E a Suíça? E Portugal? O último não!", contestava. Numa carta atrás da outra insistia: "Você nunca me quis, nem quer, nem quererá como eu a você." Ela se machucou? Ele dizia querer consolar "a perninha estendida"! Ouvia ópera sonhando com ela 212

quando o dueto gemia "*Viens, viens*"! Mas ela não vinha. E por isso, a melancolia crescia, "Fale-me de tudo lembrando-se do meu deserto em que só viceja o estudo no meio das urzes da saudade e de tantos dissabores".

Em meio ao peditório de notícias e manifestações de carinho, pingava uma referência a "alguém". "Fui com alguém a Niterói." Mas era raro.

Luísa continuava açodada pelo fantasma do dever e decidida a levar adiante a resolução de se tornar somente a melhor amiga de D. Pedro.

A sensação de culpa a mantinha longe dele. Moral, honra, virtude re -

primiam os "baixos instintos", como era chamado o desejo físico, então.

Mas ele insistia: "Você sabe quem foi que ocupou completamente meu coração."

Enquanto o homem morria de saudades, o político apanhava da situação do país. O partido liberal ia abrindo frentes. São Paulo, agora rasgada por ferrovias, florescia. A lavoura de café dava lucros e, na bacia de Campos, inauguravam-se modernas usinas de açúcar, em lugar das antiquadas moendas de cana. O Rio de Janeiro conhecia uma novidade: o "*meeting*", ou seja, um orador trovejante, rodeado do povo, atacava o governo. A inquietação se espraiava como mancha de óleo na água. Uma marcha popular foi até São Cristóvão, aos gritos, pedindo o fim do Imposto do Vintém, que era cobrado sobre o uso dos bondes. D. Pedro escrevia aos Joinville cheio de preocupações. Explicava à irmã e ao cunhado que lhe faltava paciência para enfrentar mudanças na forma de governo.

Dizia preferir ser presidente da República a imperador. Pela primeira vez, a imagem do monarca era vaiada em praça pública. Republicanismo e radicalismo avançavam. Os conservadores temiam por ele, que parecia decidir o futuro do Império no escuro.

Nessa época, Luísa se instalou em Roma para atender os compromissos profissionais do filho. Tinha amigos em toda parte e logo os reunia em ceias, eventos musicais e jogos de carta. Participavam de tais eventos diplomatas, a aristocracia romana e membros do clero, inclusive bispos e cardeais. A camaleoa tinha gosto inclusive para escolher endere-213

ços. Alugou um apartamento na Piazza di Spagna. À tarde, ela percorria os belos monumentos, visitando museus e orando nas igrejas. Verdadeira esteta, nada lhe escapava, nem os vendedores de antigüidades entre os quais se regalava comprando o que chamava de "bugigangas". Como seu pai fizera em Paris, ela também promovia o filho na cidade do papa.

Chegou mesmo a se avistar com o santo e venerável velhinho, que aben-

çoou mãe e filho. Contava tudo a D. Pedro por meio do envio de cartas que

seguiram de dois em dois dias. Ele, por sua vez, apesar de atolado em problemas políticos, adorava os relatos.

E batia sempre na mesma tecla: "Gostaria se eu lhe aparecesse aí?"

Que faria? Por que havíamos de viver tão longe um do outro? Como seria bom, se estivéssemos juntos no seu quartinho em Roma. [...] Transpor-to-me até Roma nas asas da minha imaginação... Descreva-me o quarto onde mais pensa em seu amigo." E estimulado pelos vãos de balão que começavam a se tornar comuns, sonhava em ser transportado pelos ares do Brasil à Itália: "Ah, se eu caísse agora aí dentro de um balão!" O solene e respeitável imperador, bracejando entre crises ministeriais, tinha sonhos de adolescente. E sonhava acordado e sonhava dormindo: "Esta noite sonhei com você, vi-a. Conversei com você, brigamos e tornamos a fazer as pazes, quando bateram-me à porta para o banho de mar." Saber que os sonhos apenas colocavam em cena os seus desejos?

Luísa lidava melhor com a realidade do que com a fantasia. Seu diá-

rio inchava com descrições de sua programação social. Mas também com sua preocupação com os mortos — mandava rezar missas pela alma da mãe, do pai e do marido — e os vivos. Sobretudo com o filho. Por várias vezes chamou Dominique, agora Encarregado de Negócios da Embaixada da França, para conversas sobre um assunto importante: o casamento. Além disto, preocupava-se com sua paixão pelas corridas de cavalo e certas ausências abruptas. Seus atrasos e falta de disciplina a deixavam louca. Mas a maternidade sempre foi cega. Quando ele parava junto a ela, registrava, encantada: "Meu filho ficou o dia todo. Que festa!"

214

No ano seguinte, correu a Paris, onde ajudou no terceiro parto da princesa Isabel.

Enquanto ela ia de um lado para outro, ele não a poupava. Cobria Luísa de manifestações de saudades de vários tipos: saudades que eram velhas, mas que estavam sempre rebentando; saudades em tropel; saudades que brotavam e rebrotavam; saudades pungentes; saudades imensas e saudades que ela não compreendia. Escreveu-lhe, também, nestes anos, belas cartas de amor:

"Não imagina quanto você me faltou durante essa viagem! Se me quer muito,

quanto mais lhe quero eu, como melhor consolo para a vida que levo!
Felizmente achei suas duas cartas acabadas a 30 de abril e 4

de maio. Creia que a todas queimo e que *preciso* que você me diga *tudo e tudo*." Ou seja, ele queria ouvir coisas que Luísa estava deter minada a não repetir. Sobretudo, desejava recordar os prazeres passados: tudo!

Garantia-lhe que queimava tais lembranças de papel depois de lidas. E

o imperador se explicava: "Sou o mesmo que lhe inspirou tamanha afei-

ção, e de nada me esqueço tudo revive ndo em mim com o mesmo viço de uma afeição de trinta anos. Ah! Se lhe contasse tudo o que imaginei nas lindas noites dos campos do Paraná! A idade não tem podido contra um coração todo seu. [...]
Ah! Se você estivesse aqui, ou eu em Roma!

Como apreciaríamos nossa afeição inabalável! Mais quisera dizer, porém prefiro que você adivinhe o que eu acrescentaria ao que já escrevi." Só a imaginação podia transportá-lo para os braços dela.

Queimavam-se as cartas e ainda ardiam os sentimentos. E se ela circulava entre Itália e França, enclausurado em São Cristóvão, ele lhe enviava notícias: "Estou no Palácio de Santa Cruz. Como me lembro de você." E colhia folhinhas na floresta da Tijuca que lhe enviava.

De vez em quando brigavam, para não perder o hábito, e logo faz iam as pazes. "De que agravos posso eu lhe pedir perdão"? — perguntava Luísa? "Eu que tanto bem lhe quero, e que só tenho um desejo: o de o saber feliz."

* *

Se o coração não envelhecia — como reiterava D. Pedro a Luísa — o tempo, contudo, passava e nem sempre era generoso. Os anos de 1882 e 1883 foram cruéis. Em março, um escândalo revelou segredos do imperador. Tudo co-meçou com uma notícia que alarmou a Corte. Portas e armários do Palácio de São Cristóvão tinham sido arrombados. Pior: jóias da imperatriz e da princesa Isabel tinham desaparecido misteriosamente e seu valor era altíssimo: 400.000\$000. Uma fortuna! Quatro dias depois que os jornais, nacionais e estrangeiros, trombetaram a notícia, já havia suspeitos presos. Depois, uma carta anônima apontava a localização das jóias. Encontrados os objetos roubados, se deu o caso por encerrado e foi solto o autor do crime. Tratava-se de Manuel Paiva, morador da Quinta da Boa Vista, ex-empregado do Paço e irmão de Pedro Paiva, criado do imperador. Os bens estavam em latas de biscoito enterradas em meio a um lamaçal, nos fundos da casa do suspeito.

A benevolência com que foi tratado o suposto assaltante gerou na imprensa toda sorte de acusações a D. Pedro, vindo à tona o nome que já circulava, há muito tempo, à boca pequena. O de Luísa de Barral.

O argumento de D. Pedro para a "anistia" era o de que ele não tinha cometido roubo oficialmente, entendido como subtração e violência. O

crime era furto ou subtração sem violência. Se as jóias haviam sido acha-das, não existia mais furto nem tampouco ladrões. Estranho raciocínio.

Na rua do Ouvidor, ria-se da história. A pergunta que não queria calar era: por que o monarca estaria protegendo um possível criminoso? D.

Pedro desmentiu qualquer interferência na investigação, o delegado recebeu um prêmio e o ladrão continuou a morar, feliz, na Quinta de São Cristóvão. O caso foi abafado, mas a versão oficial não foi aceita. Na imprensa, além da gritaria dos republicanos acusando o regime de corrupto, folhetins criticavam o desfecho do roubo.

"Recebi os jornais e cartas que contam o achado das jóias. Li tudo com muita atenção e a impressão de *nojo* [grifo dela] que me ficou de tudo e nem 216

sei me exprimir a Vossa Majestade." O tratamento cerimonioso contrastava com as intimidades de outras cartas que não eram lidas por terceiros. Nas circunstâncias, melhor tomar cuidado. "Longe de mim o pensamento de que Vossa Majestade exerceu a menor influência sobre a marcha da Polícia e da Justiça; mas, soltarem os acusados sobre os quais pesam suspeitas tão graves, pelo mero fato de se terem achado as jóias, é uma flagrante imoralidade; e eu digo, que na lama de onde se tiraram os brilhantes se enterrou a justiça."

E acrescentava: "Quem me dera poder conversar disso tudo com meu amigo e senhor para saber toda a *verdade*; mas essa ventura nunca terei." E, mais adiante: "Repito que fiquei com *nojo* de tudo isso [...] e o que mais admira é isso já não ter acontecido muitas vezes, com o desleixo que reina em tudo no paço de Vossa Majestade." O tom era bem diferente daquele empregado na carta em que Luísa pedia providências dele, para ajudar os familiares de Pedro Paiva. O alívio, contudo, vinha do fato de que nada se tinha provado contra "nosso bom amigo Rafael", antigo mensageiro na troca de cartas e recados com D. Pedro e colega de trabalho de Manuel e de Pedro Paiva e, portanto, também contra eles.

Na verdade, Luísa insistia no assunto, pois queria que D. Pedro o enterrasse: "Eu estou certa de que Vossa Majestade foi incapaz de intervir na marcha da Justiça, nem de defender seu criado — embora lhe fosse doloroso — se ele tinha cometido um crime; mas consentiu que ele continuasse a residir na Quinta, depois desse escândalo." Alegava que D. Pedro não de -

veria deixar o empregado nas imediações do palácio enquanto um processo não provasse sua inocência. "Mas deixar pairar suspeita sobre um caráter, é parecer fechar os olhos sobre coisas que nem são de sua competência nem julgar, nem perdoar. Isso não." E enfurecida, com medo de que alguma informação sobre sua relação com o imperador transpirasse, perguntava:

"Quem será o bicho peçonhento que escreveu esses folhetins?"

As razões para a irritação vinham reveladas no enredo dos folhetins *As Jóias da Coroa*, *Orgia no Olimpo* e *A Ponte do Catete*. Todos escritos por jovens republicanos como Raul Pompéia, José do Patro-217

Luísa, "a fadinha", e o príncipe do Grão-Pará, cerca de 1885.

cínio e Artur Azevedo. Todos tinham a intenção de desmoralizar o Imperador, expondo suas relações com um criado alcoviteiro, encarregado de disfarçar seus

casos com uma jovem mestiça ou com certa

"condessa Marieta". No caso, Marieta era mais um pseudônimo para Luísa.

Já o "nojo" e a "ânsia de saber toda a verdade" manifestados nas cartas de Luísa demonstravam que, em seu coração, crescia a suspeita e o ciúme. Estaria seu D. Pedro correndo atrás de outras, de meninotas mulatas, como se murmurava na Corte e caricaturavam as peças de teatro? No seu diário íntimo, anotou espumando de raiva: "Os folhetins do Rio fizeram uma onda. Não se tem idéia de desaforo semelhante e o que pesou é que agora eu mesma entro em cena. E dizer que não se mandou dar uma nuvem de bastonadas ao engraçadinho que se permite falar desta maneira [...] era preciso o bastão." E enfiando a carapuça: "Dou graças a Deus por Dominique não estar no Brasil, e, afinal, como conter estes animais venenosos?" Em outra carta ao Imperador, perguntava, apreensiva: "E o que virá, ainda?" E criticava-o, duramente, pedindo-lhe para modificar seu modo de vida, "porque na mocidade desculpa-se muita coisa, mas na velhice, nada e Vossa Majestade deve dar o exemplo". Luísa tentava defender a honra dos dois.

Além da reputação de ambos, Luísa se preocupava com a fragilidade da monarquia. A realeza francesa tivera as cabeças cortadas depois do roubo do colar de Maria Antonieta! "E vai-me parecendo que breve teremos mais uma república na América do Sul. Sei que Vossa Majestade por si não se importaria mas é seu dever cuidar de sua dinastia e fazer respeitar a pessoa do soberano." E criticava: "A liberdade de imprensa de nossa terra não respeita ninguém." Esse era o triste resultado de vinte anos de amizade, mas ela confiava que ele se defenderia "contra essas abomináveis calúnias".

Enquanto isso, o pasquim *Corsário*, de Apulcro de Castro, insultava ambos com a quadrinha:

219

"Não é por certo

Boa moral

Trair a esposa

Com a Barral!"

Em Paris, a mana Chicá e o marido Joinville não perdoaram o silêncio do imperador, nem ver a Corte salpicada de lama. Era o outono do tempo que se abatia sobre D. Pedro e Luísa. E sobre a monarquia no Brasil.

Não se sabe se foi a pupila Isabel ou o próprio D. Pedro, mas, se-guindo o costume, arranjos discretos se fizeram para que Dominique arranjasse uma mulher. Ele tinha deixado o serviço diplomático francês onde entrara graças aos contatos de Luísa e nele permaneceu até que decretos republicanos expulsaram da França certas congregações religiosas. Católico fervoroso, ele reagiu às decisões de um Estado que se queria laico pedindo demissão. Dominique se encontrava, na época, servindo na Embaixada Francesa junto à Santa Sé.

Doravante desempregado, Dominique, que usava então o título do pai, conde de Barral, veio ao Brasil procurar apoio do imperador. E o apoio veio também na forma de uma aliança. Em janeiro de 1882, Luísa recebeu um telegrama curto: "Caso Chiquinha Abril Venha." Chiquinha era a filha mais moça do visconde de Paranaguá, ministro da Fazenda e chefe do gabinete liberal que se encontrava no poder. Maria Francisca, a Chiquinha, era irmã de Amandinha Dória, uma das amigas mais íntimas da princesa Isabel. E

quase certo que a pupila tenha interferido em favor do filho de sua querida aia e amiga, da mesma forma como Luísa a empurrou para o conde D'Eu.

Em seu diário, Luísa diz ter caído de joelhos, banhada em lágrimas, dando graças a Deus pela ventura de casar um filho "com essa bela menina, filha de meus amigos tão honrados e tão bons. Que posso desejar mais neste mundo?!". Depois do anúncio oficial do noivado no Rio, os presentes dos amigos franceses começaram a chegar na casa de Luísa em Paris. Ela 220

se atolava em meio às caixas. Depois houve correria de costureiros e chapeleiros até que embarcou em Bordeaux. Ela chegou ao Rio no dia 13 de abril.

Subiu direto para Petrópolis. Os jornais não deixaram escapar: "Hóspede distinta — Acha-se nesta cidade, de regresso da Europa, a Excelentíssima Senhora Condessa de Barral. Suas Altezas Imperiais e os senhores Conde e Condessa D'Eu foram à Corte esperar a veneranda senhora."

Conta-se que alguém teria se admirado das marcas do tempo, exclamando: "Mas como está envelhecida a Condessa de Barral". Ao que D.

Pedro retrucou, irritado: "Saiba que nunca envelhece uma mulher de espí-

rito!" E foi quando do encontro deste ancião de barbas brancas e de uma envelhecida Luísa que o romance veio praticamente a público. Os tempos, contudo, eram outros. A grande imprensa liberal jamais ousaria atacar a honra do imperador, que tudo fazia para manter sua imagem de probidade e sisudez. Mas nesta década crescia uma imprensa desabusada e irreverente para quem nada era sagrado, nem a privacidade do monarca. Pasquins respondendo pelo nome de *Carbonário*, *Corsário*, *O Diabrete* comentavam a predileção de D. Pedro por Luísa. O objetivo dos redatores era pôr em letras de forma os escândalos comentados a meia-voz. Por tudo o que foi dito, Luísa deve ter se arrependido até a raiz dos cabelos da forma como conduziu, ou deixou conduzir, a cerimônia do matrimônio. Se fosse para pavimentar o futuro deste filho que ela adorava, o tiro saiu pela culatra.

No dia 5, anotou: "O dia mais feliz da minha vida! Às seis horas le-vantei-me e ajudei um bocadinho a arrumar as flores, e às dez horas estava, como manda o figurino, à espera de Vossas Majestades." Seguiu num cortejo de trinta carros, forrados de branco e puxados por cavalos da mesma cor, para a igreja.

"Cerimônia recolhida e bela." Mas o que seria um simples casamento se tornou um escarcéu. Os jornais atacaram o imperador pela predileção que demonstrava por Luísa e por Dominique. A corte estava em polvorosa, dividida pela celeuma. E foi da *Gazeta da Tarde* que vieram os disparos mais odiosos. O jornal publicou na primeira página um artigo intitulado "É contra a etiqueta". Dizia que, à primeira vista, um fato banal 221

se tornara chocante pela presença dos imperantes na capela do palácio da princesa Isabel. O que justificava ter membros da família reinante como testemunhas de uma cerimônia particular? O jornalista punha o dedo na ferida. O imperador não podia ter atitudes diferentes das que tinha com outras pessoas. Não podia "aparentar mais dedicação aos seus amigos particulares do que aos amigos da nação, aos que haviam servido ao mesmo tempo à sua pessoa, às instituições vigentes e à pátria". Não tinha o direito de manifestar pela família da aia de seus filhos simpatias que não demonstrara a militares importantes como o duque de Caxias ou o general Osório, literatos como Gonçalves Dias ou José de Alencar, estadistas como Rio Branco etc. Por que D. Pedro não acompanhou o enterro de heróis da Guerra do Paraguai?

"Todos esses vultos salientes de nossa nacionalidade têm passado esquecidos

pela consideração imperial e alguns mesmo espezinhados pela mais dolorosa ingratidão." O articulista ignorava deliberadamente o pai da noiva, ilustre homem de Estado com folha corrida de serviços prestados ao Império. E martelava sem piedade: "O imperador, sem mais nem menos, sem decreto legislativo, reveste duas famílias de um caráter principesco." E maliciosamente explicava que já se vira fato semelhante, no primeiro reinado, mas tratava-se do reconhecimento dos filhos naturais do imperador. No caso atual, tratava-se simplesmente de uma amizade de portas adentro, mas com toda a ostentação de publicidade: "E uma predileção caseira que vem romper com a tradição da monarquia." E deixava no ar o cheiro de bastardia do pobre Dominique, que já tinha tirado as fraldas quando Luísa foi servir em São Cristóvão.

A explicação? D. Pedro estava diabético e suas reações não eram normais. "Nunca Sua Majestade foi mais ousado na ostentação de seu poder pessoal." Depois, a cerimônia foi uma tentativa de apoiar o ga -

binete Paranaguá, extremamente fragilizado e à beira da demissão. A cerimônia foi descrita em detalhes pela imprensa: rezada pelo arcebispo da Bahia, primaz do Império; a atuação dos padrinhos, princesa Isabel e conde D'Eu; os brindes e a festa; a partida de D. Pedro sob palmas e o 222

hino nacional. Havia membros de ambas as casas do parlamento, oficiais de mar e terra, altos funcionários, magistrados, pessoas notáveis no comércio, artes e letras. O artigo censurava o imperador por ter infringido a etiqueta e por se colocar em segundo plano.

A polêmica prosseguiu por muitos dias. Alguns sugeriam que D.

Pedro deveria ter comparecido como Pedro de Alcântara e não como imperador do Brasil. Que calçasse as luvas, vestisse a casaca, enfiasse o chapéu claque, acendesse um charuto e fosse à festa na casa da filha. Mas com aparato oficial e a cavalaria atrás?! Absurdo. A exceção era odiosa e não honrosa. Alguns repetiam a frase de Luís XIV, "O Estado sou eu", para justificar a arbitrariedade e apontar Luísa como uma *Maintenon*.

Para tristeza e raiva de Luísa, colocaram Dominique na linha de fogo. Um dos jornais o interpelava: por que estava vestido com a farda de diplomata francês se havia pedido demissão? Por mera fantasia? Era costume dos europeus se enfeitarem para impressionar os selvagens? O

escândalo acabou enfraquecendo o imperador perante a Câmara dos Deputados e seu gabinete caiu dias depois.

E os problemas não pararam por aí. Logo depois do casamento, os pombinhos foram para Paquetá e de lá para Petrópolis, onde, para apresentar o casal, Luísa ofereceu ao corpo diplomático um baile no recém-inaugurado Hotel Orléans. As reclamações aumentaram. Afinal, D. Pedro demonstrava pela segunda vez sua preferência pelos Barral. "O Rei se diverte"

— fustigava o *Corsário* — "Tudo vai bem e em sinal de profundo júbilo, o rei deixa o foco da febre amarela e vai a Petrópolis dançar e folgar na casa da senhora Condessa de Barral. [...] O senhor Paranaguá foi procurá-lo em Petrópolis para apresentar-lhe sua demissão do ministério e Sua Majestade deixou para resolver depois do baile da Sra. condessa de Barral".

Não satisfeito, o imperador ia visitar Luísa quase todos os dias. Corria à boca pequena que D. Pedro tinha defendido um pedido de Dominique: a exploração de lavras de minério. Já que tinha perdido o posto diplomático, Dominique queria lançar-se no mundo dos negócios. O

223

favor era excessivo, reclamavam as revistas e jornais. A campanha se intensificou com a circulação de um panfleto, assinado por um diplomata anônimo, que apresentava Luísa como uma terrível manipuladora. Ela era citada nominalmente como um poder acima dos partidos, do governo e do próprio imperador. Sua vontade era lei. Pelo fato de ter educado a futura imperatriz do Brasil, nada lhe era negado. "Sendo recomenda -

do pela condessa de Barral consegue no Brasil o que quiser: emprego, honras, considerações, dinheiro do contribuinte, concessão de empresas industriais e até maior intimidade na casa imperial", dizia o autor irreverente. A verdade é que ela mandava no imperador. Ou melhor, ela ainda mandava no coração do imperador.

De volta à França, Luísa fechou um círculo. Como seu pai fize -

ra com ela, conseguiu encaminhar Dominique, tinha renda para manter suas propriedades e optou pela vida no campo. Era uma espécie de re -

tiro voluntário entre a região da Sologne e a do Dauphiné, no interior.

O castelo de Voyron era uma magnífica propriedade que lhe coube no inventário do marido e a casa da Grande Garenne, sua paixão. Além do que, viver no campo era mais barato. O filho e a nora foram também.

Ela e "seu amigo" seguiram trocando correspondência. D. Pedro escrevia mergulhado num profundo sentimentalismo, acentuado pela decadência de sua saúde e da situação da monarquia no Brasil. Ao longe se ouviam as trovoadas de uma tempestade política que não chegava e, portanto, não exibia ainda seu perigo. Luísa não perdeu o espírito aguerrido e seguia estimulando o imperador: "Tenho lido com *nojo* certos jornais de nossa pobre terra e cada dia fico mais persuadida que mesmo nos jardins crescem cardos espinhosos que só comem os burros. Pregue por muitos anos a peça a esses bobos (seus opositores) de ir vivendo e conserve sua serenidade invejável que eu sempre admirei tanto!" Enfim ela não o deixava se abater. Quando o imperador sofreu um atentado, em julho de 1889, notícia que Luísa recebeu por telegrama, quase se desesperou. Monstruosidade: como podia Deus criar feras e cobras capazes de tal gesto?!

224

Ele, por seu lado, começava as cartas dizendo "Petrópolis — que saudades, 30/12/1884". "Que culpa tenho eu do que sinto?", pergunta -

va; "De tudo me recordo, o mais só serve para atordoar". Para trás ficavam os "tempos felizes". "Pois vejo e sinto tudo e não tenho expressões para explicar-lhe completamente o que sofro na sua ausência." As juras de amizade eterna se repetiam. As informações vinham carregadas de nostalgia e de desejo, ainda, sem cansaço, de compreender o outro. Ela, sempre bem humorada, "Aceite minha dedicação, meu respeito, minha geografia, meu Museu de Versailles, enfim, tudo que quanto posto faça uma farofa de velha amizade". Olhar para o passado era, também, tempo de ajuste de contas com a consciência.

Luísa referia-se ao sentimento que lhe consagrou durante muito tempo, lembrando, contudo, que ela tinha se transformado. Passou de amante a amiga. Hoje, era outra. "Eu não digo que não me afastasse da boa vereda.

Oh! Se me afastei dela! Mas sempre foi com a consciência do mal que eu fazia." E ele mais carente: "Quem me dera estar na Grande Garenne; mas você sabe bem por que. Cada vez me lembro mais de nossos bons tempos.

Ontem choveu quase todo o dia e estouraram sofríveis trovões. Quando caem, parece-me que se abre o portão de vidraça do saguão e você me aparece com seu ruje-ruje antes de vê-la. Você pensará em mim como eu em você. Adeus. Seu sempre." A nostalgia que lhes enchia o coração, os transformava em personagens românticos que eles reconheciam quando se examinavam nos próprios espelhos. Pálidos e, de certa forma, tristes.

Amor, amizade amorosa, o que quer que fosse o sentimento par -

tilhado por este casal maduro, ele estava ainda bem vivo nas frases ci-fradas, nas saudades, nas pequenas gentilezas e nas evocações. Irrigada por este afeto sem idade e pela vida familiar que escolheu, Luísa enchia os dias, as semanas, as estações. Diferente de D. Pedro, que se deixava afogar por lembranças, Luísa nadava contra a corrente do tempo. A mesa estava sempre posta para convidados e a estação de caça atraía amigos de Paris. O pároco da aldeia era comensal costumeiro e os Join-225

ville estavam sempre por perto. Com Chiquinha, animava as atividades filantrópicas da localidade de Neuvy-sur-Barangeon onde se situava a propriedade da Grande Garenne. Não perdia missas ou novenas e os netinhos — Jean Dominique e Maria Margarida — já lhe corriam por entre as pernas. Luísa estava sempre cercada de gente: "Estamos em felicidade *quase* familiar e só 18 pessoas à mesa." Volta e meia escrevia no diário: "o correio para o Brasil me ocupou muito." Nunca perdeu sua independência e coragem. Quando adoecia, se escondia. Limitava -se a anotar, "fiquei de cama sem dizer a ninguém". Também não temia o frio ou o mau tempo e gostava de dar grandes caminhadas mesmo com o termômetro abaixo de zero.

O imperador voltou à Europa, em junho de 1888, para tratar da doença que o debilitava. Retornaria definitivamente em novembro de 1889, deposto e eLivros pelo golpe republicano de 15 de novembro. As notícias arrasaram Luísa. "Para mim não há mais pátria, perdi-lhe todo o amor que lhe tinha e cubro-me de vergonha quando me falam do Brasil."

Apesar do rigor do inverno, quis ir ao encontro dos soberanos. Queria ser a primeira a beijar a mão de D. Pedro em terras de exílio. Chiquinha e Dominique a impediram. Seu filho seguiu para Lisboa encarregado de dizer à imperatriz que sua dama de honra, mais do que nunca obediente e fiel, aguardava as suas ordens e perguntava onde e quando poderia retomar seus serviços. Teresa Cristina

respondeu-lhe que em Cannes, no sul da França, para onde seguiam.

Mas poucas semanas após sua chegada ao continente, no dia 28 de dezembro de 1889, morreu o discreto "alguém" a quem D. Pedro passou a chamar de "minha santa". Luísa não se conformava de não estar ao lado de Teresa Cristina. "Vocês estavam errados impedindo-me de cumprir meu dever de ir a Lisboa e por isso fui castigada", gemia ela, culpada. E pedia que dissessem ao imperador que ela era "sempre a mesma e de todo o coração".

Teve início a melancólica peregrinação de D. Pedro por estações balneárias e casas de amigos. Em janeiro de 1890, ela correu para vê-lo, 226

em Cannes, no sul da França. Aos olhos dele, os anos não passavam para Luísa: "Encontrei-a a mesma." No diário, D. Pedro marcava, diariamen-te, os encontros: "Vou à Condessa." "Volto do passeio com a Condessa."

"A Condessa não veio, vou dormir." Quando ela não estava, esperava pacientemente sentado do lado de fora do seu hotel. Nos jantares, só ficava na sala até ela se retirar. Depois se recolhia. Juntos, passeavam de carro pelo belo golfo de Juan Les Pins ou iam até Nice. Vez por outra, anotava que tinham brigado como adolescentes! Encontravam-se para as "conversinhas" que tanto apreciavam e para, num derradeiro gesto de carinho, Luísa massagear-lhe as mãos dormentes por efeito do diabetes de que sofria: "Que falta me tem feito sua visitinha das dez horas e a massagem de suas mãos que só beijo de longe." Foi então que sua disponibilidade e atenção lhe valeram a alcunha de "fadinha".

Depois que voltou para Voyron, Luísa acompanhava o roteiro do imperador pelo correio. As carrinhas procuravam animá-lo ou fazê-lo rir. Para economizar dinheiro, os Bragança passaram de julho a agosto de 1890 na propriedade de Luísa. Preocupada em oferecer a D. Pedro todas as comodidades, até duchas para ele providenciou. Houve recepções, piqueniques e passeios, como eles gostavam. A noite, música de piano.

Os dois passavam horas conversando ou lendo, lado a lado, à frente da lareira. Ele oferecia-lhe flores, quase todos os dias. Às vezes, colocava um ramalhete aos pés da porta de seu quarto. As despedidas, ele mesmo anotou quando partiu, foram "saudosas".

Deste período ao lado de Luísa, D. Pedro deixou uma poesia que dizia tudo. Dizia com que forças, no outono de suas vidas, ele ainda a amava:

"Voyron que tudo encanta com a floresta

Suas montanhas, seu rio a sussurrar

Em torno do castelo, que a habitar

227

Sua dama muito mais graça lhe empresta

Breve lhe estou ausente, mas me resta

A mim só com o regresso já sonhar

Pois o oceano não pode me apartar

Do que a distância mal contesta

Viveremos assim, mais com a amizade

Sentindo que ela assim nos avizinha

Do que é em tempo e gozo eternidade

E ao Éden recobrado encaminha

Sem ter de alcançar mais a ansiedade

Melhor possua, talvez, do que já tinha."

A dama no castelo, o oceano que não mais a separaria dele, o fim da ansiedade e o amor dando lugar à amizade. O testamento amoroso de D.

Pedro II era a confirmação de uma vida apaixonada por Luísa. E o atestado de que o projeto dela, de viver com ele um "*amour de tête*", venceu.

Continuaram a trocar os diários, ele lendo o dela, e ela o dele. A comunicação entre os dois prosseguia. Ele, cada vez mais melancólico. Já, a incrível camaleoa, lúcida e dona de si, resumiu assim seu destino num dia de seu próprio aniversário:

"Meu Senhor

Consultando estrelas mil, Vossa Majestade descobriu quem nasceu a 13 de abril, mas a astronomia bromou este ano e a velhinha não recebeu seus parabéns pela 74ª primavera que ela completou hoje. O mundo é realmente uma bola e, para mim, ela tem dado tais voltas que não sei como não tenho virado maiores cambalhotas. Nasci em sábado de aleluia quando as negras apregoavam nas ruas pastéis quentes para desenfastiar da Quaresma. Cada ano foi festejado esse dia até meus parentes me tra -

zerem para a Europa. Quando voltei para o Brasil principiaram outra vez os festejos nos meus engenhos, com foguetes, zabumba, batuques, 228

peru por cabeça, boi no espeto, saúde dos lavradores descarregando na Senhora Dona [brindes à sua saúde] e tudo quanto há de mais hospita -

leiro e de mais cordial. Voltei para a França e nunca mais soube o que era fazer anos. Tornei ao Brasil, tornei a fazer anos, mas sem foguetes, nem zabumbas, o Brasil se civilizava e as saúdes não descarregavam mais na Senhora Dona; eu não era mais a Yayá de todos, era *Sá Condessa*. [...]

Digo isso brincando, meu Senhor, pois que se esta bola me fez dar cambalhotas, o que não dirá Vossa Majestade?"

O fato é que a viagem que fez a Cannes para saudar seu amigo e rever a pupila abalou a saúde de Luísa, tão forte até então. Ela emagreceu e definhou. Em menos de um ano, envelheceu dez. Na verdade, o golpe republicano a atingiu em cheio. Apesar de defender idéias sobre a abolição e a educação feminina, consideradas liberais, Luísa era uma monarquista convicta. Viu cair reis em cuja mesa se sentava e desaparecer Cortes onde brilhou como as de Luís Felipe e Napoleão III. Mas desaparecer o Impé-

rio do Brasil?! Foi demais. Só teve uma alegria: a de receber no castelo de Voyron, durante um mês, toda a família imperial. O teto da amizade dela abrigou a infelicidade dele. Em breve, Luísa não teria forças para mais cambalhotas pelo mundo.

Fins de janeiro de 1891. Voltando à Grande Garenne, desmaiou, tremendo de febre. Declarou-se uma pneumonia. Era inverno. Os domésticos acorriam esquentando botijas de água quente e mantendo o fogo da chaminé. Veio o

médico e não soube mais o que fazer. Deitada, Luísa não reconheceu os netos a quem adorava, só o filho. Quando este entrou no quarto, abraçou-o e pediu que cantasse *La Marjolaine*: história do cavaleiro que quer uma dama para se casar e dar-lhe, alegre, alegre, seu coração. A história dela com D. Pedro II.

"E eu cantei para distraí-la. Deus sabe como: trêmula e tristíssima", registrou Chiquinha. Ela sorriu e disse "Como é bonito: *merci*". Quando o pá-

roco ofereceu-lhe os últimos sacramentos, aceitou-os com alegria e orientou os preparativos do pequeno altar que foi improvisado em seu quarto. Quis 229

No outono em Voyron, grupo na residência de Luísa, depois da morte da imperatriz Teresa Cristi -

na: D. Pedro II, conde D'Eu, princesa Isabel e filhos, conde de Mota Maia, Isabel Lisboa. Em tons c/aros, os netinhos, filhos de Dom inique.

flores na sala e vasos perto da imagem da Virgem. "Acenda todas as velas", ordenou. Chamaram-se todos os criados da casa e as pessoas do castelo.

O filho e a nora se postaram na cabeceira. Depois recebeu a comunhão, a extrema-unção com um sorriso nos lábios e, quando tudo terminou, voltou-se para Dominique e disse-lhe com tranquilidade: "Foi simples e decente."

Pouco depois ainda fez com a nora minuciosas recomendações práticas para a organização de sua vida, indicando a Chiquinha muitos detalhes sobre a manutenção do castelo de Voyron, como se ela partisse para uma simples viagem. Em nenhum momento sua voz traiu o menor temor. "Estou cansada", disse por fim. "Deixem-me dormir." E assim fez, sem mais acordar.

"Do sono térreo, para o sono eterno", disse Chiquinha.

230

A última doença de Luísa foi a imagem de sua vida. Não se lhe abateu nem a vontade, nem a inteligência. Conservou até o último minuto toda a consciência e viu chegar a morte com profunda serenidade.

Fechou os olhos ao som de uma velha canção de amor e cercada pelos seus. Morreu como se morria no século XIX. Com a convicção de que a morte era

pacificação. Ao contrário: ia-se com um sorriso nos lábios.

O último retrato de Luísa, segundo sua nora, foi o de uma mulher mais jovem, sem rugas e doce. Assim como seu coração. A terra que ela deixava era o abrigo de uma noite. A verdadeira pátria estava no céu. Sua alma partiu deixando aqui a outra, gêmea. Que lhe dedicou, arrasada, as seguintes linhas:

"2 horas 5'. Morreu a Condessa de Barral, minha amiga desde 1848, e de ver todos os dias quando educava minhas filhas, desde 1856. O mérito dela só o aquilatou quem a conheceu como eu."

Ele a seguiu menos de um ano depois.

231

Luísa, aos 49 anos, com mantilha na cabeça e destaque para os expressivos olhos de veludo.

Almas gêmeas

Luísa amou duas vezes: Eugênio e Pedro. O segundo foi, sobretudo, um amor sublime que procurou desprezar o desejo físico. Desejo, nestes tempos, lacrado nas profundezas e considerado desonroso. O código romântico conciliava pudor e tentação. Ela tentou segui-lo à risca. Mas é bem provável que a correspondência tantas vezes entregue ao fogo revelasse o outro lado subterrâneo. Aquele onde arderam todos os prazeres.

Ela tornou a vida num palco para suas "cambalhotas". Um espaço onde desenvolveu uma maneira, toda sua, de criar e de amar. Se os seus foram tempos em que a essência da individualidade feminina era a renúncia, Luísa ignorou essa regra a maior parte do tempo. Uma educação privilegiada e bicultural, um pai inspirador, múltiplas viagens, altos e baixos financeiros, ideais liberais e uma fidelidade aos princípios nos quais cresceu fizeram dela uma figura singular. Sua luta pelo fim da escravidão, herdada de D. Domingos, se consolidou na participação que teve em

"sociedades para a emancipação" dos cativos, organizadas por abolicionistas. Ela as freqüentou ao voltar para o casamento de Dominique e, nessa mesma época, libertou os últimos e poucos escravos que ainda tinha nos engenhos.

Sua fidelidade à monarquia sobreviveu a todos os golpes. Ela jamais abandonou "seus príncipes e princesas", restos de uma época em declínio, cuja decadência ela se negava a reconhecer. E com razão. Numa França republicana, os Orléans se distinguiam como uma família real que parecia jamais ter descido os degraus do trono. Luísa não foi a única a zelar pelo bem-estar de seus senhores. Ela viveu, até o fim, num ambiente de simpatia e admiração pelos personagens imperiais. E como ela, uma parte considerável da população que resistia em desprezar seus monarcas.

Luísa enfrentou ainda o fato de viver só. Distante do marido, Eugê-

nio de Barral, teve que inventar um papel social. Longe de seu amante, D. Pedro II, procurou construir todo tipo de ponte que diminuísse a dor da separação. Se ela tocou a solidão com os dedos, não foi para sofrer, mas para fazer-se mais criativa. Sua devoção aos amigos, centenas deles presentes em sua correspondência e diários, revela que mais do que um sentimento, a amizade era uma prática social, alimentada por cartas, convites, salões e favores. Luísa nunca deixou de fazer indicações para cargos fazendo jus ao ditado: "Aos amigos, tudo. Aos inimigos, a lei." Para Luísa, ser amiga não era só ter sentimentos sutis por alguém. Significava partilhar lugares de ajuda mútua e solidariedade.

Luísa viveu numa época de amor romântico. Só se falava de sentimento quando havia falta, obstáculo, distância e sofrimento. Palavras eram substituídas por um toque, rubores, silêncio ou um olhar. Tudo se resumia à doçura de um perfume no lenço, em mãos que se enlaçavam, na alegria de um encontro, como o dela com D. Pedro no dia de sua apre -

sentação. Tudo era evocação na distância. Uma leve pressão no pé podia significar um orgasmo.

D. Pedro II morreu de pneumonia, em Paris, em dezembro de 1891.

Sua pupila, Isabel, junto com o marido, conde D'Eu, exilou -se entre o castelo D'Eu, na Normandia, e uma linda casa de campo, em Boulogne-sur-Seine. O pai de Gastão, o duque de Némours, ajudou e muito a instalação deste filho que apostou todas as cartas no império brasileiro e perdeu. Os D'Eu chegaram sem tostão à Europa.

Os amigos Joinville, a quem Luísa também serviu, tiveram uma vida discreta: Francisco dedicado à caça e Francisca voltada para os filhos e netos.

Gradativamente, graças à surdez do marido, ela cortou relações com o mundo. Em 27 de março de 1898, a princesa Chicá apagou -se discretamente. A filha Chiquita cuidou do pai, penúltimo sobrevivente 234

de sua geração. Ele morreu em junho de 1900. Até o fim, Luísa registrou suas idas e vindas ao lado dos Orléans e Bragança. Mesmo em sua velhice, não perdeu uma única ocasião de atendê-los.

Em especial a D. Pedro. Por mais de trinta anos, Luísa conduziu sua relação com ele como quis e acreditou que deveria fazê-lo. A sedução que exerceu sobre o monarca se confundiu com um indescritível apetite pela vida e com o prazer que resultava da partilha generosa de um espírito livre. Sobre ele exerceu um fascínio lúcido, inteligente, longe de qualquer avareza ou inibição. Sua fidelidade ao imperador se forjou de maneira a suportar a morte; não a real, mas a feita pelas feridas do tempo que passa. Foram almas gêmeas e unidas até o fim, cujos corações não envelheceram. Souberam modular a distância que os separava por meio de reencontros, conversas e carinhos numa aliança contra a falta que sentiam um do outro. Segundo os biógrafos do imperador, junto com os livros e o Brasil, Luísa de Barral foi a sua grande paixão.

Luísa ousou no amor e na vida. Viveu rebeliões e quedas de monarquias, surtos de doenças e levantes de escravos. Tudo enfrentou como se fosse parte do jogo. Boa filha e boa mãe, na velhice continuava jovem.

Sua sabedoria? Saber transmitir e gozar os pequenos acontecimentos da existência. Invejável camaleoa, respeitada até por seus detratores, a quem soube, aliás, desprezar "olimpicamente", como bem descreveu o escritor Artur Azevedo na abertura deste livro.

O brasão da condessa de Barral.

Agradecimentos

Agradecimentos a Antonietta d'Aguiar Nunes, Antonio Aprígio Pereira Rodrigues, Bruno Porto, Bruno de Sequeira, Caio César Tourinho, Carlos Milhono, Consuelo Pondé de Sena, Eduardo Schnoor, Fátima Argon, Helena Carone, Ivan Herzog, Jean Menezes do Carmo, José Mindlin, Lisir Arcanjo, Luis Henrique Tavares, Maria de Lourdes Par-reiras Horta, Marisa Moura, Nayara Emerick, Neibe Machado, Pedro Calmon Filho, Regina Wanderley, Robert e Bárbara Daibert, Roberto Borges de Barros.

Notas bibliográficas

CAPÍTULO I

Acioli, Inácio de Cerqueira e Silva. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1919-1940, 6 vol.

Amaral, Brás do. *História da Bahia do Império à República*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1923.

_____. *História da Independência na Bahia*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1923.

Araújo, Alceu Maynard. *Medicina Rústica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.

Borges, Eduardo. *Primeira parada*. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 3, n. 28, janeiro, 2008.

Bittencourt, Arma Ribeiro de Góes. *Longos Serões do Campo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, 2 vol.

Calmon, Pedro. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro, José Olympio, Brasília, INL, 1975,

Câmara Cascudo, Luis da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1988.

Carvalho, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Del Priore, Mary. *Ao Sul do Corpo — Maternidades, Mentalidades e Condição Feminina na Colônia*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

_____. *A Maternidade da Mulher Negra no Período Colonial Brasileiro*.

Cadernos do CEDHAL, n. 4, FFLCH/USP, São Paulo, 1989.

_____. O cotidiano da criança livre no Brasil, entre a colônia e o império. In *História das Crianças no Brasil*. Mary Del Priore (org.). São Paulo, Contexto, 2000, p. 84-105.

Diegues Júnior, Manuel. Motivos do açúcar no folclore. *Brasil Açucareiro*, ano XV, n. XXX, out. 1947, n. 4.

239

Dória, Francisco Antonio. *De Gênova ao Brasil os Dória*. Disponível em www.buratto.net/doria/costadoria.pdf.

Ender Thomas. *O Velho Rio de Janeiro através das Gravuras de Thomas Ender*, São Paulo, Melhoramentos, s/d.

Fragoso Pires, Fernando Tasso e Gomes, Geraldo. *Antigos Engenhos de Açúcar do Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

Ferrez, Gilberto. *Bahia — Velhas Fotografias, 1058-1900*. São Paulo, Kosmos, Salvador, Banco da Bahia, 1978.

Freyre, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.

Gomes, Laurentino. *1808*. São Paulo, Planeta, 2007.

Graham, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. São Paulo, São Paulo Editora, 1956.

Kraay, Hendrik. Independência Baiana. *Nossa História*, ano 2/n. 21, julho 2005, p. 60-63.

Lins do Rego, José. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1932.

Lira, Heitor. *História de D. Pedro II, Ascensão*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1977.

Malerba, Jurandir (org.). *A Independência Brasileira — Novas Dimensões*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2006.

Martinez, Socorro Targino. *2 de Julho — A Festa é História*. Salvador, Prefeitura Municipal de Salvador/Secretaria Municipal de Educação e Cultura/Fundação Gregório de Mattos, 2000.

Mattoso, Kátia de Queirós. *Bahia Século XIX — Uma Província no Império*.

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

Meirelles, Renata. Pipa, pião e chicote. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano I, n. 4, outubro de 2005, p. 25-29.

Mello Moares Filho. *Festas e Tradições Populares*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1979.

Motta, Carlos Guilherme. *1822 — Dimensões*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

Nizza da Silva, Maria Beatriz. *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade d'Ouro no Brasil*. São Paulo, Cultrix, Brasília, MEC/ INL, 1978.

Querino, Manuel. *Bahia de outrora*. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1955.

240

Reis, João José e Silva, Eduardo. *Negociação e Conflito — A Resistência Negra no Brasil Escravista*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Santos Filho, Licurgo. *Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo. Aspectos da Vida Patriarcal no Sertão da Bahia nos Séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.

Silva, Inácio Acioli de Cerqueira e. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1919-1940, 6 vol.

Silva Campos, João da. *Crônicas Baianas do Século XIX*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1937.

_____. *Procissões Tradicionais da Bahia*. Publicações do Museu da Bahia, n. I, Salvador, Secretaria de Educação e Saúde, 1941.

Souza, Antonio Loureiro de. *Baianos Ilustres, 1567-1925*. São Paulo/Brasília, Instituição brasileira de difusão cultural, 1979.

Tavares, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo, Ática, 1987.

_____. *A Independência do Brasil na Bahia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

Tollenare, L. F de. *Notas Dominicais Tomadas durante uma Viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1956.

Trigo, Luciano. *Engenho e Memória — O Nordeste do Açúcar na Ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2002.

Vianna Filho. *O Negro na Bahia — Um Ensaio Clássico sobre a Escravidão*.

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

Vaux, James Hardy. *Memoirs of James Hardy Vaux*. Londres, Clowes, 1891.

Verger, Pierre. *Notícias da Bahia -1860*. Salvador, Corrupio, 1981.

Wetherell, James. *Brasil, Apontamentos sobre a Bahia 1842-1857*. Salvador, Edição do Banco da Bahia, s/d.

CAPÍTULO 2

Ação de Filiação e Petição de Herança Intentada por Alexandre Sebastião Borges de Barros contra o Conde e a Condessa de Barral, no Tribunal da Relação da Bahia. Bahia, Tipografia Livraria E. Pedroza, 1858.

Albistur, Maité e Armogathe, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*. Paris, Editions des Femmes, 1977.

241

Arquivo Histórico do Itamaraty, Missões Diplomáticas Brasileiras — Embaixada de Paris vol. 14

Autos da Devassa da Conspiração dos Alfaiates. Edição de Maria Helena. O.

Flexor. Salvador, Arquivo Público do Estado da Bahia, 1998, 2 vol.

Barickmann, B.J. *Um Contraponto Baiano: Açúcar, Fumo, Mandioca e Escravidão no Recôncavo, 1780-1860*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Bertier de Sauvigny, Guillaume de. *Nouvelle Histoire de Paris. La Restauration*

(1815-1830). Paris, Association pour la publication d'une histoire de Paris/Diffusion Hachette, 1977

Bernstein, Harry. *Origins of Inter-American Interest 1700-1812*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1945.

Bolívar, Simon. *Carta de Jamaica. Contestación de un Americano Meridional a un Caballero de esta Isla*. México: Cuadernos de cultura latinoamericana, UNAM, 1978.

Bowman, Jr., Charles H. "Manuel Torres, A Spanish American Patriot in Philadelphia, 1796-1822." *Pennsylvania Magazine of History and Biography* 94 (1970).

Borges de Barros, Roberto. Disponível em <http://borgesdebarros.blogspot.com>.

Braga Santos, Piedade et al. *Lisboa Setecentista*. Lisboa, Livros Horizonte, 1987.

Bulcão Sobrinho *Famílias Baianas*. Bahia, Imprensa Oficial, 1946.

Calado, Ivanir. *Imperatriz no Fim do Mundo — Memórias Dúbias de Amélia de Leuchtenberg*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.

Cartas Andradinas. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 1890.

Carrère, J.B.F. *Panorama de Lisboa no Ano de 1796*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989.

Carvalho, Carlos Delgado de. *História Diplomática do Brasil*. Brasília. Senado Federal, 1998.

Carvalho, Rômulo V. da Gama. *História da Fundação do Real Colégio dos Nobres*. Coimbra, 1959.

Colon, Maria Luisa. Impresos en español publicados en Filadelfia durante los anos 1800 a 1835. Mémoire de maîtrise (*Master of Science*), Catholic University of America, Washington D.C., 1951.

Fierro, Alfred. *Histoire et Dictionnaire de Paris*. Paris, Robert Laffont, 1996.

França, José Augusto. Burguesia pombalina, nobreza mariana, fidalguia liberal. In: *Pombal Revisitado*. Lisboa, Imprensa Universitária e Editorial Estampa, 1983, vol. I e II, cap. I, vol. I.

France, Anatole. *Os Deuses Têm Sede*. São Paulo, Boitempo, 2007.

Freyre, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.

Fragoso, João Luís Ribeiro et al. *Conquistadores e Negociantes, História das Elites no Antigo Regime nos Trópicos, América Lusa Séculos XVI a XVIII*.

Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Gomes, Laurentino. *1808*. São Paulo, Planeta, 2007.

Grainha, M. Borges. *História da Maçonaria em Portugal*. Lisboa, 1912.

Hobsbawm, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

Jaboatão, Frei Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico, Brasília ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora do IHGB, 1857.

Janksó, István. A sedução da liberdade, cotidiano e contestação política no final do século XVIII. In *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. I, cap.

VIII, Dir. Fernando Novaes, Coord. Laura de Mello e Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

_____. *Na Bahia contra o Império — História do Ensaio de Sedição de 1798*. São Paulo, Hucitec, Salvador, EDUFBA, 1995.

Malerba, Jurandir (org.). *A Independência Brasileira — Novas Dimensões*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2006.

Mattoso, Kátia M. de Queiroz. *Bahia Século XIX— Uma Província no Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

. *Presença Francesa no Movimento Democrático Baiano de 1798*. Salvador, Itapuã, 1969.

Monteiro, Tobias. *História do Império*. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1946.

Morta, Carlos Guilherme. *1822 — Dimensões*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

Nascimento, Anna Amélia Vieira. *Patriarcado e Religião: Clarissas do Convento do Desterro*. Bahia, 1677/1890.

243

Nizza da Silva, Maria Beatriz. *Ser Nobre na Colônia*. São Paulo, Unesp, 2005.

<http://obrabonifacio.com.br>

Oliveira Marques, A. H. *História da Maçonaria em Portugal* Lisboa, Editorial Presença, vol. I, 1990.

_____. *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*. vol. 1 e 2, Lisboa, Editorial Delta, 1986.

Pinho, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

Saraiva, Antonio José e Lopes, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*.

Porto, Porto Editora Limitada, Coimbra, Amado, Lisboa, Emp. Lit.

Fluminense Ltda, 1955.

Tavares, A. de Lyra. *Brasil França ao longo de Séculos*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1979.

Trigo, Luciano. *Engenho e Memória, o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2002

Vainfas, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000.

Vianna, Urbino. *Bandeiras e Sertanistas Bahianos*. São Paulo, Companhia

Editora Nacional, 1935.

Vovelle, Michel. *L' Homme des Lumières*. Paris, Seuil, 1996.

Zuquete, Afonso Eduardo Martins. *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. 3, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1916.

- Carta de Domingos Borges de Barros, enviando ao conde de Linhares cinco maços de papéis, que o nosso encarregado dos negócios nos EUA o incumbiu de fazer chegar às autoridades competentes. Bahia, 14 de junho de 1811. Col. Aug. de Lima. Localização: I-33, 30, 47.

- Carta régia do Príncipe Regente estabelecendo um curso de Agricultura na Bahia e nomeando Domingos Borges de Barros diretor do Jardim Botânico da Bahia e professor de Agricultura e estipulando seus vencimentos. Rio de Janeiro 25/06/1812. Localização: II-33, 23, 8.

- Instruções provisórias para o ensino público de Agricultura, ordenado pela carta régia de 25 de junho de 1812 ao governador e capitão general da capitania da Bahia. Obs.: Pela mesma carta fora nomeado para o 244

cargo Domingos Borges de Barros (cf. Cat. Bahia V. 1046). Localização: Mss 6307.

- Carta do visconde de Pedra Branca à condessa de Itapagipe, comunicando que, por razões de serviço, fora obrigado a deixar a cidade de Paris. Londres, 27/05/1820.1 p. Col. Nogueira da Gama. Localização: I-09, n, 050.

- Carta do visconde de Pedra Branca à condessa de Itapagipe, participando estar de partida para a Bahia. S/l, 19/09/1840.1 f. Col. Nogueira da Gama. Localização: I-09, 11, 056.

- Carta do visconde de Pedra Branca ao visconde de S. Leopoldo enviando cópia do Estatuto da Sociedade Geral dos Países Baixos, que pede para ser entregue ao imperador. Paris, 24/10/1820. ip. Col. Ernesto Senna, série Correspondência de terceiros. Localização: I-05,19, 006.

- Requerimento de Justiniano da Silva Gomes encaminhado ao Ministério do Império, solicitando ser nomeado professor de Agricultura da capital da província da Bahia, e faculdade para ir a França por tempo de quatro anos e

certidão declarando o teor da carta régia pela qual foi nomeado Lente de Botânica na cidade da Bahia Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca. [S.L], 1826-1829. Col. Documentos Biográficos. Localização: C-0747, 002 n. 002

CAPÍTULO 3

Ação de Filiação e Petição de Herança Intentada por Alexandre Sebastião Borges de Barros contra o Conde e a Condessa de Barral, no Tribunal da Relação da Bahia. Bahia, Tipografia Livraria E. Pedroza, 1858.

Bahia de Outrora — Damas do I e II Império — Muçamas das Casas -grandes — Sinhás e Sinhazinhas. Prefeitura Municipal de Salvador, Departamento de Cultura da SMEC, 1972.

Barrickman, B.J. *Um Contraponto Baiano — Açúcar, Fumo, Mandioca e Escravidão no Recôncavo, 1780-1860.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

245

Condessa de Barral, Luísa Margarida Portugal e Barros. *Cartas as Suas Majestades, 1859-1890.* Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1977.

Diário de Luísa de Pedra Branca, condessa de Barral. IHGB, não indexado.

Gonçalves, Ana Maria. *Um Defeito de Cor.* Rio de Janeiro, Record, 2007.

Graham, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil.* São Paulo, Editora S.A., 1956.

Kidder, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil.* Brasília, Senado Federal, 2001.

Kraay, Hendrick. *As Terrifying as Unexpected: the Bahian Sabinada, 1837-1838.* *Hispanic American Historical Review*, 72:4, Durham: Duke University Press, 1992.

Loreto, barão de. *Notícia Biográfica da Condessa de Barral e Pedra Branca*. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1891.

Mattoso, Kátia de Queiroz. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

_____. *A Cidade de Salvador e Seu Mercado no Século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1978.

_____. *Bahia Século XIX— Uma Província no Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

Mercier, Louis-Sébastien. *Tableau de Paris*. Amsterdã, Sébastien Éditeur, 1782.

Michaud, Stéphane. *Muse et Madone — Visages de la Femme de la Révolution Française aux Apparitions de Lourdes*. Paris, Seuil, 1985.

Memmi, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Pinho, Wanderley. *História de um Engenho no Recôncavo*. São Paulo, Editora Nacional, Brasília, INL, 1982.

Querino, Manoel. *Costumes Africanos no Brasil*. Prefácio e notas de Arthur Ramos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

Ramos, Arthur. *O Folclore Negro no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

Reis, João José. A Elite Baiana Face aos Movimentos Sociais: Bahia 1824-1840. *Revista de História*, 54:108, (outubro-dezembro 1976).

246

Reis, João José e Silva, Eduardo. *Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil Escravista*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Salles, Ricardo Henrique e Soares, Mariza de Carvalho. *Episódios de História Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro D.P & A Editora, 2007.

Santana, Jussilene. Revolta Bahiense. *Correio da Bahia*, 14 de março de 2003,

disponível em www.correiodabahia.com.br

Souza, Paulo César. *A Sabinada: A Revolta Separatista da Bahia, 1837*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

Víanna Filho, Luís. *A Sabinada (A República Baiana de 1837)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

Uzanne, Octave. *Les Modes de Paris — Variations du Goût et de l'Esthétique de la Femme 1797 à 1897*. Paris, L. Henry May, 1898.

CAPÍTULO 4

Baronesa de Langsdorff. *Diário da Baronesa E. de Langsdorff Relatando Sua Viagem ao Brasil por Ocasão do Casamento de S.A.R. o Príncipe de Joinville, 1842-1843*. Florianópolis, Editora das Mulheres, Santa Cruz do Sul,

Edunisc, 1999.

Barroso, Gustavo. Uma Princesa Brasileira Torna-se Francesa *O Cruzeiro*, 13/11/1954.

Barreto, Tobias. *Notas de Tobias Barreto Referentes aos Casamentos de D. Francisca e D. Januária*. BN 63, 04, 004, n. 63 e 64.

Carta do Visconde de Itabaiana a Destinatário Ignorado — Confidencial.
BN I- 5,31, 82.

Condessa de Barral. *Cartas às Suas Majestades (1859-1890)*. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 1977.

Condessa de Boigne. *Mémoires du Regne de Louis XVI à 1848*. Paris, Mercure de France, 1979.

Cretinau-Joly, Jacques. *Histoire de Louis-Philippe d'Orléans et de l'Orléanisme*. Paris, Éditions Lagny Frères, 1865.

Diário do Rio de Janeiro ano XXII, n. 86, n. 88, n. 102, n. 107, n. 116, n. 119, n.

120, n. 124, n. 128, n. 129.

Diário de Luísa de Pedra Branca, condessa de Barral, IHGB, não indexado.

247

D'Orléans, François Ferdinand Philippe Louis Marie. *Diário de um Príncipe no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.

_____. *Vieux Souvenirs de Monseigneur le Prince de Joinville 1818 -1848*.

Paris, Mercure de France, s/d.

Eleb-Vidal, Monique e Debarre-Blanchard Anne. *Architectures de la Vie Privée, XVI^{Ue}-XIX^e*. Bruxelles, AAM. Éditions, 1999.

Hobsbawm, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. *A Era do Capital 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

Faucigny-Lucinge, A. de. *Rachel et Son Temps*. Paris, Emile-Paul, 1910.

Ficker, Carlos. *História de Joinville — Crônica da Colônia D. Francisca*. Joinville, Ipiranga, 1965.

Fierro, Alfred. *Histoire et Dictionnaire de Paris*. Paris, Robert Laffont, 1996.

Guizot, François. *Mémoires pour Servir à l'Histoire de Mon Temps*. Paris, Éditions Michel-Levy Frères, 1922.

Jornal do Commercio ano XVIII, n. 85,100 e 116.

Martins, Maria Fernanda Vieira. *A Velha Arte de Governar — Um Estudo sobre Políticas e Elites a partir do Conselho de Estado (1842 -1889)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2007.

Martin-Fugier, Anne. *La Vie Quotidienne de Louis-Philippe et de sa Famille, 1830-1848*. Paris, Hachette, 1992.

Martin-Fugier, Anne e Jean Paul. *Les Exils de la Princesse*. Paris, Perrin, 2002.

Paoli, Dominique. *Fortunes et Infortunes des Princes d'Orléans*. Paris, Arténá, 2006.

Pharol Constitucional. BN, Seção de Obras Raras, n. 64, 6 de maio de 1843, 20 de maio de 1843, n. 67, n de maio de 1843, n. 65, 2 de junho de 1843, n. 68

Petíteau, Natalie. *Elites et Mobilités: la Noblesse d'Empire au XIXe Siècle (1808-1914)*. Paris, La Boutique de l'Histoire-Éditions, 1997.

Piéchaud, Martial. *La Vie Privée de Rachel*. Coll. Les vies privées. Paris, Hachette, 1954.

Seção de Manuscritos da BN, Carta do visconde de Pedra Branca a condessa de Itapagipe, referindo-se à solidão em que se encontra, I — 9, 1,1, 58.

248

Sentinella da Monarchia, BN, Seção de Obras Raras, n. 323, 27/03/1843, n. 324, 29/03/43, n. 325, 31/03/1843, n. 3263/04/1843, n. 331. 19/04/1843, n.

332, 21/04/1843.

Sturgis, Amy H. *The Rise, Decline and Reemergence of Classical Liberalism*.

The Loecke Smith Institute, 1994.

CAPÍTULO 5

Alencar, José de. *Ao Correr da Pena*. Edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

Arié Philippe e Duby, Georges. *História da Vida Privada — da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

Bahia de Outrora — Damas do I e II Império — Mucamas das Casas-grandes — Sinhás e Sinhazinhas. Prefeitura Municipal de Salvador, Departamento de Cultura da SMEC, 1972.

Balzac, Honoré de. *Les Secrets de la Princesse de Cardignan et autres Études de Femmes*. Paris, Gallimard, 1971.

Barros, Luísa Margarida Portugal de Barros, *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1977.

Barman, Roderick J. *Citizen Emperor — Pedro II and the Making of Brazil, 1825-91*. Stanford, Stanford University Press, 1999.

Biard, Auguste-François. *Viagem à Província do Espírito Santo*. Disponível em <http://www.estacaocaprxaba.com.br/textos/viajantes/biard>.

Cahen, G  rald (org.). *La Conversation — l'Art de l'Instant*. Paris,   ditions Autrement, 1999.

Calmon, Pedro. *História de Pedro II*. Rio de Janeiro, José Olympio, Brasília, MINC/INL, 1975.

Cartas da princesa de Joinville a Paulo Barbosa da Silva, escritas de Claremont entre 1851 e 1865. BN 64, 02, 001 n. 30 .

Carta de D. Pedro II a Fernando de Portugal, 25 de fevereiro de 1855, ANTT, Caixa 7324, Capilha 184, doc. 2.

Carta de D. Pedro II    condessa de Barral, BN Mss. 63, 04, 002, n. 9.

Carvalho, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

249

Cerque  ra, Pedro de Matos Pedreira. D. Pedro II e a condessa de Barral. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 326, jan./fev. 1980.

Chartier, Roger (org.). *La Correspondence - les Usages de la Lettre au XIXe.*

Si  cle. Paris, Fayard, 1991.

Corbin, Alain. *L'Harmonie des Plaisirs — Les Mani  res de jouir du Si  cle des Lumi  res    l'Av  nement de la Sexologie*. Paris, Perrin, 2008.

Daibert Júnior, Robert. *Isabel, a "Redentora dos Escravos"*. São Paulo, Edusc/

Fapesp, 2006.

Del Priore, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2005.

_____. *O Príncipe Maldito*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

Diário do Rio de Janeiro, 1/8, 30/08, 1/09, 2/09, 10/09, 18/09 de 1856.

Eco, Umberto (org.). *História da Beleza*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

Dom Pedro II. *Viagens pelo Brasil Bahia, Sergipe e Alagoas, 1859*. Prefácio e notas, Lourenço Luiz Lacombe. Rio de Janeiro, Editora Letras e Expressões/Bom Texto, 2003.

_____. *Diário do Imperador 1040-1891*. Petrópolis, Museu Imperial, s/d.

Ewbank, Thomas. *Vida no Brasil ou Diário de uma Visita à Terra do Cacaueiro e das Palmeiras*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1976.

Galvão, Walnice Nogueira e Gotlib, Nádia Batella (orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora — Estudos sobre Cartas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

Gay, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud — A Paixão Terna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Giddens, Anthony. *The Transformation of Intimacy — Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Oxford, Polity Press/Blackwell Publishing Ltd, 2002.

Habsburg, Maximiliano de. *Bahia 1860. Esboços de Viagem*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

Hessel, Lothar e Raeders, George. *O Teatro no Brasil sob D. Pedro II — Ia parte*. Porto Alegre, URGs, 1979.

Jornal do Commercio 1/09, 17/11 de 1856, 4/01/1857; 25/10, 15/11 e 24/11 de 1859.

Knibiehler, Yvonne. *La Sexualité et L 'Histoire*. Paris, Odile Jacob, 2002.

Lacombe, Américo Jacobina. *O Mordomo do Imperador*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1994.

_____. A Condessa de Barral. *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*, 1944.

Lima, Oliveira. *O Império Brasileiro (1822-1889)*, Brasília, Editora UNB, 1986.

Macedo, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília, Editora UNB, 1988.

Magalhães Júnior. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da Correspondência Íntima do Imperador, anotada e comentada*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956.

Manet, Edouard. *Cartas da Juventude, 1848-1849*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2002.

Mattos, Ilmar Rohloff de Mattos. *O Tempo Saquarema — A Formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro, Access Editora, 1994.

Michaud, Stéphane. *Muse et Madone — Visages de la Femme de la Révolution Française aux Apparitions de Lourdes*. Paris, Scuil, 1985.

Muchembled, Robert. *O Orgasmo e o Ocidente — Uma História do Prazer do Século XVI aos nossos Dias*. São Paulo, Martins Fontes, 2007

Moraes, Vera Lúcia de Albuquerque de. *Entre Narciso e Eros, a Construção do Discurso Amoroso em José de Alencar*. Fortaleza, Editora UFC, 2005.

Nabuco, Joaquim. *Um Estadista do Império*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1998

Nascentes, Antenor. *Efemérides Cariocas*. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, 1965.

Nunes, Antonieta de Aguiar. Educação na Bahia no século XIX — algumas considerações. *Revista do Instituto Histórico da Bahia*, n. 93, 1997, p. 165-203.

Perrot, Philippe. *Le Travail des Apparences ou les Transformations du Corps Féminin XVIIIe-XIXe siècle*. Paris, Seuil, 1984.

Pinho, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, s/d.

Revista Popular, volume X, 1861.

Richard, Guy e Richard-le Guillou, Annie. *Histoire de l'Amour*. Paris, Privat, 2002.

Ruppert, Jacques et al. *Le Costume Français*. Paris, Flammarion, 2007.

Saint-Amand, Pierre. *Séduire ou la Passion des Lumières*. Paris, Meridiens Klincksieck, 1987.

Soublin, Jean. *D. Pedro II — O Defensor Perpétuo do Brasil — Memórias Imaginárias do Último Imperador*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

Vincent-Bouffault, Anne. *Da Amizade — Uma História do Exercício da Amizade nos Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

CAPÍTULO 6

Áries, Philippe e Duby, Georges. *História da Vida Privada — da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

Barman, Roderick J. *Citizen Emperor — Pedro II and the Making of Brazil, 1825-91*. Stanford, Stanford University Press, 1999.

Boissel, Jean. *Gobineau Biographie — Mythes et Réalité*. Paris, Berg International, 1993-

Carvalho, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Carta da condessa de Barral ao conde de Iguaçu, BN Seção de manuscritos I-3, 10, 007/ 09/ 10.

Cadernos da condessa de Barral, coleção do Museu Imperial de Petrópolis.

Calmon, Pedro. *História de Pedro II*. Rio de Janeiro, José Olympio, Brasília,

MINC/INL, 1975.

Corbin, Alain. *L' Harmonie des Plaisirs — Les Manières de jouir du Siècle des Lumières à l'Avènement de la Sexologie*. Paris, Perrin, 2008.

Fernandes da Cunha, Lygia da F. Imperatriz D. Teresa Cristina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volume 304, julho-setembro, 1974.

Hobsbawm, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

Gazeta da Tarde 27/02/1886 — A Sociedade no Rio de Janeiro — A Imperatriz.

Gay, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud— A Educação dos Sentidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

_____. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud — Guerras do Prazer*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

252

_____. *O século de Schnitzler — a Formação da Cultura da Classe Média, 1815-1914*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

Jornal do Commercio — Folhetim — 15/03/ 1857.

Lyra, Heitor. *História de Dom Pedro II, Ascensão, Fastígio e Declínio*. 3 volumes, Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1977.

Magalhães Júnior, R. *D. Pedro II e a Condessa de Barral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956.

Paoli, Dominique. *Fortunes & Infortunes des Princes d'Orléans*. Paris, Artna, 2006.

Pinho, Wandery. manuscrito *Extratos e Comentários às Cartas de Pedro II à Condessa de Barral*, IHGB, DL1536, 35.

Revista Popular, tomo X, ano III, abril-junho de 1861.

Roche. *Humeurs Vagabondes — De la Circulation des Hommes et de l'Utilité des Voyages*. Paris, Fayard, 2003.

Weber, Eugen. *Une Histoire de l'Europe — des Lumières à nos jours*. Paris, Fayard, 1987.

CAPÍTULO 7

Barman, Roderick J. *Princess Isabel of Brazil — Gender and Power in Nineteenth Century*. USA, Scholarly Ressources, 2002.

Calmon, Pedro. *História de Pedro II*. Rio de Janeiro, José Olympio, Brasília, MINC/INL, 1975.

Carvalho, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Carta da condessa de Barral ao imperador, IHGB, DL 1396.17.

Condessa de Barral. *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 1977.

Corsário : Órgão de Moralização Social. Biblioteca Nacional, Seção de Obras Raras, Micro filme PR SOR 03743 [1-2] n. 140, n.95, dias 08/05517/ 05; 19/

Daibert Júnior, Robert e Daibert, Bárbara Inês Simões. O roubo das jóias da imperatriz. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 68-71, 1º jun. 2007.

Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891, Museu Imperial.

Magalhães Júnior, R. *D. Pedro II e a Condessa de Barral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956.

Monteiro, Mozart. *A Vida Amorosa de D. Pedro II*. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1962.

Paoli, Dominique. *Fortunes et Infortunes des Princes d'Orléans*. Paris, Artna, 2003.

Paula, Sérgio Góes de. *Um Monarca da Fuzarca: Três Visões para um Escândalo na Corte*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.

Pedreira de Cerqueira, Paulo Matos. D. Pedro II e a Condessa de Barral. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 83, 1961, pp. 19-36.

Pinho, Wanderley. *Manuscrito Extratos e Comentários às Cartas de Pedro II à Condessa de Barral*, IHGB, DL1536, 35.

Schwarcz, Lilia. M. *As Barbas do Imperador*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Simões, Ricardo Japiassú. *As Representações da Imperatriz Teresa Cristina por Raul Pompéia*. Disponível em www.geocities.com/aiLbr/apresentacao/daimperatrizteresa.

_____. *O escândalo do roubo das jóias: o Imperador e a Condessa de Barral*

em Folhetins Cariocas. Tese de Doutorado em Letras Clássicas, FFLCH/USP, 2001.

Sodré, Alcindo. *Abrindo um Cofre*. Rio de Janeiro, Livro de Portugal, 1956.

Teixeira, Múcio. *O Imperador Visto de Perto*. Rio de Janeiro, Livraria Editora

Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

Vianna, Hélió. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira 1812-1869*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.

Vovelle, Michel. *La Mort et L'Occident de 1300 à nos Jours*. Paris, Gallimard, 1983.

254

Cronologia

Nasce Domingos Borges de Barros, futuro pai da condessa de Barral 1789

- Revolucionários franceses ocupam a Bastilha, em Paris 1791
- Escravos revoltos massacram fazendeiros na colônia de São Domingos, no Caribe V93
- Luís XVI e Maria Antonieta são executados em Paris 1795
- Napoleão Bonaparte, com 25 anos, derrota as tropas austríacas na Itália 1801
- Napoleão é eleito consul perpétuo da França

1805

- A Inglaterra assume o controle dos oceanos depois de derrotar Espanha e França na lendária Batalha de Trafalgar

1806

- A Inglaterra proíbe o tráfico de escravos nos seus domínios 1807
- Napoleão invade Portugal, fazendo a família real fugir para o Brasil 1808
- O príncipe D João e a família real chegam ao Brasil 1809
- Nasce Alexandre, filho ilegítimo de D. Domingos

1814

- Casamento de D. João VI com D. Maria do Carmo de Gouveia Portugal 1815

- Tropas britânicas derrotam Napoleão na Batalha de Waterloo

- Nasce Domingos, primeiro filho de D. João VI e D. Maria do Carmo 1816

* Depois da morte de sua mãe, D. Maria I, a "Rainha Louca", D. João VI torna-se

rei de Brasil e Portugal

- Nasce Luísa, futura condessa de Barral, na cidade de São Salvador de Todos os Santos, em um sábado de aleluia

1820

- Revolucionários portugueses tomam o poder na cidade do Porto e exigem o retorno de D. João VI a Lisboa, acontecimento que colabora para ida do pai de Luísa para

a Europa

1821

- D. João VI e a família real, com exceção de D. Pedro e D. Leopoldina, voltam para

Portugal

- Napoleão morre na Ilha de Santa Helena

1822

- Independência do Brasil

1824

- É decretada a nomeação de D. Domingos para a Corte de Paris

- Morre o rei da França Luís XVIII e seu irmão Carlos X recebe o poder 1825
- Brasil entra em guerra contra as Províncias Unidas do Prata
- Morre Domingos, irmão de Luísa
- Portugal assina o acordo de independência do Brasil mediante o pagamento de uma indenização de 2 milhões de libras e a concessão de título de imperador honorário do Brasil a D. João VI
- Nasce D. Pedro II

1826

- Brasil e Inglaterra assinam o Tratado de Abolição do Tráfico
- Morre D. Leopoldina

1828

- Com 12 anos, Luísa é prometida a Miguel Calmon Du Pin, o marquês de Abrantes, grande amigo de D. Domingos

1829

- D. Pedro I casa-se com D. Amélia de Leuchtenberg
- D. Domingos recebe o título de visconde dado por D. Pedro I em agradecimento pela esposa que o pai de Luísa lhe arranhou

1830

- Republicanos e liberais franceses derrubam Carlos X; Luís Filipe I assume o poder 256

1831

- D. Maria do Carmo morre tentando dar à luz um novo filho, que também não resiste
- Promulgada a lei que proíbe o tráfico negreiro

- D. Pedro I abdica do trono brasileiro, deixando os quatro filhos aqui e indo para Portugal com sua segunda mulher, D. A mélia. D. Pedro II tinha 5 anos e José Bonifácio foi escolhido por seu pai para ser seu tutor

- Aclamação de D. Pedro II como imperador

1833

- A Inglaterra aprova o Ato de Abolição da Escravidão 1834

- Morre, em Portugal, D. Pedro I.

- Luísa se casa com o visconde de Barral

- Luísa, o marido e o pai voltam para o Brasil

- Começo da Sabinada na Bahia

- Fim da Sabinada, que matou 1.258 pessoas, queimou 160 casas e teve 2.298 presos políticos

1840

- Golpe da Maioridade

1841

- Coroação e sagração de D. Pedro II

1843

- Casam-se Francisco de Orleans e D. Francisca de Bragança

- Casamento em Nápoles, por procuração, de D. Pedro II com D. Teresa Cristina

- A imperatriz Teresa Cristina chega ao Brasil

1845

- Nascimento de D. Afonso, primeiro filho do casal imperial 1846

- Nasce a princesa Isabel

1847

- Morre D. Afonso
 - Nascimento de D. Leopoldina
 - Nascimento de D. Pedro Afonso
 - Luis Bonaparte é eleito presidente da Republica na França com 73% dos votos
- 257

1850

- Morte de D. Pedro Afonso.
- Extinção do tráfico negreiro (Lei Eusébio de Queiroz).

1851

- Na França, golpe de Luís Bonaparte implanta o Segundo Império.

1856

- A condessa de Barral torna-se aia de Isabel e Leopoldina.

1863

- Brasil e Inglaterra rompem relações diplomáticas.

1864

- A princesa Isabel se casa com Gastão de Orléans, o conde D'Eu.
- Casamento da princesa Leopoldina com o duque de Saxe.
- Paraguai declara guerra ao Brasil.

1865

- Luísa e Eugênio embarcam de volta para a França depois do casamento das prince -

zas Isabel e Leopoldina.

- É assinado o Tratado da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai.
- Reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra.

1868

- Luísa fica viúva.

1870

- Morte de Solano López. Fim da Guerra do Paraguai.

1871

- Luísa, que havia deixado Paris durante a guerra contra a Prússia para morar em Londres, volta à França.
- D. Leopoldina (filha de D. Pedro II) morre em Viena.
- D. Pedro II faz sua primeira viagem à Europa.
- Lei do Ventre Livre.

1872

- D. Pedro II e Teresa Cristina voltam para o Brasil.

' Luís Bonaparte morre.

1876

- D. Pedro II parte para Europa (dos EUA) para consultar o Dr. Charcot sobre a saúde de Teresa Cristina, que ia muito mal.
- D. Pedro II vai ao encontro de Luísa e Teresa Cristina em Atenas.

258

1877

- D. Pedro II volta para o Brasil.

1882

- Furto das jóias da imperatriz.
- Dominique casa com Maria Francisca, filha mais nova do visconde de Paranaguá e irmã de uma das melhores amigas da princesa Isabel.

1887

- Terceira viagem do imperador à Europa e terceira regência da princesa Isabel.
- A escravidão é abolida no Brasil com a promulgação da Lei Áurea.

1889

- Proclamação da República.
- Família imperial vai para o exílio.
- Morre a imperatriz Teresa Cristina.

1890

- Os Bragança, incluindo D. Pedro II, passam uma temporada na propriedade de Luísa, o castelo de Voyron.

1891

- Luísa tem pneumonia e morre dormindo.
- D. Pedro II morre de pneumonia, em Paris.

1898

- Morre a princesa Chicá (D. Francisca, irmã de D. Pedro II).

259

© 2006 by Mary Del Priore

Todos os direitos desta edição reservados a

Editora Objetiva Ltda Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ—CEP 22241-090

Tel (21)2199-7824 — Fax (21)2199 7825

www.objetiva.com.br

Capa

Warrakloureiro

Imagem de capa

Retrato da Condessa de Barral Pintura sobre marfim feita por Vanacker Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Imagens de miolo

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Páginas 5, 8, 12, 36, 53, 66, 75, 83, 89, 93, 100, 106, 128, 134, 135, 138, 161, 177, 188, 189, 207, 218, 230 e 232

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional — Brasil

Páginas 139, 166 e 200

Coleção Caio César Tourinho

Página 236

Preparação de texto

Bruno Porto

Pesquisa

Carlos M ilhono

Revisão

Tathyana Viana

Ana Kronemberger

Diogo Henriques

Editoração eletrônica

Abreu's System Ltda

CIP BRASIL CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D375C

Del Priore, Mary

Condessa de Barral a paixão do Imperador/ Mary Del Priore Rio de Janeiro
Objetiva, 2008

260p il

ISBN 978-85-7302 923-9

Inclui bibliografia

• Barral, Luísa Margarida Portugal de Barros, condessa de, 1816-1891 2 Pedro
II, Imperador do Brasil, 1825-1891 3 Brasil - História I T título 08-4337

CDD 981 04

CDU 94(81)